

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

GRECIENE LOPES DOS SANTOS MACIEL

PAPO DE CRIANÇA:
UM ENCONTRO PARA ALÉM DO MUSEU

Belo Horizonte
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

GRECIENE LOPES DOS SANTOS MACIEL

PAPO DE CRIANÇA: UM ENCONTRO PARA ALÉM DO MUSEU

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de pesquisa: Educação Escolar: Instituições, Sujeitos e Currículos.

Orientadora: Dra. Sylvania Sousa do Nascimento

Belo Horizonte
2013

BANCA EXAMINADORA

Titulares:

Profª. Dra. Sylvania Sousa do Nascimento – Orientadora
Faculdade de Educação – FaE/UFMG

Prof. Dra. Ana Paula Bossler da Costa
Universidade Federal do Triangulo – UFTM

Prof. Dra. Nair Prata
Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP

Prof. Dr. Pablo Luiz de Oliveira Lima
Faculdade de Educação – FaE – UFMG

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago
Faculdade de Educação – FaE – UFMG

Suplentes:

Profª. Dra. Celia Maria Fernandes Nunes
Departamento de Educação – UFOP

Profª. Dra. Soraia Freitas Dutra
Centro Pedagógico – UFMG

Para Aninha.

"A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o viajante se sentou na areia da praia e disse: "não há mais o que ver" sabia que não era assim. O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. O viajante volta já."

(José Saramago (1922-2010), in *Viagem a Portugal*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1984)

Agradecimentos

À Deus!

À “*Lide*”, minha estrela guia...

À minha orientadora Silvania, que quero (para) sempre por perto. Me indicou todos os “caminhos”, um dos melhores encontros de vida!

Ao Adriano e Aninha, amor, presença, companheirismo, apoio e respeito pelas minhas escolhas.

À Amélia, por me fazer entender a importância do conhecimento.

À minha família, especialmente a Lú, pelo cuidado com Aninha e pela tolerância comigo nos dias de desassossego, eterna gratidão.

Com muita consideração e carinho a toda a equipe da Superintendência de Museus e Artes Visuais da Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais, em especial ao Vinícius Duarte, pela disponibilidade em atender os tramites burocráticos que uma pesquisa exige.

Ao Diretor do Museu Casa Guignard, Gelcio Fortes, minha admiração e meu carinho, agradecimento eterno!

À Luciana Zenha! Sua amizade, seu carinho, sua disponibilidade, como agradecer tudo que fez e faz por mim! Até encurtar as distâncias entre Maceió e Belo Horizonte você consegue!

À querida Ana Paula Bossler, pela leitura cuidadosa na qualificação, pela disponibilidade e generosidade de continuar a trabalhar comigo no texto.

À professora Inês Teixeira, pelas preciosas observações e sugestões na qualificação.

Ao Paulo Ventura, pela amorosidade, amizade e confiança rara. Sou uma privilegiada em te ter como amigo!

À Flavinha! Meu anjinho barroco!

Ao Rodrigo, que sabe ser meu amigo!

Ao Professor Antônio Augusto Gomes Batista “Dute”, e à Professora Celia Maria Fernandes Nunes, pelo parecer cuidadoso dado ao projeto de pesquisa e pelas palavras de incentivo.

Aos professores da Pós-Graduação da FaE- UFMG que deram luz apontando caminhos. Em Especial a Isabel Oliveira, o Estágio Docente foi um grande aprendizado!

Aos professores Tarcísio Mauro Vago, Nair Prata, Pablo Luiz de Oliveira Lima, Ana Paula Bossler, Célia Maria e Soraia de Freitas Dutra, pela disponibilidade no momento da defesa.

Aos colegas do Doutorado, pelos prazeres e fazeres compartilhados.

À Carina Martins Costa e Marília Xavier Cury que, carinhosamente, atenderam a todos os meus pedidos, enviando-me suas pesquisas e textos, necessários ao desenvolvimento da pesquisa.

À Bete Salgado, por me ajudar a compreender o contexto de Ouro Preto.

Aos amigos do LEME – obrigada pelas experiências partilhadas! Soraia, Zulmira, Luciana, Fernando, Neilia, Barbara, Endy, Claudia e ao Douglas um agradecimento mais que especial, sua música, sua disponibilidade a tempo e a hora, até na finalização da pesquisa, sua participação neste trabalho foi fundamental!

E como o São Francisco, vim desaguar no mar... Na bagagem do coração carregarei para sempre, Silvana e Bento, Renilde e Vera, apoio incondicional, pessoas que me acolheram e cuidam de mim! Eterna gratidão!

Aos amigos do Iphan– AL! Obrigada pelas palavras de incentivo e pelo carinho que me dão todos os dias! Anne a fadinha de inglês perfeito, obrigada pela ajuda tão valiosa!

Ao Setor de Educação Infantil do CEDU - UFAL, onde estou como professora substituta. Começo de uma experiência enquanto finalizo outra... Obrigada pela compreensão!

À Alice Barros, por ser a pessoa “descompensada” que é, ouvidos pacientes para conversar comigo sobre um só assunto!

Aos irmãos Bagetti! Werner e Weber, surpresa que a vida me reservou, amizade e parceria.

À Claudia Pimentel, pelo carinho comigo e com a Aninha, foi responsável pelo divertimento dela nos últimos tempos!

À Giselly Lima, cumplicidade e afetos trocados, obrigada por me “tirar” e me “devolver” nos momentos certos!

Aos funcionários da Secretaria da Pós-graduação da FAE, pela forma delicada e gentil com que sempre nos atendem nas nossas infundáveis dúvidas burocráticas.

Agradecer é um momento difícil, pois corremos o risco de não nos recordar de todos que nos apoiaram... a esses e tantos outros o meu afeto!

Ao CNPq, pelo suporte financeiro, viabilizando a utilização dos recursos necessários à pesquisa.

À UFMG, pelas oportunidades oferecidas desde a graduação.

RESUMO

Papo de criança: um encontro para além do museu

Neste trabalho traçamos aproximações entre as áreas de educação, comunicação, museu e patrimônio. A pesquisa tem dois objetivos, o primeiro de analisar a emissão radiofônica do “Programa: Papo de criança” do Museu Casa Guignard (1994-1996). Para tanto, levantamos suas características em relação a sua organização, conteúdos e atores, identificando os diferentes discursos que estavam presentes nessa construção. Já o segundo, é de saber se é possível estabelecer um contrato comunicativo com base na educação patrimonial durante um programa de rádio produzido por um museu de arte. Os resultados apresentados afirmam que o programa Papo de Criança possui indicadores específicos do suporte radiofônico, foi um programa educativo, trabalhou na promoção e na divulgação do patrimônio cultural de Ouro Preto. O contrato de comunicação estabelecido entre os produtores e os ouvintes amparou-se na educação patrimonial e promoveu o desempacotamento linear de temas, privilegiou a voz do expert na totalidade de tempo dos programas. Além disso e o patrimônio cultural de Ouro Preto era o tema central das discussões. O museu foi visto como sendo o lugar do saber e do fazer. Assim, o ouvinte foi convidado a refletir sobre sua cultura e seu patrimônio, assumindo que, para preservá-lo, é preciso participação e conhecimento.

Palavras Chaves: museu, comunicação, rádio, ação educativa e educação patrimonial.

ABSTRACT

Child's chat: a meeting beyond the museum

In this paper, we draw similarities between the areas of education, communication, museum and heritage. The search has two aims; the first one is to analyse the radio emission of “Programa: Papo de criança”¹, from Museu Casa Guignard (1994-1996). To do so, we raise its characteristics in relation to its organization, content and actors, identifying the different speeches that were present on its construction. The second is whether it is possible to establish a communicative contract based on heritage education during a radio program produced by an art museum. The presented results affirm that the program “Papo de Criança” has specific indicators of radio support; it was an educational program, has developed a role on the promotion and dissemination of the cultural heritage from Ouro Preto. The contract of communication established between the producers and listeners bolstered up on heritage education, and promoted the linear unpacking of themes; privileged the voice of the expert in full-time programs. Moreover, the cultural heritage from Ouro Preto was the main theme on discussion. The museum was seen as an inseparable part of the city of Ouro Preto, being known as the place of knowledge and doing. Thus, the listener was asked to reflect on their culture and heritage, assuming that, to preserve it, it takes involvement and knowledge.

Key words: museum, communication, radio, educational activity and heritage education.

¹ “Papo de criança” was literally translated as “child's chat”, as in the title.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura I – Linha do tempo – Museus.....	27
Figura II – Jornal Folha de São Paulo.....	30
Figura III– Convite para Inauguração do Museu MCG	68
Figura IV.. – Acervo SUMAV – Documentos de criação do MCG.....	71

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

FOTO 1 – Alberto da Veiga Guignard – Acervo SUMAV.....	69
FOTO 2 – Museu casa Guignard – Acervo SUMAV.....	71
FOTO 3 – Acervo de fitas – Museu Casa Guignard.....	88

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Instituição de origem das pesquisas	38
--	----

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1: Programas instituídos pelo MINC para a área de museus.....	26
QUADRO 2 – Quadro Narrativo de um programa.....	82
QUADRO 3 – Panorama geral do Programa.....	84
QUADRO 4 – Recorrência da palavra museu no quadro de narrativa.....	86
QUADRO 5 – Programa Analisado.....	89
QUADRO 6 – Convenções das transcrições	90
QUADRO 7 – Manifestação das vozes	105
QUADRO DE NARRATIVA – APÊNDICE 1.....	134

ÍNDICE DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCH – Associação Brasileira de Cidades Históricas

ALCAR – Associação Brasileira dos Pesquisadores de História da Mídia

CECA – Comitê de Educação e Ação Cultural

CNM – Cadastro Nacional de Museus

CNPQ – Conselho Nacional de Pesquisa

COEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CPPA - Comissão Permanente de Política de Acervos
CRAV – Centro de Referência Áudio Visual
DEMU – Departamento de Museu
DMTE– Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação
EJA – Educação de Jovens e Adultos
Embratur – Empresa Brasileira de Turismo
Endipe – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino
FaE- Faculdade de Educação
Fapemig - Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado Minas Gerais
FNPM - Fundação Nacional Pró-Memória
GREM – Grupo de Pesquisa em Educação e Museus
IBPC – Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural
Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico Nacional
IBRAM - Instituto Brasileiro de Museu
ICOM – Conselho Internacional de Museu
Iepha-MG – Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
LEME – Laboratório de Estudos em Museu e Educação
MM – Museu Mineiro
MCG – Museu Casa Guignard
Mast – Museu de Astronomia e Ciências Afins
MEC – Ministério da Educação
MHN – Museu Histórico Nacional
MinC – Ministério da Cultura
MIS – Museus da Imagem e do Som
Minom - Movimento Internacional para uma Nova Museologia
ONG's – Organizações não governamentais
NEP – Núcleo de Educação Patrimonial
PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais
PNM – Política Nacional de Museus
RIMC – Rede Informal de Museus e Centros Culturais
SUM – Superintendência Estadual de Museus
SUMAV - Superintendência de Museus e Artes Visuais
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SBM – Sistema Brasileiro de Museus

SPHAN – Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (atual Iphan)

SNPC – Sistema Nacional de Patrimônio Cultural

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
CAPÍTULO I.....	19
1. SOBRE MUSEU: SIGNIFICANDO O QUE SIGNIFICA.....	19
1.2 Movimento dos museus no Brasil.....	19
1.3 Conceitos (trans)formadores das ações no museu.....	22
1.3.1 Educação museal.....	28
1.3.2 Comunicação Museal.....	36
1.4 Educação Patrimonial.....	44
CAPÍTULO II.....	49
2. RÁDIO: DISPOSITIVO DE INFORMAÇÃO, REGISTRO, MEMÓRIA E CULTURA.....	49
2.1 Breve histórico.....	50
2.2 O rádio no Brasil.....	51
2.3 Rádio no museu, museu do rádio.....	56
CAPÍTULO III.....	59
3. O UNIVERSO DA PESQUISA.....	59
3.1 Ouro Preto: cidade amor inspiração.....	59
3.2 Guignard: carioca de Ouro Preto.....	61
3.3 Museu Casa Guignard.....	63
3.4 A ação educativa do Museu Casa Guignard.....	64
CAPÍTULO IV.....	70
4. A PESQUISA.....	70
4.1 Metodologia.....	72
4.1.1 Perspectivas para análise: Análise de Discurso.....	73
4.1.2 Linguagem e Mediação.....	75
4.1.3 Análise Documental.....	79
4.1.3.1 Quadro de Narrativas.....	80
4.1.4 Análise Fina.....	89
4.1.5 Contrato de comunicação.....	90
4.1.6 As vozes.....	92
CAPÍTULO V.....	94
5. SOBRE OS RESULTADOS.....	94
5.1 O contrato de comunicação.....	94
5.2 As vozes.....	105
CONCLUSÃO.....	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	118

APRESENTAÇÃO

Este estudo busca ressaltar aspectos referentes à educação em museus, especificamente em relação à comunicação museal e é integrado aos projetos do LEME - Laboratório de Estudos em Museus e Educação².

O meu interesse e desejo em estudar a questão educacional e comunicacional nos museus não se deu por acaso: em 2006 comecei a desenvolver um trabalho na Superintendência de Museus de Minas Gerais (SUM)³, de julho de 2006 a março de 2008. Desenvolvia um trabalho voltado para o atendimento ao visitante dos museus vinculados à SUM, principalmente o público escolar. Realizamos oficinas com alunos e professores, além do curso de formação para os professores: “Encontro no Museu”, onde fui a professora formadora. Em 2009, tive uma bolsa de Aperfeiçoamento Técnico no LEME, dentro Projeto “Museu e Escola: um duplo olhar sobre a ação educativa dos museus de Minas Gerais”⁴. Paralelamente, fui convidada para ministrar oficinas de “Ação Educativa em Museus” para o Departamento de Museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, DEMU/IPHAN, hoje o DEMU se transformou no Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM/MinC.

A partir dessas experiências, as questões que envolvem museu e educação, e outras reflexões implicadas neste trinômio, educação patrimonial, museu e escola, passaram a fazer parte de meus estudos e de minhas pesquisas como profissional da educação.

Minha primeira pesquisa na área foi a dissertação de mestrado, intitulada: *Ação Educativa Museal: marcas institucionais e registros documentais*⁵. Nela o objetivo

² Laboratório de Pesquisa coordenado pela Professora Dra. Silvania Sousa do Nascimento. DMTE- FAE-UFMG. <http://www.cecimig.fae.ufmg.br/leme/index.html> – e <http://museuescola.blogspot.com> – email: leme@fae.com.br

³ Sobre a SUM: Criada em 1979 com o nome de Superintendência de Museus e outros Acervos, a instituição fazia parte do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico Artístico de Minas Gerais – IEPHA-MG. Em 1984 a Superintendência de Museus passou a integrar a Secretaria de Estado de Cultura e se tornou responsável por elaborar estudos e pesquisas de criação e implantação de museus e instituições de preservação e divulgação do patrimônio cultural mineiro. Em 2010, passou a se chamar SUMAV - Superintendência de Museus e Artes Visuais. Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/museus> – Acesso em 07/09/2012.

⁴ Projeto Museu & Escola: um duplo olhar sobre a ação educativa dos museus de Minas Gerais, é coordenado pela Profa. Dra. Silvania Sousa do Nascimento. Tal projeto, está registrado no SIEX BRASIL - nº 51714 e é aprovado no COEP ETIC - Parecer nº 534/07, recebe apoio da Fapemig – Edital 16/2007. Este Projeto já está em sua segunda edição, e visa articular as práticas educativas dos museus de Minas Gerais e as pesquisas sobre o processo de formação continuada de professores da Educação Básica.

⁵ Dissertação defendida em agosto de 2008, e orientada pela Professora Dra. Silvania Sousa do Nascimento, FAE-UFMG.

principal foi saber quais eram os registros que a Superintendência de Museus- SUM da Secretaria de Cultura de Minas Gerais mantinha sobre a ação educativa que desenvolvia em cinco Museus que coordenava: Museu Mineiro, em Belo Horizonte; Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, em Mariana; Museu Casa Guignard, em Ouro Preto; Museu Casa Guimarães Rosa, em Cordisburgo e Museu do Crédito Real, em Juiz de Fora. Tínhamos por hipótese que as ações educativas eram ações multifacetadas, o que foi confirmado em nossa investigação. Os documentos encontrados e analisados se constituíam em relatórios de atividades elaborados pelos gestores dos museus e endereçados à SUM, e em um relatório geral anual feito pela SUM e endereçado à Secretaria Estadual de Cultura. Uma faceta muito presente nos documentos foi a da ação educativa como complemento da escola, o que significa que esses museus privilegiavam, em seus relatórios, em vários momentos estratégias da escola em seus registros.

Dentre os vários registros dos museus pesquisados, um que nos chamou atenção foi o do Museu Casa Guignard. Em um relatório, de 1994, havia em anexo um Projeto Educativo intitulado “Programa: Papo de Criança”, considerado por nós uma experiência extremamente inovadora, pois se tratava de uma oficina de comunicação dentro do museu. Esse projeto era realizado em parceria com a Prefeitura Municipal de Ouro Preto, via Secretaria de Educação de Ouro Preto/ Departamento de Educação comunitária. O projeto era descrito como:

“(…) um projeto educativo voltado para o público infanto-juvenil com início em outubro de 1994 e apresentado todas as semanas na Rádio Cultura de Ouro Preto”. O programa tem alcançado expressivo sucesso na cidade e distritos, bem como nas cidades vizinhas (Itabirito e Mariana), considerando também que nunca houve na Rádio local programa específico para este público, promovendo o aprendizado através de uma linguagem não formal sobre temas sinalizados pelas próprias crianças e professores. (...) Destacamos o apoio dos professores da Rede Municipal, do Projeto Museu-Escola (Museu da Inconfidência/Secretaria de Educação de Ouro Preto) e do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da UFOP. O Museu Casa Guignard cede suas instalações para o funcionamento da Oficina de Comunicação, onde são gerados os textos do programa (...)

(Projeto: Programa Papo de Criança – Fonte: Arquivos SUM-SECMG Relatório do Museu Casa Guignard – 1994)

Dentro do contexto das ações educativas dos museus brasileiros, o uso de um meio de comunicação de massa (rádio) não é uma prática comum. Em nossas experiências e pesquisas sobre ações educativas e comunicação museal, ainda não

tínhamos conhecimento de nenhuma ação como essa desenvolvida pelo Museu Casa Guignard. O que nos instigou a questionar: Será que tal projeto pode ser considerado uma inovação dentro de tal contexto? Qual o conteúdo desenvolvido nos programas? Que tipo de interação era promovida com o público? Como o museu é apresentado nos programas? Que tipo de ação educativa está presente nos discursos das crianças do Programa “Papo de criança”?

O interesse pelo campo da cultura, do patrimônio e dos museus, como veremos mais adiante é crescente, analisar o potencial educativo que uma experiência como essa pode trazer para a formação cultural dos cidadãos e para a formação e acesso de público nos museus um dado importante. É pertinente lembrar que hoje o número de visitantes é bem menor do que o desejado, pois o hábito de visitar museus ainda se concentra entre as elites econômicas e culturais, não tendo sido generalizado entre os demais grupos sociais (DUTRA, 2012). E esta não é uma característica apenas do contexto brasileiro, em pesquisas desenvolvidas por Pierre Bourdieu e Alain Darbel⁶ em museus europeus já apontavam tal característica:

A estatística revela que o acesso às obras de arte, espaços culturais, é privilégio da classe culta. E tal privilégio exibe aparência de legitimidade. Com efeito, neste aspecto, são excluídos aqueles que se excluem. Considerando que nada mais é acessível do que os museus e que os obstáculos econômicos – cuja ação é evidente em outras áreas – têm, aqui, pouca importância, parece que há motivos para invocar a desigualdade natural das ‘necessidades culturais’ (Bourdieu e Darbel, 2007, p.69).

Esse estudo foi produzido na década de 1960, mas as questões sobre as barreiras simbólicas que separam grande parte dos grupos sociais dos bens culturais ainda permanecem atuais. Denise Grinspum (2000, p.117) em seu estudo sobre a formação de públicos nos museus, analisa o universo dos pais de alunos das escolas que frequentavam o Museu Lasar Segall, em São Paulo. Segundo a pesquisadora, entre eles não é cultivado “o hábito de visitar museus, nem para sua satisfação pessoal, nem para o entretenimento e educação da família”, não há uma necessidade, vontade. Ou seja, corrobora com a pesquisa de Pierre Bourdieu e Alain Darbel (2007):

A aspiração à prática cultural varia como a prática cultural e que a “necessidade cultural” reduplica a medida que esta é satisfeita, a falta de prática é acompanhada pela ausência do sentimento dessa privação; considerando também que, nesta matéria, a concretização da intenção depende da sua existência, temos o direito de concluir que ela só existe se vier a se concretizar. O que é raro não são os objetos, mas a

⁶ BOURDIEU, Pierre & DARBEL, Alain. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: EDIUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

propensão em consumi-los, ou seja, a “necessidade cultural” que diferentemente das necessidades básicas, é produto da educação (ibidem, p. 69).

Atrair o público e levá-lo ao seu encontro, fazer com que o mesmo participe de suas ações educativas é um desafio para os museus. Os museus, cada vez mais, buscam adotar ações para maior conhecimento de seu público para construir abordagem focada no público⁷.

É nesse contexto de reflexão e redimensionamento que se encontram hoje os museus. A perspectiva da formação de público tem sido assumida como paradigma para todos os museus, independentemente de sua tipologia, o atual desafio é o estabelecimento de novos canais de comunicação com os públicos (NASCIMENTO, 2008). É dentro deste desafio que esta pesquisa se coloca.

Nosso trabalho pretende analisar a Ação Educativa “Programa: Papo de Criança” do Museu Casa Guignard, encontrada na pesquisa documental realizada no mestrado. Sendo assim, o foco deste estudo foi compreender os processos de construção desse programa. Para tanto, procuramos caracteriza-lo quanto a sua organização, conteúdos e atores, identificando os diferentes discursos que estavam presentes nesta construção, com o objetivo de saber se é possível estabelecer um contrato comunicativo com base na educação patrimonial durante um programa de rádio produzido por um museu de arte.

No capítulo I, fazemos um percurso histórico da instituição museu e seus desdobramentos na pesquisa, procuramos mostrar a aproximação e imbricação entre as áreas de educação e comunicação no museu. No capítulo II, foi realizado o percurso histórico do rádio e seus desdobramentos na pesquisa. No capítulo III foi apresentado o universo da pesquisa. No capítulo IV, descrevemos a pesquisa, a metodologia usada e as questões que nortearam a pesquisa. No capítulo V, apresentamos nossos resultados, discussão dos mesmos e conclusão.

⁷ O livro *Reprograme: comunicação, branding e cultura numa nova era de museus*; organizado por Luis Marcelo Mendes (2012), traz a apresentação e discussão de eventos e experiências realizadas por vários museus (Brasil e exterior) com seus públicos. Partindo da ideia de que os museus não são ilhas e sim plataformas, o autor reúne artigos publicados em blogs e ações de ativismo cultural na rede (internet), que refletem sobre a comunicação como um processo privilegiado de mediação entre a cultura museológica e os seus públicos.

CAPÍTULO I

1. SOBRE MUSEU: SIGNIFICANDO O QUE SIGNIFICA

“diante de um ente devorador como o museu (...) não se pode ter ingenuidade. É prudente manter por perto a lâmina da crítica e da desconfiança. (...) Para entrar no reino narrativo dos museus é preciso confiar desconfiando”.

Mário Chagas

Sobre museus temos uma literatura vasta, tanto nacional quanto internacional. Temos vários trabalhos com a preocupação de apresentar a origem dos museus de forma ampla e contextualizada (NASCIMENTO e VENTURA, 2001). São muitos os estudos que consideram os museus como instituições que têm ganhado vulto em número e importância no cenário mundial e nacional.

Faz-se necessário fazer um percurso histórico da instituição museu para reconhecer sua relevância e sua missão ao longo dos tempos. Para tanto, uma síntese histórica é importante não apenas para contextualizar seu movimento no caminho percorrido, mas considera-se fundamental para este estudo a compreensão do que é esta instituição chamada museu.

Os museus são atualmente um fenômeno de alcance global, mas suas origens têm que ser traçadas a partir da tradição do ocidente. A palavra museu tem o mesmo radical em quase todas as línguas ocidentais modernas, variando apenas a terminação. É recorrente na maioria das pesquisas que a palavra museu deriva o radical da palavra *Museion* – modificada para o latim *museum* – que quer dizer “templo das musas”. Segundo a mitologia grega, existiam nove musas, ligadas a diferentes ramos das ciências e das artes, filhas de Zeus com Mnemosyne, divindade da memória.

O *Museion*, ou casa das musas, durante a antiguidade, funcionou como uma mistura de lugar de adoração e instituição de conhecimento. As musas, além de serem consideradas portadoras de uma memória absoluta, também possuíam o dom da premonição e uma poderosa imaginação criativa. Com suas habilidades especiais, as musas eram as responsáveis por alegrar os homens e fazer com que eles esquecessem suas tristezas e angústias. Logo, o *museion* passou a ser identificado como lugar onde os prazeres das artes e das ciências podiam ser desfrutados pelos homens. Contudo, os

objetos que eram oferecidos e expostos no *museion* estavam ali, antes de tudo, para agradar as divindades, já que aquele era um lugar de adoração⁸.

Uma outra significação que esteve associada à palavra museu pode ser identificada entre as práticas romanas dos séculos II e III a.C. Durante o período de expansão do seu império, várias guerras eram travadas, os romanos formaram uma série de depósitos onde eram colocados os objetos oriundos dos saques realizados nessas ocasiões. De tempos em tempos, esses objetos eram reunidos em Roma e expostos em espaços conhecidos como museus para que ali fossem vendidos aos colecionadores. Assim, retirados de seus lugares e funções de origem, esses objetos eram negociados como testemunhas do prestígio e do poder de Roma. Dessa maneira, a palavra museu passava a ser associada também à ideia de ostentação de força e poder.

A noção contemporânea de museu, embora esteja associada à arte, ciência e memória, como na antiguidade, adquiriu novos significados ao longo da história. Até o final do século XVII, os *cabinets de curiosités* constituíram uma importante face da museografia. O grande acervo constituído nesses gabinetes possuía acesso restrito e era guiado pelo próprio colecionador apresentando o discurso do aventureiro, conquistador ou naturalista. Muitas dessas coleções que se formaram entre os séculos XVII e XVIII, transformaram-se posteriormente em museus, tal como hoje são concebidos.

Os museus são instituições historicamente datadas, e têm correspondido às mudanças pelas quais passaram as sociedades em que surgiram. A noção contemporânea de museu, embora esteja associada à arte, ciência e memória, como na antiguidade, adquiriu novos significados ao longo da história (BITTENCOURT, 2009).

As renovações no campo da museologia, sobretudo após o fim da Segunda Guerra com a criação do ICOM⁹, alimentaram um processo de reflexões e mudanças nas instituições museais em busca de redefinição e ampliação do seu campo de ação cultural, que foram aprofundadas ao longo do século XX. A fundação do ICOM, foi um marco na área da museologia¹⁰, veio com o apoio da UNESCO¹¹ e se mantém ativo até os dias atuais. As definições de museu adotadas pelo ICOM são sustentadas pelos

⁸ Sobre o movimento museológico mundial, a origem dos museus, e os vários usos que lhe foram atribuídos, ver: SUANO, Marlene. O que é Museu, 1986; NASCIMENTO E VENTURA, Mutações na construção dos Museus de Ciências, 2001; BITTENCOURT, José Neves. As coisas dentro da coisa: observações sobre museus, artefatos e coleções, 2009. Para aprofundar mais ver: BITTENCOURT, José Neves. Gabinetes de curiosidades e museus: sobre tradição e rompimento. Anais do Museu Histórico Nacional, RJ, V.28, P.7-18, 1996.

⁹ Em 1946 é criado o ICOM – Conselho Internacional de Museus, órgão vinculado a UNESCO e que exerce importante papel na condução das ações e reflexões do campo da museologia em todo o mundo.

debates e mudanças ocorridas nas últimas décadas, destaca a função social da instituição e seu caráter público, mas também enfatiza algumas de suas funções convencionais:

1956 – “Museu é um estabelecimento de caráter permanente, administrado para interesse geral, com a finalidade de conservar, estudar, valorizar de diversas maneiras e principalmente expor para deleite do público, um conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos e zoológicos e aquários”.

1989 – “Uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, e que adquire, conserva, pesquisa comunica e expõe, com a finalidade de estudo, educação e lazer, os testemunhos materiais do homem e seu meio ambiente.”.

2001 – “Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade”. (definição aprovada pela 20ª Assembleia Geral. Barcelona, Espanha, 2001).

2007 – “Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, comunica e exhibe a herança tangível e intangível da humanidade e seu ambiente, para fins de educação, estudo e prazer”. (Texto aprovado em 24 de agosto de 2007, Viena – Áustria - Estatutos do ICOM, Artigo três, Seção 1, 2007).

Além dos museus designados como tal, faz igualmente parte desta definição toda outra instituição que o Conselho Consultivo do ICOM, segundo os critérios deste Comitê, considere como tendo as características de um museu, ou que ofereça aos museus e aos profissionais dos museus meios de desenvolver pesquisas nos domínios da museologia, da educação e da formação¹².

De acordo com Valente (2008), as definições acabam por inserir organizações diversificadas, que são aceitas como museu, como, por exemplo, monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos; os jardins botânicos, zoológicos e aquários; os centros de

¹⁰ A museologia ocupa-se do estudo da história dos museus, do seu papel na sociedade, dos seus sistemas específicos de investigação, documentação, seleção, educação e organização, assim como das relações da instituição com o contexto social. (<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article>). Acesso em Janeiro de 2013.

¹¹ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) fundada em [16 de Novembro](#) de [1945](#) com o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo mediante a educação, a ciência, a cultura e as comunicações. Sobre a criação da UNESCO, ver UNESCO (1987) e Valderrama (1995, p. 19-28)

¹² Disponível em: www.icom.museum – Acesso em Janeiro de 2013.

ciência e planetários; as galerias de arte, institutos de conservação e galerias de exposição permanente mantida por bibliotecas e arquivos; as reservas naturais; os centros culturais e outras entidades que facilitam a preservação e organização de recursos patrimoniais tangíveis e intangíveis. A autora explicita as críticas realizadas sobre esse conceito amplo e enfatiza o risco do estabelecimento de instituições revestidas dessa definição, “que em muitos casos, não condiz com o que se convencionou chamar de museu, confundindo funções e missões diferentes daquelas genuinamente museológicas” (VALENTE, 2008, p. 26). Essa questão se reflete, portanto, em questões de identidade do museu e das organizações museais e, conseqüentemente, nas suas imagens institucionais e organizacionais (BERTELLI, 2010).

Do surgimento dos museus até hoje, mudanças sociais irromperam sobre essas instituições, promovendo transformações substanciais em sua conformação. Não de forma linear e generalizada, os museus têm vivenciado um amplo processo de renovação e redefinição do seu papel social, implementando mudanças estruturais na sua concepção, promovendo alterações nas suas funções científico-documentais, educacionais e culturais no anseio de compatibilizar suas atividades com as novas demandas sociais. Assim, os museus vão deixando de serem lugares/templos de contemplação e se assumindo como instituições culturais participativas e atuantes na sociedade (Figura 1, p.26). De espaços de contemplação, constituídos de vastas coleções de objetos até o século XVII, passaram, no século XIX, a espaços de saber, de progresso do conhecimento e das artes, acompanhando a modernização da sociedade no século XX (NASCIMENTO, 2005).

1.2 Movimento dos museus no Brasil

A implantação e o movimento dos museus no Brasil não é recente e teve uma clara influência europeia. A mais antiga experiência museológica de que se tem notícia no Brasil remonta ao século XVII e foi desenvolvida durante o período da dominação holandesa, em Pernambuco. Consistiu na implantação de um museu (incluindo jardim botânico, jardim zoológico e observatório astronômico) no grande parque do Palácio de Vrijburg. Mais adiante, já na segunda metade do século XVIII, no Rio de Janeiro, surgiria a famosa Casa de Xavier dos Pássaros – na verdade, um museu de história natural – cuja existência prolongou-se até o início do século XIX. Ainda que essas duas experiências museológicas não tenham se perpetuado, elas são ainda hoje notáveis

evidências de que, pela via dos museus, ações de caráter preservacionista foram levadas a efeito durante o período colonial¹³. Porém, acontecimentos museais capazes de se enraizar na vida social e cultural brasileira só seriam perpetrados após a chegada da família real portuguesa. Não há dúvidas que a chegada da família real, em 1808, foi um marco sem precedentes. Os museus nasceram nesse momento de crise do sistema colonial e de transferência da família real para a cidade do Rio de Janeiro, atrelados às implicações sociais, políticas, econômicas e culturais da nova posição do Brasil como sede do império português.

Querendo propagar os conhecimentos e estudos das ciências no reino do Brasil, que encerra em si milhares de objetos dignos de observação e exame que podem ser empregados em benefício do comércio, da indústria, e das artes, que muito desejo favorecer como grandes mananciais da riqueza hei por bem, que nesta corte, se estabeleça um Museu Real para onde passe, quanto antes, os instrumentos, as máquinas, e gabinetes que já existem dispersos por outros lugares, ficando tudo a cargo das pessoas que eu para o futuro nomear (...), (Decreto de criação do Museu Nacional, 06/06/1818, Arquivo do Museu Nacional) (KOPTCKE, 2005)

Os museus brasileiros, no século XIX, eram instituições privilegiadas de pesquisas científica e tecnológica, aliadas ao processo de institucionalização das Ciências Naturais. Lopes (1997)¹⁴, ao fazer a contextualização história dos museus de Ciências Naturais, fala do movimento dessas instituições no Brasil e considera o século XIX a era dos museus brasileiros. A concepção do Museu Real no Rio de Janeiro trouxe novos ares à pesquisa científica para o Brasil, a partir do núcleo original de acervos trazidos pela coroa Portuguesa e também de material oriundo de outras instituições já existentes, o Museu definiu sua finalidade “propagar os conhecimentos e os estudos das Ciências Naturais no Reino do Brasil”. Mais tarde o Museu Real recebeu status de Museu Imperial e posteriormente de Museu Nacional, onde em 24 de outubro de 1821 abriu suas portas para o público.

A trajetória dos museus no Brasil indica que as ações de comunicação, pesquisa e preservação do patrimônio cultural madrugaram nessas instituições e que, concretamente, existem no tempo presente.

¹³ Política nacional de museus / organização e textos: José do Nascimento Junior, Mário de Souza Chagas. – Brasília : MinC, 2007.

¹⁴ LOPES, Maria Margareth. O Brasil descobre a pesquisa científica. Os museus e as Ciências Naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

Os museus, aos poucos, deixaram de ser compreendidos por setores da política e da intelectualidade brasileira apenas como casas onde se guardam relíquias e passaram a ser percebidos como lugares de criação, comunicação, produção de conhecimentos e preservação de bens e manifestações culturais.

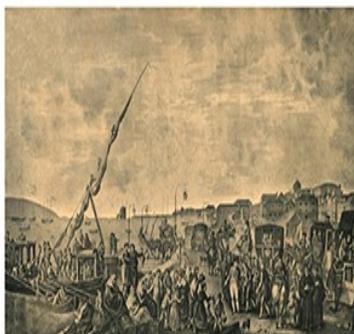
Isso pode ser constatado no momento singular que o Brasil vive há uma década na área museológica. E um momento que marcou esta singularidade foi o estabelecimento da Política Nacional de Museus (BRASIL, 2003) ¹⁵.

¹⁵ O objetivo da política, disposto no documento, é “promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do país”. http://www.museus.gov.br/sbm/politica_apresentacao.htm - Acesso em 15-02-2013.

Século XVII

Vasta coleções de objetos nobres

Coleções de arte principescas, de monarcas e casas reais, estas coleções ligadas em sua origem a um palácio ou ao local de permanência de um poder soberano, um exemplo é a coleção da coroa Britânica (The Queen's collection) da família Windsor. O Louvre e o Hermitage, também são frutos deste colecionismo principesco transformado em ostentação cívica. Onde as joias da coroa são transformadas em glória da nação.



Gravura de Henri l'Évêque - acervo Museu Nacional

No Brasil, os exemplos mais claros são o Museu Imperial e o Museu Nacional de Belas Artes, originado na pinacoteca da antiga Academia Imperial de Belas Artes, cujas pinturas foram trazidas durante o período de 13 anos que D. João Sexto VI aqui permaneceu.

Século XVIII

Coleções abertas às pesquisas – transmissão do conhecimento progresso

O chamado gabinete de curiosidades, antepassado dos museus científicos, e de história natural, um exemplar de um gabinete de curiosidades, na sua concepção original talvez seja o Sir John Soane's Museum em Londres. Com o passar do tempo estes museus deram origem aos Museus de História Natural, de ciência e tecnologia, de arqueologia e antropologia.



Gabinete de curiosidades - Ole Worm

No Brasil, o Museu Nacional, que serviu de matriz para a derivação de outras instituições como o, Emílio Goeldi e o Museu do Índio.

Século XIX

Instituição pública. Valorização do uso do objeto na aprendizagem Patrimônio cultural e preservação do passado.

Representa a primeira ocasião em que o estado entrou em ação para formar coleções, e não apenas para se apropriar daquelas preexistentes. Um exemplo é o Victoria and Albert Museum de Londres, conhecido hoje como um dos maiores museus de arte do mundo. Teve uma função forte em formar profissionais especialistas para o trabalho industrial.



Museu Nacional

No Brasil, podemos observar o Museu Nacional, Museu Paulista (Ipiranga) como exemplares dessa função cívica do colecionismo.

Século XX

Fortalecimento dos aspectos público e educativo

É o museu constituído a partir de uma coleção particular ou reunião das coleções individuais. São chamados filantrópicos, em que cidadãos legam a riqueza de suas coleções ao poder público com a dupla finalidade de preservarem a integridade das mesmas e de imortalizarem seus nomes. Grandes Museus dos Estados Unidos são desta Matriz, como o Metropolitan Museum of Art, de Nova York.



MAC Niterói

No Brasil, vigora muito estas iniciativas, como a formação híbrida de instituições como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o Recente de Niterói; Museu de Artes e Ofícios em Minas Gerais. No Brasil a distinção prática entre público e privado sempre foi bastante fluida.

Século XXI

Ações dirigidas e pensadas para público



Museu das telecomunicações - Oi Futuro

Os museus pensados para o século XXI, tanto no Brasil como no mundo buscam abordar temas a partir da contemporaneidade e simultaneidade temporal existente na sociedade e conciliam questões que, até então eram consideradas separadas como a ciência, a memória e a arte. (NASCIMENTO, 2010)

Figura I – Linha do tempo – Museus¹⁶ – Elaborado pela autora – Diagramação Weber S. Bagetti

¹⁶ Rafael Cardoso, em seu texto “Coleção e construção de identidades: museus brasileiros na encruzilhada estabelece um panorama onde define quatro matrizes históricas do museu. História Representada: o dilema dos museus - Museu Histórico Nacional, 2003 – Livro do Seminário Internacional.

Tal política estabeleceu vários programas como os listados no quadro 1, que criaria condições para a criação do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM¹⁷ (2009).

QUADRO 1: Programas instituídos pelo MINC para a área de museus

SisTema Brasileiro de Museus - O SisTema Brasileiro de Museus - SBM, criado pelo Decreto nº 5.264, de 5 de novembro de 2004, tem a finalidade de facilitar o diálogo entre museus e instituições afins, objetivando a gestão integrada e o desenvolvimento dos museus, acervos e processos museológicos brasileiros. O SBM propicia o fortalecimento e a criação dos sisTemas regionais de museus, a institucionalização de novos sisTemas estaduais e municipais de museus e a articulação de redes temáticas de museus. Também é atribuição do SBM propor a criação e o aperfeiçoamento de instrumentos legais para o melhor desempenho e desenvolvimento das instituições museológicas no Brasil.

Cadastro Nacional de Museus- missão específica de mapear e cadastrar os museus do Brasil.

Semana Nacional de Museus- propósito é mobilizar os museus brasileiros a partir de um esforço de concentração de suas programações em torno de um mesmo Tema. Em 2013, será realizada sua 11ª edição.

Primavera de Museus – acontece sempre no início da primavera e nos mesmos moldes da Semana Nacional de Museus, Em 2013, será realizada sua 7ª edição.

Programa de Fomento e de modernização dos Museus Brasileiros- consiste em prêmios e projetos relacionados à construção e modernização de museus, ao incentivo à preservação da memória, à divulgação do Tema museu em diversas mídias, ao apoio a iniciativas e experiências de memória social desenvolvidas por comunidades e grupos populares etc

Plano Nacional Setorial de Museus. – proposta de agenda política e de planejamento do setor museal.

Estatuto de Museus – [Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009](#). Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.

Pontos de Memória - tem como objetivo apoiar ações e iniciativas de reconhecimento e valorização da memória social. Valorizam o protagonismo comunitário e concebem o museu como instrumento de mudança social e desenvolvimento sustentável.

Programa Nacional de Educação Museal – tem como objetivo constituir diretrizes para as ações de educadores e profissionais dos museus na área educacional, fortalecer o campo profissional e garantir condições mínimas para a realização das práticas educacionais nos museus e processos museais.

Esse contexto repercutiu no Programa de Apoio os Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, se antes no Brasil existiam apenas dois Cursos de Museologia, um na UFBA (Universidade Federal da Bahia), e outro na UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), hoje são um total de 14 cursos¹⁸ espalhados por todo o país, só em Minas Gerais foram criados dois, um na

¹⁷ Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM – Órgão responsável pela gestão da Política Nacional de Museus. [LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009](#). Uma autarquia vinculada ao Ministério da Cultura e é responsável pela administração direta de 30 Museus Federais.

¹⁸ As universidades que oferecem o curso de Museologia são: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Centro Universitário Barriga

(UFOP) Universidade Federal de Ouro Preto e outro na (UFMG) Universidade Federal de Minas Gerais.

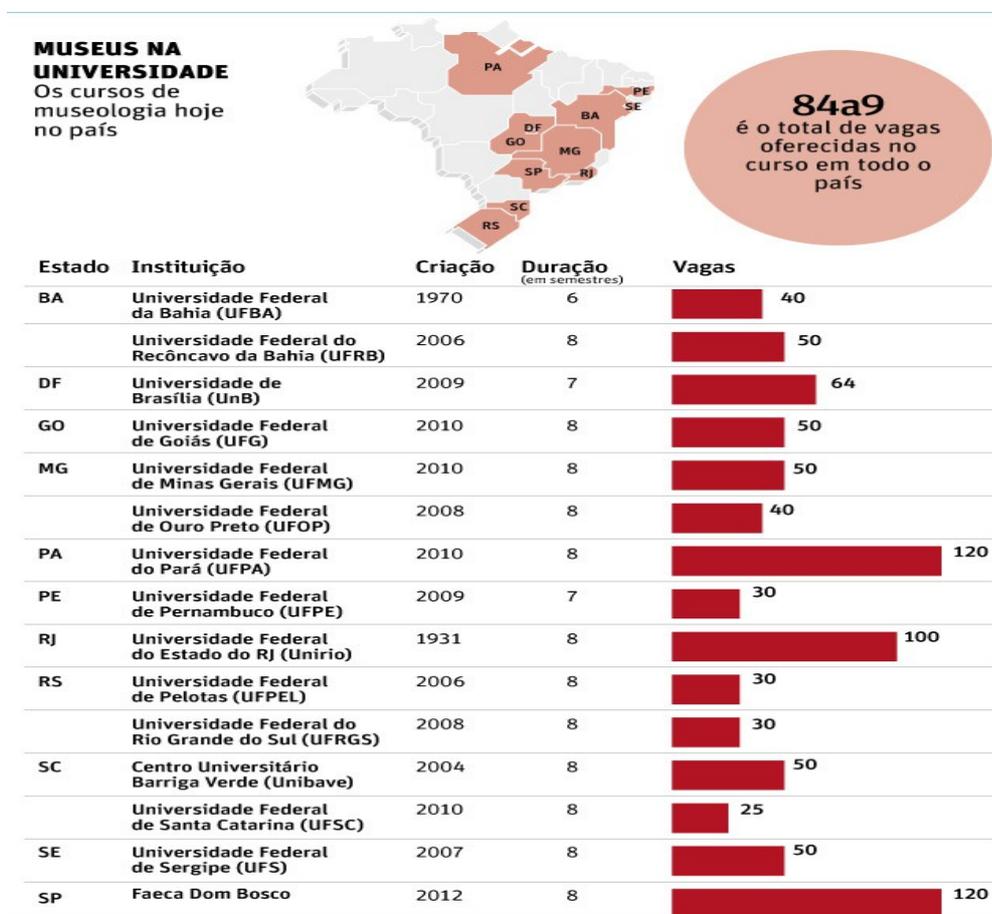


Figura II – Fonte: Jornal Folha de São Paulo¹⁹

Assim como no século XIX, no século XX e início do XXI a política de produção de conhecimento científico brasileiro passa pelo território dos museus²⁰. O

Verde (UNIBAVE), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Nacional de Brasília (UnB), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Faculdade Dom Bosco de Monte Aprazível em São Paulo. IV Fórum Nacional de Museus, (Brasília, 2010) reunião de professores de cursos de museologia no Brasil. Ver: <http://www.museus.gov.br>.

¹⁹ País tem boom de cursos de museologia – Folha de São Paulo - Silas Maertí. 14/02/2013 – Acesso dia 23/02/2013.

²⁰ Primeira Conferência Nacional de Cultura 2005/2006: Estado e sociedade construindo políticas públicas de cultura. Secretaria de Articulação Institucional do Ministério da Cultura. Brasília. MinC, 2007.

aumento quantitativo e a ampliação da diversidade tipológica dos museus corroboram o papel central que estas instituições conquistaram no panorama cultural do país.

Dados do CNM - Cadastro Nacional de Museu apontam que temos hoje 3.025 museus mapeados, e um total de 1500 instituições museais cadastradas. Minas Gerais ocupa o 3º lugar na lista dos estados brasileiros com maior quantidade de instituições museais. Belo Horizonte possui 41 museus, apresentando-se como a capital de estado com a menor concentração de museus (12,9%), estando o restante distribuído pelo interior do estado (87,1%)²¹. Das cidades do interior, Ouro Preto se destaca não só na quantidade de museus na cidade, mas na qualidade dos equipamentos que possui.

A evolução dos museus, desde as coleções dos nobres, ao museu atual, reflete as várias demandas aos vários papéis que estas instituições vêm assumindo através do tempo. Foi uma longa caminhada, desde a tarefa de coletar e posteriormente dispor, sistematizar e preservar objetos para a de iniciar e desenvolver estudos e pesquisas sobre suas coleções²². Como dissemos antes, vários autores já revisitaram a história da constituição desses espaços no mundo ocidental, esses estudos destacam as diversas mutações passadas por tais instituições e o atual desafio é o estabelecimento de novos canais de comunicação com os públicos (NASCIMENTO, 2008).

1.3 Conceitos (trans)formadores das ações no museu

1.3.1 Educação museal

A importância social e educativa dos museus, sua capacidade de construir conhecimento, promoverem a compreensão do mundo pelo homem e a construção de sua cidadania pode ser, hoje, considerada consensual (NASCIMENTO, 2009). A dimensão educativa do museu originou-se de um longo processo iniciado no século XVII, a partir da criação e inserção dos museus em instituições formais de ensino, as universidades. Mas foi no século XIX que os museus, principalmente os de ciências, se tornaram cenários de mudança de postura científica. De uma ciência positivista descritiva passou-se a uma ciência racionalista - contextualizadora, explicativa, discursiva e argumentativa (CURY, 2005). As exposições deixaram de serem catálogos classificatórios e passaram a abrigar exposições com objetos contextualizados,

²¹ Museus em Números/Instituto Brasileiro de Museus Brasília, 2011.

²² SOFKA, Vinos. Tradução: SCHEINER, T. A pesquisa no museu e sobre o museu. *Museologia e Patrimônio* - vol.II no 1 - jan/jun de 2009. <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus> – Data de acesso: 08/09/2010.

representando um avanço no procedimento expográfico. Esse avanço nas exposições voltadas para público exigiu que, além da explicitação do processo científico, ocorresse o reconhecimento do museu como canal de comunicação. Essa mudança possibilitou uma outra concepção de público: de passivo passou a ativo. E, para atender a esse público, entra as questões que envolvem museu e educação, que se consolidaram através das instituições criadas em toda a Europa²³ no século XIX.

No Brasil, Mário Chagas ressalta que a intensidade das relações entre museus e educação também vem desta mesma época:

No Brasil, o advento dos museus é anterior ao surgimento das Universidades. A formação de cientistas e a produção científica, sobretudo na segunda metade do século XIX, tinham nos museus um dos seus principais pontos de apoio. Por isso mesmo, desde o século retrasado as relações entre o campo do museu e da educação são bastante intensas. (CHAGAS, 2006).

A partir do século XIX, os museus e as coleções passam a ter novo papel na vida das nações e os objetos passam a ser valorizados a partir de uma compreensão de patrimônio cultural e preservação do passado (VALENTE, 2003). As renovações no campo da museologia alimentaram um processo de reflexões e mudanças nas instituições museais em busca de redefinição e ampliação do seu campo de ação cultural, aprofundadas ao longo do século XX.

O documento “A memória do pensamento museológico contemporâneo”²⁴ organizado por Marcelo Araújo e Cristina Bruno em 1995 e apresentado no Seminário “A Museologia Brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?”, reuniu documentos e depoimentos²⁵ que sintetizaram os principais desafios e enfrentamentos dos profissionais das instituições museais entre as décadas de 50 e 90 do século XX,

²³ Marco importante é a criação do Museu do Louvre em Paris, em 1793.

²⁴ As informações aqui referenciadas estão baseadas em texto de Hugues de Varine, Diretor Executivo do ICOM de 1968 a 1974, publicado na brochura intitulada “A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo – Documentos e Depoimentos”, pelos membros paulistas do Conselho Consultivo do ICOM-BR, em 1995, como material preparatório para o Seminário “A museologia brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?”, realizado em São Paulo, em novembro de 1995. Ver ARAUJO, Marcelo M & BRUNO, M. Cristina de O. A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. Disponível em: <http://www.icom.org.com.br>. Acesso em janeiro de 2013.

²⁵ Cada um dos documentos reunidos na publicação é precedido pelo depoimento de um profissional de destaque no cenário museológico internacional e que esteve envolvido na sua elaboração, conforme Araujo e Bruno (1995:6). Op. Cit.

frente aos dilemas em torno da função social dos museus: o Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos museus no Rio de Janeiro em 1958; a Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972; a Declaração de Quebec de 1984 e a Declaração de Caracas de 1992. Estes encontros constituíram os principais marcos do movimento da Nova Museologia e inauguram uma linha de seminários regionais e a perspectiva de pensar a Museologia a partir de olhares não europeus. São documentos fundamentais para o entendimento da renovação no cenário museológico internacional e, notadamente, na América Latina, onde a maior parte deles tomou corpo.

O Seminário Internacional sobre o Papel Pedagógico do Museu, realizado em 1958, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, promovido pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), e coordenado por Georges Henri Rivière, primeiro diretor do ICOM (1946 a 1962). Com a presença de educadores de, aproximadamente, vinte países latino-americanos, e especialistas de outras partes do mundo, esse encontro pode ser considerado um marco nos avanços conquistados pela área da educação em museus. Como uma das recomendações encaminhadas pelos presentes consta a indicação de que o trabalho educativo fosse confiado ao “pedagogo do museu”, ou ao serviço pedagógico, e onde não existisse o pedagogo, que coubesse ao conservador desempenhar suas funções²⁶. Em depoimento, Hernan Crespo Toral, relata que este Seminário fez uma profunda reflexão sobre o conceito de museu e as consequências de suas funções, como conservação, estudo e exposição, para o deleite e educação do público. A necessidade de conexão com os problemas contemporâneos e de ruptura com o isolamento que marcaram os primórdios dessas instituições trazia para o centro das preocupações do campo museológico a dimensão comunicativa e educativa do museu. Nessa medida, sugestões para a superação do isolamento passavam pela incorporação pelos museus de “programas didáticos dirigidos à educação formal e a utilização de meios de comunicação como o rádio, o cinema e a televisão para atingir diferentes camadas da população” e dar visibilidade aos serviços prestados por esta instituição à sociedade em geral (TORAL, 1995:8 -19).

O reconhecimento da importância de se conferir à educação um status semelhante às outras finalidades do museu, é ressaltado no documento:

²⁶ CABRAL, Magaly; RANGEL, Aparecida. Processos educativos: de ações esparsas à curadoria. In: JULIÃO, L.; BITTENCOURT, J. N. (orgs.). Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura da Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008, p. 158-168.

“(…) trata-se de dar à função educativa toda a importância que ela merece sem diminuir o nível da instituição, nem colocar em perigo o cumprimento das outras finalidades não menos essenciais: conservação física, investigação científica, deleite, etc” (ARAÚJO & BRUNO, 1995:11), destacando-se o papel do museu como produtor de serviços educativos e transmissores de conteúdos essenciais à sociedade (DUTRA, 2012). Para Hugues de Varine, o que existiu de mais inovador no evento de Santiago foi a proposição do conceito de museu integral que operava com a busca da compreensão da totalidade dos problemas da sociedade e defendia a ideia do museu enquanto ação, ou seja, como instrumento dinâmico de mudança social, agente da educação permanente (VARINE, 1995).

A Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972) é um documento que tem o reconhecimento de ser a mais importante contribuição da América Latina para o pensamento museológico internacional. Este encontro vem sob os impactos das novas reivindicações pela democratização da cultura, que acontecia, sobretudo na Europa, e na América latina. Contrariando as tendências em voga, todos os especialistas convidados eram latino-americanos. Este encontro foi fundamental para os museus, e em especial para a educação nos museus onde duas noções essenciais se destacaram: a de museu integral, levando em consideração a totalidade dos problemas da sociedade, e a de museu como ação, como um instrumento dinâmico de mudança social. Esse movimento fez com que o museu buscasse dialogar com diferentes públicos e ampliar a participação e representação social e cultural em seu espaço²⁷. Para Hugues de Varine, o que existiu de mais inovador no evento de Santiago foi a proposição do conceito de museu integral que operava com a busca da compreensão da totalidade dos problemas da sociedade e defendia a ideia do museu enquanto ação, ou seja, como agente da educação permanente (VARINE, 1995).

A Declaração de Quebec (1984) remete à Mesa Redonda de Santiago do Chile, sobretudo no que se refere ao papel social do museu. A tomada de posição se baseia na reflexão sobre as transformações ocorridas no cenário museológico internacional. Dela decorrem o reconhecimento da necessidade de ampliar a prática museológica e de integrar nessas ações as populações; a convocação ao uso da interdisciplinaridade e de métodos modernos de gestão e comunicação; e a priorização do desenvolvimento social.

²⁷ VALENTE, Maria Esther. A conquista do caráter público do museu. In: Educação e Museu: A construção do Caráter Educativo dos Museus de Ciência. 2003.

Para MOUTINHO (1995), o que a Declaração de Quebec fez foi retomar o essencial da Mesa de Santiago e confrontar a comunidade museal com práticas que revelavam uma museologia ativa e aberta ao diálogo, abrangendo uma concepção mais ampla para a instituição, menos centrada nos objetos e no espaço museal delimitado e mais preocupada com o desenvolvimento da sociedade.

A Declaração de Quebec vem conjuntamente à criação do Minom – Movimento Internacional para uma Nova Museologia, e é, no entender de Mário Moutinho, a contribuição para o reconhecimento pela museologia do direito à diferença.

Na Declaração de Caracas (1992) é reafirmada a prioridade à função socioeducativa do museu e retoma os princípios e pressupostos da Mesa-Redonda de Santiago. Esse documento confere a eles maior densidade e aprofundamento, delimitando mais precisamente o campo de atuação dos museus, acentuando seu protagonismo social. As discussões giram em torno da inserção de políticas museológicas nos setores de cultura, a consciência sobre o poder da Museologia no desenvolvimento dos povos, a reflexão sobre a ação social dos museus e museus do futuro, as estratégias para captação e gestão financeira, as questões legais e organizacionais dos museus, os perfis profissionais e finalmente, o museu como meio de comunicação. Maria de Lourdes Parreiras Horta, (1995) analisa sua relação com os demais encontros sobre museus desde o Seminário de 1958 no Rio de Janeiro. Para ela, em 1992 os museus procuravam descobrir o seu espaço no território social em que estão inseridos, e enfrentavam as dificuldades desse processo. O monólogo transforma-se em diálogo, a função pedagógica (afirmada em 1958 no Rio de Janeiro) transforma-se em missão comprometida, não mais com a sociedade, em termos vagos, mas com a comunidade em que estão inseridos, ou em que buscam inserir-se para ter alguma razão de existir.

O documento de Caracas traz como função museológica fundamental o processo de comunicação que orienta as atividades específicas do museu, como a coleção, conservação e exibição do patrimônio cultural e natural. Mais do que fontes de informação ou instrumentos de educação, os museus são “espaços e meios de comunicação que servem ao estabelecimento da interação da comunidade com o processo e com os produtos culturais” (HORTA, 1995).

O documento organizado por Araújo e Bruno permite observar que nos 20 anos entre Santiago e Caracas há um deslocamento da função essencial do museu de preservação para a de comunicação. De acordo com Maria Esther Valente (2008), o

extenso caminho percorrido pelo museu vai do papel de referência limitado aos especialistas a um desempenho social mais alargado, que culminou em sua abertura ao grande público e na diversificação de suas funções a partir de mudanças processadas na museologia. Assim, a centralidade das coleções, primeira razão de ser do museu e em torno das quais girava a instituição com sua pesquisa, coleta e conservação, foi dando lugar à promoção de ações dirigidas a todos os indivíduos, sem distinção. É a partir dessa abertura que há uma maior valorização da função educativa nos museus, pois, em última análise, as ações educacionais visam potencializar a comunicação com o público (CABRAL e RANGEL, 2008).

Nas duas últimas décadas um maior número de pesquisas começaram a apresentar resultados, formação de grupos de pesquisa (LEME/ UFMG; GEENF/USP, GREM – Universidade de Quebec no Canadá)²⁸, oficinas, encontros, seminários e conferências sobre educação em museus vêm sendo realizadas e diversos profissionais têm concluído pesquisas de mestrado e doutorado na área, conferindo a este campo do conhecimento um caráter científico. A produção em torno dessa temática no Brasil alargou-se nos últimos anos o que nos permite afirmar que ela se encontra em franco processo de crescimento²⁹.

Carina Martins Costa (2010) corrobora com este crescimento, ao realizar um mapeamento da produção acadêmica sobre educação em museus no Brasil³⁰, usou para a construção da base de dados duas fontes principais, a monografia de Manuelina

²⁸ LEME - Laboratório de Pesquisa coordenado pela Professora Dra. Silvania Sousa do Nascimento. DMTE- FAE-UFMG.

GEENF/USP - Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação em Ciências Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP – Coordenado pela Professora Marta Marandino.

GREM - Criado em 1981 na Universidade de Quebec no Canadá sob a coordenação do professor Michel Allard, essa proposta aparece em diversas publicações e foi apresentada parcialmente na Conferência do CECA ocorrida no Rio de Janeiro, em 1997. Ver: ALMEIDA (2006), MARTINS (2006). Op. cit.

²⁹ Para se ter uma noção aproximada desse crescimento, em um levantamento quantitativo no Banco de Teses CAPES no período de 1987 a 2010 em Nível de Mestrado e Doutorado, por meio das entradas “museu e escolas” e “museu e educação” identificamos os seguintes dados assim distribuídas ao longo das décadas: em nível de Mestrado: década de 80: 2 estudos; década de 90 - 16 estudos e década de 10 do século XXI: 47 estudos. Em nível de Doutorado: década de 80: nenhuma produção; década de 90: 3 estudos e década de 10 do XXI: 14 produções. Esse aumento deve ser entendido não apenas como sintoma do crescente interesse pelo Tema, mas também pela ampliação dos programas de Pós- Graduação em todo o país na última década do XX e na primeira do XXI. (DUTRA, 2012).

³⁰ COSTA, C. M. Territórios em disputa: mapeamento da produção acadêmica sobre educação em museus no Brasil. In: Marieta de Moraes Ferreira. (Org.). Memória e identidade nacional. 1ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, v. único, p. 101-122.

Cândido (2003) e o levantamento publicado pelo Comitê Nacional de Educação e Ação Cultural (CECA), em 2007³¹, os dados foram ampliados com consultas à base nacional de dissertações e teses da Capes³².

Segundo Carina M. Costa (2010), foi possível observar que do universo de 132 trabalhos pesquisados, 100 eram com a temática educação em museus, o que permite traçar algumas definições importantes sobre o campo e sinaliza para um processo de consolidação aí desenvolvido.

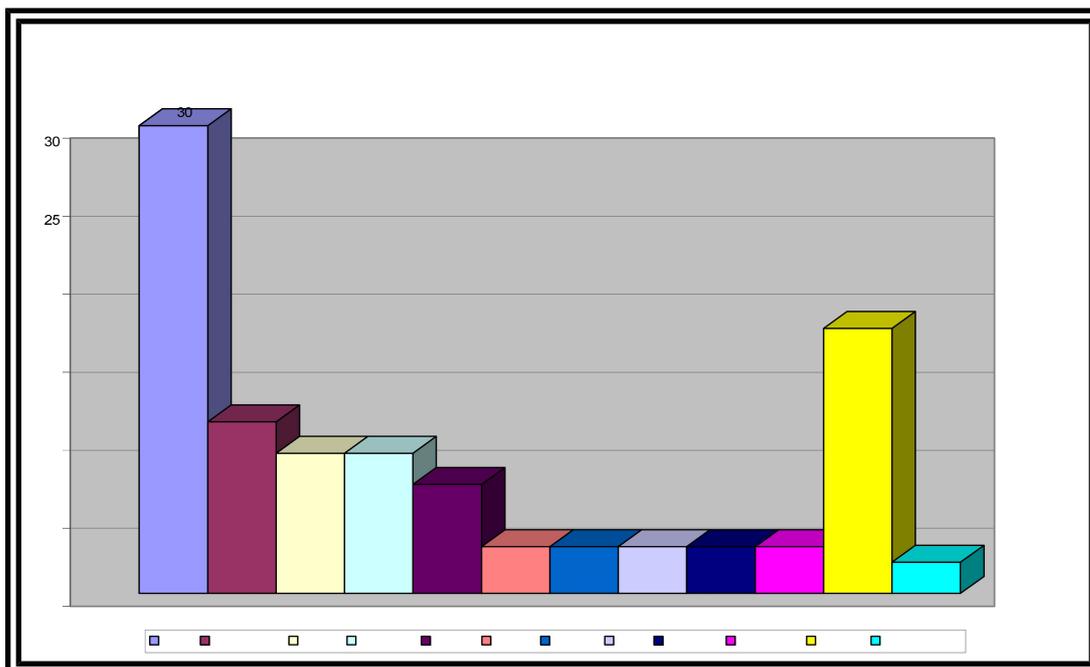


Gráfico 1 - Instituição de origem das pesquisas (COSTA, 2010).

Os dados evidenciam que a concentração regional é expressiva, sendo 81% das pesquisas oriundas da região Sudeste, com destaque para a produção dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Os dados confirmam também a tendência temporal, com 63% dos trabalhos datados no século XXI. A autora afirma, que o objeto “museu” é novo no cenário das pesquisas em educação e história, o que demanda um investimento cuidadoso de teor teórico-metodológico. Neste campo, ela verificou uma apropriação dos conceitos de linguagem desenvolvidos por L. Vygostky e M. Bakhtin, com destaque

³¹CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Ondas do pensamento museológico brasileiro. Cadernos de sociomuseologia. Lisboa: ULHT, 2003.
Disponível: <http://www.icom.org.br/BIBLIOGRAFIA_CECA-_Brasil.doc>.

³² As bases consultadas foram: Minerva-UFRJ; Dedalus- USP; Domínio Público, Biblioteca de teses e dissertações (CAPES) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT). Além disso, foram consultados os dados dos programas de pós-graduação da UNIRIO, UNICAMP, USP, UFF, UFMG, UFC, UFJF, UFSC, UFRS e FGV-RJ (COSTA, 2010).

para as questões referentes à formação de conceitos, aos processos ideológicos e à recepção dos signos, desenvolvidas prioritariamente nos programas de educação.

A educação museal trabalha com dois modelos: um emergente que faz distinção entre a educação formal, informal e não formal e considera que essas formas de trabalhar a educação podem ter parceria sem que haja subserviência de uma em relação à outra e o modelo tradicional, onde o museu complementa o ensino formal³³. Podemos inferir que nessas pesquisas, a escola que é validada como o lugar formal de instrução e educação e, as ações realizadas pelos museus podem ser caracterizadas como educação não formal, por tratarem da apropriação do conhecimento pela sociedade fora do espaço escolar. Ademais, o museu pode associar-se a outras instituições, entretanto sua atuação educacional é autônoma, e como tal desvinculada de estratégias educativas fixas e normativas.

A ação educativa museal se constitui dos procedimentos que promovem a educação no museu, tendo o acervo museológico como centro de suas atividades (SUM, 2006). São diversas as ações educativas que podem ser desenvolvidas em um museu que se traduzem em formas de mediação que possibilitarão a interpretação dos bens culturais (SANTOS e NASCIMENTO, 2008).

Em nossa pesquisa de mestrado, verificamos que, quando se fala em ação educativa museal, diversas expressões aparecem em referência a essas práticas tais como: ação cultural, mediação educativa, educação patrimonial e ação educativa, o que demonstra que este é um campo ainda em construção. Compreender a ação educativa significa caracterizá-la também como ação de comunicação, assim, ações educativas multiplicam-se nos mais diferentes tipos de museus, e por diferentes concepções de educação, configurando um cenário marcado por uma diversidade de práticas. Atualmente compreendemos a ação educativa dos museus como uma ação multifacetada cujo objetivo maior é o cumprimento das atividades educativas (SANTOS e NASCIMENTO, 2008). Em última análise, as ações educativas propostas nas instituições museológicas visam potencializar a comunicação com o público.

³³ Questão já bem discutida, conforme podemos constatar em LOPES, Margaret (1991,1988), CAZELLI, Sibeles et al. (1997), GOUVEIA, Guaracira et al. (2001) KOPTCKE, Luciana (2003, 2001, 1998), VALENTE (1995); Grinspum (2000); 1988); MARANDINO (2001, 2008); MARTINS (2006); JACOBUCCI (2009); NASCIMENTO & VENTURA (2009); LINHARES (2011).

1.3.2 Comunicação Museal

A comunicação sempre esteve próxima do museu, o ato de comunicar foi por muito tempo, e ainda hoje é associado à ideia de expor e exhibir, e a exposição ou exibição sempre esteve associada à ideia de colecionismo e preservação (CURY, 2005).

Como discutimos antes, a Declaração de Caracas, consolidou o museu como meio de comunicação e inseriu a ideia de comunicação como uma das funções primordiais do museu.

Ao analisarmos a bibliografia consultada verificamos que a pesquisa sobre comunicação em museus, em sua maioria, tem sido realizada na perspectiva de compreender o processo comunicacional por meio dos estudos de público e da avaliação das exposições, para averiguar diversos tipos de questões: o perfil do visitante, seus gostos, suas preferências culturais e sua opinião sobre a sua experiência vivida no museu, além do impacto cognitivo no visitante. Essas e outras questões vêm sendo colocadas porque são formas de aferição dos comportamentos, hábitos e opiniões dos visitantes de museus. Para a realização dessas pesquisas, os referenciais teóricos mais usados foram os da comunicação e da educação.

Os estudos sobre educação e comunicação em museus com o objetivo de caminhar em direção a crítica para esses espaços existe, mas para lidar com a complexidade do papel educacional dos museus, devem-se considerar os aspectos da educação e da comunicação. Como espaço privilegiado de maior interação com o público nos museus, as exposições passaram a ser questionadas em sua eficiência de comunicação e diversos estudos foram criados para avaliá-las como meios de comunicação. As pesquisas revelam que, com o tempo, as exposições foram sofrendo transformações diversas, o que resultou em novas formas de interação com o público, o que tem sido alvo de reflexões de diferentes pesquisadores. Para Nascimento (2005), a modernização das práticas de comunicação impôs novos desafios aos museus, o que exigiu mudanças nas suas formas museográficas³⁴ para tornarem-se mais dialogadas com o visitante. Essas mudanças vem com as múltiplas possibilidades tecnológicas e comunicacionais a disposição hoje. Para ela, os novos meios de comunicação alteram parcialmente a mensagem, mas não a renovam. As antigas práticas observadas nos anos

³⁴ A museografia torna possível apresentar o acervo, com o objetivo de transmitir, através da linguagem visual e espacial, a proposta de uma exposição. Em Nascimento (2005, p. 228) podemos verificar uma síntese das três gerações evolutivas das exposições e museus.

1970 dentro de um processo de musealização sequencial de isolar, anexar e mostrar continua sendo a marca dos museus.), diz que a principal meta dos museus na contemporaneidade é a possibilidade de “transformar os museus em locais interativos, agentes de uma nova pedagogia transaccional, conquistar novos públicos, propor novas formas de apropriação de conhecimento científico e técnico” (NASCIMENTO, 2005: 228).

Vários autores reforçam a ideia do museu como sistema de comunicação. Cury (2005)³⁵ faz uma excelente revisão sobre os diversos modelos e conceitos que aproximam o funcionamento dos museus a um sistema de comunicação. (1968), e Knez, nos anos 60 e 70, desenvolveram o conceito de que os museus funcionam como um sistema de comunicação, no qual o acervo seria a fonte, as exposições seriam o meio e o público o receptor. Nesse sistema a comunicação flui em uma única direção. Assim as pesquisas de público deveriam funcionar como um canal de retorno destinado a oxigenar este processo.

No contexto brasileiro, sem pretender cobrir toda a produção em torno do tema, selecionamos três pesquisas cujos objetos de análise têm como objetivo compreender o processo comunicacional do museu por meio dos estudos de público e da avaliação de exposições. Em sua pesquisa de mestrado³⁶ e em outros trabalhos realizados, Adriana Mortara Almeida apresenta reflexões do processo comunicativo em museus e suas implicações para os estudos de público. Os pressupostos básicos que orientaram sua pesquisa foram as teorias e metodologias baseadas em modelos de comunicação. Para desenvolver estudos sobre receptores/visitantes e avaliação de exposições³⁷, a autora faz um levantamento dos modelos de comunicação usados em pesquisas deste campo ao longo do tempo. Na síntese realizada pela pesquisadora, nas primeiras décadas do século XX, o chamado modelo hipodérmico de comunicação era o mais aceito e, em seus termos, o visitante era encarado como um recipiente vazio no qual poderiam ser

³⁵ Museólogo canadense, conhecido por trabalhar na luta pela democratização das instituições culturais.

³⁶ ALMEIDA, Adriana Mortara. A relação público com o Museu do Instituto Butantan: análise da exposição na natureza não existe vilões, 1995. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da USP.

³⁷ ALMEIDA, Adriana Mortara. Comunicação Museológica: A importância dos estudos sobre os receptores/visitantes. In: Anais do Seminário de Capacitação Museológica. Belo Horizonte, Instituto Flávio Gutierrez, 2004.

_____. Avaliação da exposição de longa duração “Lasar Segall: construção da poética de uma obra” e sua função educativa. Relatório Geral. São Paulo, 2001.

inseridas informações (ALMEIDA, 2004). Novos modelos informacionais foram criados, mas ainda eram unidirecionais, mas traziam mais etapas do processo e inseriam a importância do conteúdo do que estava sendo comunicado. Vários modelos estudam a comunicação em seus aspectos semióticos para compreender os códigos e linguagem presentes na comunicação e a experiência museal. O *feedback* como elemento fundamental e realimentador do processo e o contexto discursivo foram introduzidos aos modelos analíticos. A entrada da era da informação e dos suportes multimídias nos museus introduziram novos elementos ao cenário comunicativo e os modelos tendem a explorar o contexto, a interação e a apropriação do conhecimento presente nas exposições. Posteriormente, o modelo *The Museum Experience* de Falk e Dierking foi sendo aperfeiçoado e nele foi inserida a dimensão temporal, ou seja, ele passou a levar em conta que a aprendizagem é um processo que ocorre em diferentes tempos para cada pessoa. Nesse modelo, o contexto sociocultural envolve todos os contatos com indivíduos ou grupo envolvido na visita seja aquele dos quais o visitante participa, seja o participante de outros grupos, seja os de servidores do museu e qualquer outra pessoa com os quais o visitante possa ter contato no processo da visita (Almeida, 2004, p. 332).

Todos estes modelos apresentados coexistiram e ainda coexistem nos museus. No seu estudo realizado no Museu Lasar Segall (2001), Adriana M. Almeida diz que realizou o registro dos visitantes e colheu algumas falas com os acompanhantes, ao analisar estes registros, percebeu-se que o exercício de leitura era um dos pontos que geravam maior interação entre os visitantes, principalmente entre adultos e crianças, pois estes liam para as crianças que observava e escutava as explicações. Outro tipo de interação que ocorre com frequência é dado pela ação dos monitores/educadores presentes no espaço expositivo, pois eles provocam discussões, incitando a observação e orientando os grupos. A ação do monitor, segundo a autora é uma via de mão dupla, ela pode facilitar a interação, mas pode também criar ruídos na comunicação, quando as linguagens não são comuns ou quando ocorrerem interferências envolvendo emoções negativas. É fundamental a preparação e formação contínua dos monitores, assim como a constante reavaliação das estratégias utilizadas.

Inúmeros são os estudos que relacionam expectativas e motivações à experiência museal. Se uma pessoa vai a um museu fazer um trabalho escolar, fará um tipo de visita; se estiver visitando espontaneamente para lazer, a experiência será outra. Em síntese, o que Almeida (2004) verificou em suas pesquisas de público é que os diferentes aspectos da experiência museal podem ser estudados do ponto de vista do visitante/receptor, pois

trazem informações que possibilitam o aperfeiçoamento dos programas dos museus voltados ao público, à ampliação do público e à maior frequência de visitas aos museus.

Outra pesquisa que contribui de forma significativa para o dimensionamento dos estudos sobre comunicação em museus foi a tese de Marília Xavier Cury (2005)³⁸. Ela faz uma reflexão sobre como o museu atua comunicacionalmente, considerando que o avanço das pesquisas da ciência da comunicação é relativamente recente. Ao discutir comunicação em museus e comunicação museológica, a autora aborda o tema a partir de dois pontos de vista ambíguos: o modelo condutivista e o modelo da interação³⁹. Para a autora, o museu é um dos meios de comunicação que tem embutido em sua proposta institucional qualidade de comunicação, ou seja, essa instituição está ligada à capacidade de despertar a consciência, estimular questionamentos e pensamentos críticos. Para Cury, 2005:

A exposição e a ação educativa são manifestações da política de comunicação de um museu e para o público é o que define a instituição, pois é através delas que o museu se faz visível e se torna relevante para a sociedade (Cury, 2005, p. 87).

O trabalho de revisão da pesquisa acadêmica sobre recepção de público⁴⁰ que a autora realizou, teve como objetivo conhecer como os museus no Brasil vem sendo estudados pela ótica da recepção. Para isso, Cury (2005) fez um mapeamento dos estudos acadêmicos – mestrado e doutorado – que resultaram em um conjunto de 29 pesquisas realizadas por brasileiros. Das 29 pesquisas mapeadas, 28 foram localizadas e analisadas. Observou-se em um primeiro momento que não há um número significativo de aumento no número de pesquisas. A primeira é de 1984, e a última de 2004 (lembrando que a pesquisa da autora é de 2005). Deste universo de pesquisas, a autora constatou apenas três trabalhos que discutiam sobre avaliação, no qual a de recepção se encontra: Adriana Mortara Almeida (1995), Cristina Silva (1989) e Marília Xavier Cury (1999). Essas pesquisas fizeram um balanço das discussões internacionais sobre

³⁸ CURY, Marília Xavier. A comunicação Museológica: Uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. Tese de Doutorado, Escola de Comunicação/ USP, 2005.

³⁹ Para CURY (2005) estes dois pontos podem ser também apresentados e analisados pelas abordagens transmissiva e cultural de HOOPER- GREENHILL (2001) que em suas pesquisas toma como base na abordagem cultural tornam-se fundamentais para compreender como o visitante constrói o sentido para si e quais as implicações disso para o planejamento das atividades nos museus. Essa autora defende o desenvolvimento de uma pedagogia crítica para as investigações e para práticas levadas a cabo nestes espaços, em sintonia com algumas perspectivas da pesquisa no campo educacional mais amplo.

⁴⁰ Os estudos de recepção entende o processo de comunicação como mediação cultural, no qual o receptor desempenha um papel ativo e re-significa permanentemente a informação.

avaliação museológica, colaborando com a disseminação de abordagens, métodos e técnicas de avaliação. Quanto à área de maior concentração, há um predomínio de pesquisas em Educação, 10 estudos ao todo e, em comunicação, quatro estudos. As demais são de áreas diversas como antropologia, história, museologia e ciências naturais. Cury (2005) conclui dizendo que as discussões mais avançadas sobre comunicação em museus ainda alcançam poucas instituições, ou seja, que a grande maioria ainda se sustenta em modelos de comunicação ultrapassados e que poucas pessoas vislumbram no horizonte um museu diferente. Segundo a autora, há muito que percorrer e os pesquisadores localizados no mapeamento são, no seu entender, pioneiros no Brasil (CURY, 2005, p. 210).

Maria Esther Alvarez Valente (1995)⁴¹ também desenvolveu uma pesquisa de público no Museu Nacional que, segundo a autora, foi motivada pela necessidade de conhecer a relação do Museu com seu público visitante, em consequência da crescente importância dada à função educativa dessa instituição. A pesquisa buscou (re) conhecer o papel social dos museus e o foco das investigações se centrou no papel do visitante. Segundo a autora, o museu deve ser concebido e pensado para o visitante. Para a autora, o museu é um produto historicamente determinado e, portanto, ocupa lugar específico na ordem social estabelecida, e que ao longo de sua existência, seus valores vão sendo modificados e/ou acrescidos de outros valores. Para Valente (1995):

O museu de nossos dias lembra o passado. Na realidade, foi lá que teve origem o embrião da atual instituição e que constituiu hoje o alargamento das funções tradicionais. Assim, mesmo modernizado, o caráter sagrado conferido a esse espaço do passado consegue transcender às exposições de hoje e continua ainda a representar um “lugar de celebração”, o que confirma a hipótese inicial: o museu tem atitude conservadora em virtude de sua função de preservação, resultando daí constante tensão de adequar a realidade social vivida à aproximação mais estreita com o público visitante (Valente, 1995, p.195).

A autora destaca que as tensões vividas pela instituição museu, estão intimamente relacionadas às concepções das mesmas desvinculadas da realidade atual, e ainda persistiam funcionando como obstáculos à mudança. Assim, o passado funciona como uma contradição na vivência da instituição, levando-a a negligenciar o futuro, corroborando a perda do significado do museu e de seu papel. Sua pesquisa mostra o Museu Nacional como um exemplo claro desse fenômeno, esse museu pauta-se na

⁴¹VALENTE, Maria Esther. Educação em Museu: o público de hoje no museu de ontem. Dissertação (Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1995.

grande visitação para justificar certo êxito e sua própria existência. Como exemplo, a autora cita um determinado período de gestão do Museu Nacional, onde havia uma grande afluência de visitantes, e o mesmo era visto como um valioso potencial pedagógico o que para a gestão daquele momento considerava que agradava a grande massa (VALENTE, 1995, p.196).

A autora conclui que o Museu Nacional é uma instituição eminentemente de pesquisa, possui uma rígida separação entre os setores, o que reflete nas exposições. Para Valente (1995), o Museu Nacional ainda apresentava ao público a mesma proposta conceitual da década de 1950, reforçando a ideia criticada ao longo da pesquisa por ela realizada, que supõe que os objetos falam por si só. Para muitos visitantes, o Museu Nacional continuava sendo a Casa de D. João VI (VALENTE, 1995, p.201).

Como podemos perceber a década de 1990, (em que também acontece o “Programa Papo de Criança” do Museu Casa Guignard), foi uma década onde os museus tiveram uma preocupação clara com suas ações envolvendo o público, reflexo da Declaração de Caracas (realizada em 1992), que já não vê mais o museu no papel de mestre, lugar cheio de certezas, que define o seu monólogo. Pois, o que se buscava naquele momento, era uma instituição que encontrasse espaço para o diálogo e que a função pedagógica, referida desde a Declaração do Rio de Janeiro em 1958, na Mesa Redonda de Santiago no Chile em 1972, se transformasse em missão, transformando o museu em uma instituição a serviço da comunidade na qual estivesse inserido.

É neste contexto que nos anos de 1995 e 1996 foi realizado um primeiro diagnóstico⁴² da área cultural de Belo Horizonte, onde se procurou levantar os hábitos de consumo cultural da cidade, além de conhecer as opiniões e sugestões de artistas, produtores e financiadores culturais. Foram entrevistados 720 moradores de BH, entre 15 e 50 anos. Quanto aos museus, uma parcela de 41% dos entrevistados – de vários bairros e de diferentes extratos socioeconômicos – afirmou nunca ter visitado um museu em Belo Horizonte. Os principais motivos alegados foram: desinteresse, 34%, desconhecimento dos museus, 33% e falta de tempo, 22%. Quando perguntados sobre o que os levaria a visitar um museu, 32% cobraram maior divulgação (Secretaria Municipal de Cultura-BH & Vox Mercado, 1996, p. 68-69). Tem-se na pesquisa um dado importante: “não visitam os museus por falta de divulgação”. Mas qual seria o meio de comunicação com essas pessoas? Os museus precisam ser anunciados nas

⁴² SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA & VOX MERCADO. Primeiro Diagnóstico da área cultural de BH. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, 1996.

denominadas mídias de massa (jornais, rádio e TV) para ser tornarem mais populares? Como o museu deve se comunicar? Como vimos, o museu tem usado as exposições e as ações educativas que desenvolvem como forma de comunicação com o público, mas como fazer para que o público vá participar destas ações? Historicamente, temos uma lacuna, pois os museus durante muito tempo valorizavam as suas coleções e as atividades a elas relacionadas, sem dar muita importância à divulgação. Como vimos, foi no século XIX que se iniciou essa abertura, no século XX a educação passa a ser reconhecida como uma das principais funções do museu e agora no século XXI, os museus enfrentam novos desafios, como ser uma opção de lazer diante da infinidade de opções existentes hoje e do intenso desenvolvimento tecnológico.

Pesquisas das ciências sociais e da comunicação detectam no público de hoje, especialmente no mais jovem, uma nova sensibilidade, a qual Jesús Martín-Barbero (1998) denomina de “sensibilidade audiovisual”, nascida da percepção de mundo adquirida graças aos meios eletrônicos de comunicação, que criaram espaços e tempos vividos simultaneamente. A “sensibilidade audiovisual” qualifica uma percepção de um mundo sem fronteiras, uma sensibilidade propiciada pelo *zapping* entre canais de televisão, pelo navegar por *sites* e infinitos *links* disponíveis na internet (CABRAL, 2004). Dentro dessa nova configuração, a interação do público com os museus passou a ser questionada em sua eficiência e é cada vez maior o número de pesquisas sobre as práticas educacionais e comunicacionais relacionadas às atividades que os museus vêm desenvolvendo, tornando-se cada vez mais um campo de pesquisa e de produção de conhecimento (CAZELLI *et al* 2003).

Dentro deste contexto, Mendes (2012)⁴³, traz uma discussão de como o relacionamento com o público tem um papel fundamental até mesmo para o reconhecimento do museu no desenvolvimento cultural de um país. Partindo do princípio de que os museus não são ilhas isoladas, mas sim plataformas, vários autores apresentam e defendem que a gestão da comunicação e da cultura precisa estar junto nos processos da administração museológica, e que o primeiro passo para personalizar instituições culturais é adotar, nas experiências oferecidas, uma abordagem focada no público. Isso não significa tirar a importância da equipe do museu e sim adaptar ao contexto do que os visitantes querem ou precisem. Hoje, em tempos globalizados, as identidades culturais estão permanentemente sendo reformuladas, o museu tem sido

⁴³ MENDES, Luis Marcelo. Org. Reprograme: comunicação, branding e cultura numa nova era de museus. 2012.

desafiado a reprogramar sua linearidade histórica como condição para permanecer sendo um espaço de memória e identidade.

Como podemos perceber, são muitos os esforços de pesquisadores para tentar compreender a dimensão educativa/comunicativa dos museus. Caracterizados como locais que possuem uma forma própria de desenvolver sua dimensão comunicativa e educativa, os museus se consolidaram ao longo da última década do século XX, como espaços de difusão cultural, portadores de uma cultura institucional própria.

Em nosso estudo, a imersão no universo do Museu Casa Guignard teve como objetivo a busca da compreensão acerca de uma ação educativa voltada para a comunidade ali constituída. Ao aprofundarmos na análise, nos deparamos com um universo de práticas culturais que não está circunscrita a um único campo de produção acadêmica, mas em um território de influências de diferentes campos de pesquisa.

1.4 Educação Patrimonial

No século XX, observou Françoise Choay (2001), “as portas do domínio patrimonial” foram forçadas⁴⁴ (p. 13), um número cada vez maior de pessoas passou a se interessar pelo campo do patrimônio⁴⁵, não apenas em sua vertente jurídica burocrática, mas, sobretudo, em sua dimensão sociocultural. Forçadas as portas, o domínio patrimonial dilatou-se a ponto de transformar-se em um terreno de fronteiras imprecisas. A palavra patrimônio tem a capacidade de expressar uma totalidade difusa, à semelhança do que ocorrem com outros terrenos como a cultura, memória e imaginário. Frequentemente aqueles que desejam alguma precisão são obrigados a definir e redefinir o termo (CHAGAS, 2005). A categoria patrimônio, como categoria antropológica de pensamento, tem, como sublinhou José Reginaldo Santos Gonçalves (2003)⁴⁶ caráter milenar e não é uma invenção moderna, estando em ação, nomeadamente, no mundo clássico, na idade média e também nas sociedades tribais (CHAGAS, 2005).

⁴⁴ CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2001.

⁴⁵Para o ICOM: “O patrimônio de um povo envolve um corpo de conhecimentos e atitudes, bem como uma abordagem holística da existência, que inclui o meio ambiente, as ciências, as artes, assim como o sistema inerente de ideias e valores que definem visões de mundo, percepções individuais e coletivas, e modos de vida”(Studart, 2007).

⁴⁶ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. Em ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (orgs.) Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

A noção de patrimônio no mundo moderno está vinculada à ideia de preservação. A experiência nacional e internacional já demonstrou, com muita ênfase, que a preservação cultural depende principalmente de uma educação voltada à compreensão e valorização da diversidade cultural e, portanto de um conceito de patrimônio que hoje está ampliado: conforme as palavras do ex Ministro da Cultura Gilberto Gil:

(...) pensar em patrimônio agora é pensar com transcendência, além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes, os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital, e todas as formas de espiritualidade da nossa gente. O intangível, o imaterial (...) (BRAGA, 2012).

No Brasil as preocupações em torno das questões relativas à preservação do patrimônio tornaram-se efetivas. O conceito que “preservar o patrimônio histórico é educação” foi proposto por Mário de Andrade na criação do Iphan– Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional⁴⁷. Na década de 1980, quando Aloísio Magalhães assumiu a direção da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, consagrou a frase: “*a comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio*”. E defendia um ministério dedicado exclusivamente à cultura. Em parceria com o MEC, o Sphan desenvolveu o projeto: “Interação entre educação básica e os diferentes contextos culturais do país”. O projeto realizou de forma descentralizada experiências diferenciadas em todas as regiões do país⁴⁸. O projeto Interação trabalhava com uma concepção ampla de patrimônio, de cunho antropológico, e forneceu importantes subsídios para a redação dos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988, no capítulo “Cultura” (LONDRES, 2012).

Paralelamente, desenvolviam-se nessa mesma época, propostas e reflexões sobre educação patrimonial, de que é marco inicial o Seminário, realizado em 1983, no Museu Imperial, em Petrópolis, sobre o uso “Educativo de Museus e monumentos” inspirado

⁴⁷ Órgão Federal que recebeu diferentes denominações desde a sua fundação. O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) foi organizado de acordo com o decreto n 25, de 30 de novembro de 1937. Em 1946, o órgão foi transformado em Diretoria, sob a Sigla Dphan. Em 1970, recebeu a denominação de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Em 1979, passou a constituir uma Secretaria e assumiu novamente a sigla Sphan. Em 1990, a Sphan foi extinta e criou-se o Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural (IBPC). Com a medida provisória n 610, de setembro de 1994, a denominação foi alterada novamente para o nome atual, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

⁴⁸ Ver, a respeito, a publicação Brincando, fazendo e aprendendo. Brasília: MEC/MinC/FNDE, 1985, e BRANDÃO, Carlos. O difícil espelho. Brasília: Iphan/Deprom, 1996.

no trabalho pedagógico desenvolvido na Inglaterra sob a designação de *heritage education*⁴⁹. Experiências desenvolvidas a partir de então pelas unidades do Iphan contribuíram para a publicação, em, 1999, do Guia Básico de Educação Patrimonial (HORTA, 1999), que se tornou referência no campo da educação patrimonial⁵⁰.

O Iphan vem como instância pública federal promovendo o diálogo com a sociedade em torno da preservação, promoção e difusão do patrimônio cultural como referência identitária do povo brasileiro⁵¹. Recentemente, lançou a proposta de criação das Casas de Patrimônio⁵² junto às sedes das representações regionais do Iphan, transformando os escritórios técnicos em “polos de referência local e regional para qualificar e atender a população residente, estudantes e professores, turistas, em uma perspectiva de diálogo e reflexão, no sentido de participarem da construção coletiva dessa nova postura institucional (...) apoiando-se principalmente em ações educacionais, em parceria com escolas, instituições educativas formais e não formais de demais segmentos sociais” (LONDRES, 2012).

⁴⁹ O Seminário: "Uso Educacional de Museus e Monumentos", realizado em julho de 1983 no Museu Imperial em Petrópolis e foi coordenado por Maria de Lourdes Horta.

⁵⁰ O Guia Básico de Educação Patrimonial traz a educação patrimonial como “uma proposta metodológica que busca o envolvimento efetivo e a participação ativa dos aprendizes no processo de conhecimento dos bens materiais” (HORTA, 1999, p.5) tornou-se uma das referências metodológicas de trabalho nos museus. Nele são apresentados os princípios que norteiam a Educação Patrimonial e são fornecidos os passos que orientam a utilização dos objetos culturais como fontes na construção do conhecimento (DUTRA, 2012).

⁵¹ Desde 2007, o Iphan vem promovendo discussões para a construção do Sistema Nacional de Patrimônio Cultural (SNPC), realizando ações tais como: reorganização da ASBC, Associação Brasileira das Cidades Históricas, criação do grupo de trabalho do patrimônio que reúne os órgãos estaduais e municipais, realização de I oficinas de patrimônio, realização de oficinas regionais para discutir a construção do SNPC, participação efetiva dos seminários de estruturação do Sistema Nacional de Cultura, organização da II Conferência Nacional de Cultura e do I Fórum Nacional de Patrimônio Cultural aconteceu em Ouro Preto, em dezembro de 2009.

⁵² Para saber mais sobre as casas do patrimônio no site: www.iphan.gov.br

O Iphan entende a relação entre a educação e o patrimônio cultural ⁵³, ou seja, a Educação Patrimonial da seguinte forma:

Toda vez que as pessoas se reúnem para construir e dividir novos conhecimentos investiga para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que nos cerca, estamos falando de uma ação educativa. Quando fazemos tudo isso levando em conta alguma coisa que tenha relação ao com nosso patrimônio cultural, então estamos falando de Educação Patrimonial! O Iphan concebe educação patrimonial como todos os processos educativos que primem pela construção coletiva do conhecimento, pela dialogicidade entre os agentes sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras das referências culturais onde convivem noções de patrimônio cultural diversas. (<http://portal.iphan.gov.br>)

No II Encontro Nacional de Educação Patrimonial, realizado em Ouro Preto (MG) em 2011, no documento final⁵⁴, são apresentadas as conclusões, voltadas para definir eixos temáticos, diretrizes, e apresentar sugestões para uma efetiva Política de Educação Patrimonial, entendida como conjunto de ações desenvolvidas de forma coordenada entre áreas da cultura e da educação, a partir de princípios e objetivos comuns com a participação da sociedade. Alguns resultados já podem ser vistos, como as recentes negociações entre MinC (Iphan) e o MEC, no lançamento da Cartilha de

⁵³ “Patrimônio Cultural é o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo, de uma comunidade. Ele está presente em todos os lugares e atividades: nas ruas em nossas casas, em nossas danças e músicas, nas artes, nos museus e escolas, igrejas e praças. Nos nossos modos de fazer, criar e trabalhar. Nos livros que escrevemos, na poesia que declamamos, nas brincadeiras que organizamos, nos cultos que professamos. Ele faz parte de nosso cotidiano e estabelece as identidades que determinam os valores que defendemos. É ele que nos faz ser o que somos. Quanto mais o país cresce e se educa, mais cresce e se diversifica o patrimônio cultural. O patrimônio Cultural de cada comunidade é importante na formação da identidade de todos nós, brasileiros.”

No Artigo 216 da Constituição de 1988: Constituem o Patrimônio Cultural Brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem...(cita uma lista de modalidades). O patrimônio cultural hoje constitui um campo de rápida expansão e mudança. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br> – Acessado em Abril de 2013.

⁵⁴ Em www.iphan.gov.br links: Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial, o documento final do II Encontro Nacional de Educação Patrimonial.

Educação Patrimonial dentro do Programa Mais Educação⁵⁵. No texto da Cartilha, a educação patrimonial é colocada como sendo:

os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, com o objetivo de colaborar para o seu reconhecimento, valorização e preservação. (IPHAN, 2012 p. 05).

As definições conferidas pelo Iphan percebem a educação como sendo a essência para o tratamento do patrimônio cultural.

Para Castriota (2009), o patrimônio cultural hoje constitui um campo de rápida expansão e mudança. Nunca se falou tanto em preservação⁵⁶ do patrimônio e da memória, nunca tantos estiveram envolvidos em atividades ligadas a ele, nunca se forjaram tantos instrumentos para lidar com as preexistências culturais (CASTRIOTA, 2009). Segundo este autor, entramos no século XXI com o patrimônio ocupando um papel central na reflexão não só sobre a cultura, mas também nas abordagens que hoje se fazem do presente e do futuro das cidades, do planejamento urbano e do próprio meio ambiente.

A Educação Patrimonial tem, assim, um papel decisivo no processo de valorização e preservação do patrimônio cultural, colocando-se para muito além da divulgação do patrimônio. Não bastam a promoção e difusão de conhecimentos acumulados no campo técnico da preservação do patrimônio cultural. Trata-se, essencialmente, da possibilidade de construções de relações efetivas com as comunidades, as verdadeiras detentoras desse patrimônio.

Como vimos, o termo educação patrimonial foi introduzido a partir de experiências na área de museologia, nas quais se buscava o uso dos museus e dos monumentos históricos para finalidades educacionais. Porém, Chagas (2006) esclarece

⁵⁵ O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007, aumenta a oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas que foram agrupadas em macrocampos como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educação científica e educação econômica. A cartilha foi lançada em 2012. A Educação Patrimonial no Mais Educação propõe uma forma dinâmica e criativa da escola se relacionar com o patrimônio cultural de sua região e, a partir dessa ação, ampliar o entendimento dos vários aspectos que constituem o nosso patrimônio cultural e o que isso tem a ver com formação de cidadania, identidade cultural, memória e outras tantas coisas que fazem parte da nossa vida mas, muitas vezes, não nos damos conta do quão importantes elas são. <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em 23 de março de 2013.

⁵⁶ Preservar e conservar: função que se refere um dos compromissos mais marcantes que o museu adquiriu desde a perspectiva de sua configuração e definição convencionais, na qual há salvaguarda do patrimônio para poder transmiti-lo às gerações futuras.

que a educação patrimonial já estava presente nos museus, embora sem tal denominação, como parte da ação cotidiana destas instituições desde o século XIX, e ressalta que a expressão se consagrou no Brasil nos últimos 30 anos, mas consagrou-se não como metodologia, mas como campo de trabalho, de reflexão e ação (CHAGAS, 2004).

CAPÍTULO II

2. RÁDIO: DISPOSITIVO DE INFORMAÇÃO, REGISTRO, MEMÓRIA E CULTURA

*Pequena caixinha que carreguei quando em fuga
Para que suas válvulas não pifassem
Que levei de casa para o navio e o trem
Para que meus inimigos continuassem a falar-me
Perto de minha cama, e para a minha angústia
As últimas palavras da noite e as primeiras da manhã
Sobre suas vitórias e sobre meus problemas
Prometa-me que não ficarás muda de repente.
Bertold Brecht*

Como já foi colocado antes, a formação de público tem sido assumida como paradigma para todos os museus na atualidade, independentemente de sua tipologia, o atual desafio é o estabelecimento de novos canais de comunicação com o público. Nesta pesquisa analisaremos uma ação educativa que usou um meio de comunicação diferenciado para comunicar o museu com o público, o rádio. E para compreender esta ação, o primeiro passo é conhecer e entender este objeto: o rádio.

No século XX, os meios de comunicação de massa alcançaram um papel de extrema importância, passando a ser parte integrante do cotidiano de vários grupos sociais. A importância e a necessidade da promoção de estudos que tenham como objeto o papel dos meios de comunicação nas sociedades contemporâneas não é mais colocada em questão pelos especialistas do campo das ciências sociais. Entretanto, ainda é pequeno o número de trabalhos sobre o tema nas áreas de educação, história, sociologia e antropologia social e, ao nos referirmos especificamente aos estudos sobre o rádio, o quadro de escassez se agrava⁵⁷ (CALABRE, 2007).

O desenvolvimento da tecnologia, especialmente da tecnologia das comunicações, teceu o mundo numa só rede de informações e causalidade, de tal sorte que, como a famosa borboleta que bate asas no pacífico e provoca uma tempestade na Península Ibérica, uma mudança de situação num lugar qualquer, pode induzir distúrbios em

⁵⁷ “A pesquisa em rádio no Brasil teve seu início efetivo nos anos 1980. Até então, as produções eram isoladas, capitaneadas principalmente por profissionais da comunicação. Em 1991, a criação de um grupo, pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), com o objetivo de pesquisar exclusivamente o rádio, catapultou a área como lócus privilegiado de investigação”. Ver em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0823-1.pdf> - Acesso em janeiro de 2013.

qualquer outro lugar (GEERTZ, 2001). Essa vasta conexão e essa complexa interdependência são chamadas, com base nos criadores de slogans dos estudos culturais, de “aldeia global”⁵⁸.

A acelerada velocidade com que as mudanças tecnológicas ocorreram, a partir das últimas décadas do século XX, por um lado terminou por conceder certo ar de naturalidade à parafernália técnica presente no nosso cotidiano e, por outro converte praticamente tudo em “peça de museu”(CALABRE, 2010). Ainda segundo Calabre (2010), a tradição contemporânea de ser individualmente informado por um meio de comunicação de massa tem sua origem no surgimento do rádio, ainda no início do século XX, e de modo semelhante ao que ocorre no final do século XX com a internet, o rádio aparece como forma de colocar o indivíduo em contato com o mundo.

2.1 Breve histórico

A história mais remota do rádio começa em 1863, em Cambridge (Inglaterra), ano em que James Clerck Maxwell demonstrou teoricamente a provável existência das ondas eletromagnéticas. Maxwell era professor de física experimental e, a partir de então, novas pesquisas foram sendo realizadas. O princípio da propagação radiofônica ocorreu em 1887, quando Henrich Rudolph Hertz (1857-1894) descobriu as ondas de rádio. Em 1895, o italiano Guglielmo Marconi fez seus primeiros experimentos com ondas eletromagnéticas, na cidade de Bolonha. Marconi não teve apoio em suas pesquisas e experiências no seu país e foi na Inglaterra, terra natal de sua mãe, que recebeu ajuda financeira e pôde desenvolver seu trabalho e patentear sua invenção. Foi na Inglaterra que ocorreu a industrialização dos equipamentos criados, e onde foi montada a primeira companhia de rádio, fundada em Londres. Até então, o rádio era exclusivamente "telegrafia sem fio" (MARINHO, 2003).

Nos Estados Unidos, novas pesquisas surgem, tentativas e aprimoramentos possibilitaram que Lee Forest instalasse a primeira "estação-estúdio" de radiodifusão, em Nova Iorque, no ano de 1916. Aconteceu então o primeiro programa de rádio de que se tem notícia. A chamada "era do rádio" inicia-se em 1919 e foi assim denominada devido ao imenso crescimento do rádio nos Estados Unidos ao longo da década de 20.

⁵⁸ Herbert Marshall McLuhan introduz a idéia de “[Aldeia global](#)”, que quer dizer simplesmente que o progresso tecnológico estava reduzindo todo o planeta à mesma situação que ocorre em uma aldeia, ou seja, a possibilidade de se intercomunicar diretamente com qualquer pessoa que nela vive.

Em 1921, havia quatro emissoras no país, mas, no final de 1922, os americanos já contavam com 382 estações. Em 1923, foi feita a primeira transmissão de rádio em cadeia, mas foi em 1938, em pleno Dia das Bruxas, que se deu um dos fatos mais marcantes da história do rádio. A emissora norte-americana CBS apresentou o programa "A Guerra dos Mundos", com o radialista e futuro cineasta Orson Welles. O programa simulava uma invasão de marcianos nos Estados Unidos. O realismo era tamanho que uma onda de pânico tomou conta do país. O locutor anunciava: "Atenção senhoras e senhores ouvintes... Os marcianos estão invadindo a Terra...". Diante da confusão, a emissora teve de interromper a transmissão. No ano seguinte, o norte-americano Edwin Armstrong iniciaria a operação da primeira FM, em Alpine, New Jersey. A "era do rádio" tem seu apogeu nas décadas de 30 e 40 (MARINHO, 2003).

2.2 O rádio no Brasil

*"...toquem o meu coração façam a revolução que está no ar,
nas ondas do rádio..."*

(música do RPM)

No Brasil, o rádio chegou através do padre gaúcho Roberto Landell de Moura. Em 1890, Landell de Moura escrevia em suas teses sobre a "telegrafia sem fio". Dez anos mais tarde, em 1900, Landell obteve do governo brasileiro a Carta Patente nº 3279, que reconhecia seus méritos de pioneirismo científico e universal na área das telecomunicações. No ano seguinte, Landell embarcou para os Estados Unidos e, em 1904, o The Patent Office at Washington concedia-lhe três novas cartas-patente: a do telégrafo sem fio, a do telefone sem fio e a do transmissor de ondas sonoras. Landell de Moura foi um dos precursores das transmissões de vozes (MARINHO, 2003). Segundo Marques de Melo (2008), no Brasil, a primeira rádio a funcionar foi a Rádio Clube de Pernambuco, em 1919, ainda em um sistema bem rudimentar. Mas a primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil foi transmissão do discurso do Presidente Epitácio Pessoa, no Rio de Janeiro, na comemoração do centenário da Independência, no dia 7 de setembro de 1922. O discurso aconteceu durante uma exposição na Praia Vermelha e o transmissor foi instalado no alto do Morro do Corcovado. Se o precursor do rádio no Brasil foi o padre Landell de Moura, o título de "pai do rádio brasileiro" vai para Edgard Roquete Pinto, que junto com Henry Morize fundaram, em 1923, a

primeira estação de rádio brasileira: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (MELO, 2008).

O rádio nasceu no Brasil com o intuito educativo e cultural, era o que Roquete Pinto⁵⁹ defendia em sua tese, de que este dispositivo deveria ser colocado a serviço de programas culturais e educativos. A Rádio Sociedade tinha o objetivo exclusivo de ser uma emissora educativo-cultural, seguindo os padrões da rádio pública europeia.

Poucos eram os ouvintes que possuíam em casa uma “Capelinha”, nome que foi designado para os primeiros aparelhos de rádio, por se tratar de uma tecnologia acima dos padrões financeiros da maioria dos brasileiros (BOSSLER, 2004). Duas mudanças contribuíram para que o rádio se afastasse substancialmente da concepção educativa, perseguida por Roquette Pinto, com os aparelhos mais baratos e acessíveis a população e a alteração na legislação, que passou a permitir a publicidade no rádio, patrocinadores passaram a influenciar na programação, favorecendo programas de entretenimento, detentores de maiores índices de audiência.

Em 1936, Roquette Pinto doou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro para o Ministério da Educação e Cultura, MEC, com a condição de que seu uso fosse restrito a programas educativos. Nos anos 90, ela passou a ser gerida por uma fundação, o que trouxe maior liberdade editorial, mas também acentuou sua falta de recursos. Décadas depois, a preocupação de Roquette Pinto com a educação incentivou o surgimento de programas específicos, como o Universidade no ar, criado em 1941 pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e os cursos básicos do Sistema de Rádio Educativo Nacional (Siren), irradiados de 1957 a 1963.

Ana Paula Bossler, em sua pesquisa de mestrado⁶⁰, faz um levantamento sobre os programas educativos desenvolvidos para o rádio no Brasil. Segundo a autora, o conceito de rádio educativa apareceu pela primeira vez no Código Brasileiro de Radiodifusão, de 1963. O decreto determinava que os serviços de radiodifusão tivessem finalidade educativa e cultural, mesmo em seus aspectos informativo e recreativo. No Artigo 28 do mesmo decreto, estabeleceu-se que as emissoras deveriam reservar no

⁵⁹ Roquette Pinto era médico e antropólogo, foi membro da Academia Nacional de Medicina, da Academia Brasileira de Letras e também foi o fundador do Instituto Nacional de Cinema Educativo. Defendia a necessidade de levar cultura e educação a todos os brasileiros.

⁶⁰ BOSSLER, A.P. Indicadores do gênero educativo no programa de rádio Ciência na Favela. Dissertação de Mestrado. FAE,UFMG, (2004).

mínimo 5 horas semanais para a transmissão de programas educacionais (BOSSLER, 2004).

Nos anos 60, surge o Movimento de Educação de Base (MEB), criando escolas radiofônicas que combinavam alfabetização com conscientização para promover mudança de atitudes, utilizando para isso animadores populares. É uma experiência considerada inovadora, que deu um salto de qualidade no sistema educativo por rádio (BOSSLER, 2004).

Nos anos 1970, o governo Federal cria o Projeto Minerva⁶¹, um programa de 30 minutos de cunho informativo cultural educativo, com transmissão obrigatória para todas as emissoras do país, que nasceu no Serviço de rádio difusão⁶² Educativa do Ministério da Educação e Cultura. Os serviços de rádio difusão sonora e de sons e imagens com finalidade exclusivamente educativa recebeu em 1999, através de portaria Interministerial, regulamentação que definiu os critérios para outorgas de concessões, permissões e autorizações para execução. Em 2000, o MEC lançou o Projeto Rádio Escola, como recurso para auxiliar na capacitação de alfabetizadores, com o objetivo de apoiar o trabalho implementado pelo Programa Alfabetização Solidária em localidades com altos índices de analfabetismo.

Outros programas como Escola Brasil e Carretel de Invenções, produzidos pelo MEC e Fundação Fé e Alegria, são exemplos de programas produzidos em parcerias com ONGs e governo que buscam conciliar conhecimento e entretenimento.

O rádio é considerado como o mais popular meio de comunicação, e está presente na quase totalidade dos lares brasileiros, apresenta grande potencial educativo, pois além de outros fatores, a produção para se fazer um programa é relativamente baixa.

⁶¹ O nome Minerva, é uma homenagem a deusa grega da sabedoria. O objetivo maior do Projeto atendia a Lei n. 5692/71 (Capítulo IV, artigos 24 à 28) que desobrigava o Estado a oferecer o ensino ginásial gratuito para os que concluíssem o primário com algum atraso. Em 1971, a Lei legalizou a educação a distância. Com uma produção regionalizada, centrada no Sul e Sudeste do Brasil, o Projeto Minerva possuía uma recepção organizada, desenvolvida em radiopostos locais, onde 30 à 50 alunos se reuniam, sob a liderança de um monitor, para ouvir a transmissão das aulas. O Projeto acabou não conquistando a população. (BOSSLER, 2004, p. 31).

⁶² Hoje, segundo Lei nº 9.472, de 16 de julho de 1997, Lei Geral de Telecomunicações do Brasil, Radiodifusão é o serviço de telecomunicações que permite a transmissão de sons (radiodifusão sonora) ou a transmissão de sons e imagens (televisão), destinados ao recebimento direto e livre pelo público. Ver em: <http://www.mc.gov.br/>

Conforme dados do Ministério das Comunicações⁶³, o rádio não deixou de ter crescimento, e mesmo com as novas tecnologias, o rádio, tem sido utilizado pela educação quase que exclusivamente para a transmissão de programas de educação à distância. Nair Prata (2011) coordenou uma pesquisa onde traça um amplo inventário das emissoras de rádio de todas as 27 Regiões Metropolitanas do país⁶⁴. Para Marialva Carlos Barbosa⁶⁵, que faz o prefácio do livro:

O Rádio no Brasil, nos leva a pensar na constituição de processos comunicacionais de longa duração, na prática da oralidade, nas misturas e nos modos de comunicação, nas milhões de pessoas que fazem do rádio não apenas o companheiro de escuta, mas de sentimentos a partilhar... (PRATA, 2011, p.16)

Em sua tese de doutorado⁶⁶, Nair Prata (2008: define, segundo (Ortriwano,1985) as características do rádio hoje, através de oito tópicos que sintetizam o modelo de transmissão radiofônica:

1. Linguagem Oral: O rádio fala e, para receber a mensagem, é preciso apenas ouvir. O rádio leva vantagem sobre os veículos impressos, pois, para receber as informações, não é preciso que o ouvinte seja alfabetizado.
2. Penetração: Em termos geográficos, o rádio é o mais abrangente dos meios, podendo chegar aos pontos mais remotos e ser considerado de alcance nacional.
3. Mobilidade: Do ponto de vista do emissor: sendo menos complexo tecnicamente do que a televisão, o rádio pode estar presente com mais facilidade no local dos acontecimentos; do receptor: o ouvinte de rádio está livre de fios e tomadas e não precisa ficar em casa ao lado do aparelho, pois o rádio está em todo lugar.
4. Baixo Custo: Aparelho receptor de rádio é o mais barato e sua aquisição está ao alcance de uma parcela muito maior da população.

⁶³ Em 24/10/2011 - O Ministério das Comunicações atualizou as informações disponíveis sobre emissoras educativas, comerciais e comunitárias em todo o país. A nova lista se encontra na internet para consulta e mostra que, em todo o Brasil, existem 9.973 licenciados a [executar](#) os serviços de radiodifusão nas áreas educativa e comercial. Além disso, há 4.377 rádios comunitárias outorgadas. Op, Cit, 85.

⁶⁴ PRATA, Nair.(Org) Panorama do Rádio no Brasil. Flarianópolis: Insular, 2011.

⁶⁵ Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia – Alcar

⁶⁶ PRATA, Nair. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. Tese de Doutorado. Programa de Pós- Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2008.

5. Imediatismo: Os fatos podem ser transmitidos no instante em que acontecem. O aparato técnico para a transmissão é menos complexo.

6. Instantaneidade: A mensagem precisa ser recebida no momento em que é emitida. Se o ouvinte não estiver exposto ao meio naquele instante, a mensagem não o atingirá. Não é possível deixar para ouvir depois.

7. Sensorialidade: O rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um diálogo mental com o emissor. Ao mesmo tempo, desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um.

8. Autonomia: O rádio, livre de fios e tomadas, deixou de ser meio de recepção coletiva e tornou-se individualizado. As pessoas podem receber suas mensagens sozinhas, em qualquer lugar que estejam. Essa característica faz com que o emissor possa falar para toda a sua audiência como se estivesse falando com cada um em particular.

Ainda, segundo a autora, as transformações tecnológicas têm alterado profundamente a história do rádio. Além dos sucessivos avanços, como a invenção do transistor, a incorporação da pilha e a miniaturização, duas rupturas, do ponto de vista da linguagem, marcam a história da radiofonia, justamente por causa da tecnologia. A primeira ruptura foi com o advento da TV, a segunda acontece agora, com a digitalização que, certamente, apontará novos rumos para o rádio.

Mas o rádio, ainda tem uma série de vantagens, pois a ligação humana com o rádio se dá através do sentido da audição. Isto é, para escutar rádio, é necessário apenas o sentido biológico de ouvir, nada mais do que isso. Para a televisão, por exemplo, há como pressupostos os sentidos da visão e da audição, além da postura passiva e estática do espectador diante do aparelho de TV; já os veículos de comunicação impressos exigem não apenas a alfabetização do leitor, mas a compreensão de um texto escrito e a capacidade de seleção e identificação precisa de conteúdos. O rádio requer somente o ato de ouvir. Quem tem a capacidade de ouvir, pode ouvir rádio.

O advento da internet, porém, faz surgir uma nova forma de radiofonia, onde o usuário não apenas ouve as mensagens transmitidas, mas também as encontra em textos, vídeos, fotografias, desenhos, hipertextos. Além do áudio, há toda uma profusão de elementos textuais e imagéticos que resignificam o velho invento de Marconi (PRATA, 2008, p 27 e 28).

Nair Prata (2008), conclui que o som é o elemento definidor da radiofonia, tendo sentido por si próprio, sem a necessidade do apoio do texto ou da imagem para o ouvinte. Outra questão definidora é a sincronia, isto é, a transmissão radiofônica

acontece no tempo da vida real do ouvinte. Conforme apontado no seu trabalho, o rádio encontrou uma nova linguagem a partir do advento da TV e agora, com a internet, busca, outra vez, um novo caminho.

O rádio no Brasil já fez 90 anos, e continua a exercer no universo da recepção o mesmo encanto das primeiras décadas de transmissão, os avanços tecnológicos como podemos constatar, não eliminou o rádio, ao contrário suas possibilidades foram ampliadas, pois é muito fácil estruturar uma estação de rádio e aplica-la em projetos educativos, que além do seu baixo custo tecnológico, ainda incorpora e se ajusta às demandas contemporâneas, como a transmissão via internet, que oferece aos ouvintes programação on line de qualquer continente do planeta. Para Bossler (2004), a “pequena caixinha” de Bretch, dona das “última palavras da noite e as primeiras da manhã”, constitui para a educação, (e para o Museu) grifo nosso, um território ainda a ser explorado e encampado.

2.3 Rádio no museu, museu do rádio

O que aproxima o museu e o rádio? Como vimos nas nossas discussões acima, podemos inferir que ambos trabalham com a informação, o registro, a memória e a educação. Nas décadas de 1960 e 1970, foram criados diversos museus da imagem e do som, os MIS, em várias regiões do país. A maioria destes museus é vinculada ao governo Estadual, tendo alguns municipais. São instituições voltadas para a guarda da memória local com políticas de acervos bem diferenciadas entre si.

Calabre (2010) fez um levantamento sobre os acervos dos Museus da Imagem e do Som, através de sites dos mesmos na internet, e constata que o conceito de imagem e de som com o qual eles operam, está muito vinculado à existência de coleções de fotografias e de discos de música, respectivamente. Poucos possuem imagem em movimento. Alguns possuem projetos de depoimentos só orais e, mais recentemente, gravados em vídeo. Estes projetos de memória oral são ligados às mais diferentes temáticas. Mas e o acervo das rádios? Os programas? Os locutores? Como ter acesso a estes dados? Poucos destes museus possuem este tipo de acervo, pelo menos os Sites dos museus pesquisados não informam. Apenas o Museu da Imagem e do som do Rio

de Janeiro possui parte do acervo da Rádio Nacional, o acervo foi todo digitalizado e encontra-se disponível para consulta⁶⁷, o site informa que:

O acervo do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, hoje com aproximadamente 1.300 metros lineares de documentos, é constituído de 22 coleções particulares que reúnem documentos nos mais variados suportes. A maioria delas chegou ao MIS por meio de doação, e outras foram adquiridas no momento de sua fundação. Com exceção das coleções de dois grandes fotógrafos do início do século (Augusto Malta e Guilherme Santos) e de algumas personalidades vinculadas ao cinema, como é o caso do cinegrafista e diretor Jurandir Noronha, grande parte do acervo é proveniente de coleções particulares de pessoas e instituições relacionadas a atividades musicais — compositores, cantores, maestros, radialistas, críticos musicais e produtores de discos —, o que revela a preponderância do som sobre a imagem, processo compreensível no caso do Rio de Janeiro. Integra o acervo do MIS a coleção do radialista Almirante; dos músicos Abel Ferreira e Jacob do Bandolim; do pesquisador de música Sérgio Cabral; e de vários intérpretes da música brasileira, como as irmãs Linda e Dircinha Batista, Nara Leão, Elizeth Cardoso, Odete Amaral, Zezé Gonzaga e, recentemente, de Paulinho Tapajós. Além das já mencionadas, o MIS possui um acervo raro: a coleção da Rádio Nacional com documentos, dos quais se destacam partituras, scripts e discos dos principais programas executados na rádio. Além das coleções doadas ou adquiridas, o MIS produz, desde 1966, sua própria coleção: Depoimentos para Posteridade, constituída a partir da gravação, em áudio e vídeo, de depoimentos prestados por personalidades vinculadas aos diversos setores da cultura. São quase mil depoimentos que perfazem aproximadamente quatro mil horas de gravação, disponíveis para consulta nas duas sedes do Museu. A partir da década de 1980, o acervo passou a ser tratado por suporte, dando origem aos diversos setores técnicos que compõem a Diretoria Técnica Operacional do Museu. Assim, fotografias, cartazes, gravuras, etc. são tratados pelo Setor de Iconografia do MIS; os discos, pela Discoteca; os filmes e os vídeos estão sob a responsabilidade da Filmoteca/Videoteca, sendo que os filmes estão guardados fisicamente na Cinemateca do MAM; as fitas de áudio são tratadas pelo Setor Fitas de Áudio; os recortes de jornais, pela Hemeroteca; os documentos textuais, pelo Setor de Textuais. Além dos setores, o MIS possui uma pequena reserva técnica, onde estão guardados os objetos tridimensionais das diferentes coleções, tais como: saxofone de Abel Ferreira, piano de Ernesto Nazaré, indumentária de Elizeth Cardoso, de Jacob do Bandolim, entre outros. O acervo bibliográfico — cerca de nove mil títulos entre livros, catálogos, revistas e teses — aguarda tratamento. Apesar da organização setorial, a lógica interna dessas coleções foi preservada e pode ser recuperada na busca ao [banco](http://www.mis.rj.gov.br/museu_aten.asp) de dados, possibilitando ao pesquisador perceber a unicidade e a organicidade desses conjuntos documentais. http://www.mis.rj.gov.br/museu_aten.asp - Acesso em 19 de abril de 2013.

⁶⁷ http://www.mis.rj.gov.br/museu_aten.asp - Acesso em 19 de abril de 2013.

Tal acervo coloca o MIS - Rio de Janeiro em uma situação destacada na guarda da memória do rádio brasileiro. Mas segundo Calabre, (2010), apesar desta situação de destaque perante os demais museus desta tipologia no Brasil, o MIS – Rio de Janeiro, não manteve uma política sistemática de coleta de depoimentos sobre o Rádio. Tendo em vista que as principais rádios cariocas que atuavam nos anos 1940 e 1950, tiveram sua origem nas décadas de 1920 e 1930, existe uma ausência de registro de importantes personalidades (pioneiros do rádio) que faleceram ao longo dos últimos 20 anos. Os projetos sempre ficaram centrados na Rádio Nacional, sem serem estendidos a outras emissoras que também tiveram destaque na radiofonia carioca e nacional.

O rádio tem um papel de destaque na construção da história nacional, assim como os outros meios de comunicação de massa – tanto como fonte de informação e de registro, como de memória e a educação. Apesar desta inegável importância, muito pouco, para não dizer nada foi feito para a preservação de fontes que documentam tal história – sejam documentos das emissoras, gravações de programas, *scripts*, ou depoimentos dos que nelas trabalharam (CALABRE, 2010).

A nossa pesquisa corrobora com esta afirmação da autora, as fitas do Programa “Papo de criança” foram acessadas e recuperadas, por que estavam guardadas pelo diretor do Museu Casa Guignard, em um período de quatro anos de programa, foram recuperadas apenas 48 fitas.

3. O UNIVERSO DA PESQUISA

3.1 Ouro Preto: cidade amor inspiração

Ouro Preto é uma cidade museu. Diga-se, no entanto que não se trata de uma cidade qualquer e, menos ainda, de um qualquer museu. Trata-se de um museu vivo, pulsante, dinâmico e criativo; trata-se de uma cidade com densidade histórica, artística, e cultural. É uma cidade que cotidianamente afirma e confirma a sua própria vida e a sua conexão com a memória e a criação. Vincular-se a vida, à memória e a criação é o desafio de toda e qualquer cidade, de todo e qualquer museu (Gilberto Gil, 2006)⁶⁸.

Patrimônio Nacional desde 1933 e hoje reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade, Ouro Preto está intimamente ligada à história da museologia e do patrimônio no Brasil. Foi em Ouro Preto que aconteceu o 1º Congresso Nacional de Museus em 1956. Criada em 1711, com o nome de Vila Rica de Albuquerque, Vila Rica virou Imperial Cidade de Ouro Preto em 1823 e permaneceu como capital da Província de Minas até 1897, ano da inauguração de Belo Horizonte. Chegou ao século XX quase intacta, conservando as relíquias e as ruínas de um passado colonial, Ítalo Calvino em seu livro *As Cidades Invisíveis* (2000), afirmava que as cidades não contam seu passado, elas o contém, como linhas da mão, assim é Ouro Preto, a Igreja de São Francisco, a Matriz do Pilar, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, o largo e a Igreja do Rosário, sobrados que contam histórias e constroem elos entre passado e presente na direção de um futuro. Ouro Preto é uma cidade-museu e também uma cidade de museus⁶⁹. E é nesta cidade que nasce em 1987 o Museu Casa Guignard

⁶⁸ Discurso proferido pelo Ministro da cultura, Gilberto Passos Gil Moreira na Solenidade de Abertura do II Fórum Nacional de Museus em Ouro Preto /MG – 2006.

⁶⁹ Ouro Preto possui 12 museus, Museu Casa Guignard, Museu da Inconfidência, Museu do Oratório, Museu das Reduções, Museu de Ciência e Técnica (UFOP), Museu Aberto Cidade Viva, Museu Casa dos Contos, Museu de Arte Sacra, Museu de Pharmácia, Museu do Aleijadinho, Museu do Chá – Parque do Itacolomi e o Ecomuseu da Serra. Ver em: <http://www.museusouropreto.ufop.br> – Acesso em fevereiro de 2013.



*O Governador do Estado de Minas Gerais,
Dr. Hêlio Garcia, o Secretário de Estado da Cultura,
Prof. Jota D'angelo e a Superintendente de Museus, Priscila Freire
convidam para as solenidades de inauguração do Museu Casa
Alphonsus de Guimaraens e Museu Casa Guignard.*

Museu Casa Alphonsus de Guimaraens

Dia: 07 de março de 1987

Horário: 11:00 horas

Rua Direita, 37

Mariana

Museu Casa Guignard

Dia: 07 de março de 1987

Horário: 16:00 horas

Rua Direita, 110

Curo Preto

Figura III – Convite para Inauguração do Museu MCG – (SANTOS, G. L. 2008, p. 62.)

3.2 Guignard: carioca de Ouro Preto

“... Minha profissão como artista requereu muito exercício, boa vontade e principalmente uma grande tenacidade. Sem isto nada se faz”.

Guignard

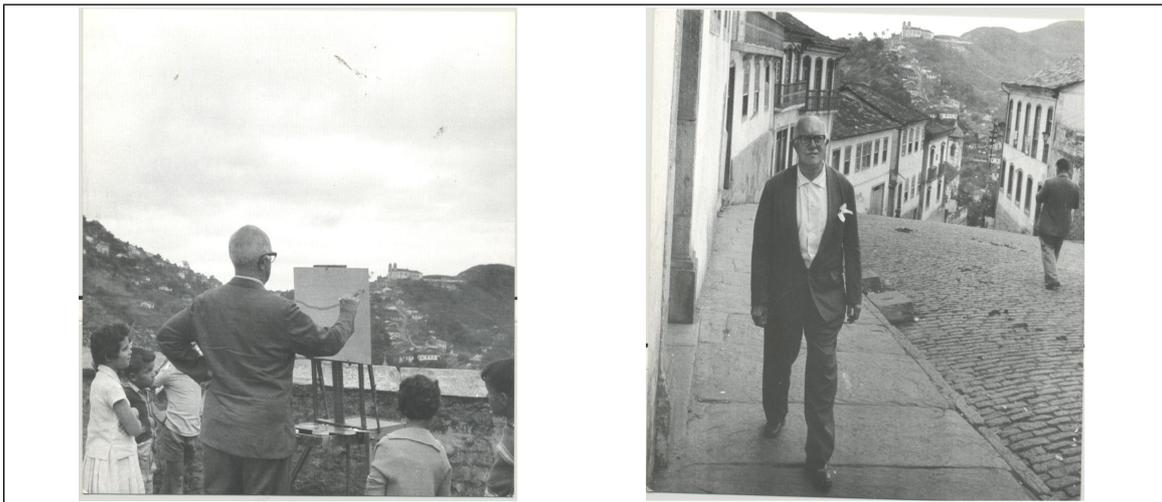


Foto 1 - Imagens de Guignard em Ouro Preto – (Acervo SUMAV)

“Ouro Preto é a sua cidade, amor, inspiração” (FREIRE, 2000). É o próprio pintor que faz, por escrito, nesta frase, sua declaração de amor à histórica cidade mineira, antiga capital do Estado, berço de Aleijadinho e inspiração de tantos outros artistas. Alberto da Veiga Guignard nasceu em Nova Friburgo-RJ, e faleceu em 26 de junho de 1962, em Belo Horizonte, sendo sepultado no Cemitério da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto.

A ligação de Guignard com Minas Gerais começou em 1944, quando foi convidado pelo então prefeito Juscelino Kubitschek, que estava pretendendo criar um polo cultural em Belo Horizonte, Guignard gostou tanto do que viu em Minas que, meses depois da primeira visita mudou-se de vez para a cidade. Fundou a Escola Municipal de Belas-Artes e permaneceu ligado à escola até a sua morte, em sua homenagem a escola passou a se chamar Escola Guignard. Ligou-se às cidades mineiras de tradição barroca colonial, como São João Del Rei, Sabará e particularmente Ouro Preto, onde passou a residir em 1960. A ida para Minas Gerais e o contato com a arte colonial foram decisivos para a obra de Guignard. Seu estilo absorveu, sem exageros, as

sinuosidades do barroco. Tornou-se um apaixonado pela paisagem e pela gente de Minas. Mudou, assim, as perspectivas da criação artística em Minas Gerais. É considerado um dos maiores pintores e desenhistas brasileiros do século XX. Guignard viveu em Minas de 1944 até sua morte, em 1962. Carioca por nascimento, mas mineiro por opção, registrou, na maioria dos seus quadros, as belezas naturais de Minas Gerais, e em especial de Ouro Preto. Sua relação com a cidade de Ouro Preto começou com uma visita que ele descreve... “Quando desci do trem vi uma cidade fria, coberta de neblina, ao subir a rampa da estação, o sol apareceu, dissolvendo a névoa, vi então torres de igrejas saindo de dentro das nuvens [...] uma impressão que nunca mais me foi esquecida”(FREIRE, 2000)⁷⁰ Guignard passou a ser o pintor poeta de Ouro Preto. E foi ele próprio incorporado à paisagem da cidade por Cecília Meireles no poema:

O que é que Ouro Preto tem?
Cecília Meireles, 1949

Tem montanhas e luar
tem burrinhos, pombos brancos,
nuvens vermelhas pelo ar.
Tem procissões nas ladeiras
com dois sinos a tocar
opas de todas as cores
anjinhos a caminhar.
Tem Rosário, São Francisco,
Santa Efigênia, Pilar (...)

E ali na Rua das Flores,
na varandinha do bar,
tem a figura risonha
do grande pintor Guignard
que Deus botou neste mundo
para Ouro Preto pintar.

⁷⁰ FREIRE, Priscila. História de Guignard, 2000.

3.3 Museu Casa Guignard



Foto 2 - Museu Casa Guignard – Foto SUMAV. Figura IV – Acervo SUMAV – Documentos da pasta de criação do MCG

O museu como patrimônio público a serviço do bem público deve se adequar para promover interações no contexto social em que se insere. O Museu Casa Guignard (MCG) se estabeleceu na cidade de Ouro Preto desenvolvendo ações educativas que buscam a valorização da cultura e do patrimônio.

O Museu Casa Guignard⁷¹ (MCG) foi idealizado com o intuito de preservar e divulgar a obra de Alberto da Veiga Guignard. A história do museu inicia-se em 1960, quando um grupo de amigos criou uma fundação destinada a amparar a escola fundada pelo artista e assegurar a este apoio moral e material para continuidade de sua produção. Mas só veio a ser efetivamente implantado em 1987, e hoje o museu conta com um acervo pequeno, mas que permite ao público a acessibilidade da obra do artista que se encontra, em sua maior parte, dispersa em coleções particulares. O museu está instalado em um sobrado, uma construção típica da Vila Rica do século XVIII, que a exemplo da maioria dos sobrados, caracteriza-se pela implantação em lote estreito e de grande profundidade, alinhada à rua, com paredes laterais sobre os limites do lote, formando, com as residências vizinhas, um conjunto uniforme de fachadas contínuas, espécie de

⁷¹ O museu é vinculado a Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais, unidade da Secretaria de Estado de Cultura. Se localiza na Rua Direita, nº110, Ouro Preto, MG. Telefone:(31)35515155.Horário de abertura: de terça à sexta-feira e feriados, das 12 às 18h, sábados e domingos, das 09h às 12h e das 13h às 18h. Para mais informações acesse: <http://www.cultura.mg.gov.br/museus>

fundo na paisagem urbana. Exposições temporárias, projetos de pesquisa do acervo e um programa de ação educativa dinamizam o seu espaço (SUM-SEC-MG, 2007).

3.4 A ação educativa do Museu Casa Guignard

Para falar sobre a ação educativa do Museu Casa Guignard, recorreremos a entrevista (APÊNDICE 3), que o Diretor do Museu Gelcio Fortes⁷², nos concedeu em 2008, para a pesquisa do Mestrado. O objetivo da entrevista foi para saber qual era a concepção de museu deste diretor e como o mesmo definiria a ação educativa que desenvolvia na instituição.

Extrato 1 – Entrando no Museu

1. Pesq: Eu começo com a questão de quais são os objetivos específicos para o Museu Casa Guignard e se você acha que eles são atingidos e qual a perspectiva primeira desses objetivos.

4. Diretor: /.../ Eu morava em São Bartolomeu, que é um distrito próximo de Ouro Preto, lá eu criei uma oficina de artes e ofícios com a comunidade e o Museu Guignard, a pessoa que estava coordenando o Museu na época me convidou para mostrar este trabalho no Museu Guignard /.../ A exposição foi muito bem, terminada a exposição, a diretora me convidou para propor, fazer uma proposta de uma ação educativa para o Museu Guignard /.../ E três dias depois de eu iniciar esse projeto, ela, chegou para mim e disse: /.../ você foi escolhido para ser o coordenador daqui /.../enfim, aceitei o desafio de ficar.

Ele relata nesta entrevista, que a princípio pensou e começou a desenvolver as ações educativas do Museu inspirado no próprio Guignard:

Extrato 2 – Ponto de partida

4. /.../ Guignard foi sempre um grande professor, ele foi professor o tempo todo né? No Rio em Belo Horizonte, mesmo em Ouro Preto, morando em Ouro Preto ele tentou criar um novo espaço, onde ele pudesse orientar algumas pessoas /.../ então partir mesmo desse trabalho construído pelo Guignard, que ele pouco escreveu, pouco falou, mas a gente tinha uma documentação suficiente para pensar alguma coisa em torno disso/.../

⁷² Gelcio Fortes – Artista Plástico e Diretor do Museu Casa Guignard de 1992 até a presente data.

Ter um ponto de partida é fundamental para se pensar uma ação. Mas como ele nos relatou, não foi fácil inserir o Museu Casa Guignard no contexto da cidade de Ouro Preto, que não se trata de uma comunidade qualquer, mas de um lugar cheio de especificidades, com um patrimônio cultural reconhecido mundialmente, de importantes museus, como o Museu da Inconfidência e o MCG, naquele momento tinha pouca expressão neste contexto, precisava se justificar para estar neste lugar.

Extrato 3 – A ação educativa: primeiras ideias

4. /.../ E a minha primeira preocupação, antes de mais nada como ouropretano, como uma pessoa que morava na cidade, era realmente abrir as portas do Museu e dizer para a Cidade a que veio aquela casa, a importância que o Guignard tem, a importância para a Cidade de ter ali um memorial, uma referência de um artista do porte de Guignard. E foi um período muito difícil, por que as pessoas viam tudo e todos que trabalhavam ali naquela casa como algo assim, inútil, que eram pessoas que não faziam nada, mesmo por que, a gente também não tinha recurso nenhum, não tinha dotação orçamentária nenhuma, a gente tinha um mínimo contato com a Superintendência de Museus, o contato era apenas para saber se a casa estava abrindo, fechando, era a única coisa que interessava, e enfim eu pude ficar assim muito suto /.../

Extrato 4 – Ponto de partida

4. /.../ Então a primeira coisa que eu fiz foi pensar exatamente uma ação educativa, numa ação comunitária, algo que criasse um diálogo entre a cidade e o museu Guignard. A primeira ideia que me veio, já que não tinha recurso, e o acervo era muito pequeno também, foi dividir o museu em duas partes, eu coloquei o acervo todo na parte de cima, e na parte de baixo nós começamos a fazer uma série de exposições de artistas de Ouro Preto. /.../ consegui um convênio com a Prefeitura Municipal de Ouro Preto, no sentido de catálogo /.../ e essas exposições começaram a trazer público para dentro do museu, as pessoas começaram a perceber que o museu tinha uma função dentro da cidade.

Foi uma ação pontual e que abriu espaço para outras.

4. /.../ Terminada essa fase, que eu achei que as pessoas já estavam vendo o Museu com olhos mais generosos, eu achei que já abria possibilidades de buscar parcerias /.../ começar um trabalho mais direcionado, mais dentro dos propósitos mesmo da casa que era uma casa que seria assim, um centro de referência documental sobre a vida e a obra de Guignard /.../

O diretor afirmou, em vários momentos da entrevista, que o trabalho que desenvolve é voltado para a comunidade, é um trabalho popular. Esta posição é refletida nos projetos realizados. Sua fala tinha uma preocupação constante em afirmar que as ações que desenvolvia tinha que tornar o Museu mais próximo da comunidade. Era este o seu objetivo maior. E foi esta necessidade que o levou a buscar uma parceria, a Secretaria Municipal de Educação de Ouro Preto.

Extrato 5 – Escola e Museu

4. /.../ então eu parti para uma ação educativa no âmbito escolar, eu encontrei na prefeitura de Ouro Preto junto à Secretaria Municipal de Educação, uma excelente parceira, começamos a fazer um trabalho bastante intenso com as escolas /.../ era uma troca assim, as escolas conheciam o museu e agente ia às escolas /.../

É consenso, que o maior público dos museus é o público escolar. A parceria com a Secretaria Municipal de Educação criou um compromisso maior entre as partes, o museu deu um passo importante, não ficou no seu lugar, foi ao encontro das escolas, não ficou esperando que elas viessem até o Museu, havia uma troca, uma disponibilidade real de trabalho conjunto. E foi através deste trabalho e desta parceria que veio o “Programa Papo de criança”, nosso objeto de estudo.

Extrato 6 – Comunicação, mídia, Programa Papo de Criança

13. *Pesq:* Como é a comunicação com a mídia? A comunicação do museu eu diria mesmo com a mídia, com o público.

14. *Diretor:* Olha, esse trabalho de ação educativa abriu muitas portas sabe, nós chegamos inclusive a ter um programa de rádio e TV em Ouro Preto, que se chamava Papo de Criança, ele foi feito na rádio e durou 4 anos, era todo sábado, durava 15 minutos. Nós tínhamos no museu uma oficina de comunicação, onde nós trabalhávamos com crianças na faixa etária de 9 a 12

anos, a seleção das crianças, foi através de um teste, nós colocamos no jornal para o público escolar e tivemos na seleção, umas 20 crianças selecionadas, e era muito interessante, que assim, na quarta –feira a tarde escolhíamos o tema do programa, nós aprendemos juntos por que eu também não sou da área. A prefeitura nos patrocinou, a Secretaria Municipal de Educação, pagou esse horário de rádio e me proporcionou contratar uma pessoa para trabalhar comigo, pois era um trabalho exaustivo, e a gente trazia convidados, psicólogos, pedagogos e tal. Era neste mesmo sistema de não ter uma equipe própria, mas de estar sempre convidando psicólogos, pedagogos e tal. Então as crianças faziam o roteiro do programa, elas escolhiam tudo, desde o assunto e não necessariamente o museu era o assunto, nós não impúnhamos de forma alguma que o assunto fosse museu, elas escolhiam o tema que elas queriam. Nessas oficinas, nós desenvolvíamos o roteiro do programa na quarta-feira, na sexta íamos para o estúdio e gravava, no sábado ele ia ao ar, de 9:15 a 9:30 da manhã. Era um sucesso, claro que falávamos de museu também. Era muito engraçado, de vez em quando a gente propunha um tema que eles não tinham coragem de abordar, de vez em quando a gente jogava um tema e emplacava, pegava e tal, depois este mesmo programa foi para a TV, este programa foram 4 programas que quase nos matou, por que ninguém sabia fazer televisão então eram 12 crianças mais duas que era eu e a minha ajudante, por que estávamos todos no mesmo nível, ninguém sabia fazer nada, nos tínhamos que bolar tudo. Mas fizemos, o programa de rádio era muito ouvido e o da TV ficou muito caro, ficou difícil para a prefeitura manter, por que televisão é cara, exige por exemplo: você na TV não tem a improvisação do rádio, você tem que chegar com o roteiro pronto com o tempo todo contado, ensaiado... a TV quase nos matou, nossa senhora! Foi muito difícil, montar cenário, enfrentar estúdio, câmara, mas foi um grande exercício de comunicação sabe? Por que acontecesse o que acontecesse a gente tinha um compromisso.

15. Pesq: Foi em que ano?

16. Diretor: Isso foi de 93, 94 até 97 me parece, eu sou ruim de data, mas foram 4 anos, foram 3 de rádio, 3 anos e meio de rádio e mais 1 mês de TV. E tínhamos assim no programa um jornal com notícias que interessava ao público infantil, os próprios meninos faziam, tínhamos também concursos, sempre tinha o entrevistado do dia, na TV o programa era mais longo o que cansou mais ainda,

e foi um exercício que eu fiz junto com as crianças, foi assim, um ensaio pra isso que eu to chamando de comunicação /.../

Para o diretor do MCG, o Programa Papo de Criança foi a ação educativa que trabalhou a relação do Museu com a mídia local. Considerou que este programa abriu portas, foi um sucesso, tanto que teve também uma versão para a TV local⁷³.

Temos por hipótese que esta ação foi realmente uma ação diferenciada, tanto que é ela o nosso objeto de estudo nesta pesquisa. O programa Papo de Criança criou um envolvimento direto com escolas, com as crianças, com a comunidade através do rádio, sendo este um meio de comunicação popular, que chega às casas das pessoas com muita facilidade, são fatores que nos permite inferir que pode mesmo ter sido uma ação de sucesso.

Extrato 7 – novas ações

4. /.../ E esses foram meus primeiros anos, foi esse período difícil de casar esses objetivos de um centro cultural Casa Guignard, referenciar o mesmo com essa função que eu acho que o museu tem que ter no âmbito da comunidade, senão também ele perde o sentido, ficar uma coisa ali que não tem vínculo com Ouro Preto, ainda mais o Guignard, que era um apaixonado por Ouro Preto, desenhou e pintou Ouro Preto, assim durante todo esse período que ele teve aqui em Minas. Então depois de uns 2, 3, 4 anos, as coisas começaram a casar finalmente, então eu já pude ter mais tranquilidade para pensar algo que pudesse reunir essas coisas. Um projeto que eu acho sela esse momento foi os passos de Guignard em Ouro Preto, por que eu perceber que, com um gravador apenas eu podia documentar toda a passagem de Guignard por Ouro Preto/.../ assim o Projeto os Passos de Guignard, ele sela assim, abre ainda mais o caminho de diálogo entre o museu e a comunidade. E ai eu vou encontrar muitos amigos do Guignard, eu senti que a memória do Guignard em Ouro Preto ainda estava muito fresca muita viva, as pessoas se lembravam de casos, enfim esse foi um caminho que foi se abrindo/.../ Hoje nós temos já temos o mapa impresso, o roteiro, então enfim o projeto foi mais ou menos esse /.../.

18. /.../ mas o nosso grande comunicador mesmo é o Guignard.

⁷³ Nós não tivemos acesso aos programas feitos na TV, pois o Diretor não possuía mais as cópias das fitas gravadas. Uma regularidade observada no depoimento do diretor é a valorização do trabalho junto com a comunidade, principalmente a escolar. Ele não desvincula o museu da comunidade em nenhum momento, e ressalta que a ação educativa que promoveu foi uma ação comunitária.

Em 2006, o museu lançou um CD com o projeto “Passos de Guignard em Ouro Preto” (ANEXO 1). Para o diretor, este foi um projeto que alargou ainda mais o diálogo entre o Museu e a comunidade de Ouro Preto.

A relação que o museu estabeleceu com a cidade foi em decorrência das ações educativas desenvolvidas e das parcerias firmadas. A ação educativa foi seu ponto de referência para falar o que é o Museu. Considera o museu um instrumento cultural dinâmico e a serviço da comunidade. Para ele, o museu é as ações que desenvolve, o educativo é a sua função primeira.

Define a ação educativa como um conjunto de procedimentos educativos que utilizam o museu (seja o acervo ou o seu espaço) como mediador da realidade social, de modo amplo, pois acredita que o museu imbuído desta função, chega até o público, seja para favorecer o acesso aos bens patrimoniais, seja para se ter uma compreensão da realidade na qual está inserida.

Das ações desenvolvidas pelo museu, o Programa Papo de Criança foi diferenciada, o próprio diretor reconhece que foi um trabalho que abriu muitas portas, pois permitiu encontros e discussões para além do museu, tanto que despertou o nosso interesse em compreender o que foi esta ação, como era este programa. E esta é uma ação atual, pois aproximar do grande público é um desafio que os museus enfrentam. E é sobre este programa, esta ação educativa que vamos discutir nos próximos capítulos.

4. A PESQUISA

Como apresentei no início deste trabalho, o presente estudo é o resultado das inquietações surgidas durante a pesquisa do mestrado. O documento que despertou o nosso interesse foi um relatório do Museu Casa Guignard, de 1994, que falava sobre um projeto educativo intitulado: “Programa: Papo de Criança”, trazia poucas informações, mas suficientes para nos instigar a querer saber mais sobre ele. Ao realizar a entrevista com o Diretor do MCG para a pesquisa do mestrado, ele fala deste programa como uma ação de comunicação com a mídia, e de ter sido uma ação educativa que abriu portas para o MCG ter um reconhecimento maior pela comunidade de Ouro Preto (APÊNDICE 3). Terminada a entrevista, em conversa informal, perguntei à ele se havia registros deste programa, ele disse que tinha algumas fitas K7 no acervo do Museu, mas não sabia exatamente quantas, pois muita coisa havia se perdido com o tempo e que poderia ver o que tinha e disponibilizar para consulta. Como não era nossa intenção naquele momento analisar as ações educativas encontradas, a ideia seguiu como tema de pesquisa no doutorado.

O Programa Papo de Criança foi ao ar em 1994, 1995 e 1996. A década de 90, na área museológica foi marcada pela Declaração de Caracas⁷⁴. Esta declaração traz como função museológica fundamental o processo de comunicação que orienta as atividades específicas do museu, mais do que fontes de informação ou instrumentos de educação, os museus são “espaços e meios de comunicação que servem ao estabelecimento da interação da comunidade com o processo e com os produtos culturais” (HORTA, 1995, p.39). Há um deslocamento da função essencial do museu de preservação para a de comunicação. Assim, a centralidade nas coleções, razão primeira de ser do museu foi dando lugar à promoção de ações dirigidas a todos os públicos, sem distinção. É a partir dessa abertura que há uma maior valorização da função educativa nos museus, ações que visam potencializar a comunicação com o público.

⁷⁴ A Declaração de Caracas (realizada em 1992), traz a discussão da comunicação nos museus e recupera os debates da Mesa Redonda de Santiago no Chile em 1972. Nesta Declaração o conceito de Museu Integral é redefinido para o conceito de Museu integrado na comunidade. Foi um momento em que os museus “procuram se situar”, descobrir o seu espaço no território social em que estão inseridos, e enfrentam as dificuldades deste processo” (HORTA,1995).

De acordo com o documento (ANEXO 1), disponibilizado pelo MCG, o Programa Papo de Criança foi:

Um projeto educativo voltado para o público infanto-juvenil de Ouro Preto com início em outubro de 1994 e apresentado todas as semanas na Rádio Cultura de Ouro Preto. O Programa alcançou expressivo sucesso na Cidade e distritos, bem como nas Cidades vizinhas de Mariana e Itabirito, considerando que nunca houve na Rádio local um programa específico para este público. O Programa promoveu o aprendizado através de uma linguagem não formal sobre temas sinalizados pelas próprias crianças e professores, proporcionou e incentivou através dos temas apresentados uma interação entre as escolas e a comunidade de uma maneira geral. Foi pensado também como uma alternativa de extensão e de abrangência dos projetos da Secretaria Municipal de Educação para visitas orientadas de Escolas a museus e sítios históricos, assim como oficinas de artes, destacando a Educação Patrimonial através do conhecimento da História de Ouro Preto e da importância do Patrimônio Histórico e Natural com uma efetiva participação da comunidade.

O programa teve uma programação diversificada ligada a formação da criança e do adolescente a partir da solicitação dos mesmos. Temas como saúde, higiene, educação sexual, meio ambiente e outros foram abordados através de entrevistas, dramatizações e outros recursos adequados a linguagem do rádio. O programa teve também um Jornalzinho onde se destacava as atividades escolares e a programação cultural da Cidade de Ouro Preto. O Projeto contava com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Ouro Preto, através da seleção das crianças era organizada pelas próprias escolas, sendo também aberto a participação da Rede Estadual.

O programa tinha a direção e orientação de pauta de professores desta Secretaria, mantendo uma oficina de comunicação para os participantes com o objetivo de manter uma produção de textos elaborados pelas crianças, estudo e pesquisa dos temas tratados nos programas. A carga horária das crianças era de 5 (cinco) horas semanais. A oficina de comunicação com 15 vagas funcionava no Museu Casa Guignard, das 14 horas as 16 horas, todas as terças feiras. O programa era gravado as quartas feiras das 14 horas as 18 horas no estúdio Afinasom. O trabalho das crianças era uma atividade de extensão escolar, tendo sido selecionadas pelo bom desempenho nos estudos, desinibição, criatividade e outros itens que proporcionam um melhor desempenho nesta atividade (Acervo-SUMAV-SECMGMuseu Casa Guignard – 1994).

No nosso entender, esta ação educativa foi inovadora, pelo uso do rádio. Nas pesquisas que tivemos acesso sobre ação educativa museal, não encontramos em nenhum dos museus brasileiros uma ação que fizesse uso de um meio de comunicação de massa para trabalhar suas atividades educativas. As ações, em sua grande maioria são sempre pontuais e focadas nas exposições realizadas⁷⁵.

⁷⁵ A publicação, *Museus em Números* do IBRAM, traz um panorama estatístico nacional e internacional do setor de museus e textos analíticos sobre a situação dos museus nas unidades federativas. Os dados são referentes a 1,5 mil instituições museológicas brasileiras que responderam ao questionário do Cadastro Nacional de Museus (CNM) – cadastradas entre as mais de três mil instituições mapeadas em todo o país

Outros fatores que também despertaram nossa atenção foi a época (década de 90) e o tempo em que o programa permaneceu no ar, foram três anos, uma vez por semana, era apresentado por crianças e para crianças, um público pouco privilegiado nos museus e na própria programação radiofônica, as parcerias que foram firmadas, principalmente com as escolas, o que demonstra o potencial que esta ação teve.

Nas pesquisas que tivemos acesso sobre ação educativa museal, não encontramos em nenhum dos museus brasileiros uma ação que fizesse uso de um meio de comunicação de massa para trabalhar suas atividades educativas. Todos estes fatores despertaram o nosso olhar para a análise desta ação. Para tanto, procuramos caracteriza-lo quanto a sua organização, conteúdos e atores, identificando os diferentes discursos que estavam presentes nesta construção, com o objetivo de saber se é possível estabelecer um contrato comunicativo com base na educação patrimonial durante um programa de rádio produzido por um museu de arte. E para compreendermos o que foi a ação educativa, Programa Papo de Criança buscamos:

- Caracterizar o Programa Papo de Criança, quanto a sua organização, conteúdos, temática e atores participantes;
- Identificar as diferentes vozes presentes;
- Identificar no discurso marcadores de comunicação que explicitem o contrato de comunicação.

4.1 Metodologia

Charaudeau (2009) afirma que toda descrição de um objeto social pressupõe a existência de uma metodologia de análise e de uma teoria.

à época do levantamento de dados para a pesquisa (setembro 2010). Os dados referentes as ações educativas desenvolvidas pelos museus, não demonstra haver nenhuma ação parecida com o Papo de criança. Acesso em <http://www.museus.gov.br/publicacoes-e-documentos/museus-em-numeros/>.

4.1.1 Perspectivas para análise: Análise de Discurso

A Análise do Discurso⁷⁶ busca o estudo da língua como um acontecimento que tem como finalidade a produção de sentidos. Diante disso, Eni P. Orlandi (2007) apresenta:

A) A língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem); B) a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos); C) o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o

⁷⁶ Expressão usada pelo linguista norte-americano Zellig Harris, em 1952, para designar certos procedimentos da linguística textual, foi apropriada por Michel Pêcheux, na França, quando publicou, em 1969, seu livro *Análise Automática do Discurso*, que articula linguística, psicanálise e materialismo histórico. O discurso não é o texto, pois, se este, como uso concreto da linguagem, tem uma existência material singular, o discurso é uma forma de ação interativa necessariamente contextualizada, institucionalizada, pluralizada, que inclui espaços e funções sociais em sua constituição: discurso pedagógico, discurso científico, discurso religioso, etc. A Análise do Discurso denuncia ilusões do sujeito falante, ao inserir cada texto num conjunto social que permite confrontar efeitos de sentido heterogêneos. Cabe destacar, no ambiente cultural do fim dos anos 60, a linguística funcional (Harris), a etnografia da comunicação (Gumperz e Hymes), as teorias da enunciação (Bakhtin, Kristeva), e o pensamento sobre formações discursivas (Foucault) como contribuições para que se relacionem textos e contextos sociais, num sentido mais amplo que o da Pragmática. Trata-se de ligar o inconsciente individual ao inconsciente ideológico. Esse viés mais amplo da Análise do Discurso atrai psicólogos, sociólogos, linguistas, antropólogos, filósofos, tornando-a inevitavelmente diversificada. Na primeira fase da AD, mais homogênea, tomam-se como um dos objetos de estudo os sujeitos assujeitados como aqueles que detêm a ilusão ideológica de serem a origem de seu texto, oral ou escrito. As possíveis interferências dos discursos no funcionamento social passam a ser consideradas apenas no final dos anos 70, com Courtine e Marandin (1981). Nos anos 80, não só se acentua a diversificação das tendências linguísticas, como também a AD passa a incluir a análise de manuscritos, de conversas informais, de entrevistas, sempre levando em conta, especialmente na França, as formas contraditórias de poder que se estabelecem entre sexos, raças, estratos sociais. Não é uma preocupação ou um objetivo da AD desvelar o texto, vendo-o como um lugar em que se esconde a ideologia, mas como um espaço comprometido socialmente, que exhibe, de forma intencional ou não, as contradições ou incoerências de efeitos discursivos em enunciações dialógicas. Outro procedimento que merece ser destacado nas AD francesas é a recusa da análise de enunciados fora de suas condições de produção, o que as afasta da linguística stricto sensu, pois exige a consideração de que não há discursos neutros, todos interferindo na vida social, enquanto a compõem e representam. Os pesquisadores francófonos da AD melhor conhecidos hoje no Brasil são Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau. Sobre a heterogeneidade constitutiva dos discursos, destaca-se a obra de Jacqueline Authier-Revuz (1982), com a qual a pesquisadora brasileira Eni Orlandi estabeleceu diálogos acadêmicos instigantes nos anos 90. Por outro lado, em 1992, o linguista britânico Norman Fairclough lançou a obra *Discourse and social change* (1992), que propõe a fundação de uma Análise Crítica do Discurso (ACD). O pesquisador elabora uma leitura crítica de abordagens anteriores do discurso nas línguas inglesa e francesa, no intuito de evidenciar incompletudes e alheamento delas quanto às possibilidades de interferências discursivas sobre mudanças sociais. Mesmo levando em conta a primeira fase da Análise do Discurso, em que predominou a ortodoxia marxista, essa “fundação” de Fairclough mal se justifica, pois a revisão realizada por Pêcheux e outros analistas francófonos a partir dos anos 80 já inclui uma perspectiva dialética para tratar as relações entre discurso e sociedade. Pode-se, por isso, afirmar que essas “análises do discurso”, embora às vezes divergentes, mantêm alguns pontos em comum, especialmente ao levarem em conta a inserção dos textos singulares em domínios mais vastos das interações discursivas ligadas a instâncias de poder político, social e simbólico (PAULINO, Graça. *Análise de Discurso. Dicionário: Trabalho, profissão e Condição Docente*. Orgs: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Cancela; VIEIRA, Lívia Fraga. Belo Horizonte, FaE, 2010.)

afetam. Isso redundam em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (p. 19-20).

O objeto da análise discursiva, o discurso é o objeto de estudo teórico e analítico da Análise de Discurso, é compreendido etimologicamente como curso, percurso, movimento. O discurso é “assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2007, p. 15).

A concepção de discurso para a perspectiva discursiva é, portanto, mais abrangente que a ideia contida nos esquemas tradicionais de comunicação, em que, de maneira linear, uma mensagem era trocada entre emissor e receptor, sendo a seguir decodificada. A Análise do Discurso parte da premissa que a língua não é só um código a ser decifrado, não encontrando-se separados emissor e receptor, e tampouco sendo o diálogo a sequência linear descrita, em que primeiro o emissor pronuncia-se para que o receptor possa então decodificar. Para o discurso não há a decodificação de uma mensagem, mas a significação que é construída em uma determinada circunstância de fala em que os interlocutores encontram-se atrelados. Emissor e receptor não estão separados de forma estanque e são coautores no processo de significação (BOSSLER, 2009).

Essa forma de ver o discurso está de acordo com o pensamento de vários autores que contribuíram para os fundamentos da Análise do Discurso, dentre eles Foucault e Bakhtin. Para Foucault (1995), um discurso é essencialmente uma prática, ou seja, não existe “fora do sistema de relações materiais que o estruturam e o constituem.” O discurso definido como uma prática diz respeito a um conjunto de situações internas e externas ao ato discursivo, sempre relacionadas às posições de sujeito – os lugares que o sujeito vem ocupar no discurso.

Bakhtin (2004) tem o discurso como dialógico e polifônico. Dialógico porque é concebido num espaço de interações entre interlocutores e polifônico porque, apesar de materializar-se enquanto fala pertencente a um sujeito específico, são perpassado por diferentes vozes, discursos que o precederam. Ao declarar, portanto, ser o discurso dialógico e polifônico, Bakhtin vai de encontro ao conceito de autor como princípio de agrupamento do discurso, de Foucault (2005) e da noção de interdiscurso de Pêcheux (1993). Pêcheux, foi um dos fundadores do estudo sobre o discurso, trabalhou o discurso a partir das dimensões linguística, social e história, de maneira que a linguagem fosse estudada não apenas enquanto manifestação linguística, mas como forma material da ideologia, entendida como a posição assumida pelo sujeito quando se

filia a um discurso. A linguagem constitui a materialidade do sistema de ideias a partir do qual o sujeito reconhece a si mesmo e aos outros interlocutores, gerando pistas do sentido que o sujeito pretende atribuir a sua fala (BOSSLER, 2009).

A Análise do Discurso procura interrogar os sentidos estabelecidos nas muitas formas de comunicabilidade, sejam elas verbais ou não verbais, sendo necessário que a materialidade produza sentidos para interpretação, podendo aparecer intercaladas em séries textuais orais ou escritas. Ela nos permite afirmar que não temos como não interpretar, no entanto, não podemos simplesmente interpretar sem controle algum (ORLANDI, 2007).

A concepção de discurso para a perspectiva discursiva é, portanto, mais abrangente que a ideia contida nos esquemas tradicionais de comunicação, em que, de maneira linear, uma mensagem era trocada entre emissor e receptor, sendo a seguir decodificada. A análise do discurso parte da premissa que a língua não é só um código a ser decifrado, não se encontrando separados emissor e receptor, e tampouco sendo o diálogo a sequência linear descrita, em que primeiro o emissor pronuncia-se para que o receptor possa então decodificar. Para o discurso não há a decodificação de uma mensagem, mas a significação que é construída em uma determinada circunstância de fala em que os interlocutores encontram-se atrelados. Emissor e receptor não estão separados de forma estanque e são coautores no processo de significação. Por estar a se completar a cada pronunciamento, é que o sentido não pode aparecer colado á palavra, de maneira precisa e fechada, sendo sim um elemento simbólico. O enunciado não é capaz de revelar todo o sentido pretendido, cabendo ao analista discursivo buscar os efeitos dos sentidos interrogando-se sobre eles. Para isso, o analista distancia-se do enunciado material e aproxima-se do enunciável através do exercício de interpretação. Em resumo, a análise do discurso interessa-se pelos sentidos que não são traduzidos na díade reducionista do emissor-receptor, mas produzidos na interação entre interlocutores presentes e ausentes nos contextos sociais (BOSSLER, 2009).

4.1.2 Linguagem e Mediação

O rádio é essencialmente a voz, sons, música, ruído, e é esse conjunto que se inscreve numa tradição oral. A linguagem rádiofônica compensa a ausência de imagens e dos interlocutores reais utilizando signos sonoros que se superpõem ao sistema de signos formado pela palavra falada, que é a materialização da própria linguagem.

Assim, na impossibilidade da visualização de um gesto, signos sonoros como a mudança abrupta de entonação ou na velocidade da fala, contribuiriam para que a recepção construa mentalmente a cena sonora, substituindo a própria ação (BOSSLER, 2004, p.48). Ainda segundo Bossler (2004), os signos correspondem a instrumentos psicológicos ou mediadores internos contribuindo para a interação entre o psiquismo das pessoas. A intervenção de signos na relação do homem com o psiquismo dos outros homens é o que entendemos por mediação semiótica. Assim, opera-se o desenvolvimento mental superior através da mediação semiótica, partindo-se de uma base constituída pelos processos mentais elementares. Em resumo, a mediação semiótica atua na construção dos processos mentais superiores.

É através da mediação semiótica que o processo de educação se realiza. Ao conceber que as funções psíquicas do indivíduo são constituídas na medida em que são utilizadas, sempre na dependência do legado cultural da humanidade Vygotsky (2005)⁷⁷, contribuiu muito para a educação. Na medida em que ele viu a aprendizagem como um processo essencialmente sociocultural – que ocorre na interação entre os sujeitos participantes da ação, percebeu que é na apropriação de conhecimentos socialmente disponíveis que as funções psicológicas humanas são construídas. A linguagem, tanto escrita quanto oral, é a maneira pela qual os sujeitos envolvidos compartilham esses conhecimentos.

Informação, comunicação, mídias, eis as palavras de ordem do discurso da modernidade, Charaudeau (2009) adverte que uma primeira distinção que se impõe para tratar destas questões, é as questões que remetem aos fenômenos sociais. E com relação aos fenômenos sociais, quaisquer que sejam, há sempre várias análises possíveis que dependem do ponto de vista que se escolhe e da disciplina que lhe serve de apoio.

De um ponto de vista empírico, pode-se dizer que as mídias de informação⁷⁸ funcionam segundo uma dupla lógica: a *econômica*, que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de bens de consumo; e a lógica *simbólica* que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública (CHARAUDEAU, 2009).

⁷⁷ VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. L. S. Vygotsky; tradução Jefferson Luis Camargo. Martins Fontes, 3ª Ed., São Paulo, 2005.

⁷⁸ Entendidas aqui de maneira restrita como conjunto de suportes tecnológicos que tem o papel social de difundir as informações relativas aos acontecimentos que se produzem no mundo-espço público: no nosso caso o rádio (CHARAUDEAU, 2009. p. 21).

Para Charaudeau (2009), o rádio enquanto suporte midiático é por excelência o espaço da voz, estabelecendo uma relação muito particular entre instância midiática e a recepção, que não se verifica nem na imprensa escrita, nem na televisão, e diz:

O rádio é essencialmente a voz, os sons, a música, e é esse conjunto que o inscreve em uma tradição oral, mais marcada ainda se não o acompanha nenhuma imagem, nenhuma representação figurada dos locutores nem de objetos que produzam vozes ou sons. A magia particular do rádio se deve a essa ausência de encarnação e essa onipresença de uma voz pura. A voz – timbre, entonação, intenção – revela o estado de espírito daquele que fala. Assim ele poderá parecer forte ou fraco, autoritário ou submisso, emotivo ou controlado, frio ou emocionado, tudo isso com que jogam os políticos e profissionais da mídia (CHARAUDEAU, 2009, p.107).

A situação dialógica colocada por Charaudeau (2009) remete ao “dialogismo” de Bakhtin (1929), princípio segundo o qual nós sempre falamos com as palavras dos outros. O rádio configura-se como espaço dialético e dialógico, à medida que contempla a pluralidade de pontos de vistas e reconhece a autoria múltipla do contexto expresso. A interação verbal é um fenômeno social, e realiza-se através da enunciação ou das enunciações, constituindo a “verdadeira substância da língua, a realidade fundamental da língua”. O diálogo, no sentido estrito do termo, constitui uma das formas da interação verbal, não a única, mas é verdade que das mais importantes. Em um sentido amplo, a palavra diálogo pode compreender não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face à face, como toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BOSSLER, 2004).

O rádio, conforme já foi apontado, possui especificidades de linguagem. Ao analisar o discurso radiofônico, Charaudeau (2009) afirma que o locutor possui *status* superior e é ele quem comanda a abertura e o encerramento das interações.

Com relação ao tempo no meio radiofônico, Charaudeau (2009), diz:

Vimos que o acontecimento, destinado a tornar-se notícia, deve, por contrato, produzir-se numa temporalidade a mais próxima possível daquela instância de recepção (pela restrição de atualidade). A mídia, qualquer que seja, deve gerenciar esta restrição, sabendo que o tempo do acontecimento é diferente – e anterior ao – do tempo da enunciação da instância de produção, o qual é diferente – e anterior ao – do tempo de consumo da instância de recepção. Assim o que define a atualidade das mídias é, simultaneamente, o espaço-tempo do surgimento do acontecimento, o qual deve poder ser percebido como contemporâneo por todo e qualquer indivíduo social (inclusive o jornalista), e o espaço-tempo da própria transmissão do acontecimento entre as duas instâncias da informação. Essa co-temporalidade é tratada diferentemente segundo o suporte midiático que a põe em cena, e o rádio é das três mídias, a que melhor pode fazer coincidir tempo do

acontecimento e tempo da escuta. (A maleabilidade do suporte (um simples microfone que se desloca por toda parte), uma tecnologia simples, não há nada mais fácil hoje do que captar ondas sonoras) e sofisticada (potência e sensibilidade de microfones miniaturizados) fazem com que seja possível estar rapidamente no local das operações e seguir todos os movimentos dos protagonistas. O rádio é por excelência, a mídia da transmissão direta no tempo presente (Charaudeau, 2009, p. 107).

A linguagem radiofônica não se restringe à palavra materializada através da fala e do som, pode ser entendida através das séries sonoras. Buscando compensar uma ausência imediata do interlocutor e de imagens, o rádio realiza uma combinação entre vários signos acústicos. Como, por exemplo, uma série sonora linguística, como aquela mais fortemente ligada a linguagem oral, apresentando rimas, repetição de palavras, uso de palavras pouco usuais e onomatopeias (BOSSLER, 2004).

Dentro da linguagem radiofônica, encontramos uma grande polissemia, como por exemplo: formato radiofônico, programa de rádio, programação radiofônica e produtos radiofônicos, que são confundidos e utilizados muitas vezes como sinônimos. Barbosa Filho (2009), define:

Formato radiofônico, é o conjunto de ações integradas e reproduzíveis, enquadrado em um ou mais gêneros radiofônicos, manifestado por meio de uma intencionalidade e configurado mediante um contorno plástico, representado pelo programa de rádio ou produto radiofônico;
programa de rádio ou produto radiofônico, é o módulo básico de informação radiofônica; é a reprodução concreta das propostas de “formato radiofônico”, obedecendo a uma planificação e as regras de utilização dos elementos sonoros; programação radiofônica; é o conjunto de programas ou produtos radiofônicos apresentado de forma sequencial e cronológica (Barbosa Filho, 2009, p. 71,72).

Barbosa Filho (2009) classifica os gêneros⁷⁹ radiofônicos em razão a função específica que eles possuem em face das expectativas de audiência.

1. Gênero jornalístico: é o instrumento que dispõe o rádio para atualizar o público por meio de divulgação, acompanhamento e análise dos fatos. Apresentam-se, por meio de diversos formatos, tais como: nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, rádio jornal, documentário jornalístico, mesas redondas ou debates, programa policial, programa esportivo, divulgação tecnocientífica;
2. Gênero educativo-cultural: é uma das colunas de sustentação da programação radiofônica nos países desenvolvidos, nestes nos países apresenta-se, por meio de diversos formatos, tais como: programa instrucional, audiobiografia, documentário educativo-cultural, programa temático;
3. Gênero de entretenimento: tem caráter divisional, apresentam-se, por meio de diversos formatos, tais como: programa musical, programação musical programa ficcional, programete artístico, evento artístico, programa interativo de entretenimento;

⁷⁹ No contexto desta Tese utilizaremos unicamente a categoria de formato radiofônico manifestado por uma intencionalidade representada pelos atores envolvidos. Veja p. 102 e 103.

4. Gênero publicitário: para divulgação e venda de produtos e serviços, apresentam-se, por meio de diversos formatos, tais como: spot, jingle, testemunhal, peça de promoção.
 5. Gênero propagandístico: peçarádiofônica de ação pública, programas eleitorais, programa religioso;
 6. Gênero de serviço: notas de utilidade pública, programete de serviço, programa de serviço;
- Gênero especial: programa infantil, programa de variedades (Barbosa Filho, 2009, p. 72).

4.1.3 Análise Documental

Procuramos analisar esta ação a partir das condições e dos materiais com os quais apresentamos agora. Recebemos em agosto de 2010, 46 fitas K7, e uma cópia do Projeto Programa Papo de Criança (ANEXO 1), que nos foi entregue pelo Diretor do Museu Casa Guignard, material que faz parte do acervo do Museu.



Foto 3 – Acervo de fitas do Museu Casa Guignard (Fonte: Fotografia produzida pela autora durante a pesquisa de campo)

Nossa primeira audição das 46 fitas K7 fitas foi exploratória, em um gravador analógico Sony TCM 150 (fitas K7), a maioria das fitas se encontravam com muito ruído, começamos então uma pesquisa para a recuperação deste acervo. Tínhamos naquele momento na equipe do LEME, um estagiário⁸⁰ que por ser músico, tinha conhecimento sobre o *Audacity*⁸¹, um *software* livre, de gravação, edição e reprodução

⁸⁰ Douglas Andrade – Aluno do Curso de Física (UFMG) e bolsista de iniciação científica da professora Dra Sylvania Sousa do Nascimento.

⁸¹ *Audacity* é um editor de áudio que pode gravar, reproduzir e importar/exportar sons nos formatos WAV, AIFF, MP3 e OGG. O programa também conta com editor de envelope de amplitude, espectrograma e uma janela para análise de frequências e áudio em geral. Alguns dos efeitos incluem

de áudio. Com a sua ajuda, as fitas foram digitalizadas usando este Programa de computador *Audacity* 1.3.12 Beta.

Nessa nova versão, as gravações ficaram com menos ruído, o que permitiu a escuta. Os programas foram organizados na sequência cronológica, para cada fita foi definido um número (Fita 1, Fita 2...), identificando o ano em que o programa foi ao ar. Durante a escuta, verificamos que tínhamos 3 fitas com 2 programas e 3 fitas com 3 programas respectivamente gravados na mesma fita, totalizando em 46 fitas 55 programas. Todos os programas foram recuperados e gravados em CDs.

Ao fazer a devolução à Superintendência de Museus e Artes Visuais – Museu Casa Guignard do acervo das fitas K7, entregamos os CDs com todo este acervo digitalizado.

4.1.3.1 Quadro de Narrativas

O primeiro passo para a análise foi a transcrição das fitas em um quadro, que denominamos de quadro de narrativas (Vide APÊNDICE 1).

De acordo com Lemke (1990), a linguagem que as pessoas utilizam para registrar e comunicar ideias torna-se dado de pesquisa unicamente quando nós transpomos a atividade original observada para uma atividade em que podemos analisar estas informações (VILLANI, 2002). Nesta pesquisa, linguagem e significado cultural, são objetos de nossa análise, e são altamente dependentes do contexto da apresentação destas informações.

A recontextualização das informações que temos é determinante para a sustentação das nossas análises. Neste sentido, para conhecermos os conteúdos das fitas, fizemos um exercício de escuta, familiarizando-nos com as falas e as vozes. Desta forma o que fizemos foi lapidar as informações contidas nos registros, nos familiarizar com os dados e obter uma primeira fonte de informações que correspondem ao quadro de narrativas.

Para fazer o quadro de narrativas, levamos em conta a estrutura dos programas, observando a sequência, a abordagem de cada assunto e o tempo de duração dos mesmos. Dividimos o programa em blocos:

reforço nos graves, *wah wah* e remoção de ruído. O programa suporta *plugins* VST, os mais utilizados na área da edição de áudio. A versão do *Audacity* 2.0 tem uma série de novos recursos que foram significativamente aprimorados, especialmente o equalizador, a remoção de ruído e a normalização de volume. Em: <http://www.baixaki.com.br/download/audacity.htm#ixzz2URDG7Dsp>. Acesso em fevereiro de 2013.

Bloco 1- Apresentação do Programa – O locutor anuncia que o programa está no ar. As crianças dão bom dia, se apresentam, fazem um teatro, uma brincadeira, há uma contextualização para anunciarem o que vai ter no programa.

Bloco 2 - Entrevistado do dia – Entrevistas com profissionais de áreas diversas com predominância nas temáticas ligadas à cultura e à educação. As entrevistas são realizadas pelas crianças.

Bloco 3 - Jornal do Papo – Anuncia as atividades culturais de Ouro Preto, dos museus e das escolas. Entravam também as chamadas para os concursos que o programa promovia.

Não encaixamos a música em um bloco único, por que ela está presente em todos os blocos, ela entra para ilustrar na composição de um assunto abordado ou mesmo para ser ouvida, na íntegra, pela audiência. Em todos os programas compõe a paisagem sonora⁸². Eram músicas que estavam em evidência na mídia na década de 1990.

O número de blocos por programa pode variar, dependendo dos assuntos tratados em cada um, mas não muda a estrutura do programa é sempre a mesma: apresentação, entrevistado do dia e o jornal para finalizar.

O quadro de narrativas que fizemos informa na primeira linha o número da fita, o mês e o ano em que o programa foi ao ar. Possui 3 colunas, a coluna 1 que denominamos de Narrativa⁸³ é a transcrição do assunto de cada bloco do programa, não é uma transcrição literal de todas as falas, mas tem como objetivo nos informar o que estava sendo discutido, colocado para os ouvintes. A coluna 2 marca o horário de início e fim de cada bloco, a Coluna 3 marca a duração de cada bloco e o tempo total do programa.

⁸² O termo *soundscape* (paisagem sonora) foi criado a partir do termo *landscape* (paisagem), refere-se a qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como paisagens sonoras (SCHAFER, 2011, p. 23).

⁸³ Genette chama "narrativa" a camada verbal que assume a textualização da história. É neste nível textual que a ordem cronológica da história contada é ou não revelada (ordem) que os fatos são resumidos ou ao contrário, desenvolvidos (rapidez). É neste nível que da textualização, igualmente, que podem se intercalar descrições, diálogos ou comentários. (CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique, 2004, p. 343)

QUADRO 2 – Quadro Narrativo de um programa

FITA Nº 10 – DEZEMBRO DE 1994		
NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM: SS)	Duração (MM: SS)
<p>Bloco 1: Todas as crianças (apresentadoras) rindo e dizendo que hoje o programa será feito só por meninas, pois os meninos não vieram /.../.</p> <p>Anunciam que vão continuar a apresentando os distritos de Ouro Preto /.../ e um lugar muito bonito que fica a 20 Km de Ouro Preto é Amarantina /.../ lá tem uma bela Igreja que está sendo restaurada pelo Paulo Chiquitão /.../ que vai ficar linda! É a Igreja de São Gonçalo do Amarante. Amarante? Amarantina!!! E contam a história da cidade/.../ convidam as crianças de Amarantina a escreverem para o programa para contar como se divertem lá, o que elas fazem na Cidade/.../ /.../falam sobre a cavalhada que acontece na Cidade/.../ e logo em seguida fazem a chamada para apresentar o Museu das reduções/.../</p> <p>Falam das belezas do Museu das reduções e de como foram bem recebidas no Museu... e convidam Dona Silvia e Dona Evangelina para falarem sobre o Museu das Reduções /.../ Elas são as fundadoras do Museu, e explicam que o trabalho que desenvolvem é sobre o Patrimônio Edificado desde o século XVI até o século XX/.../ contam que tem uma escola de artesanato ao lado museu que trabalham com crianças onde elas aprendem o trabalho de fazer as reduções principalmente com a pedra sabão/.../ temos 5 anos de curso e temos um fluxo muito bom de alunos, já distribuimos mais de 100 certificados/.../ o que foi para nós uma surpresa já que em Amarantina a principal função é a agricultura, nós somos de Campanha que fica no Sul de Minas, e viemos para cá realizar o nosso sonho, três velhinhas aposentadas/.../ e tivemos uma receptividade maravilhosa/.../ o nosso recado é que valorizem Ouro Preto isso aqui é maravilhoso e não existe em nenhum lugar do mundo. Elas criaram o Museu em Amarantina por causa do Fluxo turístico de Ouro Preto /.../</p> <p>As crianças agradecem as entrevistadas. (Música de fundo: Josefina sai cá fora e vem me ver/.../ Na entrada do Museu tem um texto muito lindo/.../ Dáfine lê para nós/.../ Dáfine lê o texto e no final informa que ele é de Guimarães Rosa /.../ Continua a mesma música /.../</p>	00:00/09:54	09:54
<p>Bloco 2: Música de fundo – 477 no batuque samba fank /.../Hoje temos uma coleguinha nova no programa/.../ Josilane, se apresenta e diz que vai representar as Escolas Boxita e o Antônio Tomás Gonzaga, diz que é da quinta Série, dá o número da sala e que todos podem procurá-la se quiserem e precisarem de alguma coisa.</p>	09:54/11:04	01:50
<p>Bloco 3: Musica de fundo: Lecy Brandão refrão: toda criança tem que ser igual perante Deus, criança é pureza e não faz mal, graças a deus/.../ Jornal do Papo: A Semana da Criança vem aí/.../ fiquem ligados pois o Papo de Criança terá muita surpresa/.../ continua a música de fundo da Lecy Brandão/.../ toda criança tem que ser igual perante Deus /.../ vai ai as dicas de festas para a Semana da Criança veja a programação: dia 11 vai ter muitas atividades na Praça Tiradentes/.../ vai ter o MUSEU NA RUA uma promoção do Museu da Inconfidência, das 14:00 as 18:00 horas, será na porta do Museu /.../ um grande abraço para os professores do MUSEU ESCOLA/.../vamos todos lá/.../Na casa da Ópera também vai ter Teatro no dia 12 dia da criança, no dia 14 mais uma festa na barra com oficinas de arte e muito mais... uma promoção do SESC/.../Parabéns a Escola Estadual Barão de Camargo pela exposição na Casa dos Contos/.../parabéns criança/.../e não se esqueçam do aniversário do nosso Programa Papo de Criança...estamos esperando os desenhos para a nossa camisa /.../até sábado/.../beijos /.../continua a música da Lecy Brandão com o mesmo refrão: toda criança tem que ser igual perante Deus /.../</p>	11:04/15:14	04:10
		Total: 15:14

De posse do quadro de narrativas, fizemos uma primeira análise panorâmica do programa Papo de Criança, a duração, os atores envolvidos, participantes, a presença da música e a forma de gravação (se gravados em estúdio, ou ao vivo), além de fazer a identificação dos formatos.

O programa tinha duração de 15 minutos, eram 9 crianças participantes que dividiam entre elas a cena discursiva, um locutor da rádio que participou em alguns programas, onde fazia inserções no começo e no fim do programa (era uma gravação), os entrevistados eram pessoas com *expertise* nos assuntos que seriam abordados.

Nesta análise, identificamos sete formatos, classificando os atores envolvidos no programa:

1. Os apresentadores são 9 crianças, que dividem entre elas a cena discursiva, todas participam dos programas. No estúdio as falas são compartilhadas de modo que todos interagem entre si.
2. O apresentador é o locutor da rádio e faz inserções em momentos definidos do programa (gravação) anuncia o programa.
3. Os apresentadores são crianças que entrevistam profissionais de horizontes diferentes, sempre tendo como foco a cidade de Ouro Preto.
4. Os apresentadores são crianças, que divide a cena discursiva com alunos de uma escola no horário do recreio; com alunos durante uma oficina de arte; interagem com crianças na rua sobre um determinado assunto.
5. Os apresentadores são crianças que criam personagens e interagem entre si, para abordar assuntos variados.
6. Os apresentadores são crianças que anunciam a programação cultural da Cidade de Ouro Preto (Boletim).
7. Os apresentadores são crianças que promovem concursos com temáticas variadas, interagindo com o público por meio de cartas

QUADRO 3 – Panorama geral do programa

Programa	Número de Blocos	Ano	Atores	Formato	Duração
1	3	1994	Apresentadores, alunos de uma escola e entrevistado.	1,2,3,4,5	15:87
2	4	1994	Apresentadores, entrevistados. Obs: 2 programas na mesma fita.	1,2,3	28:50
3	2	1995	Apresentadores e entrevistados.	1,3,4, 6,7	14:50
4	4	1995	Apresentadores e entrevistados.	1, 3, 5, 6,7	17h26min
5	3	1995	Apresentadores e entrevistados. Obs: 2 programas na mesma fita.	1, 3,6,7	27:24
6	3	1995	Apresentadores e entrevistados.	1, 3	15:05
7	3	1995	Apresentadores e entrevistados. Obs: 3 programas na mesma fita.	1,2,3,7	46:45
8	3	1995	Apresentadores e entrevistados.	1,3,5,6,7	15:33
9	3	1995	Apresentadores e entrevistados.	1,3,2,6,7	16:39
10	3	1995	Apresentadoras e entrevistados.	1,3,7	15:14
11	4	1995	Apresentadores e entrevistados.	1,3,5,6,7	16:05
12	3	1995	Apresentadores e entrevistados.	1,3,6	15:57
13	3	1995	Apresentadores e entrevistados.	1,3,7	16:49
14	3	1995	Apresentadores e entrevistados.	1,3,6	14:48
15	3	1995	Apresentadores e entrevistados.	1,3,4,7	15:40
16	3	1995	Apresentadores e entrevistados.	1,3	16:13
17	4	1995	Apresentadores e entrevistados. Obs: 2 programas na mesma fita.	1,3,5,6,7	29:15
18	3	1995	Apresentadores e entrevistados.	1,3,4,6	14:40
19	3	1995	Apresentadores e entrevistados.	1,3,7	15:09
20	2	1995	Apresentadores e entrevistados.	1,3,6	16:50
21	6	1995	Apresentadores e entrevistados. Obs: 3 programas na mesma fita.	1,2,3, 6,	47:18
22	3	1995	Apresentadores e entrevistados. Obs: 3 programas na mesma fita.	1,3,5	48:53
23	1	1996	Apresentadores e entrevistados.	1,3	13:11
24	1	1996	Apresentadores	1	14:38
25	2	1996	Apresentadores e entrevistados.	1,3	18:40
26	2	1996	Apresentadores e entrevistados.	1,3	16:03
27	3	1996	Apresentadores e entrevistados.	1,3	16:45
28	3	1996	Apresentadores e entrevistados.	1,3,5	15:15
29	1	1996	Apresentadores e entrevistados.	1,3,6,7	20:30
30	3	1996	Apresentadores e entrevistados.	1,3,5,6,7	22:47
31	2	1996	Apresentadores e entrevistados.	1,3	15:48
32	3	1996	Apresentadores e entrevistados.	1,3	22:38
33	3	1996	Apresentadores e entrevistados.	1,3	21:50
34	3	1996	Apresentadores e entrevistados.	1, 3,6	17:32
35	3	1996	Apresentadores e entrevistado.	1,3,6	15:25
36	2	1996	Apresentadores e entrevistado.	1,3	16:04
37	3	1996	Apresentadores e entrevistado.	1,3	12:47
38	-	1996	Apresentadores e entrevistado. Ruídos	-	17:20
39	3	1996	Apresentadores e entrevistado.	1,3	15:06
40	3	1996	Apresentadores e entrevistado.	1,3,7	12:49
41	3	1996	Apresentadores e entrevistado.	1,3,6	17:30
42	2	1996	Apresentadores e entrevistado.	1,3	15:55

43	3	1996	Apresentadores e entrevistados.	1,3	15:55
44	2	1996	Apresentadores e entrevistados.	1,3	17:18
45	3	1996	Apresentadores e entrevistado.	1,3	12:55
46	3	1996	Apresentadores e entrevistado.	1,3,5,6	16:28

De acordo com o Quadro 2, verificamos em 46 fitas 55 programas, foram ao ar em: 1994 - 02 programas;
1995 - 28 programas;
1996 - 23 programas.

Deste total, cinquenta e quatro programas encontram-se dentro dos padrões de qualidade para se fazer a análise, 1 programa que estava na fita de número 38 de junho de 1996, continuou com o áudio comprometido, mesmo após ser recuperado em MP3.

Dos formatos identificados tivemos:

Formato 1 – todos os programas;

Formato 2 – 4 programas;

Formato 3 – todos os programas;

Formato 4 – 4 programas;

Formato 5 – 8 programas;

Formato 6 – 19 programas

Formato 7 – 14 programas

Todos os programas têm a mesma estrutura, todos estão dentro do formato 1 e 3 e os assuntos abordados, em sua maioria, tiveram a cidade de Ouro Preto e seu patrimônio cultural como ponto central das discussões. Em apenas 4 programas existe uma abertura que é caracterizada pela voz do locutor⁸⁴, nos demais são as próprias crianças que fazem abertura, em seguida se revezam na apresentação do programa com todas participando da cena discursiva. O programa não tinha uma música exclusiva, como anunciamos antes a música entrava para compor a paisagem sonora, ou mesmo para ser ouvida na íntegra pela audiência. Eram músicas que estavam em evidência naquele período, 1994 – 1996. Tivemos na Fita 17 (APÊNDICE 1), uma música que ficou entendido que foi composta especialmente para o programa, esta música foi apresentada em voz e violão pelo artista que a compôs no primeiro momento, em um

⁸⁴ Gravado por um locutor da rádio: “A partir de agora pela Rádio Ouro Preto, Papo de Criança um programa da Secretaria Municipal de Educação, apresentado por crianças da Rede Municipal de Ensino Com vocês: Acrícia, Alexsandro, Francisco, Michele e Priscila”.

segundo momento as crianças cantaram junto com o mesmo. Dos 54 programas que analisamos, esta música apareceu só no programa da fita 17. A letra da música era:

Transcrição – Quadro de Narrativa - FITA 17- Bloco 2 - 05:17 / 13:35

Se você quer saber...
 Se você quer saber...
 o que vai ser , o que vai ser ...
 o que vai ser , o que vai ser ...
 é o programa Papo de Criança
 é o programa Papo de Criança aaeeee...
 sobre assuntos da escola, do seu bairro, sua rua...
 e sobre a cidade também vai ter
 sobre a cidade também vai ter
 é o programa Papo de Criança
 é o programa Papo de Criança
 é o programa Papo de Criança aaeeee...
 coisas que o vento vai algum dia lhe dizer
 e seu colega também vai saber, e seu amigo vai entender
 é o programa papo de criança,
 é o programa Papo de Criança que você vai ver...
 lerere... darunde... darunde... darunde...
 é o programa Papo de Criança
 é o programa Papo de Criança aaeeee...

O quadro de narrativas mostra que o patrimônio cultural de Ouro Preto, foi destaque nos discursos do programa. Ouro Preto foi apresentada como a cidade monumento, que precisa ser reconhecida em seus valores históricos e culturais. E o museu, como foi apresentado no programa?

Quando estávamos fazendo o quadro de narrativas, o nosso olhar já estava atento para ver onde a palavra museu apareceria e em que circunstâncias, como podemos verificar no quadro a seguir:

QUADRO 4 – Recorrência da palavra museu no quadro de narrativa

FITA - ANO	NARRATIVA - BLOCOS	TEMPO
7 - 1995	1.Brinquedoteca - Entrevista com Júnia Aleixo, ela participa de projetos de arte em Ouro Preto, na Casa da Baronesa com crianças. Ela quer fazer uma Brinquedoteca que funcione igual a uma biblioteca com empréstimo de brinquedos/.../esta brinquedoteca faz parte do Centro Lúdico que é um projeto de museu na verdade, onde eu quero apresentar a minha coleção particular de brinquedos, e eu quero mostrar estes brinquedos que eu venho colecionando das minha viagens pelo mundo mas principalmente de minas/.../	14:50/28:45
10 -1995	1.Amarantina – Entrevista com Dona Silvia e Dona Evangelina elas falam da criação do Museu das Reduções , do trabalho que desenvolvem, que é sobre o Patrimônio Edificado desde o século XVI até o século XX /.../contam que tem uma escola de artesanato ao lado museu que trabalham com crianças onde elas aprendem o trabalho de fazer as reduções	00:00/09:54

	<p>principalmente com a pedra sabão... o nosso recado é que valorizem Ouro Preto isso aqui é maravilhoso e não existe em nenhum lugar do mundo.</p> <p>3.A Semana da Criança vem aí/.../ veja a programação: dia 11 vai ter muitas atividades na Praça Tiradentes/.../ vai ter o museu na rua, uma promoção do Museu da Inconfidência, das 14:00 as 18:00 horas, será na porta do Museu... um grande abraço para os professores do museu escola/.../vamos todos lá/.../</p>	11:04/15:14
11- 1995	3.Notícias - falam de vários acontecimentos nas Escolas, na Cidade e mandam um beijo especial para a Bete Salgado pela festa do Museu Escola na rua no dia 11/.../foi um sucesso/.../	12:40/16:05
12 - 1995	3.Notícia - Feira Literária - Estará acontecendo dia 23 de outubro no anexo do Museu da Inconfidência uma feira de livros do movimento PRÓ-LER do Estado de MG, temos uma professora do movimento que estará lançando um livro durante a feira é a Cidinha da Escola Estadual Tomás Antônio Gonzaga/.../ entrevista/.../	00:00/12:47
13 - 1995	3.Lançamento de livro - No programa passado falamos muito sobre literatura, hoje vamos falar com o Gisberto Cardoso que lançou um livro no Museu Casa Guignard , o livro se chama Antologia poética de ouro preto/.../	04:07/14:07
17-1995	4. Notícias do dia – Concurso de desenhos para a camiseta do programa, o desenho escolhido foi o da Bruna de Carvalho Mapa /.../ pede que Bruna passe no Museu Casa Guignard para receber seus prêmios.	25:40/ 29:15
18- 1995	3. /.../Chama a atenção de Bruna de Carvalho Mapa, a ganhadora do concurso das camisetas para buscar seus prêmios no Museu Casa Guignard . Dá os parabéns à Secretaria Municipal de Educação pela primeira edição do jornal /.../	11:27/ 14:40
21-1995	3. Notícias do dia –Anuncia o início do Projeto Museu Escola e dá informações sobre o projeto e de como se inscreverem. Também fala sobre a Oficina de Comunicação do Museu Casa Guignard , dando informações de como e onde as crianças podem se inscrever. Parabenizam os alunos do programa Jovens de Ouro que receberam seu primeiro pagamento e dá um recado da Prefeitura a todos os alunos selecionados a comparecerem no Museu da Inconfidência , na terça-feira às 13:30h/.../	29:02/ 35:05
22 - 1995	3./.../foi depois chamada para o Museu Escola , onde as crianças conhecem, através da brincadeira e da criação, a história de Ouro Preto/.../Ouro Preto por ser uma cidade histórica conta com muitos museus , inclusive o Ludo museu , que é muito legal para a cidade. O projeto então seria um museu de brinquedos , pois ela coleciona brinquedos de vários lugares do Brasil e do mundo, e ela pretende deixar expostos às pessoas os brinquedos desenvolvidos pelas pessoas/.../ Então o museu tem como propósito mostrar às pessoas a história da humanidade através dos brinquedos.	29:17/ 48:53
23- 1995	1. Dá bom dia às crianças, e pergunta se as mesmas estão seguindo a sugestão do programa e estão visitando os museus da cidade/.../	00:00/ 13:11
24-1996	3. Notícia do dia - Uma das crianças noticia às crianças que fazem parte da equipe que haverão as reuniões do Programa Papo de Criança às terças-feiras no Museu Casa Guignard . Outra criança cita o nome de todos os participantes do projeto e reforça o dia da reunião, para que não falem/.../	00:00/ 14:38
26-1996	1.Aniversário de 100 anos de Guignard. Entrevista com Marcone, escritor que fez a biografia de Guignard. Recitam o poema: O que é que Ouro Preto Tem... de Cecília Meireles/.../fala sobre a vida de Guignard em Ouro Preto... para ele Ouro Preto era sua cidade natal, e veio a falecer em 26 de julho de 1962. O locutor então parabeniza Marcone pela biografia e fala sobre o Museu Casa Guignard , que na Rua Direita, fala de sua programação e conta que é no Museu que acontece a oficina de comunicação do Papo de Criança/.../	00:00/ 06:15
	2. Fernanda diz que na cidade vão haver comemorações para homenagear os 100 anos de Guignard, e apresenta mais um entrevistado Gêlcio Fortes,	06:15/ 16:03

	<p>artista plástico, coordenador do Museu Casa Guignard e diretor do programa Papo de Criança que vai falar um pouco sobre a programação para a comemoração dos 100 anos de Guignard/.../</p> <p>Fala do projeto do Museu em parceria com a Prefeitura e Secretaria de Educação para que as crianças de hoje também conheçam as obras de Guignard. Fala que a visita no Museu, é gratuita, dá orientações de como chegar e sobre o procedimento lá no Museu. Reforça que só há esse museu sobre a vida de Guignard, dizendo que o museu é também um centro de pesquisas sobre o artista. Convidam a todos para irem ao Museu para conhecerem mais da vida de Guignard/.../</p>	
28-1996	<p>1. Pede a Leandro (participante do programa) que compareça na terça-feira no Museu Casa Guignard ou ele será substituído/.../</p>	00:00/ 03:43
30 - 1996	<p>3.Notícias - Avisa que o Ludo-museu já está ativo, mas somente com visitas orientadas e convida as crianças a montarem um grupo e passa os contatos para visitarem o Museu da Inconfidência. Concurso - anuncia o concurso sobre Guignard, que completa seu centenário, lançado pelo Museu Casa Guignard e a Secretaria Municipal de Educação, dizendo que o programa acompanhará o concurso/.../</p>	15:61/ 22:47
32-1996	<p>2.Entrevista com Elizabete Salgado - o mês de Abril é composto de várias datas importantes para a história do país. /.../ dia19 comemoramos o dia do índio, dia 21 é dedicado ao nosso grande herói Tiradentes e tem mais, dia 22 é o dia do descobrimento do Brasil /.../ Bete é professora da FAOP, coordenadora do Museu Escola, do Museu da Inconfidência e possui mestrado sobre a História política do Brasil. O locutor convida a todos os ouvintes a chamar seus pais para escutar a conversa que tiveram com Bete.</p>	03:34/ 17:50
33-1996	<p>3. continuação da entrevista com Bete Salgado - para aproveitar uma dica, vá dar uma volta no Museu da Inconfidência /.../ Bete começa a contar a história dos inconfidentes/.../ e que o Museu da Inconfidência tem documentos, e que quem tiver interesse pode ir ao museu consultar a história/.../</p>	08:07/21:50
35-1996	<p>3. notícias - fala de todos os eventos que estão acontecendo... e convidam as crianças que quiserem a irem ao Museu Casa Guignard para participar da oficina de comunicação que acontece todas as terças de 08:00 as 10:00, façam sua inscrição/.../</p>	09:17/15:25
37-1996	<p>3. Notícias - Atenção crianças e professores durante o mês de Junho estará acontecendo na Casa Dos Contos a exposição Memória da Escravidão, feita pela artista plástico Chiquitão...e convidam todos para ir ver... convidam todos para assistir o filme a Bela e Fera as 15:00 hs no anexo do Museu da Inconfidência/.../ entrada franca/.../</p>	08:29/12:47
39-1996	<p>3- Notícias - O mês de junho o céu fica tão bonito... e as festas Juninas enfeitam a cidade...aqui em Ouro Preto morou um dos pintores mais importantes do Brasil... ele adorava pintar as festas de São João, você sabe quem é? Claro, Guignard... nos fazemos oficina lá no Museu Casa Guignard...e agora no segundo semestre todas as terças feiras de 01:30 as 04:00 fazer a sua inscrição aqui no Museu Casa Guignard venha perder a timidez /.../as oficinas são ótimas para perder este bicho chamado timidez /.../</p>	12:66/15:06

A palavra museu apareceu em 19 programas. Na maior parte das ocorrências, ela apareceu para representar o museu protagonista do programa, Museu Casa Guignard. A ocorrência maior foi no bloco 3, no Jornal do papo. Foram nomeados e indicados como lugares para se realizar atividades educativas, para aprender e se divertir, foram associados à cidade de Ouro Preto, como se a parte cultural da Cidade não vivesse sem estes espaços, o de maior ocorrência, foi o Museu da Inconfidência sempre ligado ao

Projeto Museu Escola⁸⁵, o que mostra o quanto este era um projeto de Educação Patrimonial importante no contexto da cidade de Ouro Preto naquele período.

Não podemos esquecer quem eram os protagonistas, os sujeitos que estavam na relação direta do programa e em que estas pessoas acreditavam. O diretor do programa deixa claro em sua entrevista (APÊNDICE 3) os motivos que o levaram a criar as ações educativas do MCG, sendo o Papo de Criança uma destas ações. Quando ele fala do museu, se refere as ações educativas que desenvolvia, das oficinas que realizava e das parcerias firmadas com as escolas, ele acredita que este espaço tem esta finalidade. No programa, o museu é um centro cultural dinâmico que presta um serviço à comunidade que serve e tem a função de favorecer o acesso aos bens patrimoniais.

4.1.4 Análise Fina

Consideramos que, pelo fato de todos os programas seguirem a mesma estrutura, ter formatos similares e ter a cidade de Ouro Preto e o seu patrimônio cultural como ponto central das discussões, qualquer programa que escolhêssemos para análise constituiria um *corpus* singular. Selecionamos então um programa (Vide Quadro 4), para fazermos a transcrição e a análise fina.

QUADRO 5 – Programa Analisado

PROGRAMA	FITA 1 – PROGRAMA DE 1994
Blocos	1 – Jogo de Futebol 2 – Como ser Guia Turístico – História de Ouro Preto 3 – Colegiado Escolar 4 – Concurso
Atores	Apresentadores (5) – O entrevistado
Duração	15:87
Nº de palavras	1.701

⁸⁵ “Em fins da década de 1970 um projeto educativo chamado Atividades Artístico-Culturais para a População Infanto-Juvenil de Ouro Preto começou a se desenvolver nesta cidade, idealizado e coordenado por Elizabeth Salgado de Souza (Bete Salgado, como é mais conhecida), arte-educadora, que o apresentou à Secretaria Municipal de Turismo e Cultura. O projeto foi patrocinado pela Funarte e pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto, desenvolvendo-se em adros de Igrejas e nas ruas da cidade. A partir de 1981, a experiência passa a se desenvolver no Museu da Inconfidência, sendo, depois, financiada pelo IPHAN. No Museu da Inconfidência, o projeto recebeu o nome de Museu-Escola, inaugurando o Setor Educativo, ou Área Pedagógica, com atividades educativas de interação entre públicos e o acervo museológico. No entanto, ao contrário do que o nome possa nos levar a imaginar, o Museu-Escola do Museu da Inconfidência não se caracterizava apenas por uma relação entre o público escolar e o Museu. Seu público era diversificado, assim como eram suas atividades, que mantinham características do projeto Atividades Artístico-Culturais para a População Infanto-Juvenil de Ouro Preto. A cidade era o foco de desenvolvimento do projeto, apreendida através de seus diferentes espaços, saberes e fazeres. Neste cenário concretizava-se a interação com o Museu e com o objeto museológico” (CUNHA, 2011).

Músicas	1 – Música de fundo - instrumental 2 – Ficar com Você – Patrícia Marx
Forma de Gravação	Estúdio
Execução	Gravado

As transcrições foram realizadas obedecendo convenções específicas (Quadro 5) para o suporte radiofônico, buscando registrar o discurso materializado enquanto palavra e os possíveis signos sonoros que porventura se manifestem. Muitos dos sinais presentes (Quadro 5), constituem recursos sonoros revelando que, além do discurso materializado enquanto palavra, procurou-se registrar no momento da transcrição os elementos sonoros (BOSSLER, 2004).

QUADRO 6- Convenções das transcrições - (BOSSLER, 2004 - Adaptado de Batista, 2002).

SÍMBOLO	SIGNIFICADO
..	Pausa na fala ou quebra no ritmo de fala
...	Pausa de um segundo
.	Descida leve sinalizando final de enunciado
,	Descida leve sinalizando que mais fala virá
?	Subida rápida sinalizando uma interrogação
MAIÚSCULA	Ênfase, acento forte, destaque
[]	Abrindo e fechando pontos sobrepostos de turnos de fala
{ }	Diminuição do volume
()	Comentário do pesquisador
:	Alongamento de vogal
::	Duração mais longa do alongamento de vogal
#	Alongamento de consoante
Eh, oh, ah, ih, hum, ahã, humhum	Pausa preenchida por hesitação, sinal de atenção ou assentimento
- - - - -	Silabação letra a letra
- -	Mudança de contorno entonacional projetado
/.../	Transcrição incompleta
Ruídos	incompreensível

De posse da transcrição, buscamos identificar as evidências discursivas com as quais procuramos caracterizar:

4.1.5 Contrato de comunicação

Para Charaudeau (2009), todo discurso depende, para sua construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge. A situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação. Segundo o

autor, um contrato de comunicação é modulado por dados externos e internos. Os dados externos, que definem a situação de troca entre os sujeitos (que, em sua concepção, são o sujeito falante e o destinatário), dizem respeito a quatro condições:

1. uma condição de identidade, em que importa saber “quem troca com quem”;
2. uma condição de finalidade, em que importa saber o objetivo da troca comunicacional;
3. uma condição de propósito, em que é preciso considerar do que se trata a comunicação;
4. uma condição de dispositivo, que considera o ambiente em que esta troca se dá,

ou seja, as condições de produção do discurso, as técnicas e suportes utilizados.

Os dados externos do contrato levam em conta “quem diz e para quem”, “para quê se diz”, “o que se diz” e “em que condições se diz”.

Os dados internos referem-se a “como dizer” e se instituem em três espaços:

1. um espaço de locução, em que o sujeito que enuncia se impõe como falante a partir de legitimidade e autoridade;
2. um espaço de relação, em que o sujeito falante, ao estabelecer sua própria identidade e a identidade do destinatário, constrói relações (de inclusão e exclusão, de agressão e convivência etc.);
3. um espaço de Tematização, no qual são tratados os domínios do saber, por meio de um modo de organização discursivo particular, e aqui caberiam os modos descritivo, narrativo e argumentativo, por exemplo.

Nenhum ato de comunicação está previamente determinado. Se for verdade que o sujeito falante está sempre determinado pelo contrato de comunicação que caracteriza cada situação de troca (condição de sociabilidade do ato de linguagem a da construção do sentido), é apenas em parte que está determinado, pois dispõe de uma margem de manobra que lhe permite realizar seu projeto da fala pessoal, ou seja, manifestar um ato de individuação: na realização do ato de linguagem, pode escolher os modos de expressão que correspondam a seu próprio projeto de fala. Contrato de comunicação e projeto de fala se completam, trazendo, um, seu quadro de restrições situacionais e discursivas, outro, desdobrando-se num espaço de estratégias, o que faz com que todo ato de linguagem seja um ato de liberdade, sem deixar de ser uma liberdade vigiada (CHARAUDEAU, 2009, p.71).

Ainda segundo Charaudeau, (2009), toda encenação discursiva incorpora aspectos extralinguísticos, na medida em que a significação encampa o presumido, o já dito e o

contexto no qual o discurso ocorre. Para o autor, a *mise en scene* discursiva apresenta 3 níveis: o nível situacional, o nível comunicacional e o discursivo. O nível situacional materializa-se no espaço externo do ato de linguagem. Nesse espaço são instituídas as identidades e o *status* dos parceiros em seus aspectos psico-socio-histórico, as características do canal de transmissão, a temática e a finalidade ou os “fazer” do ato. Já os níveis comunicacional e discursivo materializam-se no espaço interno do ato de linguagem e se referem ao contrato de palavra, ou seja, a maneira que se deve desenvolver a troca linguageira em suas várias modalidades sógnicas. Aqui nos interessa especialmente a finalidade ou os fazeres do ato de linguagem, para a determinação do contrato de comunicação. Charaudeau (1997) identifica como finalidades do discurso informativo o:

"fazer-saber", o "fazer-pensar", o "fazer-fazer" e o "fazer-sentir". O “fazer-saber” busca a transmissão de saberes factuais e fenomênicos à instância de recepção. Cabe ao "fazer-pensar" a prática argumentativa e demonstrativa, levando a instância de recepção à adesão ao discurso da instância de construção. O "fazer-fazer" tem como objetivo levar a recepção a agir, aproximadamente, de acordo com um plano pré-estabelecido de ações pela instância de produção. Por último, o autor associa ao "fazer-sentir" o despertar dos estados emocionais positivos através do prazer e do lúdico, incluídos no suporte midiático (BOSSLER, 2004).

Nos primeiros minutos do programa, após a chamada do locutor, a fala das crianças já coloca os elementos contratuais que definem o que os ouvintes podem esperar do programa Papo de Criança e como a produção do programa espera a reação dos ouvintes à escuta. Procuramos nesta análise interpretar qual a intencionalidade declarada pela produção do programa e quais aspectos contratuais foi sendo estabelecido com os ouvintes.

4.1.6 As vozes

O dialogismo de Bakhtin (1929) é princípio segundo o qual nós sempre falamos com as palavras dos outros. Para Ducrot (1987) a polifonia pode ocorrer tanto no nível do locutor, quanto do enunciador. Nesse sentido, buscamos recuperar e identificar as vozes presentes no programa no nível da locução e da enunciação. A pessoa sob cujo ponto de vista os acontecimentos são apresentados é identificada como o enunciador, e aquela que no enunciado se apresenta como responsável por ele, o locutor (BOSSLER, 2009).

Ainda segundo Bossler (2009), a voz no nível da locução aconteceria quando um sujeito locutor alternaria sua fala com a fala de algum personagem ou de um ausente, multiplicando os locutores em cena. Portanto o indivíduo pode não estar presente no momento em que o discurso se materializa e ser um locutor, visto que o sujeito que fala pode viabilizar essa presença. As vozes no nível da locução podem ser identificadas graças à mudanças no uso de tom de voz e na velocidade da fala, e no anúncio explícito no turno de fala que antecede a manifestação, um esclarecimento feito à recepção. Já na voz que aparece no nível da enunciação, o responsável pela ideia expressa não tem suas palavras inscritas no enunciado, mas tem a possibilidade de ver ali materializadas suas opiniões. Aqui, para identificar a presença das vozes, não contamos com marcadores explícitos e analisamos a *mise en scène* discursiva. Não há fronteiras fixas para a manifestação das vozes, podendo haver alternância delas nos turnos de fala, como se de fato dialogassem entre si.

Em nossa pesquisa, buscamos conhecer as vozes presentes que compunham o discurso no programa analisado. Embora sejam esperadas determinadas vozes nas falas de determinados enunciadores, as vozes emergem no esforço de análise do pesquisador, que de posse da transcrição, procura enxergar além da identidade declarada do enunciador, e se pergunta quem estaria a se expressar ali, a partir das opiniões, ideias e performances presentes.

(Transcrição Fita 1, Bloco 3)

2. (Locutor da Rádio) – Como vai a Escola de sua Comunidade, o Colegiado responde, participe, é hora de democratizar a escola, Colegiado já! Secretaria de Educação, Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

O exemplo revela a voz da instituição escola, gerenciando a cena sonora.

Para reconhecer as vozes presentes foi preciso identifica-las tanto no nível dos locutores, quanto nos enunciadores. A seguir discutiremos os resultados encontrados, a partir do cruzamento entre as análises documental e fina.

5. SOBRE OS RESULTADOS

5.1 O contrato de comunicação

Em nossa análise verificamos que, ao organizar os textos dos programas, os produtores tinham na educação patrimonial a forma de trabalhar a recepção sobre a cidade de Ouro Preto, destacando o seu Patrimônio Cultural. A interpretação das narrativas, da transcrição e a escuta atenta de todos os programas nos levou a identificar 9 cláusulas contratuais, com as quais definimos o contrato de comunicação proposto pela produção do programa a recepção. No contrato define-se o programa, o conteúdo desenvolvido e os pressupostos a partir do qual o programa foi planejado, linhas de ação e perfil do ouvinte. O contrato lida com as expectativas, explicitando o que os ouvintes podem esperar do programa e como a produção espera que a recepção se comporte. Apresentamos o contrato de comunicação e suas cláusulas:

- 1– O programa Papo de Criança é um programa educativo.
- 2– O programa Papo de Criança tem como mote a Educação Patrimonial.
- 3– O programa Papo de Criança pode abordar outras áreas de interesse dos ouvintes.
- 4– No programa Papo de Criança todos detém algum tipo de conhecimento.
- 5– No programa Papo de Criança, o conhecimento é construído e apresentado de forma prazerosa. Tem a preocupação com o divertimento.
- 6– Fazer perguntas é uma competência especial, no programa esta competência foi incentivada e preservada.
- 7– No programa Papo de Criança, o ouvinte é incentivado a ser participativo e colaborativo.
- 8– No programa Papo de Criança o ouvinte é incentivado a buscar sempre mais conhecimento, através de diferentes suportes (leituras visitas a museus, participações em eventos culturais...)
- 9– No Programa Papo de criança, o ouvinte principal são as crianças.

Apresentaremos agora a definição de cada cláusula presente no contrato de comunicação, os caminhos investigados que nos levaram a elas e alguns fragmentos extraídos da transcrição do programa e do quadro de narrativas que ilustram nossas assertivas.

1- Cláusula 1 - O programa Papo de Criança é um programa educativo.

O Programa Papo de Criança é uma ação educativa realizada pelo MCG. O programa acontece na Rádio cultura de Ouro Preto, uma rádio educativa. O patrocinador do Programa Papo de Criança é a Secretaria Municipal de Educação de Ouro Preto, e tem como público principal os alunos e professores desta rede de ensino. É um programa feito por crianças para crianças. A escola é convidada a participar ativamente do programa e pode na figura de seus professores, ser considerada coautora do programa pois conta com a colaboração dos mesmos na discussão e produção dos temas propostos e elaborados pelas crianças, a serem tratados nos programas (ANEXO 1- Projeto Papo de Criança, 1994).

Quadro de Narrativa - FITA 03 – Bloco 1 e 2

/.../ os apresentadores anunciam mais uma oficina de arte/.../

em Morro de Santana tem várias oficinas de arte/.../ Entrevista a professora Marília/.../ Marília, o que você acha que esta oficina vai trazer de bom para as crianças?

Resposta: esta oficina ajuda as crianças a desenvolverem outros trabalhos que normalmente na escola eles não tem tempo de fazer/.../ como trabalhos de serigrafia, confecção de brinquedos/.../ elenca todas as oficinas que estão sendo oferecidas/.../

A entrevista segue agora com alguns dos alunos participantes das oficinas/.../

Pergunta: Josimar, você está gostando de participar da oficina?

Fala do aluno Josimar: estou achando ótimo, eu estou aprendendo a trabalhar com massa, tábua, papel/.../ estou aprendendo a fazer arte /.../ e a respeitar as outras pessoas também/.../

Fala da professora Marília: Dentro destas oficinas temos também o trabalho de conhecimento do Bairro, tendo como referência a igreja/.../ eles localizam no mapa que construímos a casa onde mora/.../ conhecem melhor o bairro/.../

Quadro de Narrativa - FITA 05 – Bloco 2

Hoje nós vamos conversar com Andréia Calai, ela é professora e diretora do departamento de ensino da Secretaria de Educação de Ouro Preto. Ela vai nos falar sobre o seminário de alfabetização que está acontecendo em Ouro Preto. A Andréia responde a várias perguntas sobre o que é alfabetização/.../ e vem a pergunta: Onde mais podemos ser alfabetizados além da escola?

Fala da professora: a alfabetização acontece em várias situações e em vários locais/.../ a escola é o espaço oficial da alfabetização, mas sabemos que existem comunidades, empresas que fazem esta educação informal, que acontece em locais diversos/.../

Em Ouro Preto todas as crianças são alfabetizadas? Ela responde que Secretaria de Educação não tem ainda esta informação/.../mas afirma que ainda existem crianças fora

da escola/.../ segue várias perguntas/.../ e a professora anuncia a abertura da Biblioteca e fala da importância da leitura para a aprendizagem/.../

As informações aqui selecionadas mostram o quanto a educação está presente nos programas, seja ela formal, não formal ou informal. Aqui temos a fala da instituição parceira, que informa como está a educação no município, das professoras e dos alunos, que falam das suas experiências. O programa faz da educação uma temática muito presente no seu discurso, deixa claro que a educação não acontece só na escola, traz a educação oferecida nas oficinas dos bairros, nos museus, na praça, traz a cidade como sendo uma Cidade educativa.

2- O programa Papo de Criança tem como mote a Educação Patrimonial.

Esta cláusula é a essência do programa, constitui como assunto obrigatório a ser abordado em cada programa, é assumido que o programa foi pensado como uma alternativa de extensão dos projetos da Secretaria Municipal de Educação para visitas orientadas de escolas a museus e sítios históricos, assim como oficinas de artes, destacando a Educação Patrimonial através do conhecimento da história de Ouro Preto e da importância do patrimônio histórico e natural com uma efetiva participação da comunidade (ANEXO 1- Projeto Papo de Criança, 1994).

Quadro de Narrativas - Fita 3 – Bloco 2

/.../ a mesma praça, o mesmo banco, as mesmas flores, o mesmo jardim /.../ Projeto: A praça que sonhei...escrevam para o nosso concurso: A praça que sonhei...um poema sobre a praça Tiradentes ou sobre uma praça que tem perto da sua casa...escrevam temos vários prêmios/.../ Entrevista com Janice, do Patrimônio da prefeitura, onde ela vai falar sobre a revitalização da Praça Tiradentes/.../ usar a praça para se encontrarem, se divertirem /.../as crianças são fundamentais neste projeto, pois elas é que vão nos ajudar a definir a o novo uso da praça /.../ O projeto “a praça que sonhei”, que o programa lançou vão nos ajudar muito. Dia 04, domingo teremos a entrega dos prêmios do concurso “a praça que sonhei”, além da entrega dos prêmios teremos 8 oficinas e uma delas é que as crianças desenhem a praça Tiradentes, e será também o lançamento do “domingo na praça” onde convidaremos toda a comunidade de Ouro Preto para participar /.../ entra a música novamente /.../a mesma praça, o mesmo banco, as mesmas flores/...

Transcrição Fita 1 – Bloco 2

1. Oi meninada, vamos conversar hoje com uma pessoa que todo mundo conhece na cidade é o Zé Isabel, ele é guia de turismo e vem falar sobre sua profissão tão interessante que poderá vir a ser um dia a profissão de um de nós que estamos ouvindo, não é mesmo?
2. Para conversar com o zé Isabel nós viemos aqui para a Ponte dos Suspiros que é bem perto do Chafariz de Marília.
3. Ah...que pena não tem água no Chafariz...
4. Bom para quem não sabe quem é Marília de Dirceu, o Alexandro vai ler mais um capítulo do livro: Ouro Preto para crianças da Professora Maria Célia Trindade, vamos aprender mais um pouquinho sobre a História de Ouro Preto.
5. Música de Fundo... A História de Marília.
6. Era uma vez uma moça muito bonita e prendada chamada Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, morava numa Casa de Vila Rica perto da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, depois de uma ponte e ao lado de um belo chafariz... um poeta moço e inteligente ficou gostando dela e ia sentar-se lá na ponte suspirando de amor, e a ponte ficou com o nome de ponte dos suspiros.
7. Ele a chamava de Marília e si mesmo dizia-se Dirceu, e ela ficou conhecida como Marília de Dirceu.
8. O Chafariz cuja a água lhes servia chamam hoje de Chafariz de Marília.
9. Marília e Dirceu não se casaram, pois Dirceu, Tomás Antônio Gonzaga vinham participando das ideias de uma revolta, a revolta da Inconfidência foram presos e mandados para longe bem longe.
10. Marília muito triste ficou em casa, velhinha até morrer, sua Casa depois foi um convento de frades e hoje é uma escola.
11. A lembrança de Marília e de sua história de amor não desapareceu do coração dos mineiros.
12. Ah gente que história triste gente /.../

Quadro de Narrativas - Fita 17 – Bloco 3

/.../Priscila diz à Alexandro que está muito cansada. Ele pergunta que cansaço é esse e ela responde que não aguenta mais carregar todo o patrimônio de Ouro Preto nas costas, antiguidades, ter que preservar muita coisa, 284 anos de cansaço. Alexandro pergunta se isso é tão pesado. Priscila responde -- que claro não, que ela está só brincando, que Ouro Preto é a cidade que ela nasceu, vive e adora... diz que estava pensando que o mundo inteiro vem visitar Ouro Preto e está encucada, será que as crianças podem ajudar na preservação de Ouro Preto, será que elas têm responsabilidade com isso? Alexandro responde que tem sim, e diz que para que ela entenda tudo melhor, convidou a Márcia Valadares que é uma profissional em restauração do Iphan para conversar um pouco e tomar o cafezinho da manhã. Priscila diz a Alexandro que não é cafezinho, é “suquinho” /.../Alexandro dá bom dia à Márcia. Ela retribui. Ele pede à Márcia que conte um pouco sobre o trabalho que ela faz em Ouro Preto/.../

3- O programa Papo de Criança pode abordar outras áreas de interesse dos ouvintes.

Embora o programa tenha como foco a Educação Patrimonial, temas como a escola, futebol, meio ambiente, literatura, dentre outros assuntos compuseram a cena sonora.

Transcrição da fita 01 – Bloco 1

1. Locutor - A partir de agora pela Rádio Ouro Preto Papo de Criança um programa da Secretaria Municipal de Educação, apresentado por crianças da Rede Municipal de Ensino: Com vocês: Acrícia, Alexsandro , Francisco, Michele e Priscila.
2. Eôô...o nosso time é um terror eôôo nosso time é um terror...
3. eôôo nosso time é um terror...
4. eôôo... nosso time é um terror...
5. Bom dia gente, cruzeirenses e atleticanos pegaram fogo durante o recreio na Escola Municipal Professora Juventina Drumond no Morro de Santana, nosso microfone invisível estava lá e captou todo o bate boca, olha só que barato,
6. Papo de Criança – aqui e agora - - escutem a confusão.
Várias vozes de crianças falando ao mesmo tempo... perdeu para o atlético...1x0...cruzeiro até morrer...time feio... atlético... galo...time feio...sou atleticano até morrer...

4- No programa Papo de Criança todos detém algum tipo de conhecimento.

Nesta cláusula, a produção do programa considera que o conhecimento pode aparecer no discurso de todos os atores envolvidos na interlocução, como podemos ver nos exemplos abaixo:

Quadro de Narrativas - Fita 2 - Bloco 1

/.../Alexsandro (apresentador) /.../ está sendo assinado o tratado do MERCOSUL em Ouro Preto, e é por isso que está acontecendo este movimento todo em Ouro Preto, a própria criança explica o que é o MERCOSUL /.../

Quadro de Narrativas - Fita 32 - Bloco 3

/.../ o mês de Abril é composto de várias datas importantes para a história do país. /.../ dia19 comemoramos o dia do índio, dia 21 é dedicado ao nosso grande herói Tiradentes e tem mais, dia 22 é o dia do descobrimento do Brasil /.../ um bate-papo com a professora Bete Salgado. Bete é professora da FAOP, coordenadora do Projeto Museu

Escola, do Museu da Inconfidência e possui mestrado sobre a História Política do Brasil. /.../ convida a todos os ouvintes a chamar seus pais para escutarem a conversa /.../ Bete começa contando um pouco sobre a história das diferentes tribos que habitavam o Brasil antes da colonização portuguesa /.../ Uma das crianças faz a seguinte pergunta [...] Por que aqui nessa área de Minas Gerais é raro você ouvir falar sobre índios /.../

Quadro de Narrativas - Fita 21 - Bloco 1

/.../uma das crianças que apresenta o programa lê uma poesia /.../ Cumprimenta os ouvintes após leitura, ela fala que este poema é do Poeta Paulo Leminsk. Anuncia o concurso de poesias que o programa está promovendo, conta que as cartas continuam chegando e diz que as crianças podem enviar seus poemas até o final do mês/.../ Anuncia a entrevista com Vandico, Vanderlei Alexandre da Silva, artista e escritor de Ouro Preto/.../ O entrevistador pergunta como é de escrever poemas e histórias/.../

Ao considerar o conhecimento da recepção, a produção incentiva os ouvintes a mandarem cartas, participarem de concursos variados, com perguntas sempre envolvendo temas sobre a cidade de Ouro Preto.

5- No programa Papo de Criança, o conhecimento é construído e apresentado de forma prazerosa.

Prazer e divertimento foram constantes em todos os programas, as crianças apresentavam temas diversos de maneira prazerosa, que dá para inferir que elas se divertiam fazendo o programa:

Quadro de narrativas - Fita 5 - Bloco 4

/.../arredem o sofá, tá na hora da nossa parada de sucesso /.../

Quadro de narrativas - Fita 11 – Bloco 2

/.../as crianças (apresentadoras) fazem um teatro /.../simulando estarem em uma sala da aula /.../ a professora faz a chamada e os alunos fazem piadas com os Temas que a professora começa a ensinar /.../tipo escolinha do professor Raimundo /.../ escutem só Michele/.../

Crianças: Uh gererê nossa aula é de morrer... Uh gererê nossa aula é de morrer...

Professora/criança: silêncio! logo no primeiro dia de aula esta bagunça!!

Ai fessora, oce vai ter que se acostumar com nós...

Chamada: Carmensita, Josefino

Presente fessora!

Alguém sabe me dizer o que é Geografia?

Josefino responde: Eu sei, fessora geografia é um exame que agente faz lá no hospital/.../ eu vi um dia uma senhora falando pro seu marido que ela tinha que fazer uma geografia na cabeça/.../

Professora/criança: Na cabeça!!! Santa periquita da capim enrolado... eu estou falando de Geografia, do estudo da terra /.../

Todos: a professora deu um tic tic nervoso/.../ tic tic nervoso /.../

Quadro de narrativas - Fita 17 – Bloco 2

/.../ouvem-se as crianças conversando, rindo e entra o som de um violão /.../

Se você quer saber...

Se você quer saber...

o que vai ser , o que vai ser ...

é o programa Papo de Criança

é o programa Papo de Criança aaaeee...

sobre assuntos da escola do seu bairro, sua rua

e sobre a cidade também vai ter

sobre a cidade também vai ter

é o programa Papo de Criança

é o programa Papo de Criança aaaeee /.../

/.../ voz masculina pergunta o que as crianças (apresentadores) acharam da música

/.../elas respondem que gostaram /.../ uma das crianças diz que a letra está dentro do

assunto que programa Papo de Criança, abordando os assuntos que são falados no

programa/.../ da cidade /.../todos cantam novamente a música juntos /.../ao final, todos

batem palmas /.../

Quadro de Narrativas - Fita 18 – Bloco 1

Para os nossos ouvintes: concurso relâmpago: /.../responder três charadas /.../ e a primeira cartinha com as respostas certas ganhará um prato de brigadeiro feito pela Dalva Jornalista /.../

o que é o que é ... que joga para cima é prata e cai no chão é ouro...

o que é o que é a banana disse ao tomate...

o que é o que é cebolinha foi ao cinema levando 3 pirulitos, qual é o nome do filme?

enviar as cartinhas para a rádio /.../

O divertimento, o prazer e o afeto são condições essenciais para que a aprendizagem aconteça. Teatro, música e poesia foram temas constantes nos programas e mesmo na ausência destes marcadores, tiveram uma maneira lúdica como característica.

6- Fazer perguntas é uma competência especial, no programa esta competência foi incentivada e preservada.

O programa teve em todas as edições um quadro de entrevistas, a capacidade formular perguntas diversas foi constante, seja para os entrevistados, seja nas discussões entre os próprios apresentadores, para os ouvintes, o que garantia a interlocução:

Quadro de narrativas - Fita 11 Bloco 1

/.../ está acontecendo um bochicho em Ouro Preto /.../ é a inauguração da TV Cultura de Ouro Preto, e nós fomos lá e conhecemos tudo, os estúdios, fizemos muitas perguntas para o Diretor Jaime Gomide /.../

Jaime, você poderia nos falar sobre os desenhos animados da programação?

E como a Top Cultura vai mostrar Ouro Preto? /.../Jaime fala do Castelo Rá ti bom/.../ Jaime fala da programação da TV Ouro Preto, explica que a Top Cultura, que é uma TV voltada para a Cultura e a Educação /.../ o nosso patrocinador é o Governo Federal e a UNESCO, mas teremos programação local também, a nossa TV aqui é comunitária, vamos mostrar Ouro Preto e Municípios, teremos o Programa de vocês aqui na TV também /.../ queremos trabalhar com a comunidade de Ouro Preto/.../ Ouro Preto ser Patrimônio Cultural da Humanidade, ela tem muito o que mostrar/.../

Quadro de narrativas - Fita 18 Bloco 1

Pergunta para os ouvintes: Vocês já pararam para pensar quanto vocês gastam quando vai a rua? Você sabe o preço do refrigerante? E do hambúrguer? Quando você está no bar, o que gosta de comer? Você sabe quanto custa? E na padaria, sabem o preço do pão? /.../os repórteres do programa então perguntando às crianças nas ruas de Ouro Preto o que elas costumam comprar na rua e se sabem o valor dos produtos que compram /.../ várias respondem que compram lanches e doces, e todas dão os valores dos produtos que compraram /.../

7- No programa Papo de Criança, o ouvinte é incentivado a ser participativo e colaborativo.

Nesta cláusula, o ouvinte foi chamado incessantemente a participar das atividades culturais da cidade, a ter responsabilidades sociais, a cuidar do seu patrimônio, ser ativo com os movimentos que existiam na cidade de Ouro Preto:

Quadro de narrativas - Fita 10 - Bloco 3

/.../ a semana da Criança vem aí /.../ fiquem ligados pois o Papo de Criança terá muita surpresa/.../ veja a programação: dia 11 vai ter muitas atividades na Praça Tiradentes/.../ vai ter o Museu na rua uma promoção do Museu Escola do Museu da Inconfidência, das 14:00 as 18:00 horas/.../vamos todos lá /.../ Na casa da Ópera também vai ter Teatro no dia 12, dia da criança, no dia 14 mais uma festa na Barra, com oficinas de arte e muito mais /.../ uma promoção do SESC...Parabéns a Escola Estadual Barão de Camargo pela exposição na Casa dos Contos, já visitaram? /.../e não se esqueçam do aniversário do nosso Programa Papo de Criança /.../estamos esperando todos vocês no Teatro /.../até sábado /.../

Quadro de narrativas - Fita 4 - Bloco 1

/.../ Bom dia meninada! No dia 05 comemoramos o dia do meio ambiente/.../ vocês devem ter feito muito trabalho sobre este tema na sua escola/.../ vamos falar de um assunto polêmico /.../ a Cachoeira das Andorinhas /.../ um dos parques mais bonitos de Ouro Preto que está em risco /.../ um caso de polícia /.../uma pedreira desviou o curso do rio das andorinhas /.../ PRECISAMOS fazer alguma coisa /.../pois daqui a pouco ao invés de se chamar cachoeira da andorinhas vais se chamar pedreira das andorinhas/.../a cachoeira está em risco... JÚLIO GOMES: AQUI E AGORA!
/.../respeito ao meio ambiente é fundamental/.../ vamos nos mobilizar para ajudar a cachoeira das andorinhas/.../

Quadro de narrativas - Fita 21- Bloco 5

/.../um dos apresentadores cumprimenta os ouvintes anuncia o jornal do Papo /.../ outro apresentador pergunta se os ouvintes já escreveram para o Programa /.../ pede que escrevam /.../Anuncia o início Projeto Museu Escola, dá informações sobre o projeto /.../também fala sobre a Oficina de Comunicação no Museu Casa Guignard, mais uma vez chama o ouvinte a participar/.../ dizem que estão tristes pelo não funcionamento da Oficina de Artes de São Bartolomeu e cobra dos adultos e crianças que participem/.../

8- No programa Papo de Criança o ouvinte é incentivado a buscar sempre mais conhecimento, através de diferentes fontes (leituras, visitas a museus, participações em eventos culturais).

O programa Papo de Criança sempre incentivou a busca pelo conhecimento, seja entrevistando pessoas com expertise em assuntos diversos, seja incentivando os interlocutores para buscar mais conhecimento. Trabalhou o patrimônio cultural material e imaterial sempre enfatizando a cidade de Ouro Preto e suas especificidades:

Transcrição da fita 01 – Bloco 2

14./.../O Zé Isabel, conta para a gente agora como é ser um guia de turismo.

15.Zé Isabel - Para chegar a esta profissão é muita batalha, agente passa por muitas decepções, mas devemos ter força de vontade e lutar por aquilo que agente chegar onde a gente quer uma coisa, a gente faz bem, tem que estudar, ler livros, para depois agente chegar a onde a gente chegou

16.O que faz um guia de turismo?

17.Zé Isabel – primeiramente tem que ter o dom, tudo na vida tem que ter o dom, parece que acende uma luz na nossa cabeça e a gente faz aquilo com amor e tudo que a gente faz com amor, a gente faz bem, nunca deixando estudar, sempre estudando, lendo e ouvindo os mais velhos, isso é muito importante.

18.Como é que você trabalha?

19.Zé Isabel – primeiramente nós temos um posto lá na Praça Tiradentes , nº 41 e lá ficamos aguardando os contatos, a comunicação do pessoal de fora, que vem visitar Ouro Preto recebe muita gente carente, sem dinheiro mesmo, como a prefeitura tem um serviço comunitário, eu sou uma dessas pessoas que ando com estas crianças carentes, principalmente as pessoas da nossa região, sai pela Cidade enfoca para eles quem foi Aleijadinho, que foi o Patrono da Arte Brasileira, e também as levamos na Casa dos Contos, mostramos a Senzala, onde os escravos dormiam, passavam um sofrimento terRível, levamos aqui na Mina do Chico Rey, que é interessante, falamos onde eles construíram a Igreja que fica aqui no alto do Vera Cruz /.../

Quadro de narrativas - Fita 17- Bloco 4

/.../Priscila chama a atenção para as notícias do dia /.../ está acontecendo o segundo circuito cultural de teatro em Ouro Preto/.../ há muitas peças infantis, com a participação de escolas e grupos e há tantas peças que nem dá para informar /.../ convida a todos para pesquisarem mais informações nas escolas, e não perderem a oportunidade de irem ao teatro/.../

/.../Alexandro diz que, já que falaram sobre patrimônio no programa /.../conta que houve na semana que passou um encontro muito importante, o primeiro Seminário de Educação, Patrimônio e Turismo/.../ ele foi conferir e viu muitos professores apresentando projetos com a preocupação de preservarem a cidade de Ouro Preto/.../

Quadro de narrativas - Fita 21- Bloco 1

Bom dia! Como estão indo na leitura? /.../as crianças falam da descoberta da leitura e da importância de ler...falam dos que livros estão lendo... /.../agora prestem atenção na notícia, estará acontecendo dia 23 de outubro no anexo do Museu da Inconfidência uma feira de livros com exposição dos trabalhos das escolas e muitas atrações ligadas a leitura, é um trabalho do movimento PRÓ-LER do Estado e das professoras que estão incentivando a leitura/.../ e temos uma professora do movimento que estará lançando um livro durante a feira é a Cidinha da Escola Estadual Tomás Antônio Gonzaga/.../ Cidinha fala de como começou a escrever...mas só agora teve coragem de publicar /.../o Livro é de Literatura infanto-juvenil, ela tem também, livros de contos já organizados,

de poemas...e que trabalha muito na sua escola com a sua turma... convidam outra professora Marlene da Escola Don Pedro que também estará lançando um livro/.../ela fala da dificuldade de fazer com que as crianças tenham gosto pela leitura e fala de como trabalha este Tema com as crianças da sua escola/.../fala da importância dos pais no hábito de leitura das crianças/.../ a feira vai até o dia 27, no anexo do Museu da Inconfidência visitarem a Semana Literária/.../

Quadro de narrativas - Fita 28- Bloco 3

/.../Dafne pergunta o que será que acontece na oficina da Júlia, oficina de brinquedos e vai conferir com os repórteres do programa /.../entrevista com Júlia: ela explica que nesta oficina eles têm a proposta de recriarem as festas e as histórias de Ouro Preto. Diz que estão no momento trabalhando o boneco símbolo do carnaval, o Zé Pereira /.../ os alunos já fizeram uma pesquisa na biblioteca sobre a história do Zé Pereira e do carnaval e eles estão montando isso tudo/.../ Fernanda pergunta quais são os outros brinquedos feitos na oficina. Julia responde que nesse ano somente uma turma continua fazendo brinquedos para montarem a Brinquedoteca, as outras turmas estão trabalhando com os bonecos e as festas /.../ Julia faz um pedido aos ouvintes que quem puder juntar sucatas como caixa de papelão, latas, retalhos de pano, madeira, garrafas plástica, quem puder colaborar ela agradece/.../

9. No Programa Papo de criança, o ouvinte principal são as crianças.

As crianças são apresentadoras e também ouvintes privilegiados do programa. É um programa feito por crianças e para crianças.

Transcrição da fita 01 – Bloco 1

1. Locutor - A partir de agora pela Rádio Cultura de Ouro Preto Papo de Criança um programa da Secretaria Municipal de Educação, apresentado por crianças da Rede Municipal de Ensino: Com vocês: Acrícia, Alessandro, Francisco, Michele e Priscila. /.../

Quadro de narrativas - Fita 2- Bloco 4

/.../estamos aqui com o Aloísio, ele foi o ganhador da radinho de pilha da semana passada sobre Tiradentes, fala ai Aloísio /.../ele fala que escuta o programa e que a família toda gosta muito... meu pai, minha mãe, meu irmão /.../

Nesta análise do contrato de comunicação, além dos fazeres descritos por Charaudeau (2009), encontramos no programa Papo de Criança o compromisso de “se-fazer -pertencer”, enquanto o “fazer – saber” ocupa-se da dimensão informacional, “se-

fazer -pertencer” vai além, busca a dimensão do pertencimento ao lugar, foi o que verificamos na maneira como o patrimônio cultural de Ouro Preto foi trabalhado, de forma ampla e contextualizada. Esse compromisso com a Cidade reforça a dimensão que a educação patrimonial manteve no programa.

5.2 As vozes

Como sinalizamos anteriormente, para identificar a presença das vozes, não contamos com marcadores explícitos e analisamos a *mise en scène* discursiva. Buscamos conhecer as vozes presentes que compunham o discurso no programa analisado. Embora sejam esperadas determinadas vozes nas falas de determinados enunciadore, as mesmas emergem no esforço de análise do pesquisador, que de posse da transcrição, procura enxergar além da identidade declarada do enunciador, e se pergunta quem estaria a se expressar ali, a partir das opiniões, ideias e performances presentes. Não há fronteiras fixas para a manifestação das vozes, havendo alternância delas nos turnos de fala, como se de fato dialogassem entre si.

No quadro a seguir podemos observar o número de vozes recuperadas no programa “Papo de Criança”, Fita 1 - 1995, tanto no nível da locução, quanto no nível da enunciação.

QUADRO 7 – Manifestação das vozes – Fita 1 - 1995

NÍVEL	VOZES
LOCUÇÃO	Voz do locutor da rádio
ENUNCIÇÃO	Voz dos apresentadores - crianças
	Voz do repórter
	Voz do pré - adolescente
	Voz do professor
	Voz de alguém se preparando para ser guia
	Voz do guia de turismo
	Voz de pertença a um grupo
	Voz da criança ouvinte

	Voz do adulto na produção
	Voz da criança na produção
	Lado onisciente - Isidoro

Identificamos no programa transcrito 12 vozes, 1 na locução e 11 na enunciação, as vozes foram identificadas por nós através do envolvimento dos atores na *mise en scene* discursiva. As vozes:

A - Voz na Locução

1. Voz do locutor da rádio

Ele anuncia o nome da rádio, o nome do programa, o patrocinador e apresenta as crianças como as apresentadoras do programa.

Transcrição Fita 1 – Bloco 1 – 1995

Locutor - A partir de agora pela Rádio Ouro Preto, Papo de Criança um programa da Secretaria Municipal de Educação, apresentado por crianças da Rede Municipal de Ensino: Com vocês: Acrícia, Alexandro, Francisco, Michele e Priscila/.../

B - Vozes na enunciação

1. Voz dos apresentadores – Crianças

A voz dos apresentadores informam uma situação, fazem as chamadas, entrevistas e conversam com os ouvintes.

Transcrição Fita 1 - Bloco 2

1. Oi meninada, vamos conversar hoje com uma pessoa que todo mundo conhece na cidade é o Zé Isabel, ele é guia de turismo e vem falar sobre sua profissão tão interessante que poderá vir a ser um dia a profissão de um de nós que estamos ouvindo, não é mesmo?
2. Para conversar com o zé Isabel nós viemos aqui para a Ponte dos Suspiros que é bem perto do Chafariz de Marília.
3. Ah...que pena não tem água no Chafariz...
4. Bom para quem não sabe quem é Marília de Dirceu, o Alexandro vai ser mais um capítulo do livro: Ouro Preto para crianças da Professora Maria Célia Trindade, vamos aprender mais um pouquinho sobre a História de Ouro Preto.

Transcrição Fita 1 - Bloco 4

1. Pois é Michele, tá na hora de puxar o trenzinho, é isso ai Priscila
2. Só vamos lembrar o concurso, gente escreva para nosso programa até a próxima quinta, respondendo qual foi a primeira profissão de Tiradentes.
3. Quem acertar ganhará um radinho de pilha para ouvir o nosso programa
O endereço é: Rádio Ouro Preto, Programa Papo de Criança. Rua Padre Antônio de Carvalho, Nº 17, Caixa Postal 271.
4. Tchau gente, um bom final de semana, até sábado com muitas atrações para vocês...

2. Voz do repórter

Aqui é a voz que apresenta um fato, que faz perguntas, que quer ter e mostrar uma informação.

Transcrição Fita 1 - Bloco 1

6. Papo de Criança – aqui e agora - - escutem a confusão.

Transcrição Fita 1 - Bloco 2

13. Vamos agora a entrevista com o Zé Isabel
14. O Zé Isabel, conta para a gente agora como é ser um guia de turismo.
15. Zé Isabel - Para chegar a esta profissão é muita batalha, agente passa por muitas decepções, mas devemos ter força de vontade e lutar por aquilo que agente chegar onde a gente quer uma coisa, a gente faz bem, tem que estudar, ler livros, para depois agente, né...chegar a onde a gente chegou
16. O que faz um guia de turismo?
17. Zé Isabel – primeiramente tem que ter o dom, tudo na vida tem que ter o dom, parece que acende uma luz na nossa cabeça e a gente faz aquilo com amor e tudo que a gente faz com amor, a gente faz bem, nunca deixando estudar, sempre estudando, lendo e ouvindo os mais velhos, isso é muito importante.
18. Como é que você trabalha?

33. Zé Isabel, muito obrigada pela sua entrevista e espero que você continue fazendo mais xarada para nosso programa.

3. Voz do pré – adolescente

Aqui quem se apresenta é o adolescente, o grupo privilegiado da audiência que o programa quer atingir. São os representantes autênticos da recepção.

Transcrição Fita 1 - Bloco 1

2. Eôô...o nosso time é um terror eôôô nosso time é um terror...
3. eôôô nosso time é um terror...
4. eôôô... nosso time é um terror...
5. Bom dia gente, cruzeirenses e atleticanos pegaram fogo durante o recreio na Escola Municipal Professora Juventina Drumond no Morro de Santana, nosso microfone invisível estava lá e captou todo o bate boca, olha só que barato,
6. Papo de criança – aqui e agora - - escutem a confusão.
7. Várias vozes de crianças falando ao mesmo tempo... perdeu para o atlético... 1x0...cruzeiro até morrer...time feio... atlético... galo...time feio...sou atleticano até morrer...

Transcrição Fita 1 - Bloco 3

3. E ai galera, tá naquela hora de arredar o sofá e dançar com aquela gatinha que os meninos todos estão pedindo, com vocês Patrícia Max! Ficar com você...

4. Voz do professor

Verifica-se que o entrevistado lança mão de falas semelhantes a de um professor, fala da importância da leitura, da formação, se preocupa em dar bom exemplo e chama atenção pontuando e reforçando um exemplo já mostrado à recepção, (*/.../fazer igual vocês estão fazendo ai, lendo Ouro Preto para crianças da Maria Zélia, tem muitos livros interessantes em Ouro Preto/.../ Manuel Bandeira/.../*), se preocupa em fazer uma pergunta interessante, desde que seja para aprender, no caso aqui reforça a compreensão da figura de Tiradentes em Ouro Preto, pois quem mora nesta cidade tem que conhecer, saber sobre Joaquim Silvério dos Reis.

Transcrição Fita 1 - Bloco 2

27. Zé Isabel, qual o conselho que você daria para nós crianças que queremos ser guia turístico igual a você.
28. Zé Isabel – primeiramente você gostar né, tudo tem que gostar...e para gostar tem que ler né, começar a ler livros, fazer igual vocês estão fazendo ai, lendo Ouro Preto para crianças da Maria Zélia, tem muitos livros interessantes em Ouro Preto Manuel Bandeira.

29. Gostar de poesia, por que as vezes você tem que recitar poesia para o turistas, então vai lendo vai gostando, vai ouvindo as pessoas e a medida que o tempo vai passando, você decide se é bom para você. Então primeiramente faça o primeiro grau, depois faça o segundo grau e depois peça o Curso no SENAC, que é o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, consegue a Carteirinha na EMBRATUR, e ai você não vai ser só guia de Ouro Preto mas vai ser guia regional, de Congonhas, Diamantina, São João Del Rey...
30. Nós estamos fazendo um concurso que tem como interesse fazer com que as crianças se esforcem mais a saber sobre a história de Ouro Preto, e nós gostaríamos que você fizesse uma pergunta para que as crianças pudessem responder...
31. Zé Isabel – olha eu pensei muito na minha casa, e resolvi fazer uma pergunta até interessante, que eles vão bater a cabeça mesmo...eu queria saber deles qual foi a primeira profissão de Tiradentes.

Todos os programas tiveram o entrevistado do dia, veja (Quadro 3 - Refinamento dos dados da pesquisa). Eles foram convocados para falar dos assuntos mais diversos. Esta voz é a do professor, do expertise, e esta voz foi a de maior tempo no programa, (Quadro de Narrativas – APÊNDICE 1). O que configura o formato assumido do programa, de ser um programa educativo, onde os temas principais foram abordados através da voz privilegiada do professor.

5. Voz de alguém se preparando para ser guia

Aqui vem a voz de quem desejou, fala da trajetória, traz a fala mais bonita em nossa opinião até aqui: *“eu fui conquistando aquela praça, pois me parece que o povo de Ouro Preto ainda não conquistou aquela praça ainda, ela é mais para as pessoas de fora né?”* Ele se sente pertencente daquele lugar e é reflexivo ao avaliar se a comunidade também é. Mas a praça não é do povo? Afinal então, de que povo ele fala? Não é do povo ao qual ele pertence.

Transcrição Fita 1 - Bloco 2

22. Zé Isabel, como era sua infância aqui em Ouro Preto e como se interessou em ser guia turístico?
23. Zé Isabel – na época, foi muito difícil, o meu pai veio do interior de Ouro Preto, viemos pequenos cá, e eu comecei na praça engraxando sapato na praça, comecei como engraxate de madeira e depois eu fui conquistando aquela praça, pois me parece que o povo de Ouro Preto ainda não conquistou aquela praça ainda, ela é mais para as pessoas de fora né?
24. Então fui conquistando cada pedaço daquela praça, passei a depois vendedor de limão, passei a lavar carro... e ai eu fui gostando, ouvindo as pessoas falar sobre Ouro

Preto, comecei a explicar também... fui me interessando, fui gostando da profissão, e aí comecei a ler, ler e escrever...

6. Voz do guia de turismo

Esta voz revela uma reflexão sobre a profissão escolhida. Não nega as críticas, mas não comunga com elas, reforça a importância da formação e das conquistas já realizadas.

Transcrição Fita 1 - Bloco 2

18. Como é que você trabalha?

19. Zé Isabel – primeiramente nós temos um posto lá na Praça Tiradentes, nº 41 e lá ficamos aguardando os contatos, a comunicação do pessoal de fora, que vem visitar Ouro Preto recebe muita gente carente, sem dinheiro mesmo... como a prefeitura tem um serviço comunitário, eu sou uma dessas pessoas que ando com estas crianças carentes, principalmente as pessoas da nossa região... sai pela Cidade enfoca para eles quem foi Aleijadinho, que foi o Patrono da Arte Brasileira, e também a levamos na Casa dos Contos, mostramos a Senzala, onde os escravos dormiam, passavam um sofrimento terrível, levamos aqui na Mina do Chico Rey, que é interessante, falamos onde eles construíram a Igreja que fica aqui no alto do Vera Cruz

20. Você enfrentou muitas críticas no começo da sua carreira, muitos pais falam que esta é uma profissão de vagabundo...

21. Zé Isabel – a expressão vagabundo, é muito forte, mas o que a gente recebe é muita crítica, que a profissão é de malandro, diz que é malandro de praça... mas me parece que hoje depois de 14 anos, a gente participando de encontros, indo a congressos a nível nacional, começamos em São Luiz do Maranhão, e agora fizemos o último congresso no Pantanal, no Mato Grosso do Sul, daí para cá o pessoal está tendo mais consciência, mas mesmo assim ainda tem muitas críticas.

7. Voz de pertença a um grupo

Esta voz revela suas impressões e sentimentos. Quem falaria dos escravos desta forma? Inferimos que seja alguém com as suas características, sua causa e sua luta. Como vimos a trajetória: *“/.../ na época, foi muito difícil, o meu pai veio do interior de Ouro Preto, viemos pequenos cá, e eu comecei na praça engraxando sapato na praça, comecei como engraxate de madeira e depois eu fui conquistando aquela praça/.../ passei a depois vendedor de limão, passei a lavar carro/.../”* esta é a voz de quem viveu, cresceu e se apropriou da rua.

Transcrição Fita 1 - Bloco 2

19. Zé Isabel – primeiramente nós temos um posto lá na Praça Tiradentes , nº 41 e lá ficamos aguardando os contatos, a comunicação do pessoal de fora, que vem visitar. Ouro Preto recebe muita gente carente, sem dinheiro mesmo... como a prefeitura tem um serviço comunitário, eu sou uma dessas pessoas que ando com estas crianças carentes, principalmente as pessoas da nossa região... sai pela Cidade enfoca para eles quem foi Aleijadinho, que foi o Patrono da Arte Brasileira, e também as levamos na Casa dos Contos, mostramos a Senzala, onde os escravos dormiam, PASSAVAM UM SOFRIMENTO TERRÍVEL, levamos aqui na Mina do Chico Rey, que é interessante, falamos onde eles construíram a Igreja que fica aqui no alto do Vera Cruz...

8. Voz da criança ouvinte

Esta voz assume que ela e os ouvintes pertencem ao mesmo grupo, o das crianças. A voz que se manifesta fala de dentro do grupo.

Transcrição Fita 1 - Bloco 2

37. Zé Isabel, qual o conselho que você daria para NÓS crianças que queremos ser guia turístico igual a você.

9. Voz do adulto na produção

Aqui quem se coloca é o adulto na fala da criança.

Transcrição Fita 1 - Bloco 2

1.OI MENINADA, vamos conversar hoje com uma pessoa que todo mundo conhece na cidade é o Zé Isabel, ele é guia de turismo e vem falar sobre sua profissão tão interessante que poderá vir a ser um dia a profissão de um de nós que estamos ouvindo, não é mesmo?

30. Nós estamos fazendo um concurso que tem como interesse FAZER COM QUE AS CRIANÇAS se esforcem mais a saber sobre a história de Ouro Preto, e nós gostaríamos que você fizesse uma pergunta para que as crianças pudessem responder...

10. voz da criança na produção

Esta voz se apresenta quando consideramos que a criança fala assim com seus pares e se coloca junto com a recepção para se fazer entender.

Transcrição Fita 1 - Bloco 2

12. AH GENTE que história triste GENTE...

32. AI GENTE o Zé Isabel quer saber qual foi a primeira profissão de Tiradentes, quem acertar vai ganhar um radinho de pilha, escreva para nós até a próxima quarta...

11. Lado onisciente

O lado onisciente do locutor, é quando ele é convocado a cena discursiva e anuncia no programa, mas está representando outra voz, diferente, aqui é a fala da Secretaria de Educação de Ouro Preto, a voz da instituição, conscientizando as escolas e a comunidade da importância de se ter um colegiado.

Transcrição da fita 01 - Tema 3

2. Voz do Isidoro – Como vai a Escola de sua Comunidade, o Colegiado responde, participe, é hora de democratizar a escola, Colegiado já! Secretaria de Educação, Prefeitura Municipal de Ouro Preto. /.../

Os resultados apresentados neste capítulo reafirmam que o programa Papo de Criança possui indicadores específicos do suporte radiofônico, foi um programa educativo, trabalhou na promoção e na divulgação do patrimônio cultural de Ouro Preto. Assim, através do contrato de comunicação, observamos o desempacotamento linear dos temas, a voz do expertise aparecendo como a voz privilegiada na totalidade de tempo dos programas e o patrimônio cultural de Ouro Preto como tema central das discussões, o que nos permite inferir que o contrato comunicativo estabelecido no programa teve como base a educação patrimonial.

Consideramos como práticas educativas as manifestações associadas ao espaço formal e não formal de ensino. O museu foi visto como sendo parte indissociável da cidade de Ouro Preto, vindo à tona como o lugar do saber e do fazer. Das vozes identificadas no programa analisado, encontramos vozes que são exclusivas e foram chamadas à cena de

acordo com o contexto sonoro específico do assunto desenvolvido. Embora fosse esperada uma manifestação mais presente da voz do museu, esta apareceu de maneira diluída no discurso, o que pode indicar que o sujeito responsável por esta voz privilegiou o conhecimento sobre o patrimônio, estamos levando em consideração que, ao falar de patrimônio cultural, estamos falando também de museus. Assim, o ouvinte foi convidado a refletir sobre sua cultura e seu patrimônio, assumindo que, para preservá-lo, é preciso participação e conhecimento.

Segundo Bossler (2010), o estudo das vozes desperta grande frenesi no meio acadêmico e são muitas as produções que declaram trabalhar com elas em determinados contextos. Entretanto, poucos são os estudos que de fato as identificam do ponto de vista do discurso, assumindo a sutileza e ambiguidade da metodologia e realizando o necessário desmembramento de uma única fala, mas que ao trabalharmos com esta fala, reconhecemos que ela é composta por outras vozes convocadas pelo falante. Em suas pesquisas de mestrado e de doutorado a autora trabalhou com as vozes no rádio e na TV e diz que existe o desafio de identificar a alternância delas em outros contextos para saber se é pertinente tal análise. Este trabalho valida a ferramenta analítica para o rádio, sugerimos que outros espaços possam ser submetidos a esta metodologia. Nós mantemos o desafio.

CONCLUSÃO

Nestor Garcia Canclini (2006), diz que durante muito tempo, os museus foram vistos como espaços fúnebres em que a cultura tradicional se conservaria solene e tediosa, curvando-se sobre si mesma.

Desde os anos 1970 que os debates sobre sua estrutura e função, com renovações audazes, vem mudando o sentido destes espaços. Já não são apenas instituições para a conservação e exibição de objetos, nem tão pouco fatais refúgios de minorias. Ainda segundo Canclini (2006), os museus estadunidenses, que em 1962 chegavam a 50 milhões de visitantes, superaram em 1980 a população total desse país. Na França, os museus recebem mais de 20 milhões de pessoas por ano, só o Centro George Pompidou supera os 8 milhões, o Museu de Arte Moderna oferece exposições temporárias de ciência e tecnologia, livros e outras atividades em um auto serviço, enfim uma atmosfera estimulante de um centro cultural polivalente.

A estatística brasileira com relação à visitação dos museus brasileiros melhorou nos últimos anos⁸⁶, mas ainda é um dos maiores problemas das nossas instituições, como vimos nas pesquisas que analisamos cujos objetos de análise se voltaram para pesquisas que têm como objetivo compreender o processo comunicacional do museu por meio dos estudos de público, conclui, dizendo que as discussões sobre comunicação em museus ainda alcançam poucas instituições, a literatura reflete isso, e mostra também que as pesquisas na área da política cultural também não são muitas, encontra-se dispersa em instituições de tipos variados e ainda muito dependente do interesse pessoal de cada pesquisador. Por isso, a reflexão sobre o lugar dos museus na política patrimonial pode ser útil para encontrarmos explicações para nosso ainda deficiente desenvolvimento cultural.

Existem esforços de pesquisadores para tentar compreender a dimensão educativa/comunicativa dos museus. Em nosso estudo, a imersão no universo do Museu Casa Guignard teve como objetivo a busca da compreensão acerca de uma ação educativa voltada para a comunidade ali constituída. Ao aprofundarmos na análise, nos deparamos com um universo de práticas culturais que não está circunscrita a um único

⁸⁶ O Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/MinC) lança a publicação *Museus em Números* em dois volumes, oferecendo um panorama estatístico nacional e internacional do setor de museus e textos analíticos sobre a situação dos museus nas unidades federativas. Os dados são referentes a 1,5 mil instituições museológicas brasileiras que responderam ao questionário do Cadastro Nacional de Museus (CNM) – cadastradas entre as mais de três mil instituições mapeadas em todo o país à época do levantamento de dados para a pesquisa (setembro 2010). <http://www.museus.gov.br/publicacoes-e-documentos/museus-em-numeros/>. Acesso em fevereiro de 2013.

campo de produção acadêmica, mas em um território de influências de diferentes campos de pesquisa, por isso este é um trabalho híbrido.

Nós acreditamos que os museus, como meio de comunicação de massa, pode desempenhar um papel significativo na democratização da cultura. Acabaram os museus sem luz, onde a arte era objeto apenas de trabalho e não de prazer. Hoje, são lugares de encontro, onde podemos passar o dia, nos divertir.

As mudanças pela qual passaram os museus, de concepção, inserção nos centros culturais, criação de eco museu, de museus comunitários, escolares, de sítio e várias inovações cênicas e comunicacionais (ambientações, serviços educativos, introdução de tecnologias de ponta) impedem de falar destas instituições como simples depósitos do passado. Hoje, ainda que não seja o ideal, devemos reconhecer que as alianças, involuntárias ou deliberadas, dos museus com os meios de comunicação e o turismo foram eficazes para a difusão cultural (CANCLINI, 2006).

O método utilizado por cada instituição museal tem sempre por princípio propiciar a seus públicos os mais diversos sentidos, sempre estimulando-os a exercer como cidadãos o direito de compartilhar e valorizar o seu patrimônio. Os métodos sempre serão muitos, e cada um pensado e adequado a realidade de cada instituição e de cada sujeito envolvido.

Nesta pesquisa, quando falamos de prática educativa, estamos falando de um conjunto de procedimentos educativos que utilizam o museu (seja o acervo ou o seu espaço) como mediador da realidade social, de modo amplo, o museu imbuído desta função, pretende chegar até o público, seja para favorecer o acesso aos bens patrimoniais, seja para se ter uma compreensão da realidade na qual está inserida (NASCIMENTO, 2008).

A ação educativa que permeou todo o programa Papo de Criança foi a Educação Patrimonial, que como discutimos ao longo desta pesquisa, dentro do conceito de patrimônio, que hoje está ampliado: voltamos as palavras do Ex- Ministro da Cultura Gilberto Gil:

(...) pensar em patrimônio agora é pensar com transcendência, além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes, os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital, e todas as formas de espiritualidade da nossa gente. O intangível, o imaterial” (BRAGA, 2012).

O conceito que “preservar o patrimônio histórico é educação” esteve presente o tempo todo no programa. Mas não só o patrimônio edificado, por isso as palavras do ex-Ministro da Cultura, Gilberto Gil são tão verdadeiras para o que se discutiu nos programas. A frase de Aloísio Magalhães “a comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio”, também pode aqui ser o *slogan* do programa papo de criança.

Mas por que um programa com estas características todas acabou? Até onde nos foi informado pelo diretor do MCG, o fim do programa aconteceu por que teve uma mudança política na gestão da cidade de Ouro Preto, e o novo gestor não teve interesse em continuar com a parceria. Houve tentativas para que a SUM assumisse o programa, mas não havia verba para tal ação. Este é mais um desafio para os museus, conseguir manter seus projetos educativos, as ações não podem ser pontuais, tem que haver permanência para que sejam consideradas ações educativas.

Como constatamos nas pesquisas, outro grande desafio do museu é trazer o público para dentro dos seus espaços e fazer com que participem de suas ações e propostas. Sabemos que os museus podem ser espaços únicos para se trabalhar as dimensões educativas das artes, da cultura e do nosso patrimônio seja material ou imaterial. E foi pensando neste desafio que realizamos esta pesquisa, pois vimos na singularidade da experiência analisada que é possível pensar em novas proposições para que o público se aproprie destes espaços.

Ao trazer esta experiência para os dias atuais, nos deparamos com novas formas de fazer radio e principalmente de se comunicar. Hoje vivemos a era digital, numa revolução de informação e de comunicação sem precedentes. As transformações tecnológicas também impôs mudanças na transmissão radiofônica, o que percebemos é que os gêneros antigos se reconfiguram nos novos, usando elementos já conhecidos e buscando outros, hoje já temos transmissão radiofônica via internet.

A nossa proposta seria que os museus criem suas Web rádios⁸⁷ com todas as possibilidades que esta rede hoje oferece. Muitos museus já tem sites⁸⁸, estão conectados na rede mundial de computadores. Mas ter uma rádio, que divulgue suas exposições, suas ações, que discutam questões variadas, que faça com que este público participe, se sinta pertencente destes espaços. Acreditamos que o uso do rádio como meio de comunicação museal, pode ser mais uma alternativa de popularização destes espaços, que deveria ser mais utilizado, tamanha são as possibilidades que o rádio oferece de contato com o público.

O papo continua...

⁸⁷ Web rádio (também conhecido como Rádio via Internet ou Rádio Online) é o serviço de transmissão de áudio via Internet com a tecnologia [streaming](#) gerando [áudio](#) em tempo real, havendo possibilidade de emitir programação ao vivo ou gravada. Muitas estações tradicionais de rádio transmitem a mesma programação pelo meio convencional (transmissão analógica por ondas de rádio, limitado ao alcance do sinal) e também pela Internet, conseguindo desta forma a possibilidade de alcance global na audiência. Outras estações transmitem somente via Internet. O custo para criação de uma Web rádio geralmente é bem inferior ao custo de criação de uma rádio tradicional. Para transmissão de músicas comerciais é tema de debate a necessidade de pagamento dos direitos autorais das músicas. Para realizar a transmissão de áudio através da Internet é necessário enviar o áudio para um servidor que irá realizar a codificação apropriada ([encoder](#)) e a transmissão ([broadcast](#)) aos usuários. Um dos aplicativos mais conhecidos para transmissão de áudio por streaming é o [SHOUTCast](#). Muitas emissoras comerciais usam essa tecnologia para emitir sua programação também pela Internet. <http://tudoradio.com/conteudo/ver/2-O-Radio-Digital-Acesso> em setembro de 2013.

⁸⁸ Os museus, como a maioria das instituições sociais, estão presentes na rede mundial de computadores. É grande o número de museus que possuem sites institucionais. Temos três tipos básicos de sites de museus: o folheto eletrônico, mundo virtual e museu interativo. O folheto eletrônico, tem como objetivo a apresentação do museu. Este tipo de site funciona como uma ferramenta de comunicação e de marketing. O navegador tem acesso à história do museu, horários de funcionamento e, às vezes, ao corpo técnico do museu. O museu no mundo virtual, é um tipo de site em que a instituição apresenta informações mais detalhadas sobre o seu acervo e, muitas vezes, possuem visitas virtuais. O terceiro tipo é a de museus interativos. Neste tipo de site são acrescentados elementos de interatividade que envolvem o visitante. A interatividade é a alma desse tipo de site de museu, pois permite que o público possa interagir com e no museu. Vale lembrar que o museu não perde as suas características essenciais, ele pode vim a adquirir novas facetas. (OLIVEIRA; SILVA, 2008).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário. (orgs) Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALMEIDA, Adriana Mortara. Comunicação Museológica: A importância dos estudos sobre os receptores/visitantes. In: Anais do Seminário de Capacitação Museológica. Belo Horizonte, Instituto Flávio Gutierrez, 2004.

ALMEIDA, Adriana M. Os visitantes do museu Paulista: um estudo comparativo com os visitantes da Pinacoteca do Estado e do Museu de Zoologia. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo, v.12, p. 269-306 – jan/dez, 2004.

ALMEIDA, Adriana M. O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças. In: História, Ciências, Saúde-Manguinhos, vol. 12, p.31-53, 2005.

ALENCAR, Vera Maria Abreu de. Museu- Educação: Se Faz Caminho ao Andar... Rio de Janeiro: s.n., 1987. Diss. (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica/RJ, Departamento de Educação.

ASENSIO, M.; POL, E. Aprendizagem em museus. In: GUTIERREZ, A.; LOUREIRO, H. M. M.; FIGUEIREDO, B. G. (orgs.). Seminário de ação educativa. Belo Horizonte: Mazza Edições; Instituto Cultural Flávio Gutierrez; MAO, 2007, p. 62-101.

ARAÚJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. (orgs.). A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

BALTAZAR, Marcos. Rádio Escolar: uma experiência de letramento midiático. 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BARBOSA FILHO, André. Gênerosrádiofônicos – os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: Estética da Criação Verbal. 4. ed. SP: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Tradução de M. Lahud, Y. Frateschi São Paulo: Hucitec, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação. (Org). NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, A. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOSSLER, A.P. Indicadores do gênero educativo no programa de rádio Ciência na Favela. Dissertação de Mestrado. FAE,UFGM, 2004.

BOSSLER, A.P. A ciência pode ser divertida: A emoção na mediação do conhecimento científico. Tese de doutorado. FAE, UFGM, 2009.

BOSSLER, A.P. Quando a Ciência se aventura pelo Rádio: receita de chulé, adivinhas e a dupla hélice do DNA. 1ª Ed. Editora CRV, 2010.

BOURDIEU, Pierre, DARBEL, Alain. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. Tradução: TEIXEIRA, Guilherme João de Freitas. São Paulo, Ed. ZOUK, 2007.

BERTELLI, Mariana de Q. Identidades, imagens e papéis museais nos discursos institucionais sobre a relação museu-escola. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

BRASIL. Bases para uma Política Nacional dos Museus. 2003. Disponível em: <[http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2007/09/bases para a politica nacional- de museus. pdf](http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2007/09/bases_para_a_politica_nacional_de_museus.pdf)>. Acesso em: janeiro de 2013.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2010. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: fevereiro de 2013.

BRASIL. Política nacional de museus: relatório de gestão 2003-2006 / Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais. [Brasília]: MinC/IPHAN/DEMU, 2006.

BRASIL. Política Nacional de Museus: Memória e cidadania. Ministério da Cultura. IPHAN, Brasília, 2003.

BRASIL. MINC/IBRAM. Museus em Números. Instituto Brasileiro de Museus, 2011.v. 1. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/category/publicacoes-e-documentos/>. Acesso: março de 2013.

BRASIL. Ministério das Telecomunicações e Ministério da Educação. Portaria Interministerial, 1999.

CABRAL, Magaly. Parcerias em educação e museus. São Paulo: Conselho Internacional de Museus. ICOM, 2005. Disponível em: <<http://www.icom.org.br>>. Acesso em: 08 de agosto de 2010.

CABRAL, Magaly; RANGEL, Aparecida. Processos educativos: de ações esparsas à curadoria. In: JULIÃO, L.; BITTENCOURT, J. N. (orgs.). Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura da Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008, p. 158-168.

CABRAL, Magaly. Educação Patrimonial X Educação Museal. In: TOLENTINO, Átila Bezerra. (org) Educação patrimonial: reflexões e práticas. João Pessoa. Iphan/Paraíba, 2012.

CABRAL, Magaly. Lições das coisas (ou canteiro de obras) através de uma metodologia baseada na Educação patrimonial. Rio de Janeiro : s.n., 1997. Diss. (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica/RJ, Departamento de Educação.

CANDAU, Joël. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, V.1, n.1, Jan./Jul. 2009.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.

CANCLINI, Néstor García. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. Traduzido por Maurício Santana Dias. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, [S.l.], n. 23, p. 95-115, 1994.

CARVALHO, Rosane M.R. de. *Exposição em Museus e Público: o Processo de Comunicação e Transferência da Informação*. 1998. 146 p. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). ECO-UFRJ/IBICT-CNPq, Rio de Janeiro.

CARVALHO, Rosane M. R. de. *As transformações da relação museu e público: as influências das tecnologias da informação e comunicação no desenvolvimento de um público virtual*. 2005. 300 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - IBICT-Escola de Comunicação/UFRJ, Rio de Janeiro.

CARVALHO, Rosane M. R. de. *As transformações da relação museu e público sob a influência das tecnologias da informação*. In: MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia, n. 2. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. p. 127-139.

CASTRIOTA, Leonardo B. *Patrimônio cultural: conceitos, políticas*. São Paulo: Annablume, Beo Horizonte: Ieds, 2009.

CAZELLI, Sibeles; FRANCO, Creso. *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: Quais as Relações?* Rio de Janeiro, 2005. 260p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CAZELLE, S.; MARANDINO, M.; STUART, D.; *Educação e Comunicação em museus de ciência, aspectos históricos, pesquisa e prática*. In: *Educação e Museu: a construção da caráter educativo dos museus de ciência*. Ad. Acces, Rio de Janeiro,

COSTA, C. M. . *Territórios em disputa: mapeamento da produção acadêmica sobre educação em museus no Brasil*. In: Marieta de Moraes Ferreira. (Org.). *Memória e identidade nacional*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, v. único, p. 101-122. 2003.

COSTA, A P. B. *Identificando indicadores do gênero educativo em um programa educativo no suporterádiofônico*. Dissertação de mestrado. FaE/UFMG, 2004. COSTA, Janice Pereira da. *Ensinando a ser cidadão: Memória Nacional, História e Poder no Museu da Inconfidência (1938-1990)* Dissertação de mestrado. FAFICH . UFMG. Belo Horizonte, 2005.

CERAVOLO, Suely Moraes. *Delineamentos para uma teoria da Museologia*. *Anais do Museu Paulista*. vol.12, n.1, p. 237-268, 2004.

CURY, Marília Xavier. A comunicação Museológica: Uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. Tese de Doutorado, Escola de Comunicação/ USP- 2005.

CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12 (suplemento), p. 365-80, 2005.

CURY, Marília Xavier. Resumos do Encontro de Profissionais de Museus – A Comunicação em Questão: Exposição e Educação – Propostas e Compromissos. São Paulo/Brasília: Museu de Arqueologia e Etnologia/USP e STJ, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. Análise do discurso: controvérsias e perspectivas. In: MARI, Hugo et al. (Org.). Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso. BH: Carol Borges Editora, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. Tradução: Angela S. M. Correia. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de Análise do Discurso; coordenação de tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAGAS, Mário. Diabruras do Saci: museu, memória, educação e patrimônio. In: Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia/ IPHAN/DEMU. Vol. 1n. 1. 2004. Rio de Janeiro.

CHAGAS, Mário. Arádiosa aventura dos museus. In: Museus como agentes de mudança e desenvolvimento social: propostas e reflexões museológicas. BRUNO, Maria Cristina Bruno; NEVES, Kátia Regina Felipini. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

CHAGAS, Mário de Sousa. O museu casa como problema: comunicação e educação em processo. Anais do II Seminário sobre Museus-casa [comunicação e Educação] Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1998.

CHAGAS, Mario. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. In: Revista eletrônica do IPHAN- Educação Patrimonial, nº 3 Jan / Fev. de 2006.

CHAGAS, M. Museus de ciência: assim é, se lhe parece. In: Cadernos do Museu da Vida: o formal e o não-formal na dimensão educativa do museu. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2001/2002, p.46-59.

CHAUI, Marilena. Cidadania Cultural e direito a cultura. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2001.

DUTRA, Soraia Freitas. A educação na fronteira entre museus e escolas : um estudo sobre as visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto. Tese de Doutorado.

Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2012.

FIGUEIREDO, B.G.; VIDAL, D. G. *Museus: dos Gabinetes de Curiosidade à Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005.

FREIRE, Beatriz Muniz. *O encontro Museu/escola: o que se diz e o que se faz*. Rio de Janeiro : PUC. s.d. Diss. (mestr.) – Pontifícia Universidade Católica/RJ, Departamento de Educação.

FREIRE, Priscila. *História de Guignard*, 2000.

GRINSPUM, Denise. *Discussão para uma proposta de política educacional da Divisão de Ação Educativo Cultural do Museu Lasar Segall*. São Paulo: s.n., 1991. Diss. (mestrado) – Escola de Comunicações e Artes/Universidade de São Paulo.

GRINSPUM, Denise. *Educação para o Patrimônio: museu de arte e escola. Responsabilidade compartilhada na formação de públicos*. 2000, 131 p. Tese de (doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GRINSPUM, Denise. *Educação para o Patrimônio: conceitos, métodos e reflexões para formulação de política*. In: *Simpósio Internacional Museu e Educação – conceitos e métodos*. São Paulo, MAE – USP –MAM, 2001.

GOUVEA, Guaracira; MARANDINO, Marta; LEAL, Maria Cristina [orgs.]- *Educação e Museu :A construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciências-Rio de Janeiro*,Access,2003.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de janeiro: Zahar Editores. 1978.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Tradução: RIBEIRO, Vera. Revisão Técnica; COELHO, Maria Claudia Pereira Coelho. Rio de janeiro: Zahar Editores. 2001.

GOMES, Ana M. R. “Aprender a cultura”. In: *Anais do Seminário de Ações Educativas - Cultura e Educação: parceria que faz história*. Belo Horizonte: Mazza Edições; Instituto Cultural Flávio Gutierrez/ MAO, 2007.

GUARNIERE, Waldisa Russio. *Museologia e Identidade*. Cadernos, Rio de Janeiro, n. 1,1989.

GUARNIERE, Waldisa Russio. *Conceito de cultura e sua inter-relação com o Patrimônio cultural e a preservação*. Cadernos Museológicos, Rio de Janeiro, N. 3, 1990.

GILIOLI, Renato de Sousa Porto. Educação e cultura no rádio brasileiro: concepções de rádioscola em Roquette-Pinto. 2008. Tese de Doutorado – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade de São Paulo, USP.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. Museums in Education: Towards the End of the Century. In: AMBROSE, Timothy (ed). Education in Museums, Museums in Education. Edinburgh : Scottish Museums Council, 1987.

HUYSSSEN, Andreas. Escapando da amnésia – o museu como cultura de massa. Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – Cidades, n. 23, Rio de Janeiro, Iphan/MinC, p. 34-57, 1994.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. O Processo de Comunicação em Museus. Cadernos museológicos, Rio de Janeiro, n. 1, 1989.

HORTA, Maria de Lourdes P. Vinte anos depois de Santiago: A declaração de Caracas-2002. In. A memória do pensamento museológico contemporâneo- documentos e depoimentos. São Paulo: Comitê Nacional Brasileiro do ICOM, 1995. p.32-35.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia básico de Educação Patrimonial. Brasília: Iphan; Rio de Janeiro: Museu Imperial, 1999.

IPHAN/DEMU. Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004, v.1, Nº1.

IPHAN/DEMU .Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia . Rio de Janeiro:IBRAM, 2009.v.4, Nº 4.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. IN: Cadernos de Diretrizes Museológicas. SEC-SUM-MG – Ministério da Cultura -IPHAN, Brasília: 2006 2ª ed.

LARA FILHO, Durval de. *Museu: de espelho do mundo a espaço relacional*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da USP. São Paulo. 2006.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, M. I. V. Pesquisas de Recepção e Educação para os Meios. In: Comunicação & Educação. São Paulo, 161: 41 a 46, mai./ago. 1996.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Labirinto de paradoxos: informação, museu e alienação. 02 ago. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Representação e museu científico: o instrutivo aparelho de hegemonia (ou uma profana liturgia hegemônica). 23 mar. 2000. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro.

LOPES, M. M. O Brasil Descobre a Pesquisa Científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. Editora Hucitec, 1997.

LOPES, M. M. A favor da desescolarização dos museus. Educação & Sociedade. Campinas, n. 40, p. 443-455, 1991.

LONDRES, Cecília. O patrimônio cultural na formação das novas gerações: algumas considerações. In: TOLENTINO, Átila Bezerra. (org) Educação patrimonial: reflexões e práticas. João Pessoa. Iphan/Paraíba, 2012.

LINHARES, F. R. C. O objetivo das visitas escolares a um observatório astronômico na visão dos professores. 2011. 239p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.

MAGALHÃES, Solange Maria Fustinoni. Educação Patrimonial: arquitetura e museus. 2006. Universidade São Judas Tadeu, USJT, Brasil.

MARINHO, Grazielle Marronato. O rádio na internet: História, conceito, aspectos técnicos e propostas para o futuro. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Comunicação e Filosofia, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SUJEITO, o lado oculto do receptor. São Paulo: ECA-USP/Brasiliense, 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Arte/comunicação/tecnicidade no final do século. *Margem* –Revista da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP/Fapesp, n. 8, São Paulo: Educ, p. 16, dez. 1998.

MENESES, Ulpiano B. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. In: Revista Ciências e Letras, Porto Alegre, n 27, p 6190, jan/jun/2000.

MENESES, Ulpiano Beserra de. Seminário de Capacitação Museológica – Anais – Instituto Cultural Flavio Gutierrez, Belo Horizonte, 2004.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. Mídia e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MORTARA, Adriana. Avaliação de Ações Educativas em Museus. In: 1º Encontro das Ações Educativas em Museus da cidade de São Paulo: 2006. site: www.forumpermanente.incubadora.fapesp.br

NASCIMENTO, Sylvania Sousa do; et all (2002) Projeto Museu e Escola. Relatório de Atividades. Mineo.FAE.UFMG.

NASCIMENTO, Sylvania S do. A divulgação das ciências e as instituições patrimoniais. In: Divulgação Científica e Práticas Educativas. [Org] PINTO, Gisinaldo Amorim. Curitiba, Editora CRV, 2010.

NASCIMENTO, Silvania Sousa do; VENTURA, P. C. S. A dimensão comunicativa de uma exposição de objetos técnicos. *Ciência & Educação*. Bauru, v. 11, n. 3, p. 445-456, 2005.

NASCIMENTO, Silvania S do. e VENTURA, Paulo C. Mutações na construção dos Museus de Ciências. In: *Revista Pro-Posições*, vol 12, n1 (34): Faculdade de Educação – Unicamp, Campinas, 2001.

NASCIMENTO, Silvania Sousa do.; ALMEIDA, M. J. P. M. O conceito de mediação na fala de diretores de museus de ciências de Belo Horizonte: reflexões para a construção de uma prática educativa para o ensino de Física. In: *Simpósio Nacional de Ensino de Física*, 18. 2009, Vitória. Anais. Vitória: SNEF, 2009. p. 1-10.

NASCIMENTO, Erica G. A interatividade em um Museu de Ciência: estudo de caso em uma visita ao Exploratório Leonardo da Vinci. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.

NASCIMENTO, Silvânia. *As Luzes do Vale: expressividades de memórias e identidades em movimento*. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2010.

NASCIMENTO, Silvania S. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In: VIDAL, Diana G & FIGUEIREDO, Betânia G. *Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna*. Belo Horizonte, MG: Argumentvm; Brasília, DF: CNPq, 2005.

NASCIMENTO, Silvania. S., VENTURA, Paulo. C. S. A Ciência e Tecnologia em Espaços Não Escolares: questões e definições. In: *XI Reunión de la Red POP y el V taller de Ciencia, Comunicación y Sociedad*, Montevideo, 2009.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, 1993.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins (2002). A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & Sociedade*. Campinas, SP, v. 78.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Pontes. 7ª edição. Campinas, SP. 2007. 100p.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. Editora Cortez, 3ª edição, Campinas, SP, PAULINO, Graça. *Dicionário: Trabalho, profissão e Condição Docente*. Orgs: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Cancela; VIEIRA, Livia Fraga. Belo Horizonte, FaE, 2010.). 1996.

PAULINO, Graça. *Análise de Discurso. Dicionário: Trabalho, profissão e Condição Docente*. Orgs: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Cancela; VIEIRA, Livia Fraga. Belo Horizonte, FaE, 2010.).

PEREIRA, Júnia Sales et alli. Escola e Museus: diálogos e práticas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / CEFOR, 2007.

PÊCHEUX, M. (1993). A análise de discurso: três épocas. Tradução Jonas de A. Romualdo. In: GADET, F. e HAK, T. Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 5, Nº 10,1992.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento e silêncio.” IN: Estudos Históricos. Vol. 2, nº. 3, Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15.

POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS: Relatório de gestão 2003- 2006. Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional , Departamento de Museus e Centros Culturais.[Brasília]:MinC/ IPHAN/DEMU,2006.

PRADO Pimentel, Fábio. O Rádio Educativo no Brasil, uma visão histórica/ Rio de Janeiro: Soarmec Editora. 1999.

PRATA, Nair.(Org) Panorama do Rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2011.

PRATA, Nair. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. Tese de Doutorado. Programa de Pós- Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2008.

SANDÍN ESTEBAN, Maria Paz. Pesquisa qualitativa em educação: Fundamentos e tradições. Tradução: Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010.

SANTOS, Greciene Lopes dos. Ação educativa museal: marcas institucionais e registros documentais. 2008. 111 p. Dissertação (mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Processo museológico e educação: construindo um museu didático-comunitário em Itapuã. Salvador : s.n., 1995. Tese (doutor.) – Universidade Federal da Bahia.

SEIBEL-MACHADO, M. I. O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987 a 2006) e a experiência do museu da vida. 250 p. Tese (doutorado em Ciências) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA & VOX MERCADO. Primeiro Diagnóstico da área cultural de BH. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, 1996.

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS. Superintendência de Museus; [online] Disponível na internet via <http://www.cultura.mg.gov.br/museus>. Arquivos capturados em março de 2009.

SIMAN, Lana Mara de Castro. “Práticas Culturais e Práticas Educativas: contribuições para reflexão a partir do caso projeto Museu e Escola da UFMG” Anais do Seminário de Capacitação Museológica. Belo Horizonte: Instituto Flávio Gutierrez, 2004.

SOUSA, Mauro Wilton de. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: SUJEITO, o lado oculto do receptor. São Paulo : ECA-USP/Brasiliense, 1995.

SOUSA E SILVA, Cristina Maria de. Pesquisa de público em museus e instituições abertas à visitação - fundamentos e metodologias. 1989. 128 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação/UFRJ, Rio de Janeiro.

SOFKA, Vinos. Tradução: SCHEINER, T. A pesquisa no museu e sobre o museu. Museologia e Patrimônio - vol. II no 1 - jan/jun de 2009.

SUANO, Marlene. O que é Museu. São Paulo : Brasiliense, 1986.

SHAFER, R. Murray. A afinação do mundo. Tradução de FONTEERRADA, Marisa Trench. 2º . Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

TOLENTINO, Átila Bezerra. (org) Educação patrimonial: reflexões e práticas. João Pessoa. Iphan/Paraíba, 2012.

TORAL, H. C. Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus, Rio de Janeiro - 1958. In: ARAÚJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. (orgs.). A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995, p. 8-10.

VALENTE, Maria Esther. A conquista do caráter público do museu. In: Educação e Museu: A construção do Caráter Educativo dos Museus de Ciência. 2003.

VALENTE, Maria Esther. Educação em Museu: o público de hoje no museu de ontem. Dissertação (Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1995.

VARINE, H. A respeito da mesa-redonda de Santiago. In: ARAÚJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. (orgs.). A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

YIGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. L. S. Vygotsky; tradução Jefferson Luis Camargo. Martins Fontes, 3ª Ed., São Paulo, 2005.

VILLANI, C. E. P. As práticas discursivas argumentativas de alunos do ensino médio no laboratório didático de física. Dissertação de mestrado. FAE, UFMG. 2002.

ANEXO 1 – Programa Papo de Criança

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO / DEPARTAMENTO DE
EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA / MUSEU CASA GUIGNARD

PROGRAMA

PAPO DE CRIANÇA

OURO PRETO / 1994

PROGRAMA "PAPO DE CRIANÇA"

**PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO / DEPARTAMENTO DE
EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA / MUSEU CASA GUIGNARD**

PROPONENTE: Gêlcio Fortes
VEICULAÇÃO: Rádio Cultura de Ouro Preto
DURAÇÃO: 15 minutos
HORÁRIO: Sábado, de 9:15 às 9:30 min.
LOCUÇÃO: Crianças da Rede de Ensino de Ouro Preto
REDAÇÃO: Equipe de Crianças
PRODUÇÃO: Patrícia Coppoli
DIREÇÃO: Gêlcio Fortes

APRESENTAÇÃO

"PAPO DE CRIANÇA" é um projeto educativo voltado para o público infante juvenil com início em outubro de 1994 e apresentado todas as semanas na Rádio Cultura de Ouro Preto. O Programa tem alcançado expressivo sucesso na Cidade e Distritos, bem como nas cidades vizinhas (Itabirito e Mariana), considerando também que nunca houve na Rádio local programa específico para este público. Promovendo o aprendizado através de uma linguagem não formal sobre temas sinalizados pelas próprias crianças e professores, o programa tem proporcionado e incentivado o diálogo da criança dentro da família através dos temas apresentados, assim também como uma maior interação entre a Escola e a Comunidade de uma maneira geral.

CONTEÚDOS

"PAPO DE CRIANÇA" foi iniciado como uma alternativa de extensão e maior abrangência dos projetos em curso nesta Secretaria, para visitas orientadas de Escolas a Museus e sítios históricos, assim como também oficinas de arte, destacando a educação patrimonial através do conhecimento da História de Ouro Preto e da importância da preservação de nosso patrimônio Histórico e natural com uma efetiva participação da comunidade. Neste sentido o programa tem proporcionado o aprendizado através de histórias narradas, incentivo à leitura, participação em campanhas de Escolas e concursos de redação e poesias. Com o sucesso alcançado o programa hoje adota uma linha de conteúdos diversos ligados à formação da criança e do adolescente a partir da solicitação dos mesmos e de educadores da cidade. Temas como saúde bucal, higiene, educação sexual, meio ambiente e outros são frequentemente abordados através de entrevista, dramatização e outros recursos adequados a linguagem de rádio. O programa também apresenta um jornalzinho onde se destaca atividades escolares e a programação cultural da cidade que interessa ao público em questão.

ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

“PAPO DE CRIANÇA” conta com a participação da rede Municipal de Ensino, através de seleção organizada pelas próprias Escolas, sendo também aberto a participação de crianças da rede Estadual. O programa conta com a direção e orientação de apauta de professores da Secretaria Municipal de Educação, mantendo uma oficina de comunicação para os participantes com o objetivo de manter uma produção de textos elaborados pelas crianças, estudo e pesquisa dos temas tratados nos programas. A carga horária das crianças é de 5 (cinco) horas semanais. A oficina de comunicação com 15 vagas funciona no Museu Casa Guignard, de 14 às 16 horas, todas as terças feiras. O programa é gravado nas quartas de 14 às 18 horas no estúdio Afinasom. O trabalho das crianças é uma atividade de extensão escolar, tendo sido selecionadas pelo bom desempenho nos estudos, desinibição, criatividade e outros itens que proporcionam um melhor desempenho nesta atividade.

APOIO

O “PAPO DE CRIANÇA” tem recebido o incentivo e apoio de Pais, Educadores e Profissionais em diversas áreas de atuação, que generosamente tem participado do programa através de entrevistas, informações e assessoria nos temas tratados no programa. Destacamos os professores da rede Municipal, do projeto Museu-Escola (Museu da Inconfidência/Secretaria de Educação), do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da UFOP e profissionais da Secretaria Municipal de educação.

- O Museu Casa Guignard (Secretaria de Estado da Cultura) cede suas instalações para o funcionamento da Oficina de Comunicação, onde são gerados os textos do programa.

- Os comerciantes de Ouro Preto pelo patrocínio dos prêmios oferecidos às crianças nos diversos concursos de redação e poesia lançados no programa.

ANEXO 2

Folders das ações educativas desenvolvidas no MCG

**OFICINA DE ARTE
SÃO BARTOLOMEU**

Foto: Foca Lisboa



15 de novembro — 15 horas
Praça Tiradentes — Ouro Preto

Divisão de Serviço Cultural do IGP

CASA GUIGNARD
rua conde de bobadela, 110
ouro preto - mg
cep 35400

convida



realização: casa guignard
superintendência de museus do estado de minas gerais
secretaria municipal de cultura

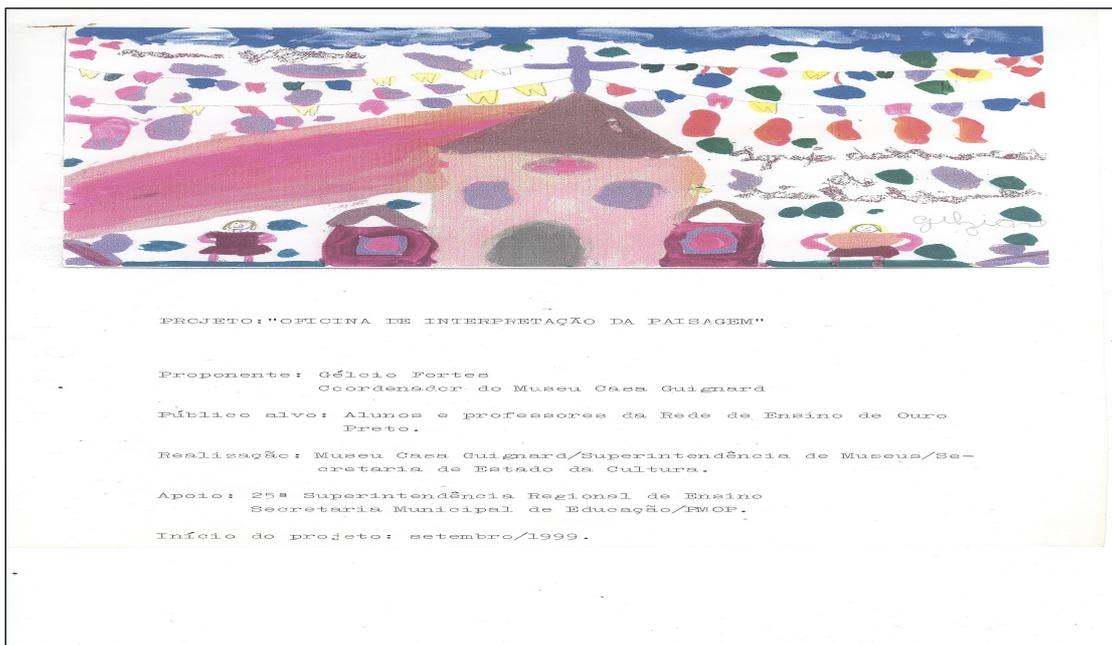
coordenação: helena campos

apoio: secretaria municipal de educação
ematek - mg
l. b. a. de ouro preto
conselho de desenvolvimento comunitário do engenho d'água - são bartolomeu
maracanã - distribuidora antártica

**Oficina de Arte e Ofícios
São Bartolomeu**

abertura de exposição: 11 de dezembro de 1991 - às 18:00 horas
aberta de terça a sexta - de 12:30 às 18:30
sábado e domingo - de 8:30 às 12:30

FOTO: SERGIO SANCHES



Imagens de *Folders* das ações educativas desenvolvidas no MCG (acervo SUMAV)⁸⁹

⁸⁹ Dissertação: Ação Educativa Museal: marcas institucionais e registros documentais, defendida no Programa de Pós-graduação/ Mestrado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação – UFMG. P. 70.

APÉNDICE 1

QUADRO DE NARRATIVAS

FITA 1 - Dezembro de 1994

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	de Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: Apresentação do locutor da rádio: ele apresenta o Programa Papo de Criança, dizendo que é um programa da Rádio Cultura de Ouro Preto em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Ouro Preto que é apresentado por crianças da Rede Municipal de Ensino:</p> <p>Com vocês: Acrícia, Alexsandro, Francisco Michele e Priscila.</p> <p>As crianças apresentam a festa que os alunos da Escola Municipal professora Juventina Drumond, no Morro de Santana /.../nosso microfone estava lá, escutem a confusão/.../ o áudio é durante o recreio da Escola, onde as crianças discutem uma partida de futebol entre Cruzeiro e Atlético, falam aleatoriamente sobre como foi o jogo...discutem o resultado, fazem brincadeiras uns com os outros...gritam cruzeiro...galo...atlético até morrer...sou cruzeiro até no céu...</p>	00:00 /02:42	02:42
<p>Bloco 2: As crianças fazem uma entrevista com o guia turístico de Ouro Preto Zé Isabel. Eles discutem o que é a profissão de guia e como fazer para ser um guia, qual a formação que se tem que ter. A entrevista é realizada em um ponto turístico da Cidade de Ouro Preto (Ponte dos Suspiros, que fica perto do Chafariz de Marília de Dirceu/.../</p> <p>Uma das crianças começa a ler um sobre a História de Ouro Preto retirada do Livro de Maria Célia Trindade: Ouro Preto para Crianças. O capítulo escolhido é sobre a história do nome da Ponte dos Suspiros (local onde foi feita a entrevista com o convidado do dia), e sobre o romance entre Marília e Dirceu /.../</p> <p>Logo após, continua a entrevista com o guia turístico Zé Isabel. Este continua contando como se tornou guia turístico, da discriminação do início da profissão antes dela ser regulamentada, da infância na Praça Tiradentes, e como as coisas foram mudando no decorrer dos anos. Termina a entrevista com o entrevistado lançando uma pergunta para os ouvintes: Qual a primeira profissão de Tiradentes? /.../ Escrevam para a Rádio Cultura de Ouro Preto até quarta-feira, quem acertar vai ganhar um rádio de pilha para ouvir o nosso programa. Esta promoção faz parte do Nosso concurso: Como fazer para as crianças saberem mais sobre a história de Ouro Preto/.../ O entrevistado agradece a participação/.../</p>	02:42 / 11:38	08:96
<p>Bloco 3: Entra uma música...uma das crianças /.../ alô comunidade do Poçinho, Bairro de Nossa Senhora do Carmo atenção para o recado do Isidoro: Voz do Locutor: como vai a escola de sua comunidade, é hora de democratizar a sua escola, colegiado já! este é um recado da Secretaria Municipal de Educação de Ouro Preto.</p> <p>Entra a voz de uma das crianças novamente/.../ ela anuncia a Música da Patrícia Marx para todos dançarem música é tocada na íntegra /.../A Acaba a música e uma das crianças diz: /.../ está na hora de puxar o trenzinho, mais uma vez lembramos sobre o nosso concurso: Qual a primeira profissão de Tiradentes? Cartas para nosso programa, dá o endereço e reforça o prêmio, até sábado que vem/.../</p>	11:38 / 15:47	04:09

Entra o locutor: /.../ A SME apresentou pela Rádio Ouro Preto o Programa Papo de Criança /.../ continuação da música até o programa terminar.		15:48
---	--	-------

FITA 02 - Dezembro de 1994

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: Apresentação do locutor da rádio: ele apresenta o Programa Papo de Criança, dizendo que é um programa da Rádio Cultura de Ouro Preto em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Ouro Preto que é apresentado por crianças da Rede Municipal de Ensino: Com vocês: Acrícia, Alexsandro, Francisco Michele e Priscila. Músicas. Acrícia dá bom dia para todos /.../agradece as cartas que estão chegando de Ouro Preto e das cidades vizinhas e pedem para continuarem a mandarem cartas pois até o programa de Natal terão muitos prêmios para sorteios/.../ Priscila como está o Programa hoje? A nossa cidade está uma confusão...Presidentes, Embaixadores e muitas outras autoridades, vamos ver com o Alexsandro o que está acontecendo pois ele está por dentro, entra um barulho de helicóptero/.../</p>	00:00/02:35	02:35
<p>Bloco 2: Alexsandro, fala que está sendo assinado o tratado do MERCOSUL em Ouro Preto, e é por isso que está acontecendo este movimento todo em Ouro Preto. Ele explica o que é o MERCOSUL/.../ E dentro da programação do MERCOSUL está acontecendo uma feira de artesanato mineiro, que está instalada no Parque Metalúrgico que fica bem perto da Estação de trem e para falar sobre a feira eles chamam a Diretora do Departamento Social da Prefeitura de Ouro Preto Judite Andrade. Ela fala que a feira tem artesanato de Minas inteira desde Varginha até Araçuaí. E os principais trabalhos expostos na feira são feitos por crianças e adolescentes. E que a feira acontece dentro do programa do MERCOSUL para divulgar o trabalho já que tem jornalistas do mundo inteiro em Ouro Preto. E que o Brasil ainda não possui uma legislação para o artesanato, e os outros Países participantes do MERCOSUL já possui esta legislação, é uma forma de chamar a atenção das autoridades brasileiras para este problema já que o Brasil é um grande produtor de artesanato dos mais variados. E por que colocar as crianças dentro da feira? Queremos chamar a atenção que esta é uma atividade que é passada de pai para filho. A entrevista segue, com várias perguntas e com uma mensagem final de natal da entrevistada para os ouvintes. Agradece a entrevista e entra uma música. /.../agora a música do Netinho: Caprichos dos deuses, a música toca na íntegra/.../</p>	02:35/14:51	14:51
<p>Bloco 3: estamos aqui com o Aloisio, ele foi o ganhador da radinho de pilha da semana passada sobre Tiradentes...fala ai Aloisio...ele fala que escuta o programa e que a família toda gosta muito... Agora é férias...vamos aproveitar o programa ele continuará no ar acompanhando as suas férias...pedem aos comerciantes de Ouro Preto para continuar patrocinando os prêmios para o Programa especial de Natal... Se despedem. /.../ A SME apresentou pela Rádio Ouro Preto o Programa Papo de Criança/.../</p>	14:51/20:07	05:56

<p>Bloco 4: Entra uma música instrumental natalina. Começa conversas sobre como tocar músicas /.../falam da Orquestra Don Barroso. Entra novamente uma música natalina /.../todos aplaudem. O maestro da orquestra convidam a todos para fazerem parte da orquestra sinfônica, diz que o seu sonho é formar uma orquestra sinfônica em Ouro Preto com todos estudando e trabalhando por amor a arte. Anuncia que a escola Don Barroso é de graça, dá o endereço: Funcionamos na Casa do Folclore que fica atrás da Igreja Nossa Senhora da Conceição, ensinamos qualquer instrumento. Deseja Feliz Natal e todos e convida todas as crianças para conhecer a Escola de Música Don Barroso.</p>	20:07/28:46	08:39 Total: 28:50
---	-------------	--

FITA 03 - maio de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: Entra uma música instrumental/.../ Bom dia meninada! /.../Anuncia a convidada do dia: Patrícia/.../ Faz uma entrevista com a Patrícia onde ela fala de como entrar para escola de música do Maestro Cícero/.../ A escola fica ao lado da Igreja nossa senhora da Conceição. Patrícia convida outras crianças para entrar na escola e comunica que a inscrição é de graça, ela toca mais uma música/.../ em seguida anuncia que Ouro Preto tem muitas atividades para crianças/.../ anuncia a oficina de arte de Morro de Santana tem oficinas de arte para a 1ª série. Entrevista com Marília sobre a oficina, ela fala da oficina que é uma oportunidade das crianças fazerem atividades que normalmente não são oferecidas na escola. Fala de todas as oficinas que estão sendo oferecidas/.../ Música de fundo/.../entrevistas com as crianças participantes das oficinas... onde elas falam se estão gostando, do que estão mais gostando. Dentro destas oficinas tem também o trabalho de conhecimento do Bairro, tendo como referência a igreja, e localizando no mapa construído a casa onde mora. Pedido para o Prefeito Ângelo Osvaldo: o senhor pode construir um parque aqui no Morro de Santana? Agradece as professoras que estão no projeto.</p>	00:00/09:08	09:08
<p>Bloco 2: música/.../ a mesma praça, o mesmo banco, as mesmas flores /.../ Projeto: A praça que sonhei /.../escrevam para o nosso concurso: A praça que sonhei /.../um poema sobre a praça Tiradentes ou sobre uma praça que tem perto da sua casa /.../escrevam temos vários prêmios /.../continua a música. Em seguida chama a Janice, do Patrimônio da prefeitura, onde ela vai falar sobre a revitalização da Praça Tiradentes. Ela fala da restauração da Praça, que não é só dos edificios mas também da comunidade, em usar a praça para se encontrarem, se divertirem...as crianças são fundamentais neste projeto, pois elas é que vão nos ajudar a definir a o novo uso da praça. Através do projeto a praça que sonhei, que vocês lançaram vão nos ajudar muito. Dia 04, domingo teremos a entrega dos prêmios do concurso a praça que sonhei, além da entrega dos prêmios, teremos 8 oficinas e uma delas é que as crianças desenhem a praça Tiradentes, e será também o lançamento do “domingo na praça” onde convidaremos toda a comunidade de Ouro Preto para participar /.../ anuncia mais uma vez o concurso...entra a música novamente /.../a mesma praça, o mesmo banco, as mesmas flores/...</p>	09:08/14:50	14:50 Total: 14:50

FITA 04 - junho de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	de Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: música sobre os animais/.../ Bom dia meninada! No dia 05 comemoramos o dia do meio ambiente/.../ vocês devem ter feito muito trabalho sobre este tema na sua escola/.../para isso vamos falar de um tema polêmico... a Cachoeira das Andorinhas/.../ um dos parques mais bonitos de Ouro Preto está em risco... um caso de polícia... uma pedreira desviou o curso do rio das andorinhas...precisamos fazer alguma coisa...pois daqui a pouco ou invés de se chamar cachoeira da andorinhas vais se chamar Pedreira das andorinhas... a cachoeira está em risco... Júlio Gomes: aqui e agora!</p> <p>Música do Milton Nascimento /.../respeito ao meio ambiente é fundamental /.../vamos fazer alguma coisa para ajudar a cachoeira das andorinhas/.../</p> <p>/.../entra uma música de festa junina /.../voz caipira para anunciar que está chegando as festas juninas todas estão ensaiando/.../escreva para nosso programa que anunciaremos a sua quadrilha aqui no programa. Todos nós estaremos lá/.../</p>	00:00/ 06:02	06:02
<p>Bloco 2: Estamos aqui para o nosso café da manhã com os bonecos da Peça O CATAVENTO/.../ os bonecos começam a falar /.../oferecem bolo para as crianças/.../ eles pedem para as crianças falarem para eles como é o programa, pois eles são de fora... e falam que ouviram elas falarem sobre meio ambiente/.../e recomendam as crianças que são nas atitudes mais simples que se cuida do meio ambiente... anunciam o horário do espetáculo: O CATAVENTO na Casa da Ópera, hoje sábado e amanhã domingo...venham todos...os bonecos começam a conversar entre si/.../falam de assuntos diversos/.../ do dia dos namorados que está chegando, começam a ler as cartas de amor que o programa recebeu das crianças/.../escolhem as melhores, mas diz que foi difícil escolher pois todas estavam lindas...chama a Priscila para conversar com Catim e Renato idealizadores do espetáculo. Ela pergunta com são os bonecos de marionete/.../ele fala da diferença entre fantoche e marionete/.../a diferença básica é que a marionete é manipulada pelos fios/.../os bonecos entram na conversa... e se despedem com um grande abraço e convidam para o espetáculo novamente/.../</p>	06:02/16:15	10:13
<p>Bloco 3: Entra a música do Roberto Carlos/.../ Priscila fala dos cartões do dia dos namorados...anunciam os vencedores (2) e pedem para eles buscarem os prêmios na Secretaria de Educação, agradece os patrocinadores para o dia dos namorados/.../ parabeniza a Escola Horácio Andrade pelo aniversário/.../Alexsandro declama um poema de amor/.../continua a música de Roberto Carlos/.../</p>	16:15/17:26	01:11 Total: 17:26

FITA 5 – junho de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: Hoje nós vamos conversar com Andréia Calai, ela é professora e diretora do departamento de ensino da Secretaria de Educação. Ela vai nos falar sobre o seminário de alfabetização que está acontecendo em Ouro Preto. A Andréia responde várias perguntas sobre o que é alfabetização/.../ vem a pergunta: onde mais podemos ser alfabetizados além da escola? Em Ouro Preto todas as crianças são alfabetizadas? A Secretaria não tem ainda esta informação/.../mas com certeza ainda temos crianças fora da escola/.../ segue várias perguntas...de dificuldade de aprendizagem /.../anuncia a abertura da Biblioteca e fala da importância da leitura para a aprendizagem.</p>	00:00/11:58	11:58
<p>Bloco 2: Começa um novo Programa/.../Bom dia! Priscila diz: o Alex sabe ler e escrever, ele já é alfabetizado? Alfabetização não é só isso/.../e aprendemos que alfabetização é saber pensar e por em prática tudo que se sabe/.../este foi o tema do 2º Seminário Regional de Alfabetização organizado pela Secretaria de Educação de Ouro Preto na semana passada. Repete a entrevista da Andréia Calai/.../</p> <p>Recado importante: levem seus gatos e cachorros para vacinar...se não ele vai ficar com uma RAIVA!!!!!!!!!!!!</p>	11:58/23:94	12:36
<p>Bloco 3: arrede o sofá/.../ na nossa parada de sucesso/.../ música (eu só quero é ser feliz...andar tranquilamente na favela onde eu nasci...) ainda com a música tocando anuncia mais um concurso do nosso programa: o lançamento da camiseta do programa: tem que ter 3 cores e contorno de preto... no próximo programa falaremos mais disso...continua tocando a música...Alexander você o que comemoramos no dia 14 de outubro? É o 1º aniversário do nosso Programa Papo de Criança! Vai ter uma grande festa lá no Teatro Municipal...você não podem perder...e nesta festa vamos lançar a camisa do Papo de Criança, não deixem de mandar o seu desenho...ah, mais um recadinho para os moradores e principalmente para as crianças amanhã domingo vai ter a inauguração da área de lazer do Morro de Santana /.../tchau!!! bom fim de semana/.../</p>	23:94/27:24	03:30
		Total: 27:24

FITA 06 - julho de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: música...(uma esmola pelo amor de Deus /.../Skank) bom dia!!! está no ar mais um Papo de Criança /.../ este é o nosso primeiro dia de Férias, e o Papo de Criança deseja uma super férias para vocês /.../mas não são todas as crianças que podem curtir as férias...temos muitas crianças que trabalham. Citam os lugares onde as crianças trabalham, com taquara, artesanato, panela de pedra, lavando carro...e para falar sobre menino que trabalha hoje vamos entrevistar o Gilmar. A entrevista é sobre o que ele faz, com quantos anos ele começou</p>	00:00/05:06	05:06

<p>a trabalhar/.../se o trabalho atrapalha na escola /.../mas e o tempo da brincadeira? Ele diz que só nos fins de semana/.../e que está esperando completar 14 anos para entrar nos jovens de Ouro/.../ agradecem o Gilmar pela entrevista/.../</p> <p>/.../Música (Chica da Silva – Jorge Bem Jor) Priscila pergunta para o Júlio que temos agora/.../ o Júlio chama a Repórter Dáfine: e ela presta uma homenagem a todas as crianças que trabalham e em especial ao Alexandre ele trabalha sem abandonar os estudos ele vende deliciosos pasteizinhos/.../</p>		
<p>Bloco 2: Outra música (os alquimistas estão chegando...) Anuncia tudo que vai acontecer em Ouro Preto no mês de Julho que é um mês bem movimentado: aniversário da cidade de Ouro Preto, festival de inverno...e no festival teremos oficinas para crianças, fiquem atentos e participem...e por falar em aniversário de Ouro Preto, estamos aqui com o Vice Prefeito da Cidade: Flávio Andrade: ele fala do aniversário da Cidade que está completando 284 anos, muita história para contar e aprender/.../ convidam todos para uma grande festa na praça Tiradentes no dia 08 de Julho com toda a comunidade/.../</p> <p>E para comemorar as nossas férias e o aniversário de Ouro Preto, arredem tudo e vamos cair no samba... (Lecy Brandão /.../toda criança/.../</p>	05:06/10:04	04:98
<p>Bloco 3: Olha gente o Papo de Criança recebeu umas fitas do Projeto carretel de invenções: a cidadania nas ondas do rádio, eles distribuem fitas para programas infantis de todo o Brasil, nós gostamos muito do que ouvimos, e vamos agradecer a Chico dos Bonecos, ele esteve em Ouro Preto durante a Primeira Semana da Educação e é um dos responsáveis por este projeto, vamos ouvir um pouquinho. /.../ (entra uma voz que convidam as crianças a brincar de trava língua...fala várias travas línguas...devagar e depois depressa/.../depois entra a música do projeto carretel de invenções, anuncia que o CONANDA está com uma campanha em todo o Brasil: lugar de criança é na família, na escola e na comunidade...o estatuto da criança e do adolescente completou 3 anos, vamos respeitar nossas crianças...) Priscila se despede e pedem para crianças lerem algum livro nas férias...</p>	10:04/15:05	05:01 Total: 15:05

FITA 07 - Julho de 1995

	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
NARRATIVA		
<p>Bloco 1: Locutor anuncia o programa com: Acrícia, Alexsandro, Francisco, Michelle e Priscila. Telefone toca e Michelle atende, uma criança imitando uma mulher adulta, fala que o filho está passando mal e pede para o programa falar sobre diarreia, que é uma doença muito comum nas crianças...se despede...eles discutem quem vão chamar para falar sobre o assunto. Eles ligam para a Secretaria de Saúde e eles pedem para ligarem para o posto de Saúde para falar com um Pediatra. Vem o Pediatra Dr Edilar que vai explicar o que é a diarreia e como evitar...ensina a fazer o soro caseiro...fala da importância da hidratação nestes casos...e fala que tem que procurar o posto de saúde...</p>	00:00/12:45	12:45

Bloco 2: Aleksandro e Priscila conversam sobre o que estão fazendo nas férias/.../ falam que estão lendo Monteiro Lobato, e que os Livros podem ser lidos na Biblioteca Municipal e ensinam como fazer a ficha para poder pegar livros e lerem em casa/.../ falam que estão viajando muito na leitura/.../ agradecem e se despedem/.../ até sábado que vem/.../	12:45/14:50	02:05
PROGRAMA 2		
Bloco 1: Locutor anuncia o programa com: Acrícia, Aleksandro, Francisco, Michelle e Priscila. Música infantil (tocando...a brincadeira do eco...) BOM dia Meninada! Hoje estamos lançando mais um concurso do Papo de criança, este pode até se chamar papo de férias... no final do programa vamos dar as dicas/.../ fiquem ligados/.../ fizemos uma reportagem de férias bem legal, conversamos com uma brinquedóloga...que vai nos falar tudo sobre brincadeiras. Júnia Aleixo é a nossa entrevistada, ela está em Ouro Preto a 2 anos ela participa de projetos de arte em Ouro Preto, na Casa da Baronesa com crianças, ela quer fazer uma Brinquedoteca que funcione igual a uma biblioteca com empréstimo de brinquedos... as crianças falam de algumas brincadeiras...e chama a entrevistada Júnia que explica o que é o projeto e de como ela começou este trabalho relatando da experiência com o filho dela...objetos de panos, brinquedos para crianças cegas...eu decidi que toda a minha vida seria com brinquedos, inventar brinquedos é isso que eu faço. E a ideia é fazer uma brinquedoteca nos moldes de uma biblioteca: a criança vai lá e brinca e depois devolve... esta brinquedoteca faz parte do Centro Lúdico que é um projeto de museu na verdade, onde eu quero apresentar a minha coleção particular de brinquedos, e eu quero mostrar estes brinquedos que eu venho colecionando das minha viagens pelo mundo mas principalmente de minas...que quero apresentar estes brinquedos para as pessoas, principalmente para as crianças, mas os que eu invento também são muito legais... o meu recado final é brincar/.../ brincar, brinquem com a sua imaginação/.../ o papo com a Júnia continua na semana que vem.	14:50/28:45	14:15
Bloco 2: mais um concurso do Papo de Criança/.../ escreva para nós até o fim de janeiro, faça uma lista de brincadeiras que conhece estará concorrendo a vários kit escola com um material joia...vamos ver quem conhece mais brincadeiras?	28:45/29:37	00:92
PROGRAMA 3		
Bloco 1: Locutor anuncia o programa com: Acrícia, Aleksandro, Francisco, Michelle e Priscila. Priscila dá bom dia e anuncia que todos devem estar aprendendo muito com a professora Júnia que esteve no Programa na semana passada...entra a música o Cravo brigou com a Rosa, na voz de várias crianças/.../ termina a música e entra a fala da Junia que fala das brincadeiras com músicas e o que elas ensinam...colocam mais uma música para as crianças ouvirem...e pergunta o que esta música ensina para as crianças? E a discussão gira em torno do que as músicas infantis ensinam... as pessoas sempre inventam uma maneira de aprender, e a brincadeira é uma maneira muita prazerosa de aprender. Ela fala de várias brincadeiras e explica a origem de algumas brincadeiras, de que País elas vieram, como a Brincadeira da estátua que veio da Grécia...vai dando exemplo de várias brincadeiras...as brincadeiras vem de muitos séculos... começam com brincadeiras de o que /.../o que é...e as crianças vão tentando adivinhar...ela agradece a participação e se despede/.../ Aleksandro lembra do concurso: faça uma lista de brincadeiras que conhece estará concorrendo a vários kit escola com um material joia para começarem o ano/.../	29:37/46:45	15:40
		Total: 46:45

FITA 08 - agosto de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: Música de fundo /.../ uma criança finge que está chorando... e anunciam que a pedido de uma ouvinte Maria Perpétua hoje o Programa será sobre a vacinação.	00:00/02:24	02:24
Bloco 2: E quem vai falar sobre este assunto para nós é a Soraia e a Natércia. Soraia explica que a campanha de vacinação é uma campanha Nacional, crianças de 0 a 5 anos, e que outras vacinas também serão ministradas como: contra sarampo, paralisia infantil, BCG e a Tríplice. Os postos estarão em funcionamento em todo o final de semana de 8 as 5 da tarde. A Natércia fala da vacinação em todos os distritos de Ouro Preto, e que o Cartão de vacina é fundamental para o controle da vacinação da criança, não podem esquecer dele. Fala da importância da vacina e do controle das doenças pela vacina, e que o Ministério da Saúde está empenhado em erradicar do Brasil várias doenças e uma forma de se fazer isso é vacinando. Teremos um posto da Praça Tiradentes com o Zé Gotinha e muitas brincadeiras, com teatro, músicas/.../tudo para as crianças vacinarem e se divertirem também. Ela agradece a oportunidade e se despede. Nós do Papo de Crianças deseja que esta campanha seja um sucesso e que todas as crianças sejam vacinadas/.../	02:24/12:00	09:76
Bloco 3: Notícias de hoje: vem aí os Jogos da Primavera da UNIMED com jovens e crianças/.../fiquem de olho. E vamos participar das oficinas que estão acontecendo, de arte na FAOP vamos lá/.../as férias estão acabando vamos aproveitar/.../ O nosso próximo concurso agora é com vocês: gravem uma fita k7 com um programa, pode ser uma novela, uma história/.../uma dramatização...é uma forma de todos participarem do nosso programa/.../o que vocês quiserem as melhores fitas irão ao ar aqui no Programa Papo de Criança, mandem a fita para a Secretaria de Educação, dá o endereço e se despedem/.../	12:00/15:33	03:33
		Total: 15:33

FITA 09 - agosto de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: Todas as crianças cantam a entrada do Programa Papo de Criança /.../ Se você quer saber o que vai acontecer... é o Programa Papo de Criança : : Programa Papo de Criança :: Programa Papo de Criança:) /.../entram a voz de crianças falando sobre o que aprenderam com o Programa Papo de Criança...o Alessandro fala da importância da sua participação no programa e que ele e toda a equipe que participa tem muito prazer em fazer o programa e fazem de tudo para que o programa seja muito bom para todos. Jílio Cesar também fala da importância do programa para ele como ouvinte e como participante do programa.	00:00/04:47	04:47
Bloco 2: Hoje quem vai tomar o café da manhã conosco são os participantes do Projeto JOVENS DE OURO o Cristiano e o Flavinho. O Flavinho explica o que é o programa que ele foi criado para a profissionalização dos jovens de Ouro Preto, ele trabalha com crianças na	04:47/10:06	06:59

faixa ente 12 e 17 anos ajudando eles em diversas coisas, como tratamento odontológico, tendo uma assistência social em vários segmentos mesmo, como fazer estágio na UFOP e em outros lugares também, com a ideia de tirar estes jovens da rua...quem tiver interesse podem participar é só nos procurar na antiga FEBEM e fazer uma ficha, ali podem adquirir estágios em várias empresas de Ouro Preto, nos procure, teremos todo o prazer em ajudar...se despedem e agradecem.		
Bloco 3: está no ar mais um Jornal Papo de criança...Bom dia Roseli...Bom dia Michele...hoje temos várias notícias...sobre as queimadas... sobre os concursos deste mês e sobre a vacinação... as queimadas é uma notícia triste...parem de fazer queimadas, com este tempo seco, abafado...é muito triste ver as matas se queimando...e matando os animais...agora vamos falar sobre os concursos temos o concurso de papagaios, tem oficinas para fazer lindos papagaios as inscrições serão na FAOP do dia 15 ao dia 22, temos um concurso de cartazes também, o tema é: Gente consciente procure informações na sua escola...e temos muitas festas também, hoje é em Lavras Novas vamos lá... e atenção crianças se tiver novidades na sua escola nos avise o Papo de Criança vai até a sua escola para ouvir vocês. E não se esqueçam do nosso concurso também, estamos aguardando as fitas com as histórias...a Priscila explica como participar...o Alexsandro fala mais uma vez sobre as queimadas, alerta para o perigo que é... música e termina.	10:06/16:39	06:33 Total: 16:39

FITA 10 - outubro de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: Todas as crianças rindo e dizendo que hoje o programa será feito só por meninas pois os meninos não vieram /.../ Anunciam que vão continuar a apresentando os distritos de Ouro Preto um lugar muito bonito que fica a 20 Km de Ouro Preto é Amarantina /.../ lá tem uma bela Igreja que está sendo restaurada pelo Paulo Chiquitão/.../ vai ficar linda! Lá é a Igreja de São Gonçalo do Amarante /.../ Amarante? Amarantina!!! e contam a história da cidade/.../ convidam as crianças de Amarantina a escreverem para o programa para contar como se divertem lá, o que elas fazem na Cidade/.../ /.../falam sobre a cavalcada que acontece na Cidade/.../ e logo em seguida fazem a chamada para apresentar o Museu das reduções/.../ Falam das belezas do Museu das reduções e de como foram bem recebidas no Museu... e convidam Dona Silvia e Dona Evangelina para falarem sobre o Museu das Reduções /.../ Elas são as fundadoras do Museu, e explicam que o trabalho que desenvolvem é sobre o Patrimônio Edificado desde o século XVI até o século XX/.../ contam que tem uma escola de artesanato ao lado museu que trabalham com crianças onde elas aprendem o trabalho de fazer as reduções principalmente com a pedra sabão/.../ temos 5 anos de curso e temos um fluxo muito bom de alunos, já distribuimos mais de 100 certificados/.../ o que foi para nós uma surpresa já que em Amarantina a principal função é a agricultura, nós somos de Campanha que fica no Sul de Minas, e viemos para cá realizar o nosso sonho, três velhinhas aposentadas/.../ e tivemos uma receptividade maravilhosa/.../ o nosso recado é que valorizem Ouro Preto isso aqui é maravilhoso e não existe em nenhum lugar do mundo. Elas criaram o Museu em Amarantina por causa do Fluxo turístico de Ouro Preto /.../ As crianças agradecem as entrevistadas. (Música de fundo: Josefina sai cá fora e vem me ver/.../ Na entrada do Museu tem um texto muito lindo/.../ Dáfine lê para nós/.../ Dáfine lê o texto e no final informa que ele é de Guimarães Rosa /.../Continua a mesmo música /.../	00:00/09:54	09:54

Bloco 2: Música de fundo – 477 no batuque samba fank /.../Hoje temos uma coleguinha nova no programa/.../ Josilane, se apresenta e diz que vai representar as Escolas Boxita e o Antônio Tomás Gonzaga, diz que é da quinta Série, dá o número da sala e que todos podem procurá-la se quiserem e precisarem de alguma coisa.	09:54/11:04	01:50
Bloco 3: Musica de fundo: Lecy Brandão refrão: toda criança tem que ser igual perante Deus, criança é pureza e não faz mal, graças a deus/.../ Jornal do Papo: A Semana da Criança vem ai/.../ fiquem ligados pois o Papo de Criança terá muita surpresa/.../ continua a música de fundo da Lecy Brandão/.../ toda criança tem que ser igual perante Deus /.../ vai ai as dicas de festas para a Semana da Criança veja a programação: dia 11 vai ter muitas atividades na Praça Tiradentes/.../ vai ter o MUSEU NA RUA uma promoção do Museu da Inconfidência, das 14:00 as 18:00 horas, será na porta do Museu /.../ um grande abraço para os professores do MUSEU ESCOLA/.../vamos todos lá/.../Na casa da Ópera também vai ter Teatro no dia 12 dia da criança, no dia 14 mais uma festa na barra com oficinas de arte e muito mais... uma promoção do SESC/.../Parabéns a Escola Estadual Barão de Camargo pela exposição na Casa dos Contos/.../parabéns criança/.../e não se esqueçam do aniversário do nosso Programa Papo de Criança...estamos esperando os desenhos para a nossa camisa /.../até sábado/.../beijos /.../continua a música da Lecy Brandão com o mesmo refrão: toda criança tem que ser igual perante Deus /.../	11:04/15:14	04:10 Total: 15:14

FITA 11 - Outubro de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	de Duração (MM:SS)
Bloco 1: Crianças – Bom dia garotada!! Fala de como foi semana da criança /.../ Hoje é o aniversário do Programa mas vamos comemorar no dia 28 de outubro lá no Teatro Municipal... Está acontecendo um bochicho em Ouro Preto é a inauguração da TV Cultura de Ouro Preto, nós fomos lá e conhecemos tudo, os estúdios... e conversamos com o Diretor Jaime Gomide/.../ ele fala da programação da TV cultura, que a Top Cultura é uma TV voltada para a Cultura e a Educação, tem outra finalidade o patrocinador é o Governo Federal e a UNESCO, e fala de como vai ser a programação local/.../ a nossa TV aqui é comunitária, vamos mostrar Ouro Preto e Municípios, teremos o Programa de vocês aqui na TV também/.../ queremos trabalhar com a comunidade de Ouro Preto... fala mais sobre a programação/.../	00:00/07:48	07:48
Bloco 2: (as crianças) fazem um tipo de teatro simulando estarem em uma sala da aula/.../ a professora faz a chamada e os alunos fazem piadas com os temas que a professora começa a ensinar/.../baseado na escolinha do professor Raimundo/.../ (de Chico Anísio).	07:48/11:20	03:92
Bloco 3: O Papo de Criança é gravado na Vila Aparecida e hoje vamos conversar com o Bruno e o Paulo que são aqui da Vila/.../eles falam que a Vila é um lugar bem legal de morar e que tem muitas brincadeiras/.../convidam as pessoas para conhecer a Vila Aparecida/.../	11:20/12:40	01:20
Bloco 4: Agora as notícias do Papo: falam de vários acontecimentos nas Escolas, na Cidade (oficina na Casa dos Contos) e mandam um	12:40/16:05	03:65

beijo especial para a Bete Salgado pela festa do Museu Escola na Rua no dia 11/.../foi um sucesso. Reforça que o programa completa 1 ano e Apresenta os adultos que trabalham no Programa Papo de Criança e chamam o Diretor do Programa...o Diretor fala da felicidade de estarem completando um ano de sucesso do programa... Patrícia Cope a Produtora do Programa também fala...e Roque que faz a gravação... todos falam ... as crianças se despedem...		Total: 16:05
--	--	-------------------------

FITA 12 – outubro de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: Bom dia! Como estão indo na leitura? Falam da descoberta da leitura e da importância de ler...falam dos que livros estão lendo... agora prestem atenção na notícia...Estará acontecendo dia 23 de outubro no anexo do Museu da Inconfidência uma feira de livros com exposição dos trabalhos das escolas e muitas atrações ligadas a leitura é um trabalho do movimento PRÓ-LER do Estado e das professoras que estão incentivando a leitura... e temos uma professora do movimento que estará lançando um livro durante a feira é a Cidinha da Escola Estadual Tomás Antônio Gonzaga, eles a entrevistam: Cidinha fala de como começou a escrever...mas só agora teve coragem de publicar...o Livro é de Literatura infanto Juvenil, e tem também livros de contos já organizados, de poemas...e que trabalha na sua escola com a sua turma... convidam outra professora Marlene da Escola Don Pedro que também estará lançando um livro no anexo...ela fala da dificuldade de fazer com que as crianças tenham gosto pela leitura e fala de como trabalha isso com as crianças da sua escola...e fala dos trabalhos que as crianças fizeram e que vão estar na exposição no anexo... fala da importância dos pais no hábito de leitura das crianças a feira vai até o dia 27 vamos lá...Cidinha dá o recado final...convidam todos para irem ao anexo do Museu da Inconfidência visitarem a Semana Literária...Marlene também convidem a todos e fala que o seu livro é um livro de Poemas e que todos vão gostar... Um das crianças faz a leitura de um poema feito por uma aluna da quinta série...e fala dos trabalhos que as crianças estão fazendo nas escolas para a feira...	00:00/12:47	12:47
Bloco 2: alô garotada dia 28 sábado as 14:00 é o aniversário do nosso Programa no Teatro Municipal...temos muitas atrações...não percam...	12:47/14:06	01:59
Bloco 3: uma das crianças faz a leitura de mais um poema...entra uma música e acaba o programa.	14:06/15:57	01:51
		Total: 15:57

FITA 13 - outubro de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: começa com uma música sobre a natureza... hoje é a festa do Papo de Criança...falam das atrações da festa e dos patrocinadores e agradecem a todos... e convidam todos para estarem lá..Vander como você entrou para o Papo de criança? Eles conversam como foi a entrada para o Programa Papo de Criança...Dáfine você lembra da música feita para o Programa? Claro...toca a música...e falam que estão ficando famosos...falam que terão inscrições para uma nova turma para o Papo de Criança em fevereiro...	00:00/04:07	04:07
Bloco 2: No programa passado falamos muito sobre literatura, hoje quem veio tomar o nosso suco foi o Gisberto Cardoso que lançou um livro no Museu Casa Guignard , o livro se chama ANTOLOGIA POÉTICA DE OURO PRETO. Ele fala sobre o livro de poesias desde o Século XVIII , são 76 poemas reunidos de autores diversos que falam sobre Ouro Preto... ele fala do clube de leitura que ele participou em Ouro Preto e da importância da Escola na formação dos alunos... fala que muitos escritores falam tanto de Ouro Preto pois é uma cidade que fascina quem a conhece... fala da pesquisa que fez e que durou 3 anos, visitou várias bibliotecas em Belo Horizonte, Rio de Janeiro...responde várias perguntas das crianças... se despede com um recado que as crianças valorizem a sua cidade para construir uma cidade melhor e diz que está disponível para as escolas que quiserem falar sobre o livro.	04:07/14:07	10:00
Bloco 3: agora vamos falar sobre o concurso da nossa camiseta... chegaram muitas cartas...citam o nome de algumas crianças que mandaram cartas e agradecem...Vander e Dáfine conversam sobre o aniversário do programa: 1 ANO DE PAPO DE CRIANÇA!! convidam todos para estarem no Teatro Municipal as 14:00 horas... entra música parabéns para você... e termina o programa.	14:07/16:49	02:42 Total: 16:49

FITA 14 - novembro de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: Entra a voz de uma criança/.../ Bom dia garotada! Fala da festa de aniversário do programa no sábado anterior... das apresentações todas que aconteceram...agradece os patrocinadores da festa/.../e todos da Secretaria de Educação.	00:00/03:55	03:55
Bloco 2: Agora o Papo de Criança vai entrar em um assunto muito sério que é depredação das áreas de lazer...a Praça 7 de setembro foi inaugurada e já se encontra toda quebrada... vamos o nosso reporte Júlio que conversou com o Joel que cuida da Praça: Joel diz que os brinquedos são fracos e os meninos maiores não podem usar e eles usam...então ele está tentando controlar a situação conversando com as crianças. Eles tem a campo de futebol aberto durante a semana, e o parque só no fim de semana para os menores, mas eles acabem usando...	03:55/10:09	06:54

Bloco 3: Está no ar mais um Jornal Papo de criança: falam do que está acontecendo nas escolas... feira de ciências...concursos... entra uma música e eles convidam todos para dançarem/.../ agradecem a todos e se despedem...	10:09:14:48	04:39
		Total:14:48

FITA 15 - Novembro de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: A criança inicia o programa agradecendo os país, avós, irmãos etc que acompanham o programa. Nessa minha vida agitada... trecho de uma música... A mesma criança convida as pessoas para se ligarem no programa.	00:00 /03:36	03:36
Bloco 2: Começa um trecho de uma música e uma criança fala que tal música tranquila ...é que para combinar com uma reportagem feita na mata dos palmitos perto de Santa Rita. /.../ Vocês conhecem a mata dos palmitos? /.../ As crianças falam que as crianças que moram nesse lugar sabem fazer esculturas de pedra sabão e ensinam os coleguinhas a fazerem também. Entra um trecho de uma música. Em seguida uma criança fala da professora Mônica que também está aprendendo a mexer com o pedra sabão. Eles contam que as crianças estão vendendo as esculturas em Ouro Preto e uma reportes foi até elas para saber mais sobre o assunto. A garota entrevista a Tatiana que trabalha com a pedra sabão. Ela pergunta a quanto tempo que ela trabalha com o pedra, se ela sabe fazer direito, se gosta, se vende muito. Ela então entrevista um garoto chamado Chiquinho e depois outro chamado Junior. Ela pergunta a eles se eles gostam de fazer isso, a quanto tempo fazem, de onde vem a inspiração para as esculturas etc. A garota pergunta também ao segundo menino o que ele faz com o dinheiro que ganha com esse trabalho. Ele diz que compra roupas e ajuda a mãe dele a comprar coisas para a casa. A garota repórter diz /.../ Oficina ao ar livre na quadra da escola e tem uma vista maravilhosa. Tem flores pra tudo enquanto é lado, aqueles pardaizinhos pousando toda hora é lindo aqui! /.../. Ainda na reportagem, a menina observa características do trabalho das crianças interagindo com elas. A garota começa a entrevistar uma mulher que parece ser alguma monitora ou coordenadora da oficina. Ela pergunta se os país gostam da oficina, como funciona, onde as peças produzidas lá podem ser encontradas. Na sequência, crianças conversam sobre brinquedos feitos por esse material.	03:36/ 11:36	07:00
Bloco 3: Entra a vos de uma das crianças falando sobre o concurso de desenho para a camiseta do programa. fala que o desenho deve ter três cores com o contorno preto e dá o endereço para o envio. Entra uma vinheta seguida de outra. /.../Vamos chacoalhar o esqueleto? Vamos danças um pouquinho? /.../ Entra uma música da Xuxa.	07:00 / 15:40	07:60
		Total: 15:40

FITA 16 - Novembro de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: Uma criança dá bom dia e em seguida uma vinheta entra no ar. A mesma criança afirma que naquela semana completaria 300 anos da morte do Zumbi, ela afirma não saber muito sobre esse tema e pergunta à outra criança (Vander) se ele conhece. O garoto afirma saber muito sobre o Zumbi e gostaria de passar algumas informações para os ouvintes. A menina pergunta para Alex o que é quilombo e ele a responde dizendo que é o lugar onde os escravos fugitivos moravam. O garoto continua falando várias coisas sobre o assunto. /.../ Zumbi foi avistado e morto. Cortaram-lhe a cabeça e salgaram para ser exposto em Recifes /.../. A menina pergunta sobre uma história que Zumbi havia pulado do precipício e ele afirma que isso não é verdade. As crianças dão um viva em homenagem a Zumbi/.../	00:00 /03:45	09:13
Bloco 2: Uma das crianças apresenta o convidado da manhã, sargento lima, um dos fundadores da capoeira em Ouro Preto. O menino pergunta o que ele acha das pessoas que discriminam os negros e em seguida sobre a origem da capoeira em Ouro Preto. Ele responde as perguntas do garoto e em seguida o garoto fala da capoeira para as crianças. Continuando a entrevista, o garoto questiona o sargento sobre um projeto de ecologia que ele fazia com as crianças nas escolas/.../ O sargento responde que ele fazia esse trabalho em todas as escolas que tinha o objetivo de conscientizar ambientalmente os alunos/.../ Ainda na entrevista, o menino pergunta se o sargento acha que em Ouro Preto os negros tem orgulho da sua cor. Ele responde que a cidade ainda está longe disso. A criança agradece os convidado e encerram a entrevista. O sargento sugere que as crianças do programa divulguem mais o programa que é um programa muito interessante.	03:45/ 14:00	10:55
Bloco 3: Entra um samba feito pelo convidado em seguida uma outra música/.../ se despedem/.../	14:00/16:13	02:13 Total: 16:13

FITA 17- Novembro de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: Uma das crianças conta que estão na Escola Municipal Professora Juventina Drumond, para entrevistarem a professora Mônica, professora de português, a respeito do jornal interno escolar. Ela pergunta à professora como surgiu o jornal. Mônica conta que o jornal surgiu com ela e com a turma de 7ª série. A criança pergunta então em que o jornal irá contribuir com os alunos e comunidade escolar. A professora responde que irá contribuir com várias coisas, principalmente fazer com que os alunos fiquem mais ativos e vejam que são capazes de produzir muitas coisas que serão valorizadas, apreciadas e questionadas. Os alunos também irão escrever e ler mais, pois vão passar a ler mais para fazerem o jornalzinho, além de pesquisas e entrevistas, além de se socializarem com outras pessoas, como	00:00 / 05:17	05:17

<p>professores e pessoas da comunidade. O aluno também percebe que a leitura não se limita ao livro didático, mas que ela pode existir através de receitas, avisos, palavras cruzadas, de um desenho, não havendo o contato com a biografia de autores e artistas. O aluno também precisará pesquisar muitos jornais e revistas. O aluno também deverá procurar informações do dia-a-dia para informarem os outros. A criança pergunta quais estão sendo as dificuldades enfrentadas. Mônica responde que o jornal está num período preparatório. Ele está sendo feito em sala de aula e datilografado por ela, e as dificuldades são a falta de material e as precárias condições econômicas para confeccioná-lo e diz que tem certeza que tudo vai dar certo e terão sucesso. A criança então agradece à professora pela participação e Mônica diz que não há de quê. Outra criança então anuncia a entrevista com Janaína, uma das alunas participantes do jornal. Ela então pergunta à Janaína como foi escolhido o nome do jornal. Janaína conta que os alunos da sétima série fizeram várias sugestões, posteriormente todos deram suas opinião e escolhemos o melhor, de nome “O Jornalzinho Estudantil”. A criança pergunta qual a opinião de Janaína em relação ao jornal. Janaína responde que acha ele muito bom e interessante. Diz que os alunos estão lendo e escrevendo mais. A criança entrevistadora pergunta se todos os alunos podem participar. Janaína responde que os alunos da sétima série que estão coordenando, mas com a intenção de que todos os alunos da escola participem. A entrevistadora pergunta se Janaína gostaria de deixar algum recado a respeito do jornal. Ela então diz que quem não tem informação sobre o jornal que procurassem a turma para passarem informações e que já conhecem que mande sugestões, opiniões, recados, receitas, piadas, charadas, enfim, tudo que contribua com o jornal. Uma das meninas agradece à Janaína pela entrevista e Janaína corresponde. Priscila conta que andou toda a cidade com seu caderno anotando tudo, mas diz que a banda Mamonas Assassinas ainda não saiu da cabeça do povo, todos pedem demais a música da banda, e a que mais saiu, felizmente, foi a do “Robocop Gay”. Diz que quem quiser pedir músicas devem escrever para ela, Priscila - secretaria de educação, e diz que irão rodar tudo no programa Papo de Criança e manda então um beijo aos ouvintes.</p>		
<p>Bloco 2: Ouvem-se crianças conversando e alguém começa a tocar um violão e um cantor canta uma música que fala sobre o Programa Papo de Criança. Uma voz masculina pergunta o que as crianças acharam da música, elas respondem que gostaram, dizendo que está falando do que o programa fala, que eles conseguem entendê-la melhor, uma música nova é legal sempre é bom variar, a música é bonita e o cantor toca violão muito bem, está dentro do assunto do programa Papo de Criança, abordando os assuntos que são falados no programa. O cantor então fala para cantarem novamente para aprenderem a letra e volta a tocar, as crianças então começam a cantar juntamente com ele:</p> <p>Se você quer saber... o que vai ser , o que vai ser ... o que vai ser , o que vai ser ... é o programa Papo de Criança é o programa Papo de Criança aaaaae... sobre assuntos da escola, do seu bairro, sua rua... e sobre a cidade também vai ter sobre a cidade também vai ter é o programa Papo de Criança é o programa Papo de Criança é o programa Papo de Criança aaaaae...</p>	<p>05:17 / 13:35</p>	<p>08:18</p>

<p>coisas que o vento vai algum dia lhe dizer e seu colega também vai saber, e seu amigo vai entender é o programa papo de criança, é o programa Papo de Criança que você vai ver... lerere... darunde... darunde... darunde... é o programa Papo de Criança ... ao final, todos batem palmas.</p>		
<p>NOVO PROGRAMA NA MESMA FITA- Bloco 3: Uma criança dá bom dia aos ouvintes, dizendo para não estragarem seu dia com qualquer porcaria e para correrem para o rádio para escutarem mais um programa Papo de Criança. Entra música de fundo. Priscila diz à Alexandro está muito cansada. Ele pergunta que cansaço é esse e ela responde que não aguenta mais carregar todo o patrimônio de Ouro Preto nas costas, antiguidades, ter que preservar muita coisa, 284 anos de cansaço. Alexandro pergunta se isso é tão pesado. Priscila responde então que claro não, que ela está só brincando, que Ouro Preto é a cidade que ela nasceu que vive e adora. Diz que estava pensando que o mundo inteiro vem visitar Ouro Preto e está encutando, será que as crianças podem ajudar na preservação de Ouro Preto, será que elas têm responsabilidade com isso. Alexandro responde que tem sim, e diz que para que ela entenda tudo convidou dois meninos e a Márcia Valadares que é uma profissional em restauração para conversar um pouco e tomar o cafezinho da manhã. Priscila diz a Alexandro que não é cafezinho, é 'suquinho 'e que está preocupada se tem para todos. Alexandro diz que tem sim e dá bom dia à Márcia. Ela retribui. Ele pede à Márcia que conte um pouco sobre o trabalho que ela faz. Márcia dá bom dia aos ouvintes do programa e às meninas que cita, que são ouvintes do programa. Ela diz que vai falar sobre um pouco do trabalho de restauração, como surgiu essa idéia em Ouro Preto com o Professor Jair Inácio quando começaram a aprender a restaurar, conservar e preservar. Priscila pergunta o que é restauração e se é a mesma coisa de reforma. Márcia responde que restauração é bem diferente de reforma, na restauração você tem consciência de que está mexendo em uma obra de arte, que ela precisa de determinada consciência de como você tem que fazer. Na reforma você coloca uma tábua igual a que tinha você copia, não é a mesma coisa. Reformar é que nem você pega um sapato, leva ao sapateiro para colocar uma sola nova. Isso que é, para os restauradores, reformar. Agora restaurar depende de restaurar, conservar e preservar o trabalho. Priscila pergunta o que Márcia está restaurando. Márcia responde que estão restaurando o forro da Capela de Amaro de Botafogo, um arraial próximo a Ouro Preto. Pergunta se as crianças conhecem e Priscila responde que não. Márcia convida então todas as crianças para irem ver o seu trabalho, que é um trabalho muito importante e muito bonito, pois ele ficou muito tempo esquecido precisando de ser restaurado e preservado, e estão fazendo esse trabalho juntamente com outras pessoas, conta que nasceu em Ouro Preto mas reside em Belo Horizonte e trabalha no Patrimônio Histórico e Artístico Estadual e foi chamada para concluir a obra desse forro, e que está tentando até dezembro entregar a primeira etapa desse trabalho de restauração. Alexandro pergunta o que uma criança precisa para ser uma restauradora. Márcia diz que uma criança uma criança não pode ser uma restauradora ainda, que a criança precisa passar por vários processos de conhecimento, contando que tem dois adolescentes que estão lá como observadores e tendo uma curiosidade para despertar o interesse deles para o futuro, pois a restauração é uma arte muito bonita e o restaurador tem que ter uma paciência, então a criança, o adolescente que chega no ateliê de restauração não aguentaria ficar oito, dez horas trabalhando, então é bom que tenham contato e desenvolvam suas capacidades, que é o que está ocorrendo com os dois adolescentes. Márcia diz que a Fundação de Arte e o Programa Menino de Ouro cederam os dois adolescentes, que foram observados e tem habilidades em trabalhar em artesanato e restauração, e foi proposto que ele observasse seu trabalho. Ela conta que fez um teste com os dois e viu que tanto Osmar como Agnaldo tem sensibilidade e podem vir a ser restauradores, mas primeiro estão despertando seu lado artístico e que todas as crianças tem mas</p>	<p>13:35 / 25:40</p>	<p>12:05</p>

<p>precisam querer desenvolver. Alexandre pergunta a Osmar o que ele acha do trabalho que ele está fazendo. Márcia diz que Osmar está com um pouco de vergonha, e pede que Osmar fale. Osmar responde que acha bom. Márcia pergunta o que mais, e ele responde que eles aprender a fazer as coisas e a prestar mais atenção às coisas que fazem. Márcia completa dizendo ter que ter um pouco de paciência. Priscila pergunta a Agnaldo o que eles estão fazendo na Capela de Botafogo e ele responde que estão trabalhando com as tábuas e aprendendo mais coisas. Priscila pergunta que coisas. Márcia responde que eles estão aprendendo a fazer uma consolidação na madeira, eles ficam observando a transposição de uma pintura e de uma tábua, eles observam mas de repente já estão fazendo também. Conta que Agnaldo é mais atencioso que Osmar, que ela briga um pouco, mas tem um trabalho muito bom e de nivelamento, que em termos técnicos é uma obturação, que é o que os dois estão fazendo no momento. Priscila fala que é uma coisa difícil e pergunta o que é obturação. Márcia responde que é quando a tábua está com um buraco que o cupim comeu, então ela faz uma transposição, tira a pintura da madeira comida e passar para uma madeira nova, e diz que eles fizeram isso, a transposição da pintura de uma madeira para outra. E os meninos estão observando isso para quando estiverem maiores eles poderem saber fazer um trabalho de restauração, que eles vão passar pela parte técnica, vão ter teoria, ter certo conhecimento mais profundo dentro da área. Cita que na FAOP existem vários cursos, perguntando se as crianças conhecem, as crianças respondem que sim, então ela diz que eles então já viram que lá tem vários cursos, que Petrus dá o curso de Artesanato e Escultura para adolescentes, que é um bom trabalho que ele desenvolve com crianças e adolescentes e lá você aprende muitas coisas e pode ser um grande profissional, como ela e Gelson, que é o coordenador do Papo de Criança, ela se desenvolveu na área de restauração e Gelson nas artes plásticas, e sobrevivem disso. Diz então às crianças que tem interesse que ela está a disposição como o Agnaldo e Osmar estão curiosos e serão futuros restauradores de Ouro Preto. Alexandre pergunta como as crianças podem ajudar na restauração de Ouro Preto. Márcia responde que eles têm muito a ajudar principalmente quando vem os turistas, e o próprio povo de Ouro Preto que não respeitam os monumentos, que depredam e ao verem isso as crianças devem denunciar e alertar a respeitarem a cidade, dizendo que a cidade é um monumento mundial, que a cultura é a mais bonita e cidade é a mais rica de Minas Gerais e ver que o prefeito busca preservar a cultura e que crianças foram à Suécia para mostrarem o trabalho e até mesmo o trabalho das crianças no Programa Papo de Criança, que ela admira o trabalho e é uma ouvinte e que eles continuem sempre pois eles representam a cultura da cidade. Priscila pede que Agnaldo e Osmar mandem um recado para as crianças de Ouro Preto. Osmar diz que as crianças não devem destruir as obras de ouro preto, só ajudar a reformar como os meninos do Programa Jovens de Ouro, que eles trabalham com a Márcia e quem tiver interesse é só ir á os verem. Agnaldo diz que gostou do Projeto Jovem de Ouro, pois trabalhou e recebeu e que agora trabalhando com a Márcia ele trabalha, recebe e ajuda a mãe. Alexandre agradece a presença dos meninos e da Márcia e passa a palavra à Márcia para deixar algum recado. Ela diz que quer deixar um recado às crianças que ela ficou muito satisfeita em ser entrevistada pelo programa e que as crianças tenham mais interesse pela cidade de Ouro Preto e pelos seus monumentos. Música de fundo.</p>		
<p>Bloco 4: Jornal do Papo - Priscila chama a atenção para as notícias do dia: está acontecendo o segundo circuito cultural de teatro em Ouro Preto, dizendo que há muitas peças infantis, com a participação de escolas e grupos e que há tantas peças que nem dá para informar, e convida as crianças a pesquisarem mais informações nas escolas, e não perderem a oportunidade de irem ao teatro. Parabenizam todas as escolas e grupos participantes, especialmente as companhias Vati e Peripécias, que são os promotores do evento. Deseja muito sucesso e manda um beijo. Alexandre diz que já falará sobre patrimônio no programa, conta que houve na semana que passou um encontro super importante, o primeiro seminário de educação, patrimônio e turismo e conta que ele foi conferir e viu muitos professores apresentando projetos com a preocupação de cuidarem da cidade de Ouro Preto. Priscila agradece as crianças que enviaram desenhos para</p>	<p>25:40 / 29:15</p>	<p>03:35</p>

a camiseta do programa, o desenho escolhido foi o da Bruna de Carvalho Mapa, fala que o desenho estava muito bonito e pede que Bruna passe no Museu para receber seus prêmios. Alexandre faz agradecimentos aos ouvintes que enviaram cartas aos programas, Alexandre e Priscila mandam beijos aos amigos e parentes e se despedem.		Total: 29:15
---	--	---------------------

FITA 18 – Dezembro de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: Entra música de fundo. Roseli lembra que já estão no final do ano. Começa outra música. Ela conta que sua mãe reclama que ela fica pedindo dinheiro quando vai à rua, e pergunta aos ouvintes se eles sabem o quanto eles gastam quando saem. Fala que todos gastam seu dinheiro com guloseimas e doces e lembra-se de uma oficina feita com uma professora na qual fizeram conta de quanto cada um tinha gasto comprando balas, doces e frutas, e como resultado souberam que gastaram o dinheiro suficiente para irem e voltarem para casa de ônibus. Volta música de fundo. Roseli manda um abraço à Priscila que a deixou sozinha na apresentação do programa. Roseli fala que diante dessa oficina o programa fez uma enquete com as crianças pela rua, pesquisando se elas sabem o preço das coisas que compram. Os repórteres do programa então perguntam às crianças o que elas costumam comprar na rua e se sabem o valor dos produtos, várias respondem que compram lanches e doces, e todas dão os valores dos produtos que compraram. Roseli comenta que as crianças não estão fazendo conta do tanto que gastam e diz que é preciso economizar para o final do ano e das férias. Música de fundo. Roseli fala sobre concurso relâmpago: concurso de responder três charadas muito fáceis, falando sobre o prêmio e passando então as charadas. Passa depois o endereço para onde as crianças deverão enviar as cartinhas. Agradece então à Dalva os dias de oficina.	00:00 / 07:34	07:34
Bloco 2: Música de fundo do jornal. Roseli anuncia mais um Jornal do Papo. Toca música de fundo. Crianças cantam uma música infantil. A apresentadora diz que a música é do pessoal do Curumim que foram à cidade, apresenta então entrevistas gravadas com eles. Wanda se apresenta dizendo que é ouro-pretana e está trabalhando no programa Curumim. A entrevistadora pergunta como surgiu o programa Curumim. Wanda responde que surgiu da iniciativa do Dr. João Pinto Ribeiro que criou um espaço para que crianças não ficassem na rua após a escola, mas que tivessem um acompanhamento escolar, brincadeiras, esportes e atualmente o canto. Outra entrevistadora pergunta o que é o Curumim. A entrevistada responde que o Curumim não é uma escola formal, mas as crianças têm esse espaço para ir após a aula, tendo várias atividades, tanto as desenvolvidas nas escolas como outras atividades como brincadeiras, trabalhos lúdicos, teatro, canto. Júlio, uma das crianças que participa do Programa, ao ser perguntado se gosta do Curumim responde que sim. A entrevistadora pergunta o que ele fazia antes de entrar para o programa, ele responde que ficava na rua brincando de bola. Pergunta também o que ele acha do Curumim e ele diz que acha muito bom por não ficar na rua, não ter perigo e assim não ter haver preocupação de sua mãe. A entrevistadora faz as seguintes perguntas a outras crianças: primeiramente seus nomes, se elas fizeram muitas amizades, se elas gostaram de ter vindo cantar para as crianças de Ouro Preto pela primeira vez e por que, se é a primeira vez que vão a Ouro Preto e desde quando estão no Programa Curumim. As crianças falam então seus nomes, contam que fizeram sim amizades, que o projeto é muito legal e tem pessoas legais, respondem que adoraram ir a Ouro Preto, que as crianças da cidade são legais e brincaram com	07:34 / 11:27	03:53

elas, que foi a primeira vez a ir à cidade e que estão no programa desde o começo.		
Bloco 3: Roseli conta que no colégio Marília, no dia 30, aconteceu a Primeira Feira Ecológica, e que na abertura alunos soltaram balões com sementes de girassol dentro e que foi muito legal. Diz também que a Dafne fez uma reportagem com a vice diretora. Dafne diz que está com a Maria das Graças, vice diretora da escola Marília de Dirceu. Dafne pergunta quem teve a idéia da Feira Ecológica. Maria diz que a idéia foi das professoras da escola, que estão fazendo um trabalho de ecologia e resolveram encerrar o ano com os trabalhos feitos durante o ano. Dafne pergunta o que ela espera da Feira Ecológica. Maria diz que espera que as crianças levem para casa o que irão aprender na Feira, que a conservação do meio ambiente é um dever de todos. Dafne pergunta se eles pretendem fazer outras Feiras Ecológicas. Maria diz que é claro, que há maior conscientização e apoio de pessoas até de fora da escola e acha que haverá momentos bons para frente. Dafne então agradece pela entrevista. Entra música de fundo. Roseli diz que o Programa Jovem de Ouro está completando um ano e os participantes irão receber carteiras de identidade, convida-os então a se informarem. Chama a atenção de Bruna de Carvalho Mapa, a ganhadora do concurso das camisetas para buscar seus prêmios no Museu Casa Guignard. Dá os parabéns à Secretaria Municipal de Educação pela primeira edição do jornal e manda beijos a funcionárias da Secretaria e despede-se então, até o próximo sábado. Música de fundo.	11:27 / 14:40	03:13
		Total: 14:40

FITA 19 – Dezembro de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: Entra música de fundo. Michele dá bom dia a todas as crianças, as que passaram de ano, aos que ficaram em recuperação e aos que tomaram bomba. Dá bom dia a Alexandre, que corresponde ao cumprimento e trocam os alimentos do café da manhã entre si, Alexandre pergunta por que Roseli não está tomando café da manhã, e ela diz que não gosta de comer nada pela manhã. Então Michelle diz a ela que o café da manhã é muito importante e que dá energia para as atividades que fazem, e Roseli diz que vai pensar no caso de tomá-lo. Alexandre apresenta às meninas o Jornal da Secretaria de Educação, e ele conta que a Secretaria de Educação fará um concurso, dando detalhes de como será o concurso: o que enviar e para onde e quais são os prêmios. Michele repara que o Papo de Criança saiu no jornal e ocupou uma página toda. Roseli conta que o programa saiu em outro jornal o Galilé, ela então manda um beijo à repórter Dalva. Michele questiona se as crianças lêem os jornais, e diz que no Jornal Ouro Preto há uma página exclusiva para as crianças com atividades. Michele parabeniza Roseli por ter feito o programa anterior sozinha, Alexandre diz que ficou super legal.	00:00 / 02:35	02:35
Bloco 2: Michele diz que achou legais as dicas sobre economizar e sobre alimentação. Roseli diz que tem a proposta de passar no programa a entrevista com o Marcos e a Consola que são nutricionistas da Secretaria de Educação. Michele e Alexandre concordam então começa a entrevista: Uma das repórteres pergunta a Consola porque sentimos fome, porque temos a necessidade de nos alimentar. Consola responde fazendo uma analogia ao carro, dizendo que nosso organismo é como um, assim como o carro necessita de gasolina	02:35/12:13	10:08

<p>nós precisamos dos alimentos, para as crianças, no caso poderem brincar e estudar e no caso dos adultos fazerem suas atividades diárias. Michele pergunta a Marcos como se combina um alimento e se, por exemplo, arroz com feijão e batata combinam. Marcos responde que para que uma alimentação seja nutritiva e equilibrada, por exemplo um almoço com arroz, feijão, verdura e uma carne. Cita cada nutriente encontrado em cada um dos alimentos do exemplo, dizendo que esse exemplo representa uma alimentação equilibrada, afirmando que o exemplo de Michele só possui carboidratos, não sendo um alimento equilibrado. Michele pergunta à Consola quais são as dificuldades que a Prefeitura enfrenta com a merenda escolar. Consola diz que hoje são comprados vários tipos de alimentos, e afirma que a merenda não depende somente do nutricionista, mas de toda a direção e funcionários das escolas, para que a merenda seja gostosa depende desse apoio. Michele pergunta que, apesar de ir merendas gostosas, algumas ela não gosta. A nutricionista diz que o problema está na preparação da merenda na escola em que Michele estuda, pois os nutricionistas preparam um cardápio de acordo com o gosto das crianças, ela diz que no ano seguinte haveria um treinamento sobre uma melhor preparação da merenda para evitar esse problema. Alexandre pergunta, como ela trabalha como nutricionista, se ela tem notícia sobre crianças que não tem boa alimentação, que não tem alimento. Consola diz que em Ouro Preto também há pessoas e crianças na cidade que passam fome. Fala sobre crianças que não tem condições em casa e a importância da merenda para algumas crianças que só tem ela como alimentação diária, e ressalta a preocupação dos nutricionistas em melhorar sempre a merenda para que ela possa minimizar a fome e a desnutrição dessas crianças. Michele pede que os nutricionistas mandem um recado para todas as crianças que comem guloseimas e doces. Consola diz que não é para não se comer doces, que se pode comer, mas não se deve esquecer das refeições nutritivas e comer doces depois das refeições, pois eles não apresentam nutrientes necessários então não se deve exagerar. Marcos diz que as bobagens que as crianças comem fazem parte do desenvolvimento das crianças, reafirma a importância, como dito por Consola, de não se exagerar nos doces e balas. Ressalta a importância da higiene ao se alimentarem e conta que as crianças hoje não se têm esse cuidado e isso é muito importante. Consola completa o que Marcos falou, dizendo que mesmo comendo bem, deve-se ter uma boa alimentação para não se contrair verminoses, que tem em grande número na cidade, então se deve aliar a higiene à boa alimentação. Michele agradece a presença dos nutricionistas e Marcos agradece a oportunidade e parabeniza as crianças pelo trabalho. Entra música de fundo.</p>		
<p>Bloco 3: As crianças falam sobre o concurso de charadas, que ninguém mandou as resposta, então o prêmio do prato de brigadeiro ficou para as crianças do Programa. Música de fundo do início do Jornal. Uma das meninas chama atenção para as notícias: informa então a programação do Vídeo Anexo. Michele agradece às crianças do Pocinho pelo cartão de Natal. Alexandre parabeniza as crianças que se formaram. Michele agradece a audiência que as crianças estão dando ao programa. Desejam então um bom final de semana e se despedem.</p>	12:13 / 15:09	02: 56 Total: 15:09

FITA 20 - Dezembro de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: Entra uma música e uma criança narra: No ar mais um papo de criança! A criança aborda o assunto de Natal, falando sobre os estudos, presentes e férias. Parabeniza as crianças que passaram de ano e diz para os em recuperação para se dedicarem mais. Outra</p>	00:00 / 11:18	11:18

<p>criança continua falando sobre as árvores de natal, presentes, presépios. Conta sobre crianças fazendo enfeites no bairro Poçinho. Diz que os repórteres Dafne e Vander foram à escola Dalmir Maia, na oficina de criação. Conta que a escola foi ampliada e reformada e aborda os espaços criados. Passa a palavra à professora da Oficina de Criação da escola chamada Marília. Ela conta que trabalham com materiais recicláveis e com materiais na oficina. A oficina foi preparada para trabalharem arte. Um aluno da escola conta que aprendeu a fazer enfeites com a professora Marília. Os repórteres perguntam às crianças o que eles fizeram na oficina, e eles contam que fizeram enfeites de natal. Outro aluno descreve os materiais usados para fazerem um Papai Noel. Um repórter aborda as criações da oficina: maquetes, máscaras, cestos feitos com jornal, enfeites de Natal. Uma professora conta como foram feitas as máscaras e quais os materiais reciclados utilizados, solicitando que os ouvintes doem os materiais que podem ser reciclados. Um repórter descreve um trabalho feito com uma massa de caixa ovo, cola, gesso e farinha de trigo. Pergunta para a professora sobre a confecção de outra massa e ela conta que há outras combinações para se fazer. Os repórteres contam sobre as árvores feitas com galhos, areia e bolinhas de papel, e sobre bolinhas de papel feitas de massa com papel reciclável que não quebram. O repórter diz que está adorando o trabalho que apresenta árvores, papais Noel e muitas outras coisas. As crianças da escola cantam a música “Bate o sino”. Uma criança do Bairro Poçinho deseja feliz natal a todos os ouvintes. As crianças do programa agradecem aos participantes da Oficina de Arte da escola e cita o pedido de natal das crianças do bairro, que pedem uma quadra e o melhoramento da rua e encanamento do esgoto. Entra música de Natal cantada por crianças.</p>		
<p>Bloco 2: A criança narradora do Papo de Criança lê a carta de uma criança, agradece à Alessandra sua carta e fornece o endereço do programa. Outra criança noticia um almoço realizado pela Associação de Moradores do Bairro da Queimada, para as crianças carentes, havendo no almoço, a presença de um palhaço e da fanfarrã. Anuncia também a exposição dos trabalhos das crianças do Poçinho e das oficinas de artes da escola Juventina Drumond na Casa dos Contos. Outra narradora anuncia outra exposição na Casa Guignard. Anunciam e colocam a música de preferência das crianças: Banda Mamonas Assasinas - Mina. As crianças mandam beijos para a escola e se despedem.</p>	11:18/ 16:50	05: 32 Total: 16:50
FITA 21- dezembro de1995		
NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: Locutor apresenta o programa Papo de Criança. Entra música e em seguida uma criança cumprimenta as crianças e anuncia o concurso promovido pelo programa, cita os patrocinadores, conta os prêmios que serão dados e convida as crianças a escreverem um poema sobre o bairro em que moram, anunciando o endereço do programa. Passa então a palavra ao Alexandro. Os dois narradores falam sobre a Semana de Alimentação e Nutrição que houve na cidade. Passam então a entrevista com a nutricionista Simone. Perguntam sobre a importância da comemoração da semana da alimentação e nutrição e qual foi a programação. A nutricionista diz que ela é importante como as outras comemorações e diz que é um momento para rever a alimentação e frisa a importância da alimentação para as crianças. Conta que na programação nas escolas da prefeitura as crianças assistiram teatro, explicações através de uma mesa expositiva de alimentos e posteriormente uma oficina para retratarem o que aprenderam. Uma criança pergunta se há crianças passando fome em Ouro Preto, e a nutricionista responde que sim e conta suas experiências com crianças que passam necessidades, dizendo que é uma realidade da cidade e um problema de difícil resolução. A criança pergunta sobre a alimentação básica para o desenvolvimento das crianças. Simone responde que assim como os adultos as crianças devem ter quatro refeições regulares. Cita os três grupos de alimentos: energéticos, construtores e reguladores, dando exemplos de alimentos de cada grupo. Diz que comendo um alimento de cada grupo em</p>	00:00 – 12:15	12:15

<p>cada refeição a criança tem uma alimentação balanceada. A criança pergunta sobre balas e doces, se contribuem para o desenvolvimento de uma criança. A nutricionista responde que não, pois é um alimento que só contém açúcar e que contribuem para a formação de cáries, e ainda sugere a substituição dos doces por frutas. A criança pergunta qual a mensagem que ela gostaria de deixar para as crianças. A nutricionista prefere deixar uma mensagem para os pais conscientizando os pais a cultivarem legumes e verduras, utilizando suas terras para complementarem seus alimentos, sugerindo alimentos que reforcem a alimentação das crianças e convida os pais a incentivarem as crianças a cultivarem seus alimentos. A criança pergunta se há uma receita fácil a ser feita pelas crianças. A nutricionista descreve como fazer uma Fanta Caseira. A criança entrevistadora agradece a participação e colaboração na entrevista da nutricionista Simone e esta se disponibiliza sempre que precisarem. Uma criança anuncia para os ouvintes que não conseguiram anotar a receita que entrem em contato que o programa a enviará. Entra música de fundo.</p>		
<p>Bloco 2: Uma criança cumprimenta os ouvintes e anuncia o Jornal, falando sobre a primeira semana de educação. O Secretário de Educação de Ouro Preto João Bosco Rios dá uma entrevista para o programa: O secretário agradece a participação e fica feliz em falar sobre a semana da educação, dizendo que as crianças recebem educação não só na escola, mas o tempo todo, no dia a dia. Destaca a semana de Educação, pois esta é muito importante e que nessa semana a educação será refletida e conversada. Convoca os alunos, pais e funcionários de escolas, associações comunitárias, enfim, todos que estão envolvidas na educação a comparecerem no Cinema de Ouro Preto para conversarem sobre educação. Uma criança manda um abraço para a ouvinte Fátima. Outra se despede, toca música de fundo e o narrador finaliza a apresentação do programa Papo de Criança.</p>	12:15 – 15:38	03:23
<p>Bloco 3: Locutor introduz o programa Papo de Criança. Entra música e em seguida toca um telefone, uma criança atende e a outra que ligou diz que mora em Mariana e pergunta se o concurso é somente sobre a cidade de Ouro Preto. O locutor diz que cada criança deve escrever da cidade onde mora, descreve como deve ser feito o trabalho e passa o endereço para onde devem ser enviados os trabalhos. Diz que haverá vários prêmios e fala sobre os jurados. Diz que uma das crianças vai conversar com o jurado do trabalho e poeta Guilherme Mansur, fala um pouco sobre ele e passa a entrevista com o poeta. A criança entrevistadora pede que Guilherme recite um poema. O poeta recita um poema para crianças, de sua autoria: “O rio”. O entrevistador pergunta se o poeta já pensou em escrever para as crianças e ele responde que escreveu para crianças somente esse poema que recitou e justifica que escreve poemas mas não especificamente para crianças. O entrevistador pergunta quando que ele descobriu que gostava de escrever e porque optou pela poesia. O entrevistado conta que foi de repente, e que chegou ali através do desenho e diz que a poesia foi a forma de escrita que mais o interessou. O entrevistador diz que durante todo o mês seria falado sobre Literatura e pergunta a Guilherme sobre sua experiência com a escrita na escola, se os professores ordenavam que ele escrevesse. O poeta responde que não que geralmente lhe era passado uma redação e algumas vezes era pedido para escrever sobre seu dia a dia. Afirma que as crianças hoje tem uma oportunidade melhor com o interesse por história, poesias, arte, com espaços legais como o programa Papo de Criança na Rádio Ouro Preto. O poeta vê com otimismo o aprendizado da literatura pelas crianças atualmente. O entrevistador pergunta sobre a Gráfica que o poeta dirige. O poeta conta que a Gráfica veio de família e ele trabalha lá desde pequeno. Conta que faz trabalhos de edições, livretos, artes gráficas. O entrevistador pede que o poeta fale sobre os livros que ele escreveu. O poeta diz que publicou dois livros com tema gato: “Sete Fôlegos” e “Gatimanha e Felinuras”. O entrevistador pergunta se o título do primeiro livro tem a ver com as ditas 7 vidas dos gatos, e Guilherme justifica que sim dizendo que fez 7 poemas brincando com as 7 vidas dos gatos. O entrevistador pergunta o que Guilherme acha do Concurso de Poesias da rádio. O entrevistado responde que acha bacana que tenha o concurso na cidade e torce para que as crianças que escrevem participe do concurso. O</p>	15:38 – 26:35	10: 57

<p>entrevistador pergunta o que ele acha do programa Papo de Criança. O poeta responde que acha muito legal e que é uma grande oportunidade para as crianças. O entrevistador pergunta se ele gostaria de deixar algum recado para as crianças de Ouro Preto. Guilherme convida às crianças a participarem do Concurso. O entrevistador então se despede e agradece. Entra música de fundo.</p>		
<p>Bloco 4: Uma criança diz que para escrever é preciso ler muito e pergunta se os ouvintes sabem como funciona a biblioteca Pública, e diz que o programa foi até à Biblioteca conversar com a Nilce, passando então a entrevista. O entrevistador pergunta o que é necessário para que as crianças possam utilizar a biblioteca pública. A entrevistada responde que para ser sócio da biblioteca é preciso fazer uma carteirinha e descreve os documentos necessários para fazê-la. Convida também as crianças para utilizarem as bibliotecas lendo livros de história e utilizando os livros para tarefas e pesquisas, fazendo o cadastro e podendo fazer empréstimos de livros. Diz por fim qual o endereço da Biblioteca. Entra música de fundo.</p>	26:35 – 29:02	02:27
<p>Bloco 5: Uma criança cumprimenta os ouvintes anuncia o jornal, outra pergunta se o ouvinte já escreveu para o Programa e pede que escrevam para a rádio. Anuncia o início Projeto Museu Escola e dá informações sobre o projeto e de como se inscreverem. Também fala sobre a Oficina de Comunicação, dando informações sobre ela e de como e onde as crianças podem se inscrever. Outro locutor fala que estão tristes pelo não funcionamento da Oficina de Artes de São Bartolomeu e cobra dos adultos e crianças que participem. Anunciam a programação para o mês de março de filmes para as crianças no Vídeo Anexo, e lança a reclamação de crianças que estudam à tarde e que pedem que os filmes sejam exibidos aos sábados e a peça de teatro: “O rei Leão e o Pato presidente” na casa da Ópera. Apresentam o Projeto Vozes de Ouro destinado para adolescentes. Passam notícias sobre as empresas que financiaram e recepcionaram os adolescentes no programa Jovens de Ouro. Relatam o recebimento de duas cartas para o concurso de poesias. Apresentam os participantes do programa deste dia e se despedem. Música de fundo. Um narrador finaliza a apresentação do programa Papo de Criança.</p>	29:02 – 35:05	06:03
<p>Bloco 6: Locutor apresenta o programa Papo de Criança. Entra música e em seguida uma criança lê um poema sobre uma estrela. Cumprimenta os ouvintes após ler o poema do poeta Paulo Leminsk, fala sobre o concurso de poesias, conta que as cartas continuam chegando e diz que as crianças podem enviar seus poemas até o final do mês. Cumprimenta Alexandre, que se mostra curioso para saber quem é o ganhador do Concurso e diz que o limite de envio de poemas é até o próximo sábado. Anuncia a entrevista com Vandico, Vanderlei Alexandre da Silva, artista de Ouro Preto. Um entrevistador pergunta o que ele acha de escrever poemas e histórias. Ele responde que é muito bom, pois se expressa seu sentimento e é uma forma de se conversar. Outra criança pergunta se ele começou a escrever na escola e onde buscou incentivo para se tornar artista. Vandico responde que começou a escrever e desenhar desde pequeno e que sua inspiração é a cidade de Ouro Preto. Outra criança pergunta como foi sua infância em Ouro Preto e como ele vê as crianças de hoje. Ele responde que teve uma infância do modo antigo, jogava bola, brincava na rua, nadava, completamente diferente da infância atual com a tecnologia e diz que hoje ela é mais promissora apesar de a de antigamente também ter sido feliz. Perguntam o que Vandico acha sobre o Programa Papo de Criança e sobre o Concurso de Poesias. Ele responde que no Papo de Criança os adultos aprendem muito e diz que o concurso é sensacional, pois as crianças que tem dom para serem poetas esse concurso tem um apoio e é um incentivo, dizendo que acha muito bom. Outra criança pergunta dentre as coisas que ele faz o que Vandico mais gosta de fazer. Ele responde que morar em Ouro Preto é o que ele faz com mais prazer, andar pela cidade e conversar com as pessoas é o que ele mais gosta de fazer. Outro entrevistador pergunta dentre pinturas, canções, desenhos e poemas o que ele prefere. Vandico responde que são as pinturas e as</p>	35:05 – 47:18	10:29

<p>canções. Perguntam o que ele faz atualmente. Ele responde que está escrevendo um livro com crônicas e faz pinturas mas se dedica mais ao livro. Uma criança pergunta o que ele faz que ele acha deixa as pessoas alegres. Ele responde dizendo que é ficar alegre com as pessoas que são alegres. Outro menino pergunta do que se trata o livro que Vandico está escrevendo. Ele responde que o livro resgata a história das pessoas ouro-pretanas populares nas ruas de épocas passadas, dizendo que pretende resgatar a imagem das pessoas para que os alunos de hoje conheçam o passado da cidade. Outra criança pede que ele fale um poema que já escreveu. Ele diz que vai recitar um pedaço de uma poesia, e recita um poesia sobre Ouro Preto. Outro repórter pergunta se ele fez alguma música para a escola do Morro Santana. Ele responde que sim, várias. O repórter pede que ele fale um pedaço de uma das músicas. Ele diz que a música “Mãe Preta” é a que mais gosta e canta a música. O entrevistador pergunta se ele gostaria de mandar algum recado para as crianças de Ouro Preto e região. Ele diz que sim e manda o recado: que estudem bastante, pratiquem esportes, sejam alegres. Diz que alegria gera energia e que ser alegre, ser menino é um privilégio. Música de Fundo.</p> <p>Os repórteres dão bom dia aos ouvintes e diz que está no ar o Jornal do programa. Um dos repórteres cobra que as crianças mandem sugestões para o nome do Jornal, como fez a turma do Dom Pedro. Notícias: Parabenizam os Jovens de Ouro que receberam seu primeiro pagamento e dá um recado da Prefeitura a todos os alunos selecionados a comparecerem no Museu da Inconfidência, na terça-feira às 13:30h. Anunciam a Rua de Laser no bairro Pocinho e para as crianças do Bairro de Santana, no dia 20, começam a funcionar as Oficinas de Criação e no mesmo dia a Semana de Alimentação e Nutrição. No teatro há oficina de criação e muito mais. Os alunos de Dom Veloso juntam latinhas e pedem a colaboração de todos.</p>		<p>Total: 47:18</p>
---	--	---------------------------------------

FITA 22 - Janeiro de 1995

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	de Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: Crianças cantam a música da brincadeira “O Cravo brigou com a Rosa”. A entrevistada Júlia comenta que a brincadeira e a música tem sentido e nos ensina alguma coisa, usando como exemplo a música cantada pelas crianças. Diz que enquanto a criança faz os gestos na brincadeira ela exercita seu corpo. A entrevistada fala sobre outra música e pergunta o que as crianças entenderão da música “Tangolomango” e então canta a música. As crianças aos poucos começam cantar junto. A entrevistada pergunta novamente o que as crianças entenderam e as crianças respondem que à medida que se canta diminui uma irmã na música. A professora conta que crianças de uma região de Minas Gerais onde não haviam escolas aprendiam com as pessoas que as ensinavam com esta música, pois elas precisavam muito de saber matemática para trabalhar, então pessoas e crianças tem vontade de aprender e inventam brincadeiras para isso. Ela fala sobre outra brincadeira, e cita a da Estátua, as crianças falam sobre outra brincadeira e começam a cantar a música da brincadeira “Na fonte do Itororó”. A entrevistada cita outras formas dessa brincadeira e conta a origem da brincadeira da Estátua: conta que foi inventada por adultos, na Grécia, um país distante e antigo, dizendo que havia homens muito inteligentes e eles inventaram essa brincadeira pensando que se fossem como estátuas eles chegariam mais perto dos deuses, assim eles os ouviriam. Acabou que a brincadeira foi sendo divulgada pelo mundo e em vários lugares adultos e crianças brincam disso. Uma criança pergunta como é a música certa, e a professora responde dizendo que o nome da música que as crianças cantaram na verdade é “A Fonte do Itororó”. Conta que Itororó é um rio no Rio Grande do Sul, divisa com o Paraguai, e houve uma batalha muito sangrenta e que para contarem essa história, as pessoas que</p>	00:00 – 16:55	16:55

<p>não estudavam cantavam e brincavam, ela então canta a música como foi inventada e fala sobre os comandantes que batalhavam e o sangue dos soldados que sujou o rio após a Batalha. Uma criança diz que eles cantam a música com o nome dos colegas e não com “linda morena”, como foi cantada por Júlia. Ela então diz que aprendeu com “linda morena” mas que a cada geração as músicas vão sendo modificadas pois cada um entende de forma diferente. Uma criança conta que também cantava usando “linda morena” na música. Outra criança diz que cantaram a música errada, e não a da estátua, e pede à Julia para cantarem a correta, e então a executam. Uma criança pede que ela conte uma outra brincadeira para elas. Ela pergunta se as crianças conhecem a brincadeira “Hoje é domingo” e recita o texto da brincadeira. As crianças afirmam que conhecem e recitam o texto de outra forma. A entrevistada então comenta que eles brincam de outra forma em Belo Horizonte. Uma criança conta que sua irmã o ensinou o de sábado, mas que ele só sabe o de domingo. As crianças executam outra brincadeira, de dar nomes aos dedos, e a entrevistada conta que as mães e as avós antigamente ensinavam as crianças pequenas sobre os dedos das mãos. Fala então de uma outra brincadeira antiga que ela aprendeu com sua bisavó, dizendo que ela deve ser de Ouro Preto. Canta então a música “Quero Sair João Jiló”, que fala sobre todas as partes do corpo. Júlia conta que as crianças tinha curiosidade de saber como nascem, então as mães cantavam essa música, sem contar por onde realmente que as crianças nascem. As crianças agradecem a participação de Júlia e a convida para participar no próximo programa.</p>		
<p>Bloco 2: Uma criança apresenta Júlia novamente aos ouvintes do programa, que vai falar mais um pouco sobre brincadeiras antigas, pede então para brincarem de Adivinha. Júlia diz que sim e faz uma charada às crianças, e uma delas responde. Ela pergunta como ele descobriu, se foi por associação ou por “marmelada”, explicando então o sentido da expressão marmelada. As crianças falam sobre outras expressões. Júlia propõe então outras charadas e as crianças também respondem corretamente. Seleciona uma mais difícil e as crianças respondem prontamente. Faz então uma pergunta: o que a panela disse à pipoca? As crianças vão formando a resposta, até chegarem à correta, e Júlia então confirma a resposta: “É danada, minha bunda que queima e você que pula né! Ela coloca mais charadas, fazendo uma mais difícil, sobre o que é comum ao tatu, o barco e a esmola. As crianças tentam formar uma resposta e Júlia dá a resposta, mas as crianças custam a entender. Júlia então começa a falar sobre a Pipa. Conta que todo mundo brinca de Pipa e que em Tiradentes conversou com crianças vendendo cerol, fala sobre como ele é feito e sobre seus riscos. Júlia propõe contar uma história de pipa e as crianças dizem que querem, então ela começa contando que ela foi inventada no Oriente, por Japoneses e Chineses e que eles brincam até hoje de pipa. Que eles uma vez tiveram a idéia de enviarem soldados para a guerra em cima de pipas, pois não haviam veículos antigamente. As crianças se interessam e comentam sobre a história, fazendo perguntas, e Júlia responde que as pipas era feitas de pano, que eram amarradas com cordas muito fortes e que eram necessários vários homens para fazê-la voar. As crianças questionam o vôo da pipa com uma pessoa em cima, mas a entrevistada diz que é possível sim, ela justifica citando vários produtos dos quais podem ser feitas as pipas. Ela conta então outra história de bairros vizinhos que estavam em guerra. Um dos bairros era mais pobre que o outro, e estava muito preocupado com a batalha. Então o comandante teve um sonho e mandou construir uma pipa muito grande, pois acreditavam no contentamento ou descontentamento dos deuses com os humanos, e a encheu de guizos. Quando a pipa chegou ao outro bairro com todo o barulho produzido pelos guizos, os soldados ficaram com medo achando que os deuses estavam descontentes com eles. Ela também fala sobre Carlos Drummond de Andrade ter escrito sobre a pipa e que por causa da pipa que surgiram muitas pinturas, papéis coloridos, tudo em função de se fazer pipas. Afirma que a pipa é uma forma de levar o homem ao céu, conta que Santos Dumont desenvolveu o projeto do avião devido à sua observação e brincadeira com pipa. As crianças desejam sorte nos projetos Brinquedoteca e Centro Lúdico desenvolvidos pela Júlia e agradecem sua participação. Agradece a oportunidade e diz que foi muito bom o papo e torce para que dê certo</p>	16:55 – 29:04	12:09

mesmo para que haja uma maior interação entre as crianças de Ouro Preto e as visitantes de outras cidades.		
<p>Bloco 3: Uma criança pergunta porque Júlia veio morar em Ouro Preto. Júlia responde que sempre gostou de Ouro Preto e que sonhava em vir trabalhar com as crianças, diz que a cidade é engraçada, em que há épocas que a cidade fica feliz e bonita com acontecimentos e época em que ela fica mais triste, então nessa época mais parada da cidade ela não conseguiu se deslocar para Ouro Preto e teve que esperar para se mudar quando a cidade ficasse propícia para a instalação do Centro Lúdico. Conta que pensou em ir morar no nordeste, mas depois viu que o lugar ideal pra ela seria Ouro Preto. Outra criança pergunta como surgiu a ideia de trabalhar com criança e o que ela acha sobre isso. Ela responde que algumas vontades nascem com a pessoa, e ela sempre teve vontade de trabalhar com crianças. Conta que percebia em seu filho pequeno a vontade de aprender coisas que os brinquedos não auxiliavam, e ela inventou uma sacola com brinquedos que lhe ensinavam as coisas e que outras crianças gostaram então ela começou a inventar brinquedos para as crianças, inclusive para crianças cegas, que não tinham brinquedos específicos. Conta que teve uma filha que sofreu um acidente quando bebê e ficou sem poder falar e andar. Então ela começou a cantar para ela, pegar tinta e lápis para que ela mexesse. Ela começou então a criar brinquedos para ela e então ela percebeu o interesse de sua filha pelas coisas do mundo. Conta que o acidente que aconteceu com ela e com sua filha foi causada por um jovem drogado que as atropelou, então pensando na infelicidade desse jovem para recorrer às drogas fez com ela se dedicasse ao brinquedo, a voltar com o brinquedo para a realidade das crianças e das pessoas. Júlia então pergunta a Wander se há espaço para a criança na cidade brincar. Wander responde que em casa as crianças têm os brinquedos mais modernos e conta que Ouro Preto por ser uma cidade histórica incentiva a imaginação das crianças e que há campinhos de futebol. Júlia pergunta se os pais brincam com as crianças, ensinando os brinquedos antigos, se ele vê os pais brincando com seus filhos. Wander responde que existem, mas que é difícil se ver isso atualmente, conta que os pais brincam mais com as crianças quando estão menores e que os pais dão os brinquedos atuais, ao invés de brincarem com os filhos. Uma criança conta que sua mãe o ensinou um jogo e descreve então o jogo que lhe foi ensinado e diz que o achou muito legal. Júlia diz que na China há o pensamento que o que você faz ou vive não se esquece nunca mais, e ela acha que isso se aplica a todos, e o que se aprende com a brincadeira, o que você vive com a brincadeira fica para o resto da vida. Uma criança pergunta o que Júlia está desenvolvendo em Ouro Preto. Júlia responde que foi para Ouro Preto com o propósito de abrir um Centro Lúdico e uma Brinquedoteca, porém ela não conseguiu devido à necessidade de investimento. Então ela ficou um ano fazendo brinquedos e os vendeu em outras cidades. Então ela foi convidada para dar um curso e trabalhar com pessoas da comunidade, que era o que ela mais queria. Então ela está recriando personagens da cidade, fazendo bonecos das pessoas importantes que já morreram e que suas histórias fizeram parte da história da cidade, com o propósito de divulgar isso pelo país, mostrando quem são as pessoas de Ouro Preto. Conta que foi depois chamada para o Museu Escola, onde as crianças conhecem, através da brincadeira e da criação, a história de Ouro Preto. Uma criança pergunta o que seria a Brinquedoteca e o Centro Lúdico. Júlia responde que as crianças encontrariam ali brinquedos, seria uma biblioteca de brinquedos, onde as crianças podem brincar e até fazer empréstimo dos brinquedos e depois os devolverem. O Centro Lúdico seria algo maior, onde a brinquedoteca se encontra dentro dele, Ouro Preto por ser uma cidade histórica conta com muitos museus, inclusive o Ludo museu, que é muito legal para a cidade. O projeto então seria um museu de brinquedos, pois ela coleciona brinquedos de vários lugares do Brasil e do mundo, e ela pretende deixar expostos às pessoas os brinquedos desenvolvidos pelas pessoas. Cita que cada região tem uma cultura em relação aos brinquedos, gerando um ensinamento de Geografia e da História das regiões características de cada brinquedo. Permitindo às crianças constatarem as diferenças dos lugares e das pessoas, apesar de todas as pessoas sempre brincarem, independente do material que elas retiram do ambiente em que vivem. Então o museu tem como propósito</p>	29:17 – 48:53	19:36

<p>mostrar às pessoas a história da humanidade através dos brinquedos. Incentiva as crianças a continuarem brincando com os brinquedos antigos, independente da tecnologia de hoje. Uma criança pergunta quais são as dificuldades para estabelecer o Centro Lúdico na cidade de Ouro Preto. Júlia responde que a princípio é importante fazer com que as pessoas compreendam a importância de um projeto, e isso é complicado de se conquistar. Ela quis implantar várias brinquedotecas nas escolas, mas como era o início de um governo e havia planejamentos ela não conseguiu. Ela ficou triste na época, mas insistiu e conseguiu estes trabalhos que citou, levando-os como experiência pessoal, mas que ela busca o financiamento do local e da verba para manter o espaço. Uma criança pergunta qual o recado que ela deixaria para as crianças que estão de férias. Júlia diz que as crianças não devem ficar tristes ao não poderem assistir televisão ou jogar vídeo-game, que devem brincar com os brinquedos que eles mesmos podem inventar e que qualquer coisa que eles têm em casa, no quarto, pode virar brinquedo. Eles podem ficar muito mais felizes brincando com seus brinquedos inventados do que terem viajado, pois com a imaginação se pode voar para onde quiser e fazer tudo o que quiserem.</p>			Total: 48:53
---	--	--	---------------------

FITA 23 - Janeiro de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: Entra música de fundo, uma criança anuncia mais um papo de criança. Dá bom dia às crianças, e pergunta se as crianças estão seguindo a sugestão do programa e estão visitando os museus da cidade, fizeram acampamento, contando que na semana passado haviam conversado com os escoteiros, e que iriam marcar um acampamento. Pensa no que irá fazer no sábado e lembra que convidou colegas para fazerem um almoço, então seus colegas batem à porta. Ela os recebe e pergunta sobre como estão as férias de cada um, e eles contam o que fizeram de bom. Michele pergunta então o que seus colegas levaram para o almoço e cada um fala sua contribuição: carne, alface, cenoura e couve, arroz e feijão. Michele pergunta se a carne está vermelhinha e bonita ou branquela e Priscila responde ao colega dizendo onde comprou a carne. Ela confere a carne e concorda com Priscila que a carne está boa. Ela pergunta a Alexandro o que ele trouxe. Ele responde que levou alface, cenoura e couve. Michele pergunta se o almoço está equilibrado, e uma das crianças lembra-se de uma oficina de nutrição onde aprenderam que cada cor de um alimento representa uma vitamina, e reparam nas verduras e legumes frescas que Alexandro levou, que conta que foram plantadas em casa e que é bom ver o resultado. Música de fundo. Michele fala que vai fazer o arroz e o feijão como o da mãe, e pergunta o que Priscila irá fazer, ela então responde que vai aproveitar as ervas que Alex trouxe de casa e fará uma carne refogada. Priscila então convida os ouvintes a fazerem sua própria horta. Alexandro diz que é bom ver o que plantou e poder colher. Ele diz então que fará a salada, afirmando que homem na cozinha só sai coisa legal. As meninas discordam. Alexandro pergunta se tem água limpa e Michele responde que a água filtrada acabou, então alguém sugere ligar para a Secretaria de Educação, e Michele então faz a ligação: Michele pede para falar com uma Nutricionista e a secretária que atendeu passa para a nutricionista Jana. Michele se apresenta e pergunta como fará almoço sem água filtrada. Jana pergunta se a água da casa é tratada, Michele responde que não. Jana então diz para Michele colocar duas gotinhas de água sanitária com o conta-gotas em um litro de água e deixar por meia hora, e depois ela poderia lavar a alface e os legumes. Michele questiona dizendo que água sanitária é para lavar a roupa. Jana então responde que ela é um ótimo sanitizante, e que a água ficará tratada com as duas gotinhas. Lembra também que devem deixar a alface lavada em uma vasilha com vinagre e água, para ter uma higienização perfeita da alface. Michele então agradece e diz que ela salvou o almoço. Jana manda outro beijo e para toda a turma que participará do almoço. Música de fundo. Alexandro diz que a salada está pronta. Michele</p>	00:00 – 13:11	13:11

<p>pergunta o que era o verde na salada, e ele responde que é a folha da cenoura e oferece para Michele provar, que diz ser uma delícia e sugere que os ouvintes experimentem. Michele corrige Priscila que jogou as cascas de chuchu fora, ela então pergunta o que elas fariam com as cascas. Michele diz que dá para fazer um bolinho que ela aprendeu a fazer com talos, folhas ou cascas de legumes. Priscila pede para que ela fale a receita e Michele fala para os ouvintes anotarem, convida as mães para anotarem também a receita de Bolinho de talos, folhas ou cascas. Cita então os ingredientes e o modo de preparo. Priscila pergunta se pode ser feita com qualquer casca, e Michele responde que não, que com casca é só com a de chuchu, mas que talos podem ser de acelga, couve, agrião, brócolis, alface, couve-flor, folhas de cenoura, beterraba e rabanetes, no caso de talos de couve, couve-flor e brócolis é recomendado uma pré-fervura antes do preparo do bolinho. Priscila diz que está gostando muito do almoço e conta que sua mãe não aproveita tanto as coisas, joga tudo fora. Michele fala que o almoço está pronto e diz que lamenta os ouvintes não poderem participar. Ela fala que devem mastigar bem e conta que fizeram este programa, pois um almoço exige muitos detalhes, como não ferver os legumes por muito tempo, nem destampados para que não se percam as vitaminas, ferverem a água antes de adicionar os alimentos e não se esquecerem de lavar as mãos antes de comerem os alimentos. Michele diz que enquanto eles almoçam servirão para os ouvintes o bolo do amor. Soltam então a música da Xuxa “Bolo do Amor”. Michele sugere para quem é bagunceiro para assistirem o próximo programa será dado uma dica legal para deixarem o quanto lindo. Desejam um bom resto de final de semana e se despedem. Volta a música da Xuxa.</p>		<p>Total: 13:11</p>
--	--	----------------------------

FITA 24 - fevereiro de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	de Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: Entra música de fundo, da banda Mamonas Assassinas. Criança cumprimenta todos os ouvintes e pergunta se estão todos animados para o início do ano escolar. Outra diz que segunda-feira devem estar no pique. Um dos meninos pergunta à Dafne se ela já comprou seu material, e ela responde que sim e pergunta se ele já lavou o tênis sujo. Ele então pergunta a ela o que ela acha de trocar de sala, professor, colega ou escola. Ela responde que acha legal, e que as crianças não devem se lamentar de perderem amigos, pois farão novos. Ela pergunta a Wander o que ele acha. Ele responde que sentirá falta dos colegas, mas diz ficar contente em conhecer outros. Wander então diz que tem uma notícia quente para os ouvintes e pede que eles peguem papel e caneta para anotarem, então noticiam que haverá inscrições para participar do Programa Papo de Criança, informando datas e locais de inscrição. Dizem que os ouvintes devem se soltar e ir participar. Música de Fundo. Uma das crianças noticia às crianças que fazem parte da equipe que haverão as reuniões do Programa Papo de Criança às terças-feiras no Museu Guignard. Outra criança cita todos os participantes do projeto e reforça o dia da reunião, para que não falem. Música de fundo. Voltando ao assunto sobre escola, uma criança noticia uma novidade: que todas as escolas municipais terão Bibliotecas e chegaram livros super legais, estimulando quem gosta e quem não gosta de ler. As crianças então vão contando alguns dos títulos dos livros das bibliotecas, e descrevendo um pouco de cada obra: uma coleção chamada “Quem tem medo de quê?”, que fala sobre os medos que temos; “Enquanto o mundo pega fogo”; tem outro mais sério, de nome “Segura o grito”; “Como se fosse Gente”, escrito por Alaíde Lisboa de Oliveira, que conta muitas fábulas; para que gosta de aventura “Em busca do templo Perdido”, escrito por Suzana Lake; “O pescador e o peixinho”; e “Bruxonilda vai a Nova York”. Dizem que dentre entres livros há muitos outros,</p>	<p>00:00 / 14:38</p>	<p>14:38</p>

<p>que já estarão disponíveis a partir de março nas bibliotecas municipais. Música de Fundo. Uma das crianças diz à Dafne que está havendo uma exposição de brinquedos na FAOP, de nome “Roda Pião”, dando as datas de funcionamento. Dafne conta o que terá de diferente na exposição, dizendo que haverá uma brinquedoteca e oficina de brinquedos para as crianças, que poderão fazer novos brinquedos e trocarem seus antigos brinquedos. Todas as crianças do programa garantem que irão. Um dos meninos pergunta à Dafne se ela gosta de pintar e desenhar, e ela responde que sim. Então ele diz que ela vai gostar da notícia: que haverá um Curso de Iniciação Artística para crianças entre 8 e 12 anos, dando detalhes do local, o telefone e endereço para inscrições. Música de fundo. Uma criança anuncia para as crianças que querem ser escoteiros, as reuniões do Grupo de Escoteiros de Ouro Preto se iniciarão na segunda quinzena de Fevereiro e conta que neste ano escoteiros darão dicas no programa Papo de Criança, mandando beijos para dois escoteiros. Um dos meninos pergunta à Dafne se ela está animada para o carnaval, ela responde que sim e chama a atenção das crianças que pretendem organizar um bloco de carnaval para que falem sobre ele nos próximos programas que falará sobre carnaval. Uma criança manda um abraço para a escola de samba formada por crianças de Ouro Preto, Chapéu Atolado, anunciando uma futura reportagem com eles. Música de fundo. Uma das crianças se despede e outra convida a todos a estarem segunda-feira bem animados para a volta às aulas. Música de fundo.</p>		<p>Total: 14:38</p>
---	--	---------------------------------------

FITA 25 - Fevereiro de 1996		
NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: Entra música de fundo. Uma criança cumprimenta todos os ouvintes anunciando um assunto que todos gostam carnaval. Foi convidada Júlia Vieira, secretária Municipal de Turismo e Cultura e Sandra Foz, que está coordenando o carnaval infantil da Prefeitura de Ouro Preto/.../</p>	00:00 / 01:45	01:45
<p>Começa então a entrevista: Uma das crianças deseja um bom dia às entrevistadas que desejam o mesmo. Uma das crianças pergunta à Júlia quais são os projetos para o carnaval infantil do ano de 2006. Júlia responde que farão novamente o Carnaval Infantil, que é um projeto da Sandra, que foi feito com sucesso no ano passado. Diz que haverá concursos e brincadeiras e passa o horário e a data do carnaval. Outra criança pergunta à Sandra, em relação ao carnaval anterior quais são as perspectivas para o desse ano. Sandra diz que espera que seja ainda melhor, que no ano passado houve uma grande frequência e diz que espera que os pais e as crianças compareçam e participem. Outra criança pergunta à Sandra se com a experiência do carnaval do ano passado eles teriam novos planos. Sandra diz que pretende aperfeiçoar o concurso de fantasias, de forma com que as fantasias sejam originais, feitas pelas próprias crianças e não simplesmente comprarem fantasias. Com a intenção de valorizar a visão de criatividade e artística das crianças. Também pretende melhorar a recreação no princípio da festa, de forma com que as crianças se entrossem melhor. Outra criança diz a Sandra que o carnaval do ano anterior foi mais dedicado às crianças pequenas, ela pergunta então se haverá algo para as crianças maiores, de 8 a 10 anos. Sandra responde que não sabe ainda pois o local tem pouco espaço, a principio ela tinha pensado na divisão por idade, mas devido à limitação do lugar acabaram as crianças pequenas sendo beneficiadas, mas ela pretende fazer um concurso de dança para as crianças mais velhas.</p>	01:45 / 18:40	18:40

Outra criança pergunta à Júlia se eles tem equipe de trabalho. Júlia responde que sim, que a Sandra, que é a coordenadora do evento, contrata monitores, alunos da rede estadual de ensino que já estão acostumadas com o trabalho com crianças e que já tem experiência. Outra criança pergunta à Sandra se ela já escutou muitas críticas do carnaval do ano passado. Sandra responde que não, que as pessoas somente falam que foi legal, mas não há críticas ou sugestões do que fazer. Outra criança diz a Sandra que as crianças do programa pensaram porque o carnaval infantil não acontece na praça Antônio Dias, que possui um espaço melhor e é mais acessível a todos os bairros. Júlia que prefere responder a questão, dizendo que pode responder melhor que Sandra. Ela diz que o local é determinado pela prefeitura, e reconhece que não havia pensado no local, mas lá na praça já estão as escolas de samba, e é também complicado montar a estrutura em outro lugar, no final da Rua São José já se tem a estrutura montada, e modificar o local exigiria gastos que não são possíveis no momento, mas considera a crítica interessante e que ela irá ser considerada. Sandra diz que pensou num local mais acessível, onde os temas não atrapalhassem o carnaval das crianças e onde já haveria um suporte local. Ela diz que pensou também em realizar vários carnavais em cada região da cidade, de forma a descentralizar com o propósito de atender a todas as crianças, mas isso exigiria mais verbas e monitores. Júlia diz que este trabalho ainda é experimental, de forma a conhecer o que é mais interessante para as crianças e diz que com o tempo eles vão melhorando o programa. Outra criança pergunta se eles pensavam em realizar esse carnaval há muito tempo. Júlia diz que já pensavam sim, desde 1993, porém não haviam condições para sua realização. Ano passado Sandra fez então o projeto e então contrataram Sandra para realizar o evento. Sandra diz que sonhava em realizar o carnaval desde que seus filhos eram pequenos, pois não havia onde levá-los. Então ela teve a ideia e pensava em fazer algo pequeno próximo de casa, mas por fim resolveu fazer um projeto e o levou na Prefeitura, a secretaria aceitou o projeto e mesmo não saindo como ela havia imaginado, mas ela diz que de certa forma atende a necessidade das crianças, inclusive à questão da segurança. Júlia aborda a segurança do local para as crianças brincarem. Uma criança pergunta à Júlia, sabendo que há a escola de samba mirim “Chapéu Atolado”, se eles sabem de outros blocos infantis em Ouro Preto. Júlia responde que havia o bloco Zé Pereira coordenado por um dos moradores, no qual ela inclusive brincou quando criança. Afirma que no ano passado a prefeitura deu apoio ao Zé Pereira Mirim e ao Chapéu Atolado, porém o Zé Pereira já estava desestruturado. Então neste ano haverá somente a participação do Chapéu Atolado no desfile, e o apoio à escola é muito importante para que as crianças que participem continuem participando no futuro e para que não se perca a tradição dos desfiles. Uma criança pergunta a Júlia se crianças quiserem organizar algum bloco a quem elas procuram. Júlia diz que agora conseguir apoio da Secretaria seria complicado, mas as crianças que quiserem montar um bloco e saírem às ruas seria super válido. Ela diz que Sandra pode ser procurada com o propósito de ideias sobre brincadeiras para o Carnaval Infantil. Sandra diz que as crianças que estiverem interessadas em participar do carnaval devem procurá-la. Ela passa então seu contato e seu endereço. Sandra conta que no ano passado no Dom Veloso em uma feira de artes e cultura alunos do segundo ano fizeram bonecos e as crianças participaram com bateria e alas, que ficou muito interessante. Ela diz então quem quiser participar com algo organizado pode procurá-la. Júlia diz que há espaço suficiente para que todos participem do carnaval no Largo da Alegria e por toda a cidade. Uma criança pergunta à Júlia se há carnaval infantil nos distritos preparados para as crianças. Júlia responde que não há um carnaval assim como o de Ouro Preto, mas há as matinês em Antônio Pereira, Cachoeira do Campo e Santa Rita aonde as crianças também podem ir brincar, e o pessoal das cidades próximas pode estar se deslocando. Ela então se despede e reforça o convite às crianças para que elas participem do carnaval e passa à Sandra para que ela passe novamente o horário e agradece a participação. Sandra então repassa as datas e horários do carnaval infantil, agradece a oportunidade de divulgação e pede as crianças que se preparem e participem do carnaval. Música de fundo. Uma das crianças fala então para as crianças a possibilidade de fazerem suas próprias fantasias, sem precisarem gastar dinheiro e podem participar do concurso de fantasias. Outra criança chama atenção das crianças

da escola de samba Chapéu Atolado dizendo que o programa da próxima semana será com eles. Uma criança então diz que na próxima semana terá mais carnaval e se despede. Música de fundo.		Total: 18:40
---	--	---------------------

FITA 26 - Fevereiro de 1996		
NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: Fernanda dá bom dia aos ouvintes e pergunta se as crianças se divertiram bastante no carnaval. Conta que os meninos do Papo de Criança brincaram tanto que a deixaram na mão, inclusive a Priscila que deveria estar lá para ajudar no programa. Fala para todos sentarem relaxados e começa a recitar o poema: O que é que Ouro Preto Tem... Fernanda pergunta então para as crianças se gostaram do poema que foi escrito por Cecília Meireles, em 1949 em homenagem ao pintor Guignard. Diz que no dia 25 de fevereiro, fará 100 anos que o pintor Guignard nasceu. Fernanda começa então a contar a história de Guignard: ele veio morar em Belo Horizonte e fundou uma escola de arte, visitava sempre Ouro Preto e acabou se apaixonando para a cidade e indo morar lá no final dos anos 50, falecendo em Junho de 1962. Pergunta aos ouvintes se sabem o que é biografia e convida a todos a pegarem o dicionário junto com ela para pesquisarem, e descobre que significa “a história da vida de alguém”. Lê então a biografia sobre Guignard que Marcone Câmara do bairro Juventino escreveu sobre que Guignard: nasceu em Nova Friburgo em 1896 e gostava de arte e cultura. Passaram-se os dias e ele foi conhecer Belo Horizonte, onde pintou muitos quadros. Guignard viajou para outros países onde pintou vários quadros de valor. Ele conheceu muitas cidades históricas, mas se apaixonou por uma: Ouro Preto. Pintou ali muitos outros quadros, visitou muitas casas e igrejas e para ele Ouro Preto era sua cidade natal, e veio a falecer em 26 de dezembro de 1962. O locutor então parabeniza Marcone pela biografia e fala sobre o museu Casa Guignard, na Rua Direita, qual a sua programação e conta que é no museu que acontece a oficina de comunicação do Papo de Criança.	00:00 / 06:15	06:15
Bloco 2: Fernanda diz que na cidade vão haver comemorações para homenagear os 100 anos de Guignard, e apresenta o entrevistado Gê Fortes, artista plástico, coordenador do museu Casa Guignard e diretor do programa Papo de Criança que vai falar um pouco sobre a PROGRAMAÇÃO PARA A COMEMORAÇÃO DOS 100 ANOS DE GUIGNARD. Fernanda pergunta como será a programação. Gêlcio dá bom dia à Fernanda e aos ouvintes e conta que no dia seguinte Guignard faria 100 anos de nascimento e diz que durante esse ano haverão várias comemorações, mais especificamente no dia seguinte quando haverá na Casa Guignard a inauguração de uma placa comemorativa do centenário, com conhecidos do artista e convida as crianças a comparecerem e completa dizendo que após essa inauguração haverá uma missa em Ação de Graças na Igreja São Francisco de Assis e Guignard está enterrado lá e após a missa haverá a posição de uma coroa de flores no túmulo, e diz que seria muito importante a presença das crianças pois Guignard tinha um grande carinho por elas. Fernanda então pergunta, como Guignard gostava de crianças, se as crianças conheceram a obra de Guignard. Ge	06:15 / 16:03	09:48

<p>Responde que acha que sim, pois ele quando criança se lembra de ver Guignard na rua sentado pintando e as crianças tinham curiosidade de ver o que ele pintava e sempre ficavam perto dos pintores. E o projeto do Museu em parceria com a Prefeitura e Secretaria de Educação para que as crianças de hoje também conheçam as obras de Guignard. Ge fala que o que acontece no Brasil e que conhecemos todos os artistas e cantores mas os pintores não conhecemos, ele pergunta à Fernanda se ela conhece algum pintor em Ouro Preto. Ela responde que só falando de Guignard. Ele pergunta se ela conhece algum vivo, ela responde que não, então conta que há vários artistas em Ouro Preto e as crianças não tem oportunidade de conhecê-los. Desenvolvem então o trabalho para atrair as crianças para o Museu Guignard, promoveram então oficinas para as crianças e diz que o trabalho está crescendo e diz que acredita que nesse ano será feito um grande trabalho. Fernanda pergunta o que se faz para visitar o Museu. Ge diz que é muito fácil, dizendo que a visita é gratuita, dá orientações de como chegar e sobre o procedimento lá no Museu. Aproveita a oportunidade para fala um pouco mais sobre Guignard, dizendo que ele é um dos pintores mais importante do país e que só há esse museu sobre a vida de Guignard, dizendo que o museu é também um centro de pesquisas sobre o artista. Diz que na rua onde Guignard morou muitas pessoas contam histórias envolvendo o Pintor. Tem-se o projeto de recolher essas memórias dos moradores da cidade. Passa então o depoimento de Dona Gracinda, que conviveu e foi amiga de Guignard. A repórter pergunta como era a relação de Guignard com as crianças. Dona Gracinda fala que ele era bondoso e amoroso com todas as crianças e com todas as pessoas da cidade. Ge convida então as crianças que compareçam no Museu para conhecerem mais da vida de Guignard e agradece a oportunidade. Fernanda então se despede convidando as crianças ao Museu Casa Guignard.</p>		Total: 16:03
--	--	---------------------

FITA 27 - março de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: Michele cumprimenta várias crianças dos bairro de Ouro Preto, e anuncia que está no ar mais um Papo de Criança. Entra música de fundo: Nós “vamo” invadir sua praia. Dafne começa a dizer qual o tema do programa, pede para Michele falar, então Michele pede para ela falar, então ela fala que o tema é Sexualidade. Para conversarem sobre esse assunto foram convidadas Mônica e Adriana da Secretaria de Educação.</p>	00:00 / 01:20	01:20
<p>Bloco 2: Dafne fala para Adriana que quando fala sobre o assunto fica com a bochecha vermelha, Michele diz que tem vontade de abrir um buraco e enfiar a cabeça lá dentro. Dafne pergunta por que todos têm tanta vergonha de falar sobre o assunto. Adriana então cumprimenta a todos e diz que todos têm vergonha de falar devido a uma questão histórica e carregada de preconceitos, que gera a vergonha, e os pais não tiveram o hábito de dialogar sobre o assunto, e a sexualidade envolve não só o sexo, mas com o namoro, a afetividade da vida de todos. Mônica então cumprimenta as meninas e diz que falar sobre sexualidade é complicado. Diz que os pais, avós e bisavós tem culpa por não falar sobre o corpo, pois é visto como uma coisa feia, esse conceito que é chamado de tabu, que é trazido em relação à sexualidade entre homem e mulher. Mônica então fala que sexualidade vai além simplesmente do sexo, e cita exemplos de</p>	1:20 / 12:45	11:25

<p>sexualidade. O papo desenvolvido é que o sexo é feio porém a sexualidade é um assunto muito legal de ser trabalhado. Michele pergunta o que acontece com o corpo na fase da adolescência. Mônica responde que acontecem muitas coisas, tanto com os meninos e com as meninas, há a transformação do corpo: crescem pelos, troca-se a voz, as meninas têm a primeira menstruação, que é o sangramento que a menina terá toda mês, onde ela já está apta a gerar um bebê. A menstruação traz muitas espinhas, algumas meninas têm cólicas e ficam tristes, pois há alteração hormonal. Mônica que a menina deve conversar bastante com a mãe e professora para que ela fique bem preparada para essa fase. Dafne pergunta o que acontece com os meninos na adolescência. Adriana responde que as modificações de uma forma são gerais. Há o crescimento da estatura corporal, formação de pelos, inicia-se a formação de espermatozoides, há o crescimento do pênis e do saco escrotal, a voz do menino começa a engrossar e há também o aparecimento de espinhas, que faz com que o menino também se assuste com essas modificações que é chamado de puberdade. Mônica ressalta que também há no menino e na menina a modificação da cabeça, do que pensa, já não é criança, mas também não é adulto, então o adolescente entra em crise, buscando uma identificação, pensando em quem eu sou e começam então as turma de amigos e as paqueras entre os adolescentes, e na fase da adolescência que ele forma sua personalidade para se tornar um adulto responsável. Adriana complementa dizendo que isso tudo é normal, pois há adolescentes que se acham anormais, porém essas modificações são completamente normais nos adolescentes. Dafne diz que gostariam de continuar a conversa, porém o programa é curto, pede então para Mônica deixar seu recado para as crianças. Mônica diz que pelo preconceito à sexualidade os adolescentes não têm tanta liberdade com os pais, se em casa não é possível essa conversa, eles devem conversar com os professores, buscarem em revistas e livros, com a mãe de outro colega, diz que o adolescente deve sempre estar bem informado sobre o que acontece com ele para que não haja atitudes indesejadas, como uma gravidez ou a utilização de drogas. Pede que os adolescentes procurem pais, professores, orientadores ou mesmo elas, Mônica e Adriana, que são assistentes social na secretaria de educação. Michele diz que há pais que não entendem os adolescentes e pergunta se ela tem um recado para enviar aos pais. Adriana diz que os pais devem ter muita compreensão, paciência e que tenham muito diálogo, pois é difícil para as crianças passarem por essa mudança, então os pais devem essencialmente ter paciência. Michele pergunta como que uma escola pode solicitar o auxílio na Secretaria de Educação. Mônica responde que tem muito trabalho a ser feito, que um projeto sobre o assunto já é desenvolvido nas escolas municipais, as outras escolas que quiserem, Mônica diz ter muito material para os professores desenvolverem o assunto com os alunos, disponibiliza o telefone de contato para conversarem com ela ou com a Adriana e cobra a presença dos meninos no próximo programa que for abordado o assunto sexualidade. Dafne se despede e agradece. Mônica e Adriana se despedem.</p>		
<p>Bloco 3: Entra música de fundo. Dafne fala sobre balões, Marília e girassóis. Conta que a escola Marília um dia encheu o céu de Ouro Preto de balões com sementes de girassóis no dia do centenário de Guignard, pergunta então quem viu e esteve lá. Michele conta que o Papo de Criança estava presente e com alunos da Escola Marília de Dirceu depositaram uma coroa de flores no túmulo de Guignard. Diz que os cem anos de Guignard serão comemorados durante todo o ano, havendo no programa concursos de desenho, poesia, redação e etc., e diz que depois haverá mais notícias. Dafne conta que a Secretaria Municipal de Educação está entregando para as escolas de Ouro Preto cerca de 3000 livros e brinquedos e jogos pedagógicos, e convida as crianças a aproveitarem. Michele diz que dia 7 de março é o último dia para se entregar as sugestões de nomes para o jornal da Secretaria de Educação. Dafne diz que estão de volta as oficinas de criação dos bairros Pocinho e Morro Santana, cumprimenta os participantes das oficinas, dizendo que no ano passado deram um show e manda um abraço a todos. Michele parabeniza a Escola Juventina Drumond, pela sua primeira edição do jornal. Entra música de fundo. As meninas se despedem até a próxima semana.</p>	<p>12:45 / 16:45</p>	<p>04:00</p> <p>Total: 16:45</p>

FITA 28 - março de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	de Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: Crianças anunciam o começo de mais um Papo de Criança. Entra música de fundo. Dafne pergunta se os ouvintes assistiram o Turma da Casa e diz que achou muito legal. Outra criança dá os parabéns à Fernanda Carina, colega de trabalho que fazia aniversário no dia. Anuncia então um assunto sério e chama o repórter Júlio Gomes, que passa um aviso às meninas que fizeram a inscrição no programa e que não compareceram às oficinas até então, pede a presença das meninas na próxima terça ou correm o risco de perderem suas vagas, diz que a fila de crianças está tão grande que está quase chegando em Mariana. Dá um aviso grave: de que Leandro, colega do programa, desapareceu, questiona se ele terá sido levado pelo ET de Varginha. Pede a Leandro que compareça terça no Museu Casa Guignard ou ele será substituído.</p> <p>Outra criança fala que uma das coisas que as crianças mais gostam de fazer na escola é desenhar, criar poemas e colorir. Então o programa foi fazer um passeio no Morro de Santana, onde funcionam varias oficinas de criação, como a da Escola Juventina Drumond, que é um projeto da Secretaria de Educação. Hoje o programa mostrará as oficinas de serigrafia e brinquedos.</p>	00:00 / 03:43	03:43
<p>Bloco 2: Passa então para os repórteres Alexandro e Fernanda. Alexandro apresenta o entrevistado Mário na Oficina de Serigrafia, perguntando a ele o que é serigrafia. Mário responde que é uma técnica de estamparia mais conhecida como silkscreen, onde se podem estampar desenhos em vários materiais. Alexandro pergunta o que é mais difícil de ensinar para as crianças. Ele responde que é o desenho, e que o mais difícil são as crianças é a disciplina e organização necessárias. Alexandro pergunta como é o sistema de aula. Mário responde que inicialmente os alunos ficam desenhando para se desinibirem, então aprende a passar os desenhos para as transparências, depois às transparências para as matrizes e em seguida para se fazer as estamparias. Fernanda pergunta se ainda há vagas para as oficinas. Mário responde que tanto a sua oficina de serigrafia como a de brinquedos da professora Júlia estão lotadas, não há mais vagas. Alexandro pergunta para que todos os desenhos que estão na oficina serão utilizados. Mário responde que de todos os desenhos nem todos serão estampados, muito são ideias desenvolvidas pelos alunos, e somente alguns serão estamparia. Fernanda pergunta o que é mais difícil de ensinar? Mário responde que depende, cada criança tem uma dificuldade diferente, cita as dificuldades e reafirma que cada criança tem uma dificuldade diferente. Fernanda pergunta o que a crianças buscam quando vem pra oficina. Mário responde que é aprender, conviver com pessoas, desenhar, se divertirem, ocupar o seu tempo. Alexandro pergunta se ele tem algo planejado pro fim do ano. Mário responde que já tem tudo planejado para até o meio do ano, conta que na semana de educação em maio, irão apresentar calendários estampados, cartão postal com a imagem da Capela de São João e para a venda apresentarão um livro feito e pano estampado para as crianças das creches e dos maternais da Secretaria de Educação. Fernanda pergunta quantos dias são a oficina e quantas horas de aula por semana. Mário responde que são quatro aulas semanais de quatro horas cada aula. Alexandro agradece os participantes da entrevista e a Mário, que retribui o agradecimento e diz que foi um prazer. Dafne pergunta se todos se lembram do concurso de desenho para a camisa do Papo de Criança e diz que logo as camisas serão estampadas nessa oficina de serigrafia do Mário, afirma que será uma briga pois todos irão querer uma, dá os parabéns para todos da oficina de serigrafia e pede que caprichem na camisa.</p> <p>Dafne pergunta o que será que acontece na oficina da Júlia de brinquedos e vai conferir com os repórteres. Rafaela conta que saíram da oficina do Mário e que foram então conhecer a oficina da Júlia. Pergunta à Júlia como funciona a oficina. Júlia responde que neste ano</p>	03:43 / 11:51	08:08

<p>eles têm a proposta de recriarem festas e histórias de Ouro Preto. Diz que estão no momento recriando o boneco símbolo do carnaval Zé Pereira, estão fazendo os três bonecos e o cenário do carnaval, e isso será apresentado em escolas e outros locais, para se contar essa história para outras crianças e pessoas essa história. Os alunos já fizeram uma pesquisa na biblioteca sobre a história do Zé Pereira e do carnaval e eles estão montando isso tudo. Fernanda pergunta se é muito difícil ensinar aos alunos. Júlia responde que são muitos alunos, e que mesmo diminuindo a turma ainda são muitos. E são trabalhos que ela tem que estar o tempo todo ajudando um por um, pois é uma ideia dela que eles estão desenvolvendo, mas a partir da cultura das crianças, devolvendo uma parte da história que as crianças não conhecem e diz que é difícil e cansativo ensiná-las. Alexandre pergunta de que modo serão recriadas as histórias. Júlia diz que no caso do Zé Pereira estão montando os bonecos, como as cabeças feitas de caixas de papelão, está sendo tudo feito na oficina, a roupa do boneco, o pano é tingido lá, e parte da outra turma faz a pesquisa e eles irão exibir isso. Fernanda pergunta se ainda há vagas na oficina. Júlia responde que no momento não, que já se tem cinquenta meninos inscritos, o que já é muito. Fernanda pergunta quais são os outros brinquedos feitos na oficina. Júlia responde que nesse ano somente uma turma continua fazendo brinquedos para montarem a Brinquedoteca, as outras turmas estão trabalhando com os bonecos e as festas, então este ano não estão sendo criados muitos brinquedos. Júlia faz um pedido aos ouvintes que quem puder juntar sucatas como caixa de papelão, latas, retalhos de pano, madeira, garrafas plástica, quem puder colaborar ela agradece. Alexandre pergunta se ela quer mandar algum recado para as crianças. Júlia manda apenas beijos e abraços, para os meninos de Papo de Criança que já estiveram na oficina.</p>		
<p>Bloco 3: Dafne chama a atenção de professores e alunos de Ouro Preto e região que estão desenvolvendo algum trabalho procurem o programa pois irão divulgá-los. Júlio diz que na próxima semana haverá um feriado, diz que espera que todos aproveitem e não deixem de escutar o programa. Michele pergunta a Júlio se ele sabe o que ela mais gosta na semana santa. Júlio pergunta o que. Michele diz que é algo que a procissão sem ele nem tem graça, Júlio pergunta se é o padre. Michele então responde que não, dizendo que é a banda. Entra música. Michele pede para Júlio fazer uma charada para os ouvintes. Júlio então diz: “Ele pula sete vezes, multiplicando por sete, tem as unhas afiadas parecendo um canivete, é macinho e espreteiro come todo o espagete, é amigo do padeiro e vive pintando o sete. Júlio então faz como um leiloeiro perguntando quem adivinhou. As meninas miam e dão a resposta, o gato. Júlio imita um cachorro e Michele chama Priscila para ir embora pois se aproximava um cachorro bravo. Elas então se despedem.</p>	11:51 / 15:15	03:24 Total: 15:15

FITA 29 - Abril de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: Entra música de fundo tocada por uma banda. Uma das crianças conta que estão na sede da Banda do Rosário conversando com Nilson Gonçalves, que toca Saxofone Tenor. Uma das meninas pergunta se é verdade que não ganham pra tocar na banda. Nilson responde que os músicos gostam da música e não recebem nada para tocar na banda. Ela pergunta por que ele se tornou um músico de banda. Ele responde que em sua família do interior de Mariana todos são músicos e ele se interessou e começou a estudar e aprendeu então a tocar. Dafne pergunta</p>	00:00 / 29:40	29:40

se ele acha que as pessoas hoje em dia, principalmente os jovens gostam menos de bandas. Nilson diz que hoje em dia as pessoas não se ligam mais a bandas de músicas, somente em estilos musicais como Reggae, Pagode, Lambada, então os jovens não estão ligados à bandas. Michele pergunta o que o deixa mais feliz e mais triste em tocar na banda. Nilson responde que o que o deixa mais feliz é de participar da banda e por ter amigos e o que o deixa mais triste é a ausência do presidente da banda que faleceu. Michele pede que ele mande um recado às crianças. Nilson convida as crianças a se interessarem em aprender sobre música, que as crianças querem brinquedos e ver televisão então ele pede que as crianças se liguem à música. Michele pergunta como as comunidades podem ajudar as bandas de música. Nilson responde que as comunidades não ajudam que as bandas sobrevivem dos eventos em que participa. Michele agradece a entrevista de Nilson. Michele entrevista também Geraldo Coimbra que é o presidente da Banda do Rosário. Ela pergunta como sobrevive uma banda e se é difícil. Geraldo responde que a pergunta é interessante, dizendo que as bandas sobrevivem com um salário mínimo, e se mostra indignado com o valor doado, e afirma que as bandas sobrevivem por milagre. Conta que comprou um instrumento, também graças à desistência de uma criança pelo instrumento. Diz que cada banda tem sua sede própria, o que os favorece; conta com a bondade dos músicos que tocam por amor, dizendo que muitos moram longe da sede, e conta que depois de se tornar presidente adotou um lanche para os participantes e passagens para os que moram mais longe da sede. Ele conta que já trabalhou com associação de moradores, que viaja representando-as e sempre fez atividades em benefícios para a cidade, mas diz que a Banda é o seu trabalho é mais difícil, contando que ele faz compras para a família de músicos. Michele pergunta qual o recado que ele manda às crianças da cidade. Geraldo diz que o futuro está nas mãos das crianças, afirma que ele já fez suas contribuições então diz que o futuro está nas mãos das crianças. Diz que admira as crianças, conta passou dificuldade para criar seus nove filhos, então fala para as crianças aproveitarem seu tempo estudando para garantir seu futuro e quem tiver vocação para música venham pra banda, procurem as bandas, pois música é educação, contando sua experiência dizendo que a música é uma forma de educação. Michele pergunta como que uma criança faz para entrar na banda, se há cursos para elas. Geraldo diz que haviam 11 crianças e só restou um menino pois é difícil aprender música. Conta que mesmo admirando a música esta não “entrou” nele ainda, então as crianças que quiserem aprender tem oportunidade na banda, contando que há um músico para ensiná-los, e que o curso é gratuito, e diz que é o maior prazer virem alunos. Conta que a outra banda tem vários integrantes novos e que na sua banda dois componentes, um foi trabalhar no exército e o outro foi fazer prova da aeronáutica. Ressalta então a importância da música convidando as crianças a irem para estudar, ressaltando a disciplina e as regras da Banda. Michele agradece a participação e deseja que ele consiga mais alunos infantis. Geraldo então agradece, afirmando que o Ouro Preto precisa ajudar a banda, conta uma experiência de um dos participantes da banda que gostava muito da banda. Michele pergunta o nome de outro participante que responde que se chama Vicente de Godoy. Michele pergunta porque ele resolveu se torna um músico de banda. Ele responde que foi por causa dos pais deles que gostavam de música, conta a história do seu irmão que gostava e se deu bem, mas reafirma que ele não conseguia, diz que foi para Ouro Preto e foi bem recebido pelo povo e ele ficou a pedido de colegas de banda, afirma que a música é uma coisa divina, que faz as pessoas se sentirem inspiradas. Michele então agradece a entrevista e deseja que a banda progrida. Vicente diz que espera mesmo que vá avante pois o povo não coopera, há críticas e a fase que passam é ruim por não haver aprendizes, reafirmando que as crianças são o futuro, dizendo que já estão mais velhos para continuar mas mesmo assim participam. Michele entrevista Edson e Ronei que são dois músicos jovens. Diz que falaram que os jovens não se interessam mais por bandas e pergunta se eles acham que isso é verdade, e porque escolheram ser músicos de banda. Um dos entrevistados diz que discorda dessa opinião de que o jovem acha a banda uma música supérflua e afirma que falta apoio dos órgãos públicos a incentivarem as pessoas a participarem, manterem a devoção como os mais antigos; afirma que muitas pessoas têm o dom pra música e isso não acontece por falta de iniciativa das pessoas e dos órgãos que poderiam ajudar. Michele pergunta porque ele escolheu ser músico de banda. Ele responde que convivia diretamente com banda, conta que a sua família é toda envolvida

com bandas, dentro e fora da cidade. Diz que tinha o dom da música e foi incentivado a estudar e agora ele integra o quadro da banda. O outro entrevistado diz que escolheu ser músico porque os jovens não escolhem ser músico e que falta incentivo para que os jovens participem das bandas. Michele entrevista Silvio, um dos músicos mais antigos da banda. Ela pede que ele deixe um recado para as crianças sobre as bandas de música. Silvio diz que as crianças devem estudar e se interessar pelas bandas, pois é uma coisa muito boa, pois tira muitas coisas ruins da cabeça das crianças. Michele pergunta como a comunidade pode ajudar a banda. Ele responde que a comunidade pode ajudar tendo mais responsabilidades pelas crianças, pois as crianças pensam de acordo com a sociedade. Michele pergunta a outro componente quantas bandas tem no município de Ouro Preto e quantas são. Ele responde citando algumas bandas que existem na cidade e também da cidade de Mariana e diz que tem outras que ele não lembra, e diz que muitas ainda lutam pelo sonho das bandas, dizendo que na Zona da Mata tem um grande número de bandas surgindo e aprendizes interessados. Completa dizendo que as bandas que ele citou são as que tem um peso cultural e apresentam um histórico de lutas. Michele pede que ele dê um recado às crianças de Ouro Preto. Ele então convida as crianças que venham para banda, que aprendam música, pois é bom para o lado físico e mental das pessoas, e que ajudem a manter as bandas pois ele e outras pessoas irão parar, e sonha que crianças dêem continuidade ao sonho de manter as corporações. A banda toca ao fundo. Michele entrevista Nazaré, a única música mulher que tem na banda. Michele pergunta se ela sente preconceito por ser a única música mulher da banda. Nazaré responde que dentro da banda não, mas da sociedade sim, é mal vista pela sociedade por ser uma mulher no meio dos homens. Michele pergunta o que ela acha da banda. Nazaré diz que é uma coisa muito boa, é um convívio muito bom, ela se diverte e adquire cultura musical. Michele pergunta que instrumento ela toca. Nazaré responde que toca saxofone alto, mi bemol e diz que pode tocar sax tenor. Michele pergunta qual o recado que ela daria às meninas que gostam de música. Nazaré diz para que elas não sintam vergonha, que elas batalhem que não escutem quem diz que banda é coisa de homem, pois o mundo da música é universal, é para todos. Michele entrevista Eder, perguntando o que ele acha como as crianças vêm as bandas. Eder diz que as crianças gostam, elas aplaudem, pedem músicas e pedem que as bandas continuem tocando no roteiro Domingo na Praça mas não há o apoio da Prefeitura, diz que as crianças ficam tristes com a ausência das bandas e pede que a Prefeitura apoie as bandas. Michele pergunta como que a comunidade pode ajudar as bandas. Eder responde que a sociedade deve dar força, incentivar e acompanhar as bandas, dando um incentivo para os músicos. Michele agradece a participação e Eder agradece o apoio. Michele entrevista Odilon, que é o Mestre da Banda do Rosário. Ela pergunta qual o papel de um maestro na banda, como acontece uma banda e os ensaios e pergunta se as crianças podem tocar e se existe iniciação para crianças tocarem. Odilon responde que o papel do maestro é quem dá as instruções, que a função principal é ensaiar a banda, corrigir, deixar a banda em ponto de se apresentar. Odilon responde que as crianças podem tocar sim na banda, quanto menor melhor para aprender. Ele diz que existe uma iniciação para as crianças mas está fracassado pois eles fazem inscrições mas as crianças desistem.

Total: 29:40

FITA 30- Março de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: O programa começa com as crianças cantando uma música. Começam então a dar bom dia a pessoas de cada bairro e para as crianças de Ouro Preto e região, manda um beijo especial para as crianças do colégio Afonso Lemos de Cachoeira do Campo. Um dos meninos diz que o papo de hoje fará as crianças correr para não escutar. Dizendo que o programa falará sobre leitura. Passa então a palavra a Wander. Ele então conta que de 12 a 19 de março é a Semana da Biblioteca, diz que ler é uma coisa muito importante e que na Biblioteca se podem pegar livros dentre muitos livros. Quando se começa a ler o livro pode parecer meio chato, mas a medida que se lê, fica mais interessante, dando vontade até de ler a última página e saber o final, mas diz para não se fazer isso senão o livro perde a graça. Fala para os ouvintes que se deu mal na prova de português por escreverem palavras erradas para começarem a ler livros, descobrindo palavras novas, e se saindo melhor nas próximas provas. Não lendo somente livros finos, mas grossos também, e vários. Wander diz que podem pegar livros na biblioteca pública, e diz que foi lá para mostrar como é a biblioteca. Wander pergunta à funcionária da biblioteca Ana se o movimento da biblioteca é muito, se vão muitas pessoas lá. Ana responde que sim, que se tem uma base de 500 pessoas por dia. Ele pergunta então se a maioria vai para fazer pesquisa ou só para ler. Ana responde que a maioria vai para fazer pesquisa mesmo, mas 10% das pessoas vão para ler revistas e jornais. Wander então agradece a entrevista. Passa então o endereço, o telefone, o horário de funcionamento e como fazer seu cadastro na biblioteca. Entra música de fundo.</p>	00:00 / 04:52	04:52
<p>Bloco 2: Alex passa uma notícia muito interessante, que a Janaína Pena da Secretaria de Educação vai contar sobre o Projeto das Bibliotecas nas Escolas, ele então dá bom dia a Janaína, que também o cumprimenta. Alex diz que ficou sabendo que chegou um montão de livros nas escolas e pergunta como irá funcionar o projeto. Janaína diz que é um projeto muito importante, que chegaram livros em todas as escolas da cidade e da zona rural. Diz que há muito tempo que eles estavam querendo levar livros às escolas, e agora surgiu a oportunidade e estão gostando muito dessa idéia. Porque é muito importante que as crianças tenham contato com os livros desde cedo, pois se as crianças não têm livros pra ler e não escutam histórias elas não aprendem a escrever, tem dificuldade para falar e escrever, quando elas chegam aos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio elas começam a ter muita dificuldade, dizendo achar muito bom esse projeto além ler ser uma delícia. Alex diz que se viaja na imaginação e é muito gostoso. Janaína diz que então esse é o outro motivo por querer levar bastante livro às escolas, e que tem pedido aos professores que deixem os livros na mão das crianças para que elas levem pra casa os livros que querem e ler bastante porque se viaja e se aprende muita coisa e isso é muito importante para as crianças. Elisa pergunta diz Janaina que estão curiosos para saberem os nomes dos livros e pede que ela fale um pouco sobre isso. Janaína conta que tem uma coleção que se chama “Salve-se quem Puder”, em que as crianças têm de fazer as atividades do livro para chegarem à resposta do final do livro. Conta também sobre um livro que chama “Ele o que?” que conta a história de um menino chamado Eleotério que não gostava do seu nome, convida então às crianças que leiam o livro para saberem o final da história. Pergunta a Alex se ele gosta de ler. Alex responde que sim, mas que tem uns livros grossos que ele não consegue ler. Janaína pede então às crianças ouvintes e que os colegas falem para os outros para que todos procurem ler muito, pois quanto mais se lê mais gostoso fica a leitura. Alex diz que isso é muito importante. Janaína conta que sua mãe diz que quando ela lê se a casa pegar fogo Janaína nem vai perceber, dizendo que acha que quanto mais se lê mais tem atenção. Diz que as crianças podem ler de tudo, todos os tipos de leitura, dizendo que as crianças que lêem mais ficam mais inteligentes que as outras pessoas. Alex pergunta se ela tem algum recado para dar. Janaína diz que diz, convidando os pais e professores que contem histórias aos filhos e alunos e pede que os professores deixem que</p>	04:52 / 15:61	11:09

os alunos levem os livros para casa, para que eles também aproveitem em casa. Alex pede a professora que então libere o livro e agradece a Janaina a participação. Ela então se coloca à disposição.		
--	--	--

FITA 31- Abril de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: As crianças falam que festa sem elas não tem graça, e pede que os ouvintes adivinhem, dando então a resposta dizendo que são as bandas, não as de rock, mas as bandas de rua. Entra música de fundo. Um dos meninos diz que os músicos reclamam e muita gente fala que a garotada de hoje não liga muito para as bandas, e diz que conferiram então com as crianças o que elas pensam. Passam então o depoimento de várias crianças, que falam seus nomes e onde estudam e todos dizem que acham legal, que curtem escutar, que é importante pois é uma tradição da cidade de Ouro Preto e que gostam muito, uma delas diz que seu irmão gosta de banda e que quer participar de uma. O locutor então diz que o pessoal do programa acha que todos gostam de uma banda. Relata então a história das bandas, que a cidade desde o século XVIII se destacou pelos movimentos e grupos musicais. Cita o relato do Triunfo Eucarístico, em 1733, foi destacado a presença de músicos que eram contratados por religiosos e políticos, conta que os escravos carregavam os vários os instrumentos tocados. Conta que as bandas que se conhecem hoje se originam do século XIX, quando se instituíram as bandas militares e possivelmente as bandas civis, que a irmandade de Santa Cecília foi muito importante para os movimentos musicais da cidade de Ouro Preto. Entra uma música tocada por uma banda.	00:00 / 06:02	06:02
Bloco 2: Para conhecer uma banda de perto, irão passar a reportagem que conversou com a banda São Bom Jesus de Matozinhos, a banda do Rosário, representando todas as bandas do município. Dafne pergunta se é verdade que não ganham pra tocar na banda. Nilson responde que os músicos gostam da música e não recebem nada para tocar na banda. Ela pergunta por que ele se tornou um músico de banda. Ele responde que em sua família do interior de Mariana todos são músicos e ele se interessou e começou a estudar e aprendeu então a tocar. Dafne pergunta se ele acha que as pessoas hoje em dia, principalmente os jovens gostam menos de bandas. Nilson diz que hoje em dia as pessoas não se ligam mais a bandas de músicas, somente em estilos musicais como Reggae, Pagode, Lambada, então os jovens não estão ligados à bandas. Michele pergunta o que o deixa mais feliz e mais triste em tocar na banda. Nilson responde que o que o deixa mais feliz é de participar da banda e por ter amigos e o que o deixa mais triste é a ausência do presidente da banda que faleceu. Michele pede que ele mande um recado às crianças. Nilson convida as crianças a se interessarem em aprender sobre música, que as crianças querem brinquedos e ver televisão então ele pede que as crianças se liguem à música. Michele pergunta como as comunidades podem ajudar as bandas de música. Nilson responde que as comunidades não ajudam que as bandas sobrevivem dos eventos em que participa. Michele agradece a entrevista de Nilson. Michele entrevista também Geraldo Coimbra que é o presidente da Banda do Rosário. Ela pergunta como sobrevive uma banda e se é difícil. Geraldo responde que a pergunta é interessante, dizendo que as bandas sobrevivem com um salário mínimo, e se mostra indignado com o valor doado, e afirma que as bandas sobrevivem por milagre. Conta que comprou um instrumento, também graças à desistência de uma criança pelo instrumento. Diz que cada banda tem sua sede própria, o que os favorece; conta com a bondade dos músicos que tocam por amor, dizendo que muitos moram longe da sede, e conta que depois de se tornar presidente adotou um lanche para os participantes e passagens para os que moram mais longe da sede. Ele conta que já trabalhou	06:02 / 15:48	09:46

<p>com associação de moradores, que viaja representando-as e sempre fez atividades em benefícios para a cidade, mas diz que a Banda é o seu trabalho é mais difícil, contando que ele faz compras para a família de músicos. Michele pergunta qual o recado que ele manda às crianças da cidade. Geraldo diz que o futuro está nas mãos das crianças, afirma que ele já fez suas contribuições então diz que o futuro está nas mãos das crianças. Diz que admira as crianças, conta passou dificuldade para criar seus nove filhos, então fala para as crianças aproveitarem seu tempo estudando para garantir seu futuro. Michele entrevista Edson e Ronei que são dois músicos jovens. Diz que falaram que os jovens não se interessam mais por bandas e pergunta se eles acham que isso é verdade, e porque escolheram ser músicos de banda. Um dos entrevistados diz que discorda dessa opinião de que o jovem acha a banda uma música supérflua e afirma que falta apoio dos órgãos públicos a incentivarem as pessoas a participarem, manterem a devoção como os mais antigos; afirma que muitas pessoas têm o dom pra música e isso não acontece por falta de iniciativa das pessoas e dos órgãos que poderiam ajudar. Michele entrevista Nazaré, a única música mulher que tem na banda. Michele pergunta se ela sente preconceito por ser a única música mulher da banda. Nazaré responde que dentro da banda não, mas da sociedade sim, é mal vista pela sociedade por ser uma mulher no meio dos homens. Michele pergunta o que ela acha da banda. Nazaré diz que é uma coisa muito boa, é um convívio muito bom, ela se diverte e adquire cultura musical. Michele pergunta que instrumento ela toca. Nazaré responde que toca saxofone alto, mi bemol e diz que pode tocar sax tenor. Michele pergunta qual o recado que ela daria às meninas que gostam de música. Nazaré diz para que elas não sintam vergonha, que elas batalhem que não escutem quem diz que banda é coisa de homem, pois o mundo da música é universal, é para todos. Dafne manda beijos às bandas da cidade de Ouro Preto e para todas as bandas. Um dos meninos pergunta a Dafne como faz para entrar numa banda, ela então responde que todas as bandas em suas sedes tem cursos para crianças e quem gosta, mas não quer se compromissar pode ir assistir os ensaios. Um dos meninos se despede até o próximo sábado e deseja uma feliz páscoa.</p>		Total: 15:48
FITA 32 - abril de 1996		
NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: O programa começa com a uma música; Marília de Dirceu interpretada por um coral infantil sob regência do maestro Otávio Pedro realização da Escola Estadual Marília de Dirceu /.../ Que neste final de semana comera 50 anos de existência/.../. Após parabenizar a escola pelo aniversário de 50 anos, a apresentadora anuncia as programações que a mesma irá realizar e uma leitura de um poema do que o [...][colega de programa Renan Gomes /.../ de 9 anos escreveu homenageando a Escola Marília de Dirceu. Após a leitura do poema, música...</p>	00:00/03:34	03:34
<p>Bloco 2: O locutor fala sobre como o mês de Abril é composto de várias datas importantes para a história do país. /.../ dia 19 comemoramos o dia do índio, dia 21 é dedicado ao nosso grande herói Tiradentes e tem mais, dia 22 é o dia do descobrimento do Brasil /.../. Após a apresentação dessas datas, o locutor do programa anuncia que para comemorar essas datas, o Papo de Criança vai mostrar a primeira parte de um bate-papo com a professora Bete Salgado. Após anunciar o bate-papo, a locutora Roseli, fala um pouco sobre a professora BETE SALGADO. Bete é professora da FAOP, COORDENADORA DO MUSEU ESCOLA, DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA e possui mestrado sobre a História política do Brasil. O locutor convida a todos os ouvintes a chamar seus pais para escutar a conversa que tiveram com Bete.</p>	03:34 / 17:50	14:16

<p>O bate-papo tem início com o locutor convidando a participante a falar um pouco sobre a história dos índios do Brasil. Bete começa a entrevista contando um pouco sobre a história das diferentes tribos que habitavam o Brasil antes da colonização portuguesa. O locutor faz a seguinte pergunta /.../ Por que aqui nessa área de Minas Gerais é raro você ouvir falar sobre índios?/.../ Bete fala sobre o trabalho que ela realizou sobre os índios da região de Minas Gerais e também sobre o pouco interesse do historiador pelo estudo dos índios. Levanta a questão do pouco estudo dos índios em Ouro Preto na escola, com a seguinte pergunta para os participantes: /.../ Vocês já estudaram sobre índios em Ouro Preto? /.../ mesmo sabendo que Ouro Preto é conhecido pelo nome de Itacolomy de origem indígena. Um dos locutores do programa agora introduz a seguinte questão /.../ Se Ouro Preto tem mata, por que não tem mais índio? /.../. Bete fala que para entendermos a história dos índios em Ouro preto, precisamos recorrer a história geral do Brasil. Fala um pouco sobre o contexto de colonização, relembra os aspectos básicos da sociedade europeia e sobre como o “novo mundo” era vista por essa sociedade além de chamar a atenção para as guerras travadas entre essa sociedade europeia e os índios, que grande parte sofreram extinção. Fala também sobre a nomenclatura das cidades de Minas que possui vocabulário indígena em sua composição.</p> <p>O locutor questiona a entrevistadora se ainda hoje no Brasil, os índios ainda sofrem alguma forma de preconceito. Bete refaz a pergunta para os locutores do programa Papo de Criança e pergunta a Elisa... Elisa responde que /.../ mais ou menos /.../, fala que a sociedade ainda considera os índios como diferentes...</p> <p>O locutor agora fala que o tempo do programa é curto e pede para a entrevistada falar um pouco sobre a inconfidência mineira. Bete inicia o discurso introduzindo a ideia de que o assunto Povos indígenas e Inconfidência Mineira, não são diferentes entre si. Ambos vão envolver o estudo do povo brasileiro, os preconceitos que temos em relação aos índios e os preconceitos que sofremos no processo histórico que muitas vezes levaram a essas revoluções. Um “barulho de índios, falas...” começa...</p>		
<p>Bloco 3: O locutor termina o programa falando que ainda tem muito assunto no Papo de Criança do próximo programa, /.../ ainda vamos falar sobre a inconfidência mineira e outros movimentos da história do Brasil /.../. A locutora Elisa dá os parabéns para os alunos e também para a Escola Estadual Marília de Dirceu... entra música, e acaba o programa.</p>	17:50 / 22:38	04:48 Total: 22:38

FITA 33 - abril de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: Bom dia Priscila e garotada! Bom dia Júlio! Hoje estou indignado coma violência contra as crianças... nos jornais, na TV...fora a violência que é ter crianças sem escola, família...este papo é preciso mas não é bom...tem muita coisa que precisa ser mudada no nosso País...</p>	00:00/02:53	02:53
<p>Bloco 2: mais uma novidade no nosso programa... o nosso microfone vai andar por ai recolhendo assuntos do nosso interesse, são as nossas entrevistas de rua...vamos entrevistar muitas crianças...mandem perguntas para nosso programa de rua...a nossa pergunta desta</p>	02:53/08:07	05:54

semana me deixou com a cabeça nas estrelas...depois do aparecimento do ET de Varginha e de umas luzes que andaram aparecendo no Parque do Itacolomy o assunto tomou conta dos pátios das escolas... já entenderam, hoje vamos falar sobre extra terrestres, disco voadores...(música)...a nossa repórter Dáfine e Elisa foram para a rua e ouviram algumas crianças sobre o assunto... várias crianças são entrevistadas e falam se acreditam ou não em disco voador...várias entrevistas...		
Bloco 3: vamos voltar para a terra e vamos conversar com a BETE SALGADO, continuando o nosso papo do programa da semana passada sobre a história do Brasil, amanhã comemoramos o nosso Herói Tiradentes e a Inconfidência Mineira...para aproveitar uma dica, vá dar uma volta no Museu da Inconfidência...vamos ouvir? O Vander faz a entrevista...a Bete fala sobre a Inconfidência Mineira e de outros movimentos...e diz que é pouco tempo para um tema tão vasto, mas que vai tentar...começa a contar a história dos inconfidentes... e que o Museu da Inconfidência tem documentos que quem tiver interesse pode ir ao museu consultar a história...(música....) Hoje o programa falou muitas coisas.	08:07/21:50	13:43 Total: 21:50

FITA 34 - abril de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: Uma garota lembra os ouvintes que toda semana está acontecendo uma pesquisa de opinião. A cada semana há um assunto e nessa semana era vergonha. Um garoto começa a entrevistar o Alexander e ele diz que tem vergonha de ir ao médico e em seguida pergunta em qual escola e em qual série que ele estuda. Na sequência, outras crianças são entrevistadas. Elas respondem os nomes, em qual escola estudam, quantos anos tem e do que tem vergonha. Eles citam que tem vergonha de pedir esmola, de dançar, cair de bicicleta perto dos outros, “levar um frango” no colégio e tirar zero na prova. Na sequência, as entrevistas terminam e uma garota avisa que todas as terças feiras a equipe do Papo de Criança estará nas ruas fazendo enquete sobre diversos alunos.	00:00 /03:59	03:59
Bloco 2: Um garoto fala sobre a “agendinha cultural”. Ele pergunta se as outras crianças conhecem e fala de uma ideia que o Joel teve das crianças ouvintes enviarem poesias e poemas para a rádio e a cada mês uma será publicada na agendinha. Ele convida então as crianças de Ouro Preto a enviarem seus poemas e poesias. O garoto então, diz que vai conversar com 3 crianças que gostam de poesias: Fernando, Júlio e Vander. Ele começa a entrevista o Júlio e pergunta a quanto tempo ele escreve poesia. Ele responde que há um ano. Vander, indagado pelo entrevistador, fala que está escrevendo um livro e que pretende publicá-lo um dia. Ele pergunta se ele mostra a poesia para os pais e para as professoras as poesias que ele escreve. Ele afirma que mostra pois pais e eles apoiam mas que não mostra para as professoras porque elas não dão muita atenção. O garoto entrevistador pergunta se ele pode ler alguma poesia para os ouvintes. Júlio diz que tem pra ler duas poesias: Amor em Outro Preto e Coração de um apaixonado. Ele decide ler a poesia “Amor em Outro Preto” e afirma que a escreveu em 23/04/1996.Julio então lê a poesia com um fundo musical./.../Em Ouro Preto não há amor sem descida. O meu coração não existiria se não fosse você, amor da minha vida./.../. O garoto passa a entrevista então a Fernanda. Ela diz que escreve poemas e diz que as vezes mostra os poemas pro irmão	03:59/ 10:20	07:21

<p>dela e principalmente pra professora Mônica. O garoto pergunta se ela mostra para os pais e ela diz que não. Ela diz que gosta muito de ler poesias e seu autor preferido é Vinícius de Moraes. Ela fala que gosta muito do poema Borboletas, do mesmo autor, e fala um pedaço que lembra.</p> <p>O garoto passa a entrevista o Vander. Ele pergunta se é verdade que ele já teve uma poesia publicada e premiada. Ela diz que teve duas publicadas no livro da secretaria e na agenda cultural e diz que um deles tem o mesmo título de um poema de Cecília Meireles, “O que é que Ouro Preto tem” e o outro “Rios de minha terra” que foi inspirada por um trabalho que ele fez na escola.</p> <p>O garoto relembra do concurso das poesias e poemas e dá o endereço para que as crianças enviem.</p>		
<p>Bloco 3: Um garoto avisa as ouvintes que esse ano acontecerá novamente a semana de Educação, do dia 6 ao dia 10 de maio. Ele fala das boas expectativas e que para saber mais detalhes irá entrevistar o secretário de Educação João Bosco Rios. O secretário fala da importância da semana para os profissionais da Educação bem como alunos e toda a comunidade da cidade e também do sucesso que foi a primeira semana. Ele convida a todos da cidade para participarem efetivamente desse evento e dá detalhes das inscrições. Sem sequência ele fala das oficinas que serão realizadas. Ele afirma que os professores terão preferência para participarem das oficinas, mas todos podem tentar se inscrever. Ele agradece também o apoio das empresas, instituições públicas e comerciais que possibilitou a realização do evento. O secretário afirma que os alunos serão os mais beneficiados pela semana pois visa a capacitação dos professores.</p> <p>Em seguida, Alex entrevista Janaína sobre detalhes da programação semana. Janaína fala sobre os projetos que ela faz na secretaria de educação e diz que haverá palestras e oficinas que visam a capacitação dos professores. Além disso haverá programação para a comunidade em geral. Ela fala desses eventos dando detalhes sobre local e horário.</p> <p>As crianças se despedem e encerram o programa.</p>	10:20 / 17:32	07:12 Total :17:32

FITA 35 - maio de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: Bom dia garotada! Começa com uma charada...o Programa de hoje faremos uma visita a creche Casulo Noêmia Veloso, onde conversamos com as professoras e com algumas crianças...	00:00/01:17	01:17
Bloco 2: as professoras falam de como trabalham na educação infantil...do comportamento das crianças e das especificidades de cada idade...entrevistam também a pessoa que faz a merenda das crianças...vão ao berçário e conversam com a professora deles e com a coordenadora da creche, onde ela explica todo o trabalho que é realizado na creche...fala da rotina diária das atividades que são realizadas.	01:17/09:17	08:00
Bloco 3: atenção para as notícias de hoje: para quem gosta de praticar esportes tem a escolinha de esportes uma iniciativa da UFOP junto com Secretaria de Educação de Ouro Preto vamos lá participem... fala de todos os eventos que estão acontecendo... e convidam as crianças que quiserem a irem ao Museu Casa Guignard para participar da oficina de comunicação que acontece todas as terças de 08:00 as 10:00, façam sua inscrição, venham... agora o resultado da Charada... e vamos dançar? Colocam uma música...	09:17/15:25	06:08 Total: 15:25

FITA 36 - maio de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: Bom dia! A gravação está muito ruim...não dá para ouvir ...falam de uma oficina sobre psicomotricidade que o Vander foi assistir ...	00:00	
Bloco 2: ele entrevista a Professora que está ministrando a oficina: ela explica o que é o trabalho...(inaudível...) falam do dia das mães... e cumprimentam os aniversariantes ... e terminam...		Total: 16:04

FITA 37 - junho de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: Está no ar o programa Papo de criança!!!!!! Michele como está frio... dão dicas de como se proteger nesta época...mas Ouro Preto não é frio não temos dicas quentes para vocês...No dia 26 de abril A OCAM e a Prefeitura de Ouro Preto fizeram um convênio para se trabalhar a Educação Ambiental nas escolas. Vamos conversar com o Maurício, relações públicas da OCAM para nos explicar o projeto...ele fala o que é o projeto e de como ele será implantado nas escolas...	00:00/06:37	06:37
Bloco 2: a violência é um problema que gostaríamos que não existisse mas ela existe e gostaríamos de falar que não é legal...falam das brigas que acontecem em bares...citam uma briga que teve e que machucou muito um músico conhecido da cidade...	06:37/08:29	01:43
Bloco 3: Notícias... olha pessoal, começamos o programa falando sobre frio, não se esqueçam da campanha de agasalhos para a creche Casulo... façam sua doação... Atenção crianças e professores durante o mês de Junho estará acontecendo na Casa Dos Contos a exposição Memória da Escravidão, feita pela artista plástico Chiquitão...e convidam todos para ir ver... convidam todos para assistir o filme a Bela e Fera as 15:00 hs no anexo do Museu da Inconfidência... entrada franca...(música do Roberto Carlos...) Dia 12 é o dia dos namorados...o Papo de Criança também é papo de namorado...participe do nosso concurso relâmpago...envia para nosso programa um cartão bem romântico...no próximo sábado estaremos premiando a cartão mais romântico... Vander anuncia as festas juninas que vão acontecer ... e soltam uma música (quer eles chamam de forró...) se despedem...	08:29/12:47	04:18
		Total:12:47

FITA 38 - junho de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: uma música...(Ruídos) começam discutindo como se escreve príncipe...discutem que estão novos demais para se pensar em namorar...uma voz feminina fala sobre namoro de como era antigamente...o assunto é sobre o dia dos namorados...mas não dá mesmo para entender a discussão... (Ruídos)	00:00/17:20	17:20 Total: 17:20

FITA 39 - junho de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: Está no ar o programa Papo de criança!!!!!! Uma música de fundo...Fernanda pergunta a Priscila se ela gosta de observar o céu...ela responde que adora, principalmente em junho quando o céu fica todo estrelado...e fala da cúpula que tem lá na Escola de Minas, ali é o observatório astronômico, lá tem um telescópio onde podemos ver as estrelas...hoje vamos falar sobre os astros... entrevista...	00:00/01:20	01:20
Bloco 2: e convidamos o Rodrigo Torpolo, e ele vai nos explicar tudo sobre o observatório astronômico... o Rodrigo é um estudante de engenharia da Escola de Minas e ele fala do Projeto “Astronomia vai as escolas que ele e mais três alunos estão desenvolvendo em Ouro Preto...fala dos horários de observação, dá todas as dicas de como as pessoas devem fazer para conhecer o observatório...as crianças fazem várias perguntas...e ele vai explicando tudo sobre astronomia e fala que astronomia é uma coisa e astrologia é outra...pois as crianças fazem perguntas com o Bloco....ele diz que sempre teve interesse em estudar os astros, sempre foi muito curioso em estudar os planetas, saber sobre eles...como vê-los... e o Observatório Astronômico é um lugar muito prazeroso de trabalhar, venham conhecer é um lugar muito gostoso e venham conhecer, será um prazer receber todos vocês...mas não se esqueçam de marcar a vista, dá o telefone...as crianças agradecem a	01:20/13:86	12:66
Bloco 3: O mês de junho o céu fica tão bonito... e as festas Juninas enfeitam a cidade...aqui em Ouro Preto morou um dos pintores mais importantes do Brasil... ele adorava pintar as festas de São João, você sabe quem é? Claro, Guignard... nos fazemos oficina lá no Museu Casa Guignard...e agora no segundo semestre todas as terças feiras de 01:30 as 04:00 fazer a sua inscrição aqui no Museu Casa Guignard para o nosso Programa...venha perder a timidez...as oficinas são ótimas para perder este bicho chamado timidez...venham... Rosilaine fala o quanto as oficinas a ajudou a perder a timidez...as crianças mandam beijos para outras que estão ouvindo o programa e se despedem...	12:66/15:06	02:40 Total:15:06

FITA 40 - junho de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: O programa começa com uma música de “festa Junina”. O locutor começa o programa cumprimentando os ouvintes e usa um sotaque “caipira” para falar sobre o dia de São João. Após algumas referências às instruções utilizadas na dança de “quadrilha”, o locutor agora falando de maneira “normal”, fala sobre um /.../bate-papo/.../ com a professora Maria Elisa “Ruidos”.	00:00 / 01:40	01:40
Bloco 2: Começa uma entrevista com a professora Maria Elisa sobre o projeto “OURO PRETO NA ESCOLA” – Projeto Originado do INSTITUTO DE ARTES E CULTURA/ atualmente (na época da gravação da entrevista) INSTITUTO DE FILOSOFIA DE ARTES E CULTURA DE OURO PRETO, criado pela professora MARIA ZÉLIA DAMASIO TRINDADE. A entrevista segue com a professora falando sobre a origem do projeto OURO PRETO NA ESCOLA. Fala sobre as expectativas e em que consiste o projeto. Durante o desenvolver da entrevista, a professora “constrói” um ambiente no qual ela também faz perguntas para os apresentadores do programa PAPO DE CRIANÇA; /.../ Vocês gostariam de conhecer Ouro Preto lá dentro da sala de aula só falando e contando coisas?/.../ /.../ Como que é gostoso conhecer Ouro Preto hein? /.../ /.../ Se a gente retornasse com esse material tudo hein? Vocês acham que vale a pena?/.../. A entrevista segue e a professora fala sobre as dificuldades encontradas para a reaplicação do projeto e pede para que a rádio ajude a divulgar o mesmo. No final da entrevista o locutor agradece a participação da convidada, e a professora agradece o convite e fala sobre a necessidade de se conhecer a cidade em que vivemos, e pede para as crianças que estão ouvindo o programa divulguem o projeto Ouro Preto na escola.	01:40 / 11:01	08:61
Bloco 3: O programa encerra com a divulgação de um concurso para quem enviar uma carta sobre a verdadeira origem da festa Junina e perguntando como que eles podem ajudar no projeto apresentado no programa.	11:01 / 12:49	01:48 Total: 12:49

FITA 41 - junho de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: O programa começa com uma música. O locutor começa o programa dando um bom dia para todas as crianças e fala sobre o festival de inverno, seus cursos e o final das férias. O locutor fala sobre a DAPHINIE que fez um curso de vídeo e mandou uma matéria para o programa. O locutor fala sobre o curso: VIDEO “ruído” NA CÂMERA, coordenado pelo professor Gilson Ferreira da Silva. A locutora começa uma entrevista com o professor Gilson, que explica quais são as expectativas e objetivos do curso de edição e produção de vídeos ministrado por ele no festival de inverno. O locutor agora entrevista um participante do curso, Paulo de Belo Horizonte. Paulo comenta sobre seu interesse sobre filmagem e suas férias em Ouro Preto. BRUNO também de Belo Horizonte fala sobre o festival de inverno de ouro preto e suas expectativas com o curso	00:00 / 08:06	08:06

de Edição de Vídeo. Marcelli nascida em Ouro Preto também é entrevistada e fala sobre o festival de inverno e como acha interessante o curso de edição de vídeos. O programa segue entrevistando vários alunos – vários trechos estão inaudíveis e os nomes dos participantes não puderam ser identificados. O entrevistador apresenta a monitora do curso de vídeo (nome inelidível), que fala sobre o curso de vídeo, o festival de inverno e de como é interessante o curso acontecer na cidade de Ouro Preto tanto para a promoção da própria cidade (divulgação da história, turismo) quanto para o curso de vídeo.		
Bloco 2: O locutor fala sobre a estreia do programa Papo de Criança na TOP CULTURA de OURO PRETO. E que há possibilidades de contratação para pessoas interessadas na produção do programa. Uma música entra. O locutor fala sobre outra oficina: dança cênica. O coordenador da oficina Berson Nunes, ator e bailarino do grupo oficina multimidia, fala sobre a oficina de dança e os aprendizados das crianças que irá adquirir quando fizer o curso de dança cênica. O professor chama atenção para as contribuições da dança para o relacionamento da criança com a sociedade e a importância do festival de inverno para a divulgação histórica de Ouro Preto.	08:06 / 12:05	03:99
Bloco 3: Entrevista com uma participante da oficina de dança, ANA moradora de Ouro Preto. Ela fala sobre a apresentação que o grupo irá fazer em Ouro Preto e que acha o festival de inverno é muito importante (não explicita o porque). O locutor fala sobre a divulgação da arte e a cultura nas escolas e que mesmo que seja ainda muito pouca essa divulgação, isso tende a melhorar. O locutor anuncia uma entrevista com uma professora da escola “DOM VELOSO” (escola onde está ocorrendo o curso de dança cênica e as oficinas infantis), DENISE COPOLI professora e estudante de arte da UFOP e fala sobre a importância do contato da criança com a arte e a dança e como o festival de inverno possibilita esse contato. O locutor fala sobre as diversas atividades do festival de inverno, porém /.../ a exposição de artes plásticas que mais fez sucesso entre a criançada foi a do Leonardo que mora em Macucos perto de Belo Horizonte/.../. Entra uma entrevista gravada entre o locutor e o artista Leonardo. Leonardo fala sobre o significado do seu trabalho de artes plásticas e como originou a sua idéia de criação da exposição. Leonardo fala também sobre expectativas para trabalhos futuros e a reação das crianças ao observarem seu trabalho. O programa encerra com o locutor falando sobre os convidados do próximo programa (participação do grupo de teatro “estronzo” – Passagem de Mariana.	12:05 / 17:30	05:25
		Total: 17:30

FITA 42 - junho de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco1: O programa começa com uma música de festa junina. O locutor afirma que “as festas Juninas estão chegando...” Em seguida fala sobre as datas das festas Juninas e onde irão acontecer. Entra uma música. O locutor apresenta o tema do programa: /.../	00:00 / 01:42	01:42
Bloco2: Hoje o nosso papo vai ser com os escoteiros LUIZ FERNANDO e DANIELE [...] Fernando começa a entrevista falando um pouco sobre as atividades do escotismo – o que os escoteiros aprendem e suas importâncias. A entrevista se desenvolve mantendo o tema escotismo, esclarecendo aos ouvintes como são os acampamento, limites de idade, classificações dos grupos e onde os entrevistados já acamparam. Os entrevistadores perguntam sobre possíveis atividades que as crianças que irão entrar de férias poderiam fazer. Ainda sobre o tema escotismo, o entrevistado Luiz Fernando narra o início do escotismo e sua	01:42 / 16:09	14:27

<p>história. Após a narrativa do Fernando Luiz, Daniela fala sobre a organização do grupo de escoteiros de Ouro Preto; 1º Chefe de grupo: Comandado pela CRISTINA; 2º Clã Pioneiro; 3º Tropa Sênior: Comandado pelo BETROS e CRISTINA; 4º Tropa um comandado pelo FLAVIO e Eidi 5º Tropa dois: Comendador pela Cristiana e Sindi 6º Lobinhos que são os membros mais novos comandados pelo JAMIL. A entrevista segue apresentando as curiosidades das atividades que os escoteiros desenvolvem, como por exemplo cursos de primeiros socorros e técnicas de acampamento. A entrevista termina com o locutor perguntando quais são os procedimentos que uma criança deve ter se ela pretende se tornar um escoteiro, e qual é o lema dos escoteiros.</p>		Total: 15:55
---	--	---------------------

FITA 43 - julho de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
<p>Bloco 1: No início do programa Papo de Criança, o locutor faz referência a um “cochicho” que os adultos estão fazendo devido à campanha política. Essa referência é feita simulando uma conversa de telefone entre duas amigas, sendo uma delas a locutora do programa.</p> <p>O programa começa com uma música dos mamonas assassinas – Sábado de Sol. O programa Papo de Criança apresenta o Bloco de hoje: Profissões – Futuro. /.../ O papo de hoje andou pesquisando nas escolas meninos e meninas sem saber o que vão ser, e outros que querem ser tudo ao mesmo tempo/.../”.</p>	00:00 / 01:13	01:13
<p>Bloco 2: Após a apresentação do tema do programa, entra no ar a voz de um entrevistador perguntando para várias crianças quais as profissões que elas desejam seguir. /.../ O que você quer ser quando crescer/.../.</p> <p>Crianças Entrevistadas:</p> <p>Jaqueline – 12 anos – Dentista ou Atriz</p> <p>Fernanda Aparecida de Oliveira – Jogadora de Vôlei</p> <p>Fernanda – 12 anos – Médica</p> <p>Abraão – 10 anos – Jogador de futebol</p> <p>Rosineia – Professora</p> <p>Gabriel – Artista de TV</p> <p>Isabel – Secretaria</p> <p>Daniela – 11 anos – Professora</p> <p>Erica – 10 anos – Modelo</p> <p>Ana Carolina – 10 anos – Professora</p> <p>Fernando da Silva Dutra – 12 anos – “ Mexer com computador e aprender tudo sobre música”</p> <p>Janaina – 13 anos - “Musicalista”</p>	01:13 / 09:49	08:36

participação...as crianças brincam entre elas falando o que elas gostariam de ser...falam de diversas profissões e atividades. Se despedem...		Total: 17:18
---	--	---------------------

FITA 45 - Julho de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: O programa começa com o locutor cumprimentando todos os ouvintes de Ouro Preto, seus distritos e também as pessoas que estão escutando o programa. O locutor começa o programa falando sobre o festival de inverno que aconteceu durante o período de férias escolares na cidade de Ouro Preto. O locutor fala sobre as oficinas que aconteceram durante o festival e que o assunto de hoje será referente a essas oficinas. /.../ Nós do Papo de Criança fomos dar uma olhada no que estava acontecendo nas oficinas/.../	00:00/01:42	01:42
Bloco 2: Uma entrevista começa e a apresentadora Dafine anuncia o professor da oficina de circo: Mauro, ele fala um pouco sobre a oficina que tem como objetivo ensinar algumas técnicas para as crianças brincarem de circo. Como exemplo cita o malabarismo, equilíbrio de pratos, monociclo, rola-rola e afirma que com essas técnicas, as crianças poderão dominar a nível básico alguns números de circo. Mauro termina a entrevista incentivando a prática das artes circenses, /.../crianças devem brincar e... curtir o circo nosso de cada dia/.../ e agradece o distrito de Lavras Novas, pelo acolhimento dado aos professores da oficina de circo. Uma música entra... O locutor agora anuncia uma entrevista com alguns participantes da oficina de circo Cecilia Batista e Gabriel Lana [...vamos ouvir?/.../. Cecilia fala sobre como gosta das atividades que ela aprendeu na oficina de circo, após isso a entrevistadora faz uma pergunta; /.../vai ficar com saudade da oficina?/.../ Cecilia responde que ficará com muitas saudades dos amigos que fez e dos professores que teve durante a oficina de circo. Gabriel fala que ano passado já havia feito a oficina de circo e que pretende fazer ano que vem novamente e comenta algumas das artes circenses que mais gosta. Fala também que gosta de realizar as brincadeiras que aprendeu em sua casa. Um música entra. O locutor fala que o programa Papo de Criança também esteve presente nas oficinas de teatro de bonecos e que uma amiga do programa; Raissa Palma/.../ O que será que eles desenvolveram? Fala Raissa.../.../. Raissa começa a entrevista falando sobre o que aprendeu na oficina, incluindo nessas atividades estão o plástico gigante, pinturas, cortes e explica que na oficina eles trabalharam com a construção de bonecos gigantes. Raissa fala que o festival fornece para os participantes a oportunidade para aprender /.../ coisas novas /.../ e como as oficinas ocorrem nas férias, a oportunidade de aprender é melhor, pois /.../dá para se dedicar mais/.../ O locutor agora anuncia a presença do Papo de Criança na oficina de vídeo, ministrada pelo professor Gilson. Gilson começa a entrevista falando um pouco sobre a oficina e fala que o objetivo da mesma é ensinar o básico da produção de vídeo para que desperte o interesse e	01:42/11:28	09:16

a criatividade das crianças participantes. O locutor anuncia uma entrevista com dois participantes; Pedro e Rodolfo, da oficina de vídeo. Os entrevistados introduzem o Bloco falando sobre como foi difícil fazer o trabalho de edição, filmagem, mas que no final foi muito divertido participar da oficina de vídeo. Uma música entra.		
Bloco 3: Agora o locutor fala sobre o final das férias e que o programa PAPO DE CRIANÇA também está chegando ao fim. A locutora fala que agora é hora de voltar a estudar. O programa acaba e uma música continua tocando até o final do mesmo.	11:28/12:55	01:27 Total: 12:55

FITA 46 - agosto de 1996

NARRATIVA	Marcador de tempo da Fita (MM:SS)	Duração (MM:SS)
Bloco 1: O programa começa com uma apresentação do repórter Reinaldo Roia e “atriz”- pompilha pomposa (comentário do analista - a apresentadora do programa está se passando por uma atriz “famosa”). O programa segue com uma entrevista simulada com pompilha pomposa que estreou o filme pacote de salame.	00:00/03:46	03:46
Bloco 2: Após o final da entrevista fictícia, os locutores se apresentam. Daphinie e Wander, e introduzem o tema do programa de hoje: Teatro... Uma música entra para introduzir o assunto do programa logo após a apresentadora anuncia a convidada, Juliana do grupo STRONZO – de Passagem de Mariana. Após cumprimentar a participante do programa Papo de Criança sobre Teatro, a entrevistada começa parabenizando os locutores pela “brincadeira”, realizada no início do programa. Segue contando um pouco sobre a origem do grupo STRONZO e os espetáculos que eles realizam. A entrevistada fala um pouco sobre o último espetáculo “Palhasseata”, que consiste em uma passeata de palhaços. Seguindo a entrevista ainda com o assunto teatro e mais específico sobre o grupo STRONZO em particular, Juliana fala sobre as dificuldades do grupo e que eles trabalham principalmente como produtores culturais: promovem a divulgação de espetáculos, e também produzem espetáculos próprios. A entrevistadora fala também sobre a sede do grupo STRONZO, um armazém restaurado na passagem de Mariana que objetiva a criação de um núcleo de estudo e pesquisa de espetáculos e teatro em geral e que também é utilizado para o ensaios e divulgação de arte. Como última pergunta para Juliana, o entrevistador pergunta sobre o que é preciso para uma pessoa /.../ Fazer uma peça de teatro/.../. Juliana começa sua resposta ressaltando importância e a necessidade de um espaço, fala também sobre a brincadeira de atuar e como uma pessoa de fora, um orientador, pode ajudar nesse processo de criação de uma peça de teatro. Para complementar a resposta, JULIANA comenta sobre um novo espetáculo que o grupo STRONZO está desenvolvendo: A farsa do dragão de el catra, que foi criado em cima de improvisação que os integrantes do próprio grupo faziam durante suas apresentações. Ela ressalta também a importância de escrever o espetáculo que você deseja criar, pesquisar sobre os personagens que iram fazer parte da mesma. No final do programa, o entrevistador pergunta se JULIANA deseja deixar um recado final para os ouvintes. Ela diz que gostaria que as crianças /.../fizessem bastante teatro em casa/.../ e se quiserem saber mais sobre o grupo STRONZO basta fazer uma visita ao Armazém	03:46/14:26	10:80

na passagem de mariana Rua: Eugenio Eduardo Rapalo 449.		
Bloco 3: No final do programa, o entrevistador pergunta se JULIANA deseja deixar um recado final para os ouvintes. Ela diz que gostaria que as crianças /.../fizessem bastante teatro em casa/.../ e se quiserem saber mais sobre o grupo STRONZO basta fazer uma visita ao Armazém na passagem de mariana Rua: Eugenio Eduardo Rapalo 449. Mais uma notícia: uma Uma exposição recém inaugurada sobre papagaios /.../ papagaios, pipas /.../realizada pelo artista plástico Carlos Alberto Gonçalves.	14:26/16:16	16:16

APÊNDICE 2

TRANSCRIÇÃO DA FITA 01 – DEZEMBRO DE 1994

BLOCO 1

1. Locutor - A partir de agora pela Rádio Ouro Preto Papo de Criança um programa da Secretaria Municipal de Educação, apresentado por crianças da Rede Municipal de Ensino: Com vocês: Acrícia, Alexsandro, Francisco, Michele e Priscila.

13. Eôô...o nosso time é um terror eôôô nosso time é um terror...

eôôô nosso time é um terror...

eôôô... nosso time é um terror...

Bom dia gente, cruzeirenses e atleticanos pegaram fogo durante o recreio na Escola Municipal Professora Juventina Drumond no Morro de Santana, nosso microfone invisível estava lá e captou todo o bate boca, olha só que barato, Papo de Criança – aqui e agora - - escutem a confusão.

14. Várias vozes de crianças falando ao mesmo tempo... perdeu para o atlético... 1x0...cruzeiro até morrer...time feio... atlético... galo...time feio...sou atleticano até morrer...

BLOCO 2

1. Oi meninada, vamos conversar hoje com uma pessoa que todo mundo conhece na cidade é o Zé Isabel, ele é guia de turismo e vem falar sobre sua profissão tão interessante que poderá vir a ser um dia a profissão de um de nós que estamos ouvindo, não é mesmo?

Para conversar com o zé Isabel nós viemos aqui para a Ponte dos Suspiros que é bem perto do Chafariz de Marília.

Ah...que pena não tem água no Chafariz...

Bom para quem não sabe quem é Marília de Dirceu, o Alexandro vai ler mais um capítulo do livro: Ouro Preto para crianças da Professora Maria Célia Trindade, vamos aprender mais um pouquinho sobre a História de Ouro Preto.

2. Música de Fundo... A História de Marília.

3. Era uma vez uma moça muito bonita e prendada chamada Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, morava numa Casa de Vila Rica perto da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, depois de uma ponte e ao lado de um belo chafariz... um

poeta moço e inteligente ficou gostando dela e ia sentar-se lá na ponte suspirando de amor, e a ponte ficou com o nome de ponte dos suspiros.

Ele a chamava de Marília e si mesmo dizia-se Dirceu, e ela ficou conhecida como Marília de Dirceu.

O Chafariz cuja a água lhes servia chamam hoje de Chafariz de Marília.

Marília e Dirceu não se casaram, pois Dirceu, Tomás Antônio Gonzaga vinham participando das ideias de uma revolta, a revolta da Inconfidência foram presos e mandados para longe bem longe.

Marília muito triste ficou em casa, velhinha até morrer, sua Casa depois foi um convento de frades e hoje é uma escola.

A lembrança de Marília e de sua história de amor não desapareceu do coração dos mineiros.

4. Ah gente que história triste gente...

Vamos agora entrevista com o Zé Isabel

5. O Zé Isabel, conta pra a gente agora como é ser um guia de turismo.

6. Zé Isabel - Para chegar a esta profissão é muita batalha, agente passa por muitas decepções, mas devemos ter força de vontade e lutar por aquilo que agente chegar onde a gente quer uma coisa, a gente faz bem, tem que estudar, ler livros, para depois agente, né...chegar a onde a gente chegou

7. O que faz um guia de turismo?

8. Zé Isabel – primeiramente tem que ter o dom, tudo na vida tem que ter o dom, parece que acende uma luz na nossa cabeça e a gente faz aquilo com amor e tudo que a gente faz com amor, a gente faz bem, nunca deixando estudar, sempre estudando, lendo e ouvindo os mais velhos, isso é muito importante.

9. Como é que você trabalha?

10. Zé Isabel – primeiramente nós temos um posto lá na Praça Tiradentes , nº 41 e lá ficamos aguardando os contatos, a comunicação do pessoal de fora, que vem visitar Ouro Preto recebe muita gente carente, sem dinheiro mesmo... como a prefeitura tem um serviço comunitário, eu sou uma dessas pessoas que ando com estas crianças carentes, principalmente as pessoas da nossa região... sai pela Cidade enfoca para eles quem foi Aleijadinho, que foi o Patrono da Arte Brasileira, e também a levamos na Casa dos Contos, mostramos a Senzala, onde os escravos dormiam, passavam um sofrimento terrível, levamos aqui na Mina

do Chico Rey, que é interessante, falamos onde eles construíram a Igreja que fica aqui no alto do Vera Cruz

11. Você enfrentou muitas críticas no começo da sua carreira, muitos país falam que esta é uma profissão de vagabundo...
12. Zé Isabel – a expressão vagabundo, é muito forte, mas o que a gente recebe é muita crítica, que a profissão é de malandro, diz que é malandro de praça... mas me parece que hoje depois de 14 anos, a gente participando de encontros, indo a congressos a nível nacional, começamos em São Luiz do Maranhão, e agora fizemos o ultimo congresso no Pantanal, no Mato Grosso do Sul, dai para cá o pessoal está tendo mais consciência, mas mesmo assim ainda tem muitas críticas.
13. Zé Isabel, como era sua infância aqui em Ouro Preto e como se interessou em ser guia turístico?
14. Zé Isabel – na época, foi muito difícil, o meu pai veio do interior de Ouro Preto, viemos pequenos cá, e eu comecei na praça engraxando sapato na praça, comecei como engraxate de madeira e depois eu fui conquistando aquela praça, pois me parece que o povo de Ouro Preto ainda não conquistou aquela praça ainda, ela é mais para as pessoas de fora né?
Então fui conquistando cada pedaço daquela praça, passei a depois vendedor de limão, passei a lavar carro... e ai eu fui gostando, ouvindo as pessoas falar sobre Ouro Preto, comecei a explicar também... fui me interessando, fui gostando da profissão, e ai comecei a ler, ler e escrever...
ai meu pai foi ao Conselho Municipal de Turismo, para ver eu entrava, mas eu não consegui entrar por era menor de idade, mas eu acho que o menor também tem que trabalhar.
Eu fiquei lutando, lutando até Seu Hélio Homem nos dar um curso lá na Escola Normal que hoje é a Escola Don Veloso, em 60 candidatos eu passei em quinto lugar, e isto, poxa vida, foi a maior conquista minha...
15. Zé Isabel, qual o conselho que você daria para nós crianças que queremos ser guia turístico igual a você.
16. Zé Isabel – primeiramente você gostar né, tudo tem que gostar...e para gostar tem que ler né, começar a ler livros, fazer igual vocês estão fazendo ai, lendo Ouro Preto para crianças da Maria Zélia, tem muitos livros interessantes em Ouro Preto Manuel Bandeira.

Gostar de poesia, por que as vezes você tem que recitar poesia para o turistas, então vai lendo vai gostando, vai ouvindo as pessoas e a medida que o tempo vai passando, você decide se é bom para você. Então primeiramente faça o primeiro grau, depois faça o segundo grau e depois peça o Curso no SENAC, que é o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, consegue a Carteirinha na EMBRATUR, e ai você não vai ser só guia de Ouro Preto mas vai ser guia regional, de Congonhas, Diamantina, São João Del Rey...

17. Nós estamos fazendo um concurso que tem como interesse fazer com que as crianças se esforcem mais a saber sobre a história de Ouro Preto, e nós gostaríamos que você fizesse uma pergunta para que as crianças pudessem responder...
18. Zé Isabel – olha eu pensei muito na minha casa, e resolvi fazer uma pergunta até interessante, que eles vão bater a cabeça mesmo...eu queria saber deles qual foi a primeira profissão de Tiradentes.
19. Ai gente o Zé Isabel quer saber qual foi a primeira profissão de Tiradentes, quem acertar vai ganhar um radinho de pilha, escreva para nós até a próxima quarta.
20. Zé Isabel, muito obrigada pela sua entrevista e espero que você continue fazendo mais xarada para nosso programa.
21. Zé Isabel – eu é que agradeço a oportunidade de participar com vocês, eu adoro as crianças e estou sempre junto delas.

BLOCO 3

1. Olha ai comunidade do Pocinho, Bairro de Nossa Senhora do Carmo, atenção para o recado que o Isidoro vai mandar para vocês:
2. Voz do Isidoro – Como vai a Escola de sua Comunidade, o Colegiado responde, participe, é hora de democratizar a escola, Colegiado já! Secretaria de Educação, Prefeitura Municipal de Ouro Preto.
3. E ai galera, tá naquela hora de arredar o sofá e dançar com aquela gatinha que os meninos todos estão pedindo, com vocês Patrícia Max:
4. Ficar com você!
5. Quando eu te vi
fechei os olhos
Tive a certeza que você
Ia ser aquele que um dia

ia me fazer muito feliz
Tudo que eu queria
nessa hora
era que você me desse a mão
me bejasse bem devagarinho
e fizesse me sentir mulher
Nada nessa vida é por acaso
Nada nessa vida é por querer
Tudo nessa vida
tem seu preço
E se você quiser
Tem que pagar pra ver
onde você quiser eu vou
Aonde você quiser
eu vou ficar
Nada nessa vida é por acaso
Nada nessa vida é por querer
Tudo nessa vida
tem seu preço
E se você quiser
Tem que pagar pra ver
Aonde você quiser eu vou
Aonde você quiser
eu vou ficar

BLOCO 4

1. Pois é Michele, tá na hora de puxar o trenzinho, é isso ai Priscila.
Só vamos lembrar o concurso, gente escreva para nosso programa até a próxima quinta, respondendo qual foi a primeira profissão de Tiradentes.
Quem acertar ganhará um radinho de pilha para ouvir o nosso programa
O endereço é: Rádio Ouro Preto, Programa Papo de Criança. Rua Padre Antônio de Carvalho, Nº 17, Caixa Postal 271.
Tchau gente, um bom final de semana, até sábado com muitas atrações para vocês.
2. Continua a música da Patrícia Marx...
3. Entra a Voz do locutor: A Secretaria de Educação apresentou pela Rádio Ouro Preto: o Programa Papo de criança!!

APÊNDICE 3

Entrevista com o Diretor do Museu Casa Guignard – Gelcio Fortes

Entrevista concedida em 22 / 02 / 2008.

17. Pesq: Eu começo com a questão de quais são os objetivos específicos para o museu Casa Guignard e se você acha que eles são atingidos e qual a perspectiva primeira desses objetivos.
18. Diretor: Olha, o Museu Guignard ele foi criado,... eu entrei no Museu em 1992, e ele foi inaugurado em 1987. E Museu Guignard foi inaugurado no final de um mandato, em março, no finalzinho de um governo, a pessoa responsável por este projeto, que conduzia este projeto era a Priscila Freire, ele foi inclusive inaugurado no mesmo dia do Museu Casa Alphonsus de Guimaraens em Mariana, um foi inaugurado numa manhã e o outro numa tarde, e uma semana depois já estava um outro governo. E o museu Guignard, quando eu cheguei no museu em 1992, eu encontrei uma mesa vazia, apenas com um projeto dentro da gaveta desta mesa, que era o projeto Guignard, bom a história do Guignard é conhecida, a história de uma casa para Guignard foi assim uma novela em Minas Gerais, por que o Guignard ele não tinha casa, não tinha onde morar, o Guignard teve um significado importante, decisivo na história da pintura mineira na área das artes plásticas em Belo Horizonte, me parece assim que Minas tinha esta dívida com Guignard, vamos dizer assim dívida, não sei se seria exatamente esta a palavra. A obra do Guignard ficou de certa forma pouco documentada, muito dispersa, a ideia do museu, inicial, pelo que eu pude sentir quando eu entrei naquela casa era dar continuidade a um projeto da Fundação Guignard. No final dos anos 50, os amigos do Guignard, aquelas pessoas onde ele morava, aquelas pessoas que estavam com ele, na intimidade dele, que eram intelectuais, amigos mineiros, preocupados com a situação do Guignard, já mais velho, doente, envolvido com muita bebida... paralelo a isso o jornalista Frederico de Moraes fez uma campanha, me parece que ele era do Jornal Diário da Tarde de Belo Horizonte, denunciando que estes amigos do Guignard, hospedavam Guignard para usufruir da artista, que era de certa forma uma exploração, por que ficavam com as obras dele, ele fazia retratos de membros da família, decorava a casa, criando uma situação constrangedora, e aí de ninguém mais queria ficar com

Guignard por que estavam sujeitos a esta exposição de mídia, a esta acusação. O Guignard na época vivia com o Doutor Santiago Americano Freire, que era um médico daqui de Belo Horizonte também pintor, o Guignard morou os últimos cinco anos dele em Belo Horizonte na residência desse Doutor Americano Freire, e o Frederico de Moraes acusou frontalmente esse Americano Freire de estar realmente explorando o Guignard, negociando as obras do Guignard e sendo quase que um dono do Guignard em Minas Gerais , praticamente para se falar com Guignard tinha que pedir licença ao Doutor Santiago. E também assim, na questão da vida particular do Guignard, além de morar na casa dele, ele determinava coisa, como proibir o Guignard de beber, de sair de casa, enfim, o clima estava muito desfavorável. Então de tudo que eu pude ler sobre o assunto, parece que o Guignard gostava muito de morar na casa do Americano Freire, ele sentia como a casa dele, e foi para o Guignard uma situação bastante esquisita, de repente se ver desalojado dessa casa, e em torno dele foi criada uma fundação que se chamou Fundação Guignard, e o Guignard então foi transportado literalmente para Ouro Preto. Essa Fundação conseguiu um contrato do Guignard com uma galeria no Rio de Janeiro, a Petis Galeria, o mercado de arte no Brasil iniciante né? Início dos anos 50, o mercado ainda pequeno, o primeiro contrato profissional do Guignard, essa galeria passaria a ter exclusividade a produção do Guignard. Essa Fundação então através desse contrato e com o adiantamento de dinheiro compra uma casa em Ouro Preto, e enquanto essa casa é reformada o Guignard vai morar então numa casa cedida pelo Pedro Aleixo ali na Antônio Dias em Ouro Preto e foi o último ano de vida dele. Essa Fundação tinha o propósito de falar do Guignard nesta casa neste ateliê, com a morte dele esta casa seria um centro de cultura, seria um centro de referência sobre a obra dele, o próprio Guignard já planejava por exemplo algumas obras que ele gostaria que ficassem na casa, ele fez por exemplo um auto retrato com a medalha da Inconfidência Mineira, ele gostaria que colocasse na casa ou do futuro Museu, ele já participava dessa idéia dessa proposta . Enfim o Guignard morre justamente, e essa Fundação não tinha registro ainda oficial, portanto ela perde na justiça todos os direitos, aparece na ocasião logo após a morte dele dois primos que entram na justiça e conseguem no Fórum todos os direitos, a casa , as obras enfim tudo que o Guignard possuía, eu cheguei até a conseguir no Fórum de Ouro Preto este documento, que é muito interessante que

tem assim, que todos os bens que o Guignard possuía, de tudo que era importante estava exatamente na sua obra, por que bens pessoais era até engraçado de ler, era assim meia dúzia de cuecas, quatro pares de meia, era um homem simples, praticamente não tinha nada pessoal. O grande tesouro era a obra que estes primos então tiveram direito, e o grande litígio dessa galeria é que ela afirmava ter esse direito já que ela tinha um contrato, houve um grande litígio entre a família e a galeria, parece que acabou se dividindo, parte da obra foi para a família e parte ficou com a galeria e Minas ficou sem nada. Então a partir dessa distorção, essa Fundação sem registro se diluiu logo após a morte de Guignard, ela ficou sem direito a nada, então essa idéia esse projeto de uma casa Guignard, esse projeto adormece um pouco, durante alguns anos, embora o Guignard tivesse relações fortes em Minas Gerais, com pessoas do poder, políticos, intelectuais e na pressão de toda essa geração como: José Renato Soares de Almeida, Aníbal Machado, enfim toda essa geração que acompanhava o Guignard pressiona o governo então para se criar oficialmente o Museu Guignard, claro que em Ouro Preto, onde foi pensada essa casa e uma cidade onde Guignard, aliás a única cidade que o Guignard realmente manifestou o desejo de morar de uma forma definitiva, ter um ateliê, ter uma casa e tal. Magalhães Pinto cria o Museu por decreto em 1964, e ele vem a inaugurar muito tempo depois numa iniciativa da Priscila Freire na Superintendência de Museus. Então assim a idéia de um Museu, de uma casa para Guignard, ela vem já desde dos anos 50 e tal. É interessante esse nome Museu Casa Guignard, por que as pessoas passam em frente e elas falam, poxa o Guignard morou aqui? A gente fala não, e perguntam por que Museu casa? Então é até uma coisa até meio lúdica você dizer mas o Guignard não tinha casa, então é engraçado isso, ele tem uma casa, finalmente ele ganhou uma casa, hoje até se pensa em tirar, ficar apenas Museu Guignard, há um pensamento na SUM em tirar casa, coisa que eu não concordo, acho que a casa ela tem todo um histórico aí, não como uma definição formal como de um museu casa, ou seja onde morou o patrono, homenageado, ela tem um outro sentido, ela tem uma carga histórica aí, a palavra casa no caso específico de Guignard, eu gosto dessa conotação, de Museu Casa. Bom o Museu foi Inaugurado com pouquíssimas obras, o Estado não tinha praticamente nada, havia uma paisagem no IPHAN, guardada no IPHAN, era uma grande paisagem, uma paisagem imaginária de Minas, que é

uma peça chave, uma peça de resistência do acervo, alguns desenhos que a Fundação de Arte de Ouro Preto de 1972, 3 me parece, inaugura uma sala Guignard dentro da FAOP; Lúcia Machado de Almeida também ficou com algumas coisas de Guignard, que se mudando para São Paulo ela quis deixar numa instituição. Então se reuniu algumas peças, alguns desenhos da FAOP, a PUC do Rio de Janeiro que fez uma grande pesquisa sobre Guignard no início da década de 80, na primeira metade da década de 80, e a Priscila Freire consegue este material também, que é hoje o arquivo existente na casa, um arquivo precioso de recortes de revistas e jornais de Guignard no Rio e depois em Minas Gerais. E a Priscila consegue uma equipe, nesse período de inauguração, e consegue formular quase que um rascunho do Projeto Guignard, por que na verdade ele não foi executado. O governo seguinte, ele não se interessou realmente em bancar o projeto. Eu encontro a casa bastante assim... desabitada de acervo, de propostas, de projetos, a comunidade de Ouro Preto não entendia muito bem o que significava aquilo, parecia mais assim uma ação, não saberia dizer a palavra exata agora, mas enfim a casa não estava inserida no contexto da comunidade, assim, está lá, ela estava pela própria história do Guignard na cidade, hoje as pessoas já entendem o que significa aquela casa em Ouro Preto, mas naquele momento as pessoas viam mais como uma ação de elite, como se fosse assim uma casa onde a elite intelectual que resolveu alugar uma casa e dedicar essa casa a Guignard, mesmo por que as pessoas não sabiam muito bem também como sabem hoje através desse trabalho desenvolvido pelo museu da importância que o Guignard tem como um dos maiores pintores brasileiros. Então, assim eu peguei um trabalho muito difícil por que...é...eu não sei se estou falando muito de mim....

19. Pesq: não está ótimo, é isso mesmo.
20. Diretor – e se estou fugindo dos objetivos da entrevista, mas é por que eu estou tentando compor o que eu encontrei quando eu cheguei. Eu morava em São Bartolomeu, que é um distrito próximo de Ouro Preto, lá eu criei uma oficina de arte e ofícios com a comunidade e o Museu Guignard, a pessoa que estava coordenando o Museu na época me convidou para mostrar este trabalho no Museu Guignard, que era naquele espaço cultural. A exposição foi muito bem, terminada a exposição ela me convidou para propor, fazer uma proposta de uma ação educativa para o Museu Guignard, eu entrei fiquei 3 dias, visitei o museu,

sentei conversei com ela começamos a pensar algumas coisas. Eu sempre tive uma mente de trabalho assim muito voltada para as comunidades, um trabalho assim muito popular, isso sempre me encantou muito, eu nunca fui um artista de ficar fechado entre redes, antes de São Bartolomeu, eu já fazia outras coisas na periferia de Ouro Preto, nós já tivemos vários trabalhos, então eu discuti, e falei assim: olha o Guignard foi sempre um grande professor, ele foi professor o tempo todo né? No Rio em Belo Horizonte, mesmo em Ouro Preto, morando em Ouro Preto ele tentou criar um novo espaço, onde ele pudesse orientar algumas pessoas, então eu disse a ela que eu gostaria de partir mesmo desse trabalho construído pelo Guignard, que ele pouco escreveu, pouco falou, mas a gente tinha uma documentação suficiente para a gente pensar alguma coisa em torno disso, que seria essa escola livre de desenho e pintura do professor Guignard. E três dias depois de eu iniciar esse projeto, ela chegou para mim e disse: olha Gê eu estou indo embora eu não quero mais ficar no museu e eu estou te comunicando que você foi escolhido para ser o coordenador daqui, então assim, nunca pensei em trabalhar em museu nunca passou pela minha cabeça em dirigir um museu, aquilo caiu assim... Eu não sabia se dizia sim ou não, mas já estava completamente encantado pelo aqueles três dias ali envolvido e lendo sobre Guignard, enfim, aceitei o desafio de ficar. E a minha primeira preocupação, antes de mais nada como ouropretano, como uma pessoa que morava na cidade, era realmente abrir as portas do museu e dizer para a Cidade a que veio aquela casa, a importância que o Guignard tem, a importância para a Cidade de ter ali um memorial, uma referência de um artista do porte de Guignard. E foi um período muito difícil, por que as pessoas viam tudo e todos que trabalhavam ali naquela casa como algo assim, inútil, que eram pessoas que não faziam nada, mesmo por que, a gente também não tinha recurso nenhum, não tinha dotação orçamentária nenhuma, a gente tinha um mínimo contato com a Superintendência, o contato era apenas para saber se a casa estava abrindo, fechando era a única coisa que interessava, e enfim eu pude ficar assim muito Souto, mas isso foi muito importante para mim, por que eu também pude dizer a que vim, sabe? Ou seja, se isso funcionar se isso for uma proposta dentro da Superintendência, do Estado ter uma pessoa com esse tipo de trabalho então eu permaneço, se não eu saio. Então a primeira coisa que eu fiz foi pensar exatamente uma ação educativa, numa ação comunitária, algo que criasse um

diálogo entre a cidade e o museu Guignard. A primeira idéia que me veio, já que não tinha recurso, e o acervo era muito pequeno também, foi dividir o museu em duas partes, e eu coloquei o acervo todo na parte de cima, e na parte de baixo nós começamos a fazer uma série de exposições de artistas de Ouro Preto. Foram exposições, que claro a gente escolheu artistas que tinha um nível bacana de trabalho, essas exposições eu consegui um convênio com a Prefeitura Municipal no sentido de catálogo, o básico para se fazer uma exposição, e essas exposições começaram a trazer público para dentro do museu, as pessoas começaram a perceber que o museu tinha uma função dentro da cidade. Foram muito criticadas, por que os visitantes, as pessoas de fora chegavam e viam uma exposição de um artista de Ouro Preto e diziam, poxa mas eu vim aqui para ver Guignard, a gente dizia: Guignard está em cima, enfim as pessoas principalmente o pessoal mais intelectualizado mais de elite achavam aquilo um absurdo, que ali era o museu Guignard, e eu estava fazendo, sei lá...e eu entendia que, eu tinha claramente a idéia de que era uma ação temporária, ela durou exatamente um ano essas exposições, foram 12 exposições, era uma por mês, uma loucura, cada mês uma exposição, mas a casa estava cheia, visitada pela comunidade. Enfim acho que deu para atingir os objetivos. Terminada essa fase, que eu achei que as pessoas já estavam vendo o museu com olhos mais generosos, eu achei que já abria possibilidades de buscar parcerias dentro da cidade, para eu enfim começar um trabalho mais direcionado, mais dentro dos propósitos mesmo da casa que era uma casa que seria assim, um centro de referência documental sobre a vida e a obra de Guignard. Claro que o projeto Guignard nesse momento, eu tinha nítida noção da inviabilidade dele naquele momento. Era um projeto caro, um projeto que requer uma equipe grande, e não havia um interesse da SUM naquele momento, e eu não teria o menor fôlego para começar esse trabalho. Então eu parti para uma ação educativa no âmbito escolar, eu encontrei na prefeitura de Ouro Preto uma excelente parceria, um grande apóio para isso, eu já tinha trabalhos realizados em Ouro Preto, já tinha uma credibilidade para buscar patrocínio, então a gente começou a fazer um trabalho bastante intenso com as escolas, eu me lembro que nós fizemos, que foi uma coisa inédita, que os professores acharam que não ia dar certo que foi uma visita ao museu para alunos do pré. Crianças de 4, 5 anos de idade. Todo mundo falava, mas esses meninos não vão entender nada, o que eles vão fazer no

museu, e foi uma das visitas que eu mais adorei, por que eles não só entendiam, ou seja eles entendiam a casa através da própria obra do Guignard que havia uma identidade muito grande que as crianças adoram na obra de Guignard, e eu me lembro que um acervo importante que a casa tinha e tem até hoje, eu acho que é um tesouro que o museu tem que é a coleção dos Cartões de Guignard para Amalita, e nós conseguimos fazer com essas crianças, após uma visita ao museu vendo os cartões, que eles ficavam encantados, fizemos uma oficina de cartões, para crianças de 4 e 5 anos, e eu tenho guardado lá no museu, na hora que você quiser o acervo desses cartões, criações assim, aquelas primeiras garatuja dos meninos, a primeira tentativa de assinar o nome, escrever, cheios de lacinhos, foi um encanto esse trabalho, e nós fizemos com todos os prés de Ouro Preto, depois isso foi ganhando crédito dentro da Superintendência, e a gente começou a ganhar um material de melhor qualidade, e a gente começou a trabalhar com as séries do ensino fundamental, de 1ª a 4ª, eu fazia muita palestra nas escolas, levava livros. Era uma troca assim, eles conheciam o museu e a gente ia nas escolas. E esses foram meus primeiros anos, foi esse período difícil de casar esses objetivos de um centro cultural Casa Guignard, referenciar o mesmo com essa função que eu acho que o museu tem que ter no âmbito da comunidade, senão também ele perde o sentido, ficar uma coisa ali que não tem vínculo com Ouro Preto, ainda mais o Guignard, que era um apaixonado por Ouro Preto, desenhou e pintou Ouro Preto, assim durante todo esse período que ele teve aqui em Minas. Então depois de uns 2, 3, 4 anos, as coisas começaram a casar finalmente, então eu já pude ter mais tranquilidade para pensar algo que pudesse reunir essas coisas. Um projeto que eu acho, sela esse momento foi os passos de Guignard em Ouro Preto, por que eu perceber que, com um gravador apenas eu podia documentar toda a passagem de Guignard por Ouro Preto, então eu nunca tinha feito um trabalho de história oral, alguém me indicou a Ivone Luzia Vieira, a Bete Salgado que era minha amiga, falou assim, Ge tem uma grande estudiosa de Guignard em Belo Horizonte que é a Ivone Luzia, e você poderia procurá-la. E a Ivone me recebeu de uma forma muito calorosa, muito satisfeita de ter alguém interessado em fazer alguma coisa por Guignard Ouro Preto, e ela me passou dicas básicas de como se comportar com o entrevistado, como que eu deveria registrar e guardar essas fitas, transcrever, essas coisas todas, então assim os Passos de Guignard ele sela assim, abre um caminho de diálogo entre o

museu e a comunidade. E ai eu vou encontrar muitos amigos do Guignard, eu senti que a memória do Guignard em Ouro Preto ainda estava muito fresca muita viva, as pessoas se lembravam de casos, enfim esse foi um caminho que foi se abrindo, depois esse projeto foi retomado a partir de uma gestão da SUM que eu não me lembro aqui exatamente o ano, mas foi muito feliz essa retomada por que o museu entra nos trilhos, nos seus propósitos iniciais, mas já acertado dentro da Cidade, já com um diálogo aberto com a comunidade, com um setor educativo funcionando, já com um projeto de pesquisa funcionando, o Projeto Guignard também antes de ter dinheiro para começar exatamente o inventário, ele já tinha esse trabalho de pesquisa que foi realizado, e que foi fundamental. Hoje nós já temos o mapa impresso, o roteiro, então enfim o projeto foi mais ou menos esse. Eu falei um pouco dos objetivos e um pouco do meu trabalho, mas é isso mesmo, por que na verdade eu não fui para o museu como um museólogo, como um profissional de museu, a minha formação não era essa, na verdade eu falei dessa forma por que assim aconteceu, na verdade eu fui descobrindo as coisas dentro do museu, convivendo ali no dia a dia é que eu fui aprendendo.

21. Pesq: E em relação ao acervo, você saberia me dizer como ele teve início no museu, quantas peças tem no acervo hoje, fale um pouco sobre o acervo.
22. Diretor – Olha, o acervo eu já falei um pouco, o acervo inicial tinha, esse material da PUC, tinha esse quadro, essa paisagem, as empresas algumas empresas mineiras doaram, tem por exemplo uma cama decorada por Guignard, que foi doada por uma empresa, um violão maravilhoso também decorado, que me parece foi doado pela Mendes Júnior. Lúcia Machado de Almeida foi muito generosa por que ela tirou o retrato que o Guignard fez dela da parede da sala da casa dela em São Paulo e mandou muito emocionada para o museu, ela ficou muito feliz do museu ter sido enfim inaugurado. E as coisas aconteciam também da mesma forma como era as relações do Guignard, por exemplo, a Lúcia Machado de Almeida, pega o quadro da sala dela, entrega para o Ângelo Osvaldo, ele põe debaixo do braço, chega no Museu Guignard e pendura na parede. A documentação é muito recente, se quer houve uma documentação naquela época, esse primeiro acervo, foi um acervo afetivo, daquelas pessoas que foram ligadas ao Guignard, que tiraram alguma coisa de casa para compor o museu. Essa Coleção, Cartões de Amalita, que foi comprada em 1987, foi um achado maravilhoso, a D. Adelaide que era casada com o filho do Oswald de

Andrade, ela nem sabia da existência do museu Guignard, mas ela ligou para a Secretaria de Cultura de Minas, dizendo que ela tinha um álbum de cartões de Guignard, e a Priscila Freire foi a São Paulo ver, e esse Álbum felizmente foi comprado, foi um acervo básico, fundamental para a casa, alguns desenhos que faziam parte do acervo da FAOP, e o acervo basicamente não cresceu muito, é basicamente essa grande pintura da paisagem imaginária de Minas, o retrato de Lúcia Machado de Almeida que foi amiga, o retrato de Anita Ucha que foi outra amiga que também doou, o retrato de Suzana, que tem origem na escola Guignard, um retrato feito durante uma aula, alguns desenhos que a Lúcia tinha, por que eles ilustravam um livro, alguns pequenos estudos também com ela, a documentação pessoal dele que estava também com a Lúcia Machado, e esse é o acervo desde o final dos anos 80, de vez em quando surge alguma doação de algum cartão, mas nada muito significativo foi adquirido depois dessa época, em se tratando de Guignard eu ainda acho que é o maior número de obras de Guignard em um museu público. Se você for no MASP você vai encontrar alguma coisa, no museu Nacional do Rio, você vê 1 ou 2 quadros, mas eu acho até engraçado quando as pessoas visitam o museu e falam, poxa mas só tem isso? E eu respondo: mas onde você vai ver Guignard mais do que isso? Guignard era um pintor preso a coleções particulares, de grandes colecionadores, mas em termos de obra pública eu acho que o museu Guignard tem o maior acervo.

23. Pesq: Ele tem uma reserva técnica? Ou tudo que tem está exposto?

24. Diretor: Olha, ultimamente nós temos achado o museu pequeno, felizmente, a gente olha e fala nossa o museu tá ficando pequeno, tá precisando de uma reserva. A reserva ainda é um projeto, atualmente, por exemplo a exposição permanente está só os cartões, que ocupou o museu inteiro, então este acervo está guardado do que a gente chama entre aspas de reserva, não está jogado, nem mal acondicionado, mas não está nas condições ideais, o museu carece de uma reserva, é projeto a construção de uma reserva.

25. Pesq: Então, o que o Museu tem está exposto?

26. Diretor: Normalmente sim, nós temos mudado um pouco. Ultimamente assim, já tem duas exposições, foi adquirido agora, recentemente uma coleção de mais de 250 fotos de Guignard em Ouro Preto de um fotógrafo que eu localizei em Niterói através de uma foto que eu vi em um livro, foi um ano para eu conseguir

chegar até este fotógrafo, por que o marchand que sabia o endereço não queria me passar de forma alguma. Eu consegui sensibilizar esse marchand, cheguei até esse fotógrafo, depois foram mais 3 anos para sensibilizar a Superintendência e a Secretaria de Cultura de que essa aquisição era fundamental para o Museu, inclusive para ilustrar de fato essa presença de Guignard em Ouro Preto, por que mostra quase todos os pontos da cidade de Ouro Preto, *você sabe disso, pois você viu este trabalho*. Então nós experimentamos por exemplo uma exposição só de fotos, o público hoje, nossa... tinha gente que pedia devolução de ingresso, que não foi ao museu para ver fotos e sim para ver obras, agora estamos com a exposição só dos cartões também, por que a gente acha que eles mereciam um tratamento especial, por que naqueles cartões tem, além da trilha amorosa do Guignard com a Amalita, ali está todo um cenário da vida do Rio de Janeiro dos anos 30, você pode fazer uma leitura ali dos cassinos, dos passeios públicos, do aterro do Flamengo, de Niterói, das praias de Niterói, onde se passeavam, onde se comiam, enfim, ali tem várias leituras que se pode fazer através dos cartões, então nós achamos que eles mereciam uma exposição e uma publicação, o que já é uma grande vitória, quer dizer, o acesso que as pessoas tem hoje em dia de poder ter em casa uma réplica de um álbum com a qualidade disso tudo. Mas as pessoas reclamam também, elas querem ver obras, elas querem ver pintura, então assim, normalmente se coloca tudo que tem e é o que mais agrada ao público, mas nós já estamos com essa preocupação de espaço.

27. Pesq: Qual é a contribuição do museu para quem resolve visitá-lo esporadicamente, para os grupos, para os grupos escolares ocorre algo diferente, quem visita o museu durante os eventos?
28. Diretor: Olha, a visitação... bem, a visitação dos eventos é uma visitação dos moradores de Ouro Preto normalmente, claro que Ouro Preto é uma Cidade turística, o Museu faz parte da programação da Cidade, temos sempre a presença de algumas pessoas de fora, agora a situação do Museu Guignard na verdade ela é muito... ela é definida muito mais por quem solicita do que propriamente da gente apresentar um programa pronto. Por exemplo: se um grupo solicita uma visita, por que conhece ou está interessado na vida de Guignard ou quer apenas fazer um passeio pelo museu ele é atendido, normalmente sou eu que faço este tipo de visita por que eu tenho um conhecimento maior do que as pessoas que trabalham lá hoje, nós não temos uma equipe, o vigia patrimonial foi se

formando como recepcionista, por que eu faço muito esse trabalho com eles, para que eles possam cumprir este papel, de poder criar este estar agradável para as pessoas dentro da casa e não ser apenas um vigilante mudo, mas que a pessoa funcione também no sentido de poder informar o visitante da possibilidade de buscar aquilo que lhe interessa, por exemplo se o visitante, ele quer uma palestra para um grupo, ele é atendo. Muitas vezes eles solicitam uma visita a noite por que não podem durante o dia, a gente abre exceção, abre o museu à noite e atende. As escolas, há professores que ligam e querem levar uma turma para conhecer o museu, e nos perguntamos, como é a visita? Qual o tempo? E eles querem normalmente uma visita rápida, a gente tem 30 mim para fazer a visita, e é claro que sempre é assim, então a gente atende esses grupos, eles não tem tempo para ver vídeo, então eu que digo o que tem de interessante no museu, esse cardápio é mais feito por quem solicita do que pelo próprio Museu, a gente não fecha um cardápio, normalmente a gente pergunta o que eles querem, e quase que sempre, hoje o pesquisador, ele já tem um campo maior de trabalho, por que o projeto Guignard já estabeleceu um terminal dentro da casa, esse arquivo da PUC apesar de ser uma forma, um armazenamento antigo ainda, mas ele está perfeitamente organizado, você pode consultá-lo sem dificuldade, nós conseguimos formar durante esses anos uma biblioteca muito interessante em torno de Guignard, praticamente todos os livros editados sobre Guignard nós temos na biblioteca, nós temos um acervo de vídeo também bastante expressivo, eu acho muito interessante, isso que o próprio visitante faça o seu cardápio. Nós não damos uma coisa pronta, possivelmente com o tempo a gente tenha a até que ter com o aumento da demanda, você não vai estar tão disponível para esse tipo de atendimento, mas eu acho isso muito bacana, que o museu possa atender assim sabe? Eu sinto um retorno bacana com as pessoas também, elas se sentem naquilo que eu acho importante, a palavra casa, é como se elas estivessem freqüentando a casa de Guignard, ali está disponível livros, fitas eu acho isso muito legal eu acho que as pessoas se sentem muito bem com isso sabe? Elas sentem essa diferença, é uma espécie diferencial em relação a outros museus que você liga e encontra um cardápio pronto, claro que a gente dá as opções e as pessoas mostram aquilo que podem e dentro do tempo delas, o horário de funcionamento do museu, aquilo que pode acontecer. Eu acho que é uma linha assim legal uma forma legal de trabalhar. Com as escolas por exemplo, quando o

professor ligar e fala assim: olha eu gostaria de desenvolver um trabalho sobre Guignard. Então essa turma é recebida de uma forma diferente, por que eles vão com mais tempo, normalmente eu vou na escola anteceder a visita, levo vídeo faço um bate papo com essa turma, então quando ela chega ao museu ela já está informada, ela já sabe de quem se trata, já conhece um pouco da obra de Guignard, ela vão mais é vivenciar a experiência física mesmo, da organização do museu, etc. Depois eu acompanho esse trabalho que o professor faz, e uma coisa muito legal também é que a gente põe esse trabalho no museu. Hoje ele é um museu em Ouro Preto que é um espelho do trabalho de ação educativa realizado nas escolas pelos professores, que é uma coisa muito anônima, por que normalmente a comunidade nunca sabe o que acontece dentro dos muros das escolas, há bons trabalhos, há professores desenvolvendo projetos super bacanas que simplesmente não são vistos, por que permanecem dentro da escola e isso é uma das propostas do museu de as exposições temporárias de curta duração que a gente faz, é muito voltada para esses trabalhos realizados na cidade. Eu sempre reclamava por exemplo que eu não tinha equipe, durante muitos anos eu reclamei poxa eu trabalho sozinho. Hoje eu vejo, que bom não ter equipe fixa! Eu acho maravilhoso, hoje eu tenho muito temor de ter uma equipe sabe? Por que o fato de você trabalhar sem equipe, ou seja ter para cada trabalho um grupo de pessoas agindo diferente, isso traz uma riqueza muito grande, o museu passa a receber informações diferentes, metodologias diferentes, ele não chega com uma receita pronta, nós nunca chegamos numa escola com uma receita pronta por que você precisa da participação dos professores e você não ganha um professor se você chegar com uma receita de bolo para ele e falar assim: olha nós vamos fazer isso vamos fazer aquilo, então eu tenho que sentar com eles, projetar com eles aprender com eles, por que eu nunca fui professor de escola, nunca tive uma rotina dentro de uma escola, então eu tenho muito o que aprender com os professores, como lidar com os alunos, como montar uma grade de trabalho, carga horária, aprendi muito com eles. Hoje eu acho tão bom não ter equipe (risos). Por que temos sabe? Mas uma equipe variada.

29. Pesq: Como é a comunicação com a mídia? A comunicação do museu eu diria mesmo com a mídia, com o público.
30. Diretor: Olha, esse trabalho de ação educativa abriu muitas portas sabe, nós chegamos inclusive a ter um programa de rádio e TV em Ouro Preto, que se

chamava Papo de Criança, ele foi feito na rádio e durou 4 anos, era todo sábado, durava 15 minutos. Nós tínhamos no museu uma oficina de comunicação, onde nós trabalhávamos com crianças na faixa etária de 9 a 12 anos, a seleção das crianças, foi através de um teste, nós colocamos no jornal para o público escolar e tivemos na seleção, umas 20 crianças selecionadas, e era muito interessante que assim, na quarta – feira a tarde escolhíamos o tema do programa, nós aprendemos juntos por que eu também não sou da área. A prefeitura nos patrocinou, a Secretaria Municipal de Educação, pagou esse horário de rádio e me proporcionou contratar uma pessoa para trabalhar comigo, pois era um trabalho exaustivo, e a gente trazia convidados, psicólogos, pedagogos e tal. Era neste mesmo sistema de não ter uma equipe própria, mas de estar sempre convidando psicólogos, pedagogos e tal. Então as crianças faziam o roteiro do programa, elas escolhiam tudo, desde o assunto e não necessariamente o museu era o assunto, nós não impúnhamos de forma alguma que o assunto fosse museu, elas escolhiam o tema que elas queriam. Nessas oficinas, nós desenvolvíamos o roteiro do programa na quarta-feira, na sexta íamos para o estúdio e gravava, no sábado ele ia ao ar, de 9:15 a 9:30 da manhã. Era um sucesso, claro que falávamos de museu também. Era muito engraçado, de vez em quando a gente propunha um tema que eles não tinham coragem de abordar, de vez em quando a gente jogava um tema e emplacava, pegava e tal, depois este mesmo programa foi para a TV, este programa foram 4 programas que quase nos matou, por que ninguém sabia fazer televisão então eram 12 crianças mais duas que era eu e a minha ajudante, por que estávamos todos no mesmo nível, ninguém sabia fazer nada, nos tínhamos que bolar tudo. Mas fizemos tudo certo, o programa de rádio era muito ouvido e o da TV ficou muito caro, ficou difícil para a prefeitura manter, por que televisão é cara, exige por exemplo, você na TV não tem a improvisação do rádio, você tem que chegar com o roteiro pronto com o tempo todo contado, ensaiado... a TV quase nos matou, nossa senhora! Foi muito difícil, montar cenário,enfrentar estúdio, câmara, mas foi um grande exercício de comunicação sabe? Por que acontecesse o que acontecesse a gente tinha um compromisso.

31. Pesq: Foi em que ano?

32. Diretor: Isso foi de 93, 94 até 97 me parece, eu sou ruim de data, mas foram 4 anos, foram 3 de rádio, 3 anos e meio de rádio e mais 1 mês de TV. E tínhamos

assim no programa um jornal com notícias que interessava ao público infantil, os próprios meninos faziam, tínhamos também concursos, sempre tinha o entrevistado do dia, na TV o programa era mais longo o que cansou mais ainda, e foi um exercício que eu fiz junto com as crianças, foi assim, um ensaio pra isso que eu to chamando de comunicação.

33. Pesq: E hoje? Como está essa comunicação?

34. Diretor: Hoje as coisas estão mais, vamos dizer assim estruturadas, nós pertencemos a uma unidade que é Superintendência de Museus de Minas Gerais, que já tem assessoria de imprensa, a própria Secretaria se comunica mais né? Essas unidades já não estão tão dispersas como naquela época, naquela época era uma dispersão completa, pouco se comunicava, SUM e Museu Guignard, a única coisa que se cobrava era folha de ponto, e saber se o museu abriu e fechou, não havia nenhum fluxo de informação, hoje as coisas estão bem mais estruturadas, a gente tem uma estrutura com relação a isso, não sei se estou te respondendo, mas hoje temos uma estrutura que facilita isso pra gente, o museu também foi amadurecendo a questão, hoje já se planeja um ano de atividades, coisa que naquela época era impensável, você começava o ano e não sabia como ia terminar, havia a impossibilidade mesmo do planejamento, você não tinha dinheiro, não tinha patrocinador, a gente montava um calendário que era quase mês a mês, isso dificultava muito essa questão da comunicação, por que as coisas eram muito em cima da hora ainda acho que o Museu é pouco conhecido, ainda acho que a própria Superintendência de Museus ainda não é uma divisão que tem assim, uma boa, um espaço conquistado na mídia, ainda acho que são casas muito desconhecidas ainda, tanto o Museu Alphonse em Mariana, o Museu Casa Guimarães Rosa quanto o Guignard. Essa semana mesmo eu vivi uma situação que acho que posso contar aqui, eu achei muito engraçada, a Secretaria de Cultura de Ouro Preto nos convidou, diretores de museus para um encontro com jornalistas Portugueses, a TAP inaugurou uma linha de voo em Belo Horizonte, então veio um grupo de jornalistas e de pessoas ligadas ao turismo a Ouro Preto, e nós fomos convidados para essa apresentação que foi organizada pelo estado e o Museu Guignard não estava incluído no roteiro que passava por todos os museus de Ouro Preto, eu achei assim um mico estar presente numa reunião em que o Museu Guignard não foi se quer incluído num roteiro organizado pelo próprio estado! Assim, há ainda uma engrenagem que as

vezes não está funcionando perfeitamente bem, nesse sentido da comunicação. Agora o que mais divulga o museu é o próprio Guignard, por ele é que está ganhando mídia, o Guignard é que está ganhando foco, o Guignard hoje, ele cada vez mais continua em ascensão, eu hoje estou com uma revista aqui, que eu fiquei estarecido de ver, vou até te mostrar a capa que se você tiver oportunidade de comprar em banca, vale a pena ver, ela traz uma matéria assim: Cuidado tinta fresca, dizendo que que o Guignard é o artista brasileiro mais falsificado, esse Guignard aqui (mostra), que é uma réplica bastante... vamos dizer assim, uma falsificação relativamente boa, as vezes um pouco grotesca aqui e ali, mas que passa por um Guignard, para um leigo a primeira vista é um Guignard, e custa R\$600,00 num shopping em Copacabana, e você pode comprar quantos você quiser, então o fato do Guignard ser o pintor mais falsificado significa que ele é o mais procurado, que ele está sendo mais valorizado, então na verdade quem puxa mídia para o museu é o próprio Guignard, não é o Estado, não é assessoria de imprensa, a mídia que o museu tem tido, o espaço que o museu tem ganhado na mídia, é o próprio Guignard que está dando não é a estrutura do governo, hoje o Guignard é um pintor... quer dizer nós estamos melhorando muito no Brasil a qualidade de ensino, hoje você vai as escolas, você vê ai professores, alunos muito mais ligados às pinturas, nas artes plásticas, hoje se conhece pintores brasileiros, eu fico tão revoltado com essas edições da folha, dessas coleções que sai assim: os grandes pintores! Você não vê um pintor brasileiro! Ainda se investe muito pouco, esse pessoal compra esse material ai fora, que não gastam nada, então é sempre Van Gogh, no máximo um Portinari que aparece um pouco assim...mas é revoltante você ver, ainda que não se tenha uma boa coleção de pintores brasileiros com preço que de acesso a população de comprar, o povo está sempre comprando os mesmos; Matisse, Van Gog, os grandes nomes da pintura, mas mesmo assim a situação tá melhorado bastante, então o nosso grande comunicador mesmo é o Guignard.

35. Pesq: Obrigada!

36. Diretor: Espero que tenha sido bom, confuso as vezes.

37. Pesq: Foi muito bom sim. Obrigada!